

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MULTI-INSTITUCIONAL EM DIFUSÃO DO
CONHECIMENTO**

PRISCYLLA LINS LEAL

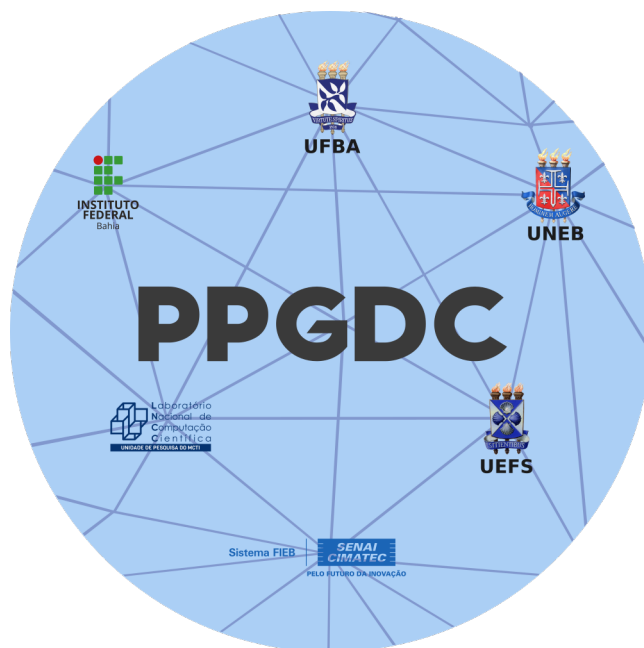
**ECOLOGIA DE SI, A POESIA DAS ESTAÇÕES DA VIDA:
HISTÓRIAS DE VIDA E RELAÇÕES TERAPÊUTICAS DE PRÁTICAS
INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE**

SALVADOR

2021

PRISCYLLA LINS LEAL

**ECOLOGIA DE SI, A POESIA DAS ESTAÇÕES DA VIDA:
HISTÓRIAS DE VIDA E RELAÇÕES TERAPÊUTICAS DE
PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM
SAÚDE**



Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento como requisito para obtenção do grau de Doutora em Difusão do Conhecimento.

Áreas de Concentração: Modelagem da Geração e Difusão do Conhecimento

Linha 02 – Difusão do Conhecimento – Informação, Comunicação e Gestão

Prof.(^o)Dr.(^o) Dante Augusto Galeffi

SALVADOR

2021

SIBI/UFBA/Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Leal, Priscylla Lins.

Ecologia de si, a poesia das estações da vida : histórias de vida e relações terapêuticas de práticas integrativas e complementares em saúde / Priscylla Lins Leal. - 2021.

183 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi.

Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2019.

1. Medicina integrativa. 2. Ecologia. 3. Cuidados. 4. Autobiografia. I. Galeffi, Dante Augusto. II. Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento. III. Título.

CDD 615.53 - 23. ed.

PRISCYLLA LINS LEAL

ECOLOGIA DE SI, A POESIA DAS ESTAÇÕES DA VIDA: HISTÓRIAS DE VIDA E RELAÇÕES TERAPÊUTICAS DE PRÁTICAS INTEGRATIVAS E COMPLEMENTARES EM SAÚDE

Tese apresentada como requisito para obtenção do grau de Doutora em Difusão do Conhecimento, Programa de Pós-graduação Multi-Institucional em Difusão do Conhecimento, Faculdade de Educação da UFBA, Universidade Federal da Bahia.

Aprovada em 19 de Dezembro de 2019

Banca examinadora:

Prof.(º)Dr.(º) Dante Augusto Galeffi

**Prof^a. Dr^a Urânia Auxiliadora Santos Maia
de Oliveira**

Prof^a. Dr^a Anamélia Lins e Silva Franco

Prof^a. Dr^a Ciane Fernandes

Prof^o. Dr. Elizeu Clementino de Souza

Prof^o. Dr^o. Alexandre Franca Barreto

*A todos os encontros, com todos os seres vivos,
presentes e ausentes, visíveis e invisíveis
que possibilitaram as aprendizagens neste caminhar.*

Agradecimentos

Deus, Natureza, aos guias, mentores e protetores, seres de luz e guardiões da floresta, a consciência individual e coletiva, seres (in)visíveis, ao micro e macrocosmo que somos e viemos na seara evolutiva pela caminhada em conjunto.

Aos meus ancestrais e antepassados in memoria com muito amor no coração e gratidão, minha geração materna Hildete do Carmo Mendonça e Eduardo Dias Lins; minha origem paterna, Alzira Barbosa Leal e José Oliveira Leal. Ao nosso primogênito anjinho de girassol. Ao tio Carlos Augusto Abdalla Azi.

Minha gratidão, honra, admiração e amor a minha família de origem, meus pais Wilson Barbosa Leal e Maria das Graças Lins Leal. Aos meus irmãos Ana Karine e Wilson Júnior; Patricia Lins, seu esposo Renato Oliveira e meus sobrinhos Adriano Júnior, Antônio Augusto e José Renato. Aos tios,tias, primas e primos da família Lins.

A minha família de destino, ao companheiro de jornada, amigo, amante, esposo, amor Aristóteles Esteves Marçal da Silva gratidão pela abertura ao amor, alegria, por sua presença e companhia na minha vida, pela força, incentivo, apoio e aprendizagens em todos os momentos e a família que nos constituímos. Nosso auau Shankar e ao nosso milagre, nosso filho Pedro, filho do sol e da lua, que nos conecta com o amor diariamente.

Ao Prof^oDr. Dante Galeffi minha eterna gratidão pela abertura e acolhimento, generosidade e compaixão, pelas aprendizagens contínuas em diálogos, escritas e atitudes que inspiram. Aos professores das bancas de qualificação e defesa do doutorado pelas valiosas contribuições em aberturas afetivas em aprendizagens com o Prof^oDr Alexandre Franca Barreto, Prof^aDr^a. Anamelia Anamélia Lins e Silva Franco, Prof^aDr^a. Ciane Fernandes, Prof^oDr Elizeu Clementino de Souza e Prof^aDr^a. Urânia Auxiliadora Santos Maia de Oliveira.

Aos amigos e colegas de curso Alexandre Santana, Cláudia Sousa, Roberto de La Peña, Mariel Cisnero, Manuela Barreto, Ginaldo Gonçalves, Barbara Dultra, Cobra Mansa, Cristina Mendonça, Marineuza Matos, Clécia Queiroz, Alecio Donizete, Luís Carlos, Lúcio André, Terezinha Carvalho, Maria Auxiliadora, Jéssica Andrade, Adriana Marmori; a todos os colegas da turma de 2015 e de outras turmas que tive a oportunidade de conviver nos encontros dos componentes e fora deles.

Aos encontros e aprendizagens com os professores Prof^oDr. Alfredo Eurico Rodrigues Matta, Prof^aDr^a. Ana Maria Ferreira Menezes, Prof^aDr^a Andréa Ventura, Prof^oDr. Eduardo David de Oliveira, Prof^aDr^a.Elaine Cristina Cambuí, Prof^aDr^a Francisca de Paula, Prof^oDr. Joaquim Viana Neto, Prof^oDr.José Garcia Vivas Miranda, Prof^aDr^a.Leliana Sousa, Prof^aDr^a. Maria de Fátima Hanaque Prof^aDr^a. Maria Inês Correa Marques, Prof^aDr^a.Maria Suzana Moura, Prof^aDr^a.

Núbia Moura Ribeiro, Prof^oDr. Renelson Ribeiro Sampaio, Prof^oDr. Roberto Leon Poncezk, Prof^aDr^a. Suely Messeder, Prof^aDr^a. Teresinha Fróes Burnham, Prof^oDr. Wilson Nascimento Santos. A atenção e colaboração de Beatriz e Andréa da secretaria do curso do DMMDC.

Aos cuidadores de percurso e terapeutas de jornada Luiz ALvim, Damar Marvid, Ney Alves, Miriam Teles Von Hauenschild, Jailson Santana, Sirlene Barreto, Helen Fonseca, Tatiana Ribeiro, Jordan Campos, José Fernandes (Zé vivo), Brisa Alegre, Artur Aranha, Diana Pedral, Ana Tânia Sampaio, Sheila Lima e Nildes Lacerda. Ao Núcleo de Práticas Integradas, Heliana Mettig, Sérgio Mettig, Denise Denigre, Marcello Alves, Alice Senna e Gilda Maria Oliveira.

Aos amigos de minha jornada, Cris Torres, Lorena Diegues, Gil Marinho, Renato Souza, Renan Lacerda, Selma Mosquera, Adeimival Júnior, Karine Caldas, Rafaela Carla, Suedy Guerreiro, Juliana Calixto, Carine Lopes, Dernier Martins.

Aos encontros com as pessoas e suas aprendizagens partilhadas com as comunidades das ecovilas; as redes do Brechó EcoSolidário e do Dialogues en Humanité, Emerson Sales, Débora Nunes, Kátia Santos, Vivina Machado, Elisete Bispo, Érika Moutinho, Marcos Arruda, Geneviève Ancel; da rede Terra Mirim as xamãs Alba Maria, Khalyna Gomes, Minah e Dahvii Shiva; do Dragon Dreaming, Pedro Mendes, Raquel Davi, Cláudia Resende e Rebeca Barros; do movimento Cidades em Transição Mônica Picavea, Izabela Gomez, Xaba Piffer, Cláudia Valadares, a comunidade latino americana que vivem a transição e a de origem do movimento com Rob Hopkins, Naresh Giangrande e May East; da comunicação não-violenta com Dominic Barter e Marcelo Pelizzoli.

As Shaktis, mulheres lobas que moram no meu coração, Elza, Sandra Maria, Aldacy, Geisa, Mônica, Marise, Helga, Delma, Karolmila, Eva, Vanilda, Michele, Marília, Rúbia, Isa e Neila Nascimento.

Aos moradores e atuantes da Comunidade do Beiru, Enéas Andrade, Ana Reis, Sandoval, Ione, Tom Messias, pela abertura e aprendizagens das vivências em 2015; e da Comunidade do Cabula I, Débora Ribeiro Chaves, Alinne Duarte, Antônio Jorge Nascimento e Denissena. Ao movimento Bem Viver no Imbuí com os amigos Ivone Miranda, Daniel Siqueira, Elizabete Menezes, Ana Cláudia Hora, Tânia Fachinete. E a Rede Salvador em Transição com Denise Noroha, Adriano Adhinata, Cláudio Galvão, Christine Leboucher, Dani Antoniazzi, Marcus Fabrício, Eric, Paulo Moutinho entre outros que já estão aqui em outras redes.

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) cujo presente trabalho foi realizado com o seu apoio com a bolsa de Código de Financiamento 001.

*Quando você consegue lidar com sua dor,
você consegue brincar com ela.
(Filme Grandes Esperanças)*

LEAL, Priscylla Lins. Ecologia de si, a poesia das estações da vida : histórias de vida e relações terapêuticas de práticas integrativas e complementares em saúde. 183 f. : il. 2021. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação Multi-institucional em Difusão do Conhecimento, Salvador, 2021.

RESUMO

A proposta da Ecologia de Si surge da perspectiva ecológica, da inter-relação do Ser humano com a natureza, do ser como expressão da natureza, trazendo as estações do ano, os elementos da natureza e a saúde humana como ressonância dos ciclos da natureza no Ser. Emerge na compreensão das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde – PICS, na epistemologia do cuidado, em sua inter-relação complexa com o Si mesmo. A Ecologia de si, a partir da experiência humana, se revela como um caminho da consciência de si vivendo em presença, em uma jornada de autoconhecimento e autotransformação da condição humana. Cada pessoa tem o seu caminho e na ecologia de si a proposta que traz elementos que dialogam no caminho da consciência sistêmica, integrada com o todo. Assim, essa tese tem o problema: “Como os caminhos de mudança nos modos de vida e atuação do ser terapeuta, a partir das experiências vividas na relação terapêutica, conduziram a uma ecologia de si, na efetividade das práticas biomédicas e integrativas resultantes de uma vida mais saudável?”. Para isto tem como objetivo geral gerar uma fenomenologia da ecologia de si em um caminho de aprendizagem perceptivo nas trajetórias das histórias de vida e na relação terapêutica com práticas integrativas e complementares em saúde. A natureza desta tese é qualitativa, em abordagem fenomenológica, sendo uma pesquisa autobiográfica, somático-performativa, descritiva e interpretativa, dentro de uma perspectiva hermenêutica dialógica, na análise de relatos das narrativas e escrita de si, visando compreender a problemática estudada em sua complexidade.

Palavras-chaves: medicina integrativa, ecologia, cuidado, autobiografia.

LEAL, Priscylla Lins. Self ecology, the poetry of the seasons of life: life stories and therapeutic relationships of integrative and complementary health practices. 183 f. : il. 2021. Thesis (Doctorate in Dissemination of Knowledge) - Multi-institutional Postgraduate Program in Dissemination of Knowledge, Salvador, 2021.

ABSTRACT

The Ecology of Self proposal arises from the ecological perspective, from the interrelation of the human being with nature, from being as an expression of nature, bringing the seasons, the elements of nature and human health as a resonance of nature's cycles in the to be. It emerges in the understanding of Integrative and Complementary Health Practices - PICS, in the epistemology of care, in its complex interrelationship with the Self. The Ecology of the self, based on human experience, reveals itself as a path of self-awareness living in presence, in a journey of self-knowledge and self-transformation of the human condition. Each person has his own path and in the ecology of himself the proposal that brings elements that dialogue on the path of systemic awareness, integrated with the whole. Thus, this thesis has the problem: "As the paths of change in the therapist's way of life and performance, from the experiences lived in the therapeutic relationship, led to an ecology of the self, in the effectiveness of the biomedical and integrative practices resulting from a healthier life? ". For this purpose, its general objective is to generate a phenomenology of self ecology in a perceptual learning path in the trajectories of life stories and in the therapeutic relationship with integrative and complementary health practices. The nature of this thesis is qualitative, in a phenomenological approach, being an autobiographical, somatic-performative, descriptive and interpretive research, within a dialogic hermeneutic perspective, in the analysis of narrative reports and self-writing, aiming to understand the problem studied in its complexity .

Keywords: integrative medicine, ecology, care, autobiography

LEAL, Priscylla Lins. Autoecología, la poesía de las estaciones de la vida: historias de vida y relaciones terapéuticas de prácticas de salud integradoras y complementarias. 183 f. : Illinois. 2021. Tesis (Doctorado en Difusión del Conocimiento) - Programa de Postgrado Multiinstitucional en Difusión del Conocimiento, Salvador, 2021.

RESUMEN

La propuesta de Ecología del Si surge de la perspectiva ecológica, de la interrelación del ser humano con la naturaleza, del ser como una expresión de la naturaleza, trayendo las estaciones, los elementos de la naturaleza y la salud humana como una resonancia de los ciclos de la naturaleza en el ser. Emerge en la comprensión de las Prácticas de Salud Integrativa y Complementaria - PICS, en la epistemología de la atención, en su compleja interrelación con el Ser. La ecología del yo, basada en la experiencia humana, se revela como un camino de autoconciencia que vive en presencia, en un viaje de autoconocimiento y auto transformación de la condición humana. Cada persona tiene su propio camino y en su ecología la propuesta que aporta elementos que dialogan en el camino de la conciencia sistémica, integrada con el todo. Por lo tanto, esta tesis tiene el problema: “Como los caminos de cambio en la forma de vida y el desempeño del terapeuta, a partir de las experiencias vividas en la relación terapéutica, condujeron a una ecología del yo, en la efectividad de las prácticas biomédicas e integradoras resultantes de un vida más sana? Para este propósito, su objetivo general es generar una fenomenología de la auto ecología en un camino de aprendizaje perceptivo en las trayectorias de las historias de vida y en la relación terapéutica con prácticas de salud integradoras y complementarias. La naturaleza de esta tesis es cualitativa, en un enfoque fenomenológico, siendo una investigación autobiográfica, somática-performativa, descriptiva e interpretativa, dentro de una perspectiva hermenéutica dialógica, en el análisis de informes narrativos y auto-escritura, con el objetivo de comprender el problema estudiado en su complejidad.

Palabras clave: medicina integrativa, ecología, cuidados, autobiografía

Lista de ilustrações

Figura 1 – Compreensão da abordagem fenomenológica	29
Figura 2 – Conceito de dragões do Dragon Dreaming	57
Figura 3 – Círculo de Síntese do Dragon Dreaming	59
Figura 4 – Desenho co-criado no II Curso de Aprofundamento do Dragon Dreaming . .	61
Figura 5 – Roda de Estudos de Xamanismo Voo da Águia	86
Figura 6 – Cosmograma Bakongo	88
Figura 7 – As três grandes fases da vida humana	93
Figura 8 – Guarda-chuva ecológico.	97
Figura 9 – Bateson	115
Figura 10 – Eu criança em Manaus	125
Figura 11 – Caminhonete do Papai	129
Figura 12 – Cartão postal	131
Figura 13 – Parto de Pedro no Hospital Jorge Valente dia 29.06.2018	153
Figura 14 – Aula no Laboratório de Performance dia 01.06.2017	155
Figura 15 – Movimento Autêntico na Aula do dia 01.06.2017 no Laboratório de Performance	156
Figura 16 – Movimento imersivo na Aula do dia 01.06.2017 no Laboratório de Performance	156

Lista de tabelas

Tabela 1 – Dimensões e perspectivas do Cuidado.	72
Tabela 2 – Descrição das características dos tridoshas.	78
Tabela 3 – Níveis de consciência do ser.	114
Tabela 4 – Ecologia de Si.	122

Lista de abreviaturas e siglas

APL	Arranjos Produtivos Locais
BMC	Body-Mind Centering
BRT	Bus Rapid Transit
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CNV	Comunicação Não-Violenta
CoPs	Comunidade de Práticas
CID	Código Internacional de Doenças
CIPA	Comissão Interna de Prevenção de Acidentes
CNPQ	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DAB	Departamento de Atenção Básica
DMMDC	Doutorado Multi-institucional em Difusão do Conhecimento
EAUFBA	Escola de Administração da UFBA
ECT	Espaço-Tempo Cibernético
EDE	Design de Ecovilas Educação
EpisTransComplex	Epistemologia Transdisciplinar da Complexidade
ESF	Estratégia de Saúde da Família
FACED	Faculdade de Educação
GACC	Grupo de Apoio a Criança com Câncer
GEN	Global Ecovillage Network – (Rede Global de Ecovilas)
LMA	Análise Laban/ Bartenieff de Movimento
MTA	Medicina Tradicional Africana
MTC	Medicina Tradicional Chinesa
NASF	Núcleos de Apoio à Saúde da Família

ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
OEPs	Organizações Econômicas Populares
OMS	Organização Mundial de Saúde
ONG	Organização Não-Governamental
PaR	Prática como Pesquisa
PEPICS	Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde
PcD	Pessoas com Deficiência
PICS	Práticas Integrativas e Complementares em Saúde
PMI	Project Management Institute
PMNPC	Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares
PNAPO	Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica
PNPIC	Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares
PPGAC	Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas
PSP	Pesquisa Somático-Performativa
RAS	Rede de Atenção à Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization
WWF	World Wide Fund for Nature
YMA	Yoga Massagem Ayurvédica

Sumário

1	INTRODUÇÃO	17
1.1	Revelando intenções, crenças e compreensões	19
1.2	Organização dos capítulos da tese	20
2	PRIMAVERA	22
2.1	O caminho fenomenológico	24
2.2	A Teorização Polilógica, uma Epistemologia da Complexidade própria e apropriada	30
2.3	Autoescritura do Eu	39
2.4	Abordagem Somático-Performativa	44
2.5	Reflexões em percurso	48
3	VERÃO	50
3.1	As Práticas da Grande Virada	51
3.1.1	O Design de Ecovilas	52
3.1.2	A criação colaborativa de Projetos Dragon Dreaming	56
3.1.3	A Comunicação Não-Violenta	62
3.1.4	O Movimento Cidades em Transição	64
3.1.5	As Hortas Urbanas Comunitárias	68
3.2	As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde	70
3.2.1	Os Sistemas Médicos Complexos	72
3.2.1.1	Medicina Ocidental Contemporânea	74
3.2.1.2	Medicina Tradicional Ayurveda	75
3.2.1.3	Medicina Tradicional Chinesa	80
3.2.1.4	Medicina Indígena Xamânica ou Não-Xamânica	82
3.2.1.5	Medicina Tradicional Africana	87
3.2.1.6	Medicina Antroposófica	90
3.3	Reflexões em percurso	94
4	OUTONO	95
4.1	As Ecologias e o Cuidado	95
4.1.1	Ecologia Ambiental	99
4.1.2	Ecologia Social	106
4.1.3	Ecologia Mental/Espiritual	112
4.1.4	Ecologia Cibernética/Digital	116
4.2	Reflexões em percurso	117

5	INVERNO	119
5.1	Ecologia de Si	120
5.1.1	A vida começa antes do nascimento	121
5.1.2	O nascimento	124
5.1.3	Nos passos da primeira infância	125
5.1.4	Da infância a puberdade	127
5.1.5	A adolescência	131
5.1.6	A vida adulta e o fio de atuação no mundo	140
5.1.7	Tornar-se Mulher	148
5.1.8	Um nova primavera se inicia	152
5.2	Reflexões em percurso	157
6	INCONCLUSÕES	159
	REFERÊNCIAS	160
	APÊNDICES	169
	APÊNDICE A – QUADRO DE FORMAÇÕES DA PESQUISADORA	170

1 Introdução

A severidade do pós-guerra e o desejo da substituição desta em prosperidade, como sinônimo de consumo, têm no ambientalismo a projeção de ser uma nova austeridade e com isto uma rejeição. As mudanças significativas no mundo com os seus desequilíbrios e desarmonias, fontes das ações e interações humanas destrutivas, são frutos de mentalidades criadas no crescimento acelerado a qualquer custo, mesmo sendo este o risco das espécies tão alertados pelos ecólogos e ambientalistas.

A crença ilusória da abundância de recursos naturais e do uso da tecnologia na exploração destes recursos contribuíram na corrida alienante em busca de um modelo único de desenvolvimento econômico, o modelo industrializado de países considerados como desenvolvidos, a ser perseguido como referência.

A antiga e longa visão da ecologia era tida como algo distanciado das pessoas e seu cotidiano. Tratada como um ramo que pertencia ao estudo das ciências naturais e ao universo de biólogos, de pessoas que moravam em zona rural, e demais interessados que se atentassem a preservação e cuidados da biosfera com seus ecossistemas e das relações ecológicas com os biomas. As várias tentativas de ambientalistas engajados de politizar mundialmente a problemática ambiental fracassaram durante anos.

A globalização e o desenvolvimento local como o seu contraponto, surge a compreensão de desenvolvimento comunitário local sustentável, revelando suas dimensões e inter-relações globais em uma qualidade de vida não depende da globalização e sim da iniciativa local. Esta é uma importante visada que vai desconstruindo a ideia imposta de modelo de referência de desenvolvimento a ser perseguido. Ao considerar as riquezas e singularidades de cada localidade, em sua biodiversidade, no resgate dos saberes locais, entre outras perspectivas, o reconhecimento e a valorização das características de cada região fortalece as ações na promoção do seu cuidado coletivo.

Um desenvolvimento local sustentável considera a qualidade de vida da localidade, sendo que esta muda conforme a forma de organização da sociedade. Esta qualidade de vida referida pode ser observada nas relações de cuidado da sociedade com o seu ambiente - na qualidade das águas, do ar, do solo, preservação de sua biodiversidade, condições climáticas - sua cultura, economia, com dignidade vida humana - trabalho, moradia, saneamento - denotando que estas questões socioculturais econômicas e ambientais devem ser consideradas como questões de saúde.

Assim, é preciso afirmar e evidenciar que ecologia é uma questão de saúde e cuidado, sendo que a saúde não representa apenas ausência de doença, e como preconizada pela Organização Mundial de Saúde - OMS, considerando-a também como um estado de bem estar ambiental,

social, físico e mental tanto individual e coletivo de comunidades e sociedades. Assim, o cuidado ecológico na preservação ambiental é uma questão de saúde, posto que cada vez se desmata e se realiza intervenções de alto impacto ambiental estas afetam todo o nosso sistema gerando epidemias e sérios efeitos a saúde de todos os seres e do planeta.

No contexto que vivemos na cultura ocidental a visão de saúde deve ser percebida a partir do paradigma praticado em nosso sistema de saúde. Na recente e dominante visão generalista de saúde construída socialmente no ocidente – e se digo recente frente a existência de sistemas médicos milenares de saúde – que delega a responsabilidade da saúde aos médicos em suas especialidades diversas atuantes em rede de instituições de saúde, no foco da atuação voltado para a doença, na administração de apagar incêndio de pessoas que procuram cuidados em situações de adoecimento a serem passivamente assistidas.

O viver em adoecimento em uma cultura de medicalização da vida sustentam um comércio de grandes indústrias e laboratórios farmacêuticos. Para quem vivencia o dano a sua saúde, a busca de outros caminhos além dos generalisticamente praticados e receitados abre uma linha de fuga para outras práticas de cuidados, algumas delas oriundas de saberes orientais. E estas práticas ganham sua adesão na visão de saúde e cuidado que se diferenciam da nossa práxis.

No entanto, estas medicinas não estão tão distantes de nós se olharmos em nossos próprios saberes ancestrais e tradicionais em nossa medicina indígena bem como de outros povos estrangeiros que contribuíram na construção histórica deste país. As medicinas tradicionais ganham reconhecimento nesta perspectiva de saberes regionais com a Declaração de Alma-Ata de 1978 salientando a importância destas medicinas nos cuidados primários de saúde.

A importância de dialogar com a ecologia e as práticas integrativas e complementares em saúde, está na articulação destes saberes e campos cujas aproximações revelam a inter-relação existente entre elas. Está na aprendizagem de ambos coexistirem em sistemas dominantes, de resistirem e encontrarem seus espaços. Também se enlaçam em cordas as práticas integrativas e a ecologia, como elos que se revelam nas relações em cuidado, sensibilidade e afeto com a saúde humana e do planeta. O cuidar da própria morada, dos corpos, da casa lar, da comunidade que pertencemos, do planeta que habitamos.

Sustentada na crença que a ecologia de si vem de uma vida mais saudável do ser integrado com a natureza, esta norteia o axioma que a ecologia de si descreve a relação cura humana. Nesta perspectiva a tese é desenvolvida também tendo como hipótese: As práticas ecológicas e integrativas são legítimas formas de cura e associadas a práticas performativas e autobiográficas são modos de embasar e criar uma ecologia relevante para atualidade.

Assim, nesta tese temos como questão norteadora: “Como os caminhos de mudança nos modos de vida e atuação do ser terapeuta, a partir das experiências vividas na relação terapêutica, conduziram a uma ecologia de si, na efetividade das práticas biomédicas e integrativas resultantes de uma vida mais saudável?”.

Para isto temos como objetivo geral gerar uma fenomenologia da ecologia de si em um caminho de aprendizagem perceptivo nas trajetórias das histórias de vida e na relação terapêutica de práticas integrativas e complementares em saúde. E como objetivos específicos, surgem os seguintes os propósitos de:

- Realizar revisão de literatura a partir dos aportes epistemológicos da fenomenologia, ecologia e cuidado na construção de um arcabouço teórico-conceitual da tese;
- Integrar as experiências práticas corporais vivenciadas no Laboratório de Performance (TEA794) com a pesquisa e a escrita da tese;
- Narrar em um tempo biográfico a poesia das estações da vida no itinerário terapêutico desta pesquisadora nos setênios vivenciados;
- Gerar uma fenomenologia da ecologia de si, em caminho próprio e apropriado, nos vividos e suas visadas com o percurso do doutorado e da vida.

1.1 Revelando intenções, crenças e compreensões

Quero trazer aqui neste momento as intenções, crenças e compreensões que nos acompanham nesta jornada na tessitura desta tese.

A nossa intenção é de quem acesse este trabalho e venha junto no percurso da leitura destas escritas se deleite, afete, observe, sorria, entre no campo da consciência reflexiva, imagine e crie com suas próprias possibilidades. E que vá enxergando e encontrando seus horizontes próprios e apropriados de cuidado e de cura em suas relações de saúde-doença-cuidado. Que possamos dialogar com as ecologias, saúde, educação, arte, espiritualidade, fenomenologia, complexidade e tantas outras perspectivas e vozes que surgem no percurso em seus entrelaçamentos.

Que se coloquem neste lugar de (auto)cuidador, de si mesmo, do outro e do mundo. Ocupando o lugar de cuidador, no atencioso olhar para as práticas de autocuidado; o seu fortalecimento movendo-se sincronicamente no campo das relações de cuidado com o outro e o mundo, no surgimento de histórias espelhadas que o nosso campo atrai para nossas aprendizagens e superações.

Acreditamos na integralidade do ser humano, na relação do ser como micro do macro à natureza e o universo; nos diversos corpos, na eternidade. E desejamos que as pessoas encontrem práticas que lhes integrem na relação com a natureza em seus itinerários terapêuticos.

Acreditamos na cura como uma jornada de aprendizagens de cada pessoa em seu florescimento. Numa jornada das singularidades humanas, do que cada pessoa precisa apreender, olhar para ser visto; dizer para ser evidenciado; compreender para saltar padrões. As compreensões chegam como uma semente quem tem que adormecer para germinar.

Acreditamos que a arte liberta e fica mais perceptível quando com ela conseguimos saltar os padrões. E a arte, e a dança, é a nossa salvação, em caminhos de dores e amores, dançar nos conecta com a expressão mais genuína do nosso sentir; são artes terapêuticas de reconexão com os corpos e fluência com o movimento.

Essa é uma tese que dança em roda, em espiral, em par e sozinho, com o texto e as palavras e movimento, em movimento autêntico que flui, desperta e traz compreensão outra em reluzir da consciência dos caminhos. A compreensão chega assim, como dança que nos desperta para um mover outro, tirando das dúvidas paralisantes, e num sustentar a si mesmo nas encruzilhadas da vida, nos chamados as novas aventuras que se revelam como possibilidades.

Uma tese que vibra e pulsa nas batidas do coração e pés, do que é sentido, percebido e emerge como revelação das vivências experienciadas. O nosso coração passou a bater mais forte no desejo de escrever com as questões que movem o nosso ser, que tocam a condição humana, da relação natureza ser, e dialogar com as memórias das experiências de corpos vivos e vividos.

A relevância deste trabalho é a vida, do planeta, das espécies, de todos seres. É viver, ser feliz, vivermos a nossa potência, a criatividade, encontrar o caminho que nos fortalece com os sonhos e a vitalidade. É de honrar o trajeto e trajetória dos cuidadores, como ressaltamos aqui os ecólogos e os terapeutas das práticas integrativas. As aprendizagens do cuidado que surgem deste entrelaçamento da ecologia com as práticas integrativas revelam também os desafios e possibilidades que existem nesta atuação.

1.2 Organização dos capítulos da tese

A tese está organizada em seus elementos pré-textuais, depois a introdução, seguindo em seus capítulos nas quatro estações, inconclusões e os elementos pós-textuais. Nesta introdução, o diálogo inicial contextualizando temática, sua importância e os seus desafios. Também já trazidas as intenções, motivações, crenças, compreensões e aproximação com o tema; e a organização da tese em si.

Como estamos implicadas na trilha e na trama, vamos tecendo a história a partir dos acontecimentos que vivenciamos durante o percurso no doutorado do DMMDC, das memórias de vida que emergem destas vivências, e dos horizontes de possibilidades que se revelam. A pesquisa e a vida se entrelaçam nas trajetórias e com isso vamos desconstruindo crenças e padrões limitantes, bem como consolidando aprendizagens. Nesta escritura da tese há transições de pessoas que acontecem, da primeira pessoa do singular, dos momentos em que chegamos para mim as compreensões daquilo que se dialoga; para o plural, na visão coletiva e sistêmica do que dialogamos. Também há um movimento entre palavras e imagens, que se contrói a partir de uma disposição outra.

No capítulo primavera a abertura desta jornada tese acontece no caminho epistemológico-

metodológico-teórico iniciando com a abordagem fenomenológica da tese em Hursel e Heidegger. Na Teoriação Polilógica este diálogo criador próprio e apropriado com a visão quântica e transdisciplinar que nos conduz as dimensões da Teoriação Pedagógica de Galeffi - do aprender, aprender a ser, aprender a ser sendo e aprender a fazer - as quais estão imbricadas com as estações. Também neste caminhar biogágico em Burkhard e performático com Fernandes, a abertura a aprendizagem com a auto-escritura e com as vivências corporificadas na Pesquisa Somática Performativa – PSP.

No capítulo verão discorremos o diálogo com as práticas ecológicas do movimento da grande virada do dragon dreaming, cidades em transição e as hortas comunitárias. Também há o diálogo com as práticas integrativas e complementares em saúde no contexto em que elas se desenvolvem no Brasil, no Sistema Único de Saúde e alguns passos vistos e vivenciados nas Universidades. A partir do conceito das Racionalidades Médicas proposto por Madel Luz, as compreensões experienciadas com algumas destas Medicinas Tradicionais da Ayurveda, Chinesa, Indígena Xamânica ou Não-Xamânica, Africana e Antroposofia.

No outono, dialogamos com os conceitos de ecologia e cuidado e seus desdobramentos na perspectiva da poliética e triestética de Galeffi e da ecosofia de Guattari, com as ecologias ambiental, social, mental e cibernética.

E com o inverno, a proposta da ecologia de si é trazida com os seus princípios norteadores, que são evidenciados em sua conjuntura nesta estação e no desenvolvimento dos relatos autobiográficos e das descrições de performances vivenciadas pela pesquisadora no componente TEA94 Laboratório de Performance.

Entre cada estação há uma transição síntese e propositiva das reflexões em percurso. Em seguimento as estações tem-se as considerações finais com as aprendizagens desta tese com sua proposta e percursos vividos, o vislumbre de horizontes de possibilidades de continuidade de trabalhos futuros. E os elementos pós textuais com as referências, os apêndices e anexos. E assim seguimos juntos neste navegar.

2 Primavera

*Aprendi com a primavera;
a deixar-me cortar e voltar sempre inteira.*

Cecília Meireles

O movimento da Terra em torno do sol durante um ano, conhecido com translação, com a inclinação do eixo da Terra em relação ao sol tem com isso a mudança das estações. A estação ponto de partida deste movimento é a primavera. A primavera, nesta jornada de florescimento, é uma primeira estação da vida em que nos movemos no despertar e no aprender em percurso no movimento de abertura de horizontes.

O aprender à luz da fenomenologia e da teoriação polilógica como uma preparação para a vida, do caminho que se abre como possibilidades de aprendizagens e de transformação vividas. Um aprender outro corporificado que surgiu com a performance e o conhecimento biográfico que se revela em nosso caminhar.

Em trajetórias de uma educação, muitas vezes passiva, crenças limitantes e valores foram criados nas sociedades, sustentados e fortalecidos geracionalmente. No desmonte de estruturas hegemônicas com seus padrões dominantes, a primavera se abre em um agir outro, na busca da inclusão de caminhos outros que possam ser visto, percebidos, apreendidos na relação do ser sendo aí no mundo-da-vida.

Vamos desabitando de velhos padrões operantes e nos descobrindo enquanto navegamos nos desconhecidos territórios, com surpresa e espanto nos reconhecendo a cada possibilidade vivenciada. Essas compreensões chegam em uma claridade no momento vivido e em um espaço tempo multidimensional elas vão passando por continuum de transformação sendo ressignificadas em energia, informação e substância. E neste mover e ser movido pelos acontecimentos novos espaços de saberes e aprendizagens emergem ao campo de difusão.

A primavera é esse mover expansivo, dessa abertura do Ser no mundo, no chamado da autorealização que nos desperta e convida a vivermos a nossa plena potência, de ocupar-se em novos espaços em claridade da presença, ao que se vive, nos abrimos em nossa própria reinvenção, modificando as crenças e nos abrindo para uma jornada de autoconhecimento e transformações.

Nesse movimento exploratório de nós mesmos, esta estação nos traz a criança que reluz a sua luz interior, sua potência de vida, na experiência do seu desabrochar flue em suas vivências aberta a descoberta em plena entrega de si. Com muito entusiasmo e vontade seguimos relacionando com o que nos desperta interesse, surpresa, admiração e a atenção em nosso caminhar.

Na jornada do florescimento podemos nos cortar com os espinhos, conforme nos traz Cecília Meireles, com a dor, com o sofrimento, e encontro com a nossa impotência pode nos revelar a potência na impotência. Nesses mergulhos, imersões e retorno a superfície ao longo da nossa trajetória vamos em nosso amadurecimento, encontrando a firmeza de propósito, a intencionalidade, a nossa autoeducação, entre outras possibilidades que vamos nos fortalecendo e desenvolvendo a sabedoria de um mover consciente que nos faz voltar sempre inteira.

Encontrarmos e sustentarmos o estado de harmonia, de saúde e cuidados, de voltar e permanecermos inteiros, quando nos colocamos no caminho de autoconhecimento e autodesenvolvimento, em nossas relações vamos desenvolvendo aprendizagens com as experiências vividas. Em nossas aberturas no mundo podemos nos desequilibrar, desarmonizar e adoecer, na consciência de que nos deixamos cortar.

Compreensão de que quando falamos de saúde-doença-cuidado destacamos a importância de compreender o nosso processo cognitivo de aprendizagem, de modo que tenhamos a consciência das formas de operar a mudança de mentalidade e percepção necessárias, para as quebras de crenças de padrões de pensamentos que fortalecem a reprodução, muitas vezes inconsciente, de uma cultura de violência e adoecimento.

Assim, neste capítulo da primavera o diálogo com as rupturas, as mudanças de visão e de paradigmas necessários na construção de aprendizagens no conhecimento de si, outro e mundo-da-vida em um tempo vivo e biográfico. Da necessária desobstrução das barreiras cognitivas afeita à essência, na emergência do campo do conhecimento da consciência pura, a visão sistêmica, a união, inclusão, complementariedade, multirreferencialidade, complexidade, polilógica, da união de ecologia e saúde e a reconexão do ser com a natureza e com sua dimensão sagrada.

2.1 O caminho fenomenológico

Com este diálogo ecológico iniciado na introdução, na proposta desta relação de ecologia e saúde, nosso encontro prossegue com a fenomenologia. As ideias fenomenológicas, de acordo Minayo (2010), influenciaram o surgimento de linhas holísticas na concepção de saúde e da doença, unindo os pontos de saúde e ecologia ao pensar a saúde como bem-estar integral onde as práticas de medicina holísticas ajudam a promover este estado. Nesta visada os indivíduos assumem sua responsabilidade em questões de saúde buscando harmonizar-se com a natureza e no uso de práticas naturais de tratamento; bem como a reorientação dos sistemas de saúde em tratar causas ambientais e sociais que provocam as doenças.

Assim, na perspectiva destes encontros, na convergências destes pontos que descobrem pontes em suas relações de conexões e influências é que fomos construindo a compreensão da abordagem fenomenológica, em sua natureza qualitativa para tratamento da questão norteadora, sendo a via e veia desta tese. Evidenciamos a vastidão deste universo fenomenológico ao qual passei a conhecer com o doutorado e me relacionar num processo de aprendizagem, portanto, trazemos aqui as aprendizagens oriundas desta aproximação.

A fenomenologia pura ou transcendental, formulada pelo filósofo alemão Edmund Gustav Albrecht Husserl (1859-1938) em que fui apresentada pelo orientador e professor Dante Augusto Galeffi, é a fenomenologia da consciência, uma ciência eidética, ciência a priori, um caminho que estabelece uma investigação crítica da possibilidade do conhecimento objetivo e do acesso a subjetividade a transcendência (HUSSERL, 2006). Também conhecida como a ciência das essências, não se tratando de fatos e fenômenos reais, nem um de conhecimento natural que separa o Eu do mundo tendo o objeto com algo manipulável suprimido da ação subjetiva (HUSSERL, 2006).

Trata-se de um conhecimento de essências, de fenômenos irrealis transcendentalmente reduzidos e, enquanto método, investiga as irrealidades dos atos e correlatos vividos transcendentalmente purificados. É uma atitude filosófica que lida com a consciência e busca ver com clareza ao que aparece, na “descrição do vivido, dos atos intencionais da consciência e das essências que eles visam, isto é, dos correlatos intencionais e suas visadas (HUSSERL, 2000b, p.8).

Na perspectiva da clareza daquilo que se vê, a fenomenologia existencial e hermenêutica proposta pelo filósofo e professor alemão Martin Heidegger (1889 - 1976) aborda a palavra ver, o cuidado em ver, além do sentido da visão HEIDEGGER (2005). Desta forma, aquilo que se vê reside de modo essencial no ser humano e inclui os demais sentidos quando nestes há um empenho de conhecer e expressarmos como tudo que apreendemos é visto. A nossa esfera fenomenológica é “a esfera da clareza absoluta, da imanência no sentido autêntico (HUSSERL, 2000a, p.30)”. Uma esfera que requer um modo de revelação de si mesma chamado de “abertura do ser-em de clareza da pre-sença. É somente nessa clareza que se torna possível

qualquer visão” (HEIDEGGER, 2005, p.230). A abertura como modo de revelação da pre-sença que descobrindo-se e revelando-se para si mesma, em claridade necessária do apreender em profundidade na interioridade, no modos de ser compartilhado que se passa a se compreender como co-pre-sença (HEIDEGGER, 2005)

No entanto, compreender a apreensibilidade em apropriação genuína, do sentido que se transforma intuitivamente em dado, para ver com clareza há de se colocar fora do circuito, de um afastamento para pôr abaixo as velhas formas dominantes e restritivas de pensar e agir no mundo acessando uma nova maneira de pensar, aprender a ver, a se mover, diferenciar, apreender, descrever e se orientar no mundo (HUSSERL, 2006).

As mensagens que nos chegam cotidianamente as vezes nos ofuscam quando atingem nossos centros de interesse, como uma espécie de encantamento nos envolve e fazem com que nos conectemos ao que está sendo dito por sustentar nossos desejos, sistemas crenças, sem observar a totalidade de que se propaga com todas as suas entrelinhas. Também quando nos relacionamos com um olhar distraído deixamos escapar as intenções que movem a informação, podemos ser induzidos e sustentar ou não a circulação de formas dominantes de pensamento.

É importante fazermos o movimento releituras de mundo, de mensagens e informações circulantes que chegam até nós, no exercício de afastamento, para ver com maior claridade aquilo que se comunica. Como, por exemplo, as contínuas informações que circulam alimentando uma cultura de medo, culpa e violência na sociedade.

HUSSERL (2000a) propõe o método de reduções fenomenológicas, pelo qual podem ser desobstruídas as barreiras cognitivas afeita à essência, sendo que a investigação se dá no puro ver. Nas reduções fenomenológicas há a suspensão de todo e qualquer conhecimento, todo saber é posto em questionabilidade, possibilitando um retorno a consciência (HUSSERL, 2006). O conceito de *epoché* é este movimento de redução eidética para fins de investigação, na suspensão de juízos, de colocar fora do circuito abstendo-se de tudo o que já foi dito pela ciência, religião, senso comum para nos aproximar dos fenômenos, em uma posição crítica do observador, para saber a sua essência entrando no fluxo da consciência do eu puro (HUSSERL, 2006). E no desmonte e desconstruções contínuos podemos navegar num mar de dúvidas.

A dúvida conforme HUSSERL (2000a) nos proporciona um ponto de partida na compreensão da vivência. A dúvida e seus tormentos foram vivenciados por Husserl, em sua questão existencial no duvidar de si mesmo como filósofo, diante das crises de recusa e desprezo do seu trabalho (HUSSERL, 2006). Todo o conhecimento é posto em questão de início, não sendo admitido conhecimento algum. Assim, continua HUSSERL (2000a, p23), “a meditação cartesiana sobre a dúvida: a existência da cogitatio, da vivência, é indubitável enquanto se experimenta e sobre ela simplesmente se reflete o aprender e o ter intuitivos e directos da cogitatio já são um conhecer; as cogitationes são os primeiros atos absolutos”.

Com a apreensão de sentido – a partir das atitudes de observar, pensar, refletir, dos

atos imaginativos, entre outras – o movimento de redução fenomenológica é realizado com a consciência intencional de se alcançar a essência, que é o sentido mais profundo do próprio modo de ser. Nos modos de apreensão, o filósofo, psicanalista, militante e escritor francês Pierre Félix Guattari (1930-1992) aborda que “esses dois modos de apreensão – seja pelo conceito, seja pelo afeto e pelo percepto – são, com efeito, absolutamente complementares” (GUATTARI, 2012a, p.19).

No componente do doutorado EDCA 86 Metodologia e Análise dos Processos Cognitivos, com os professores Dante Augusto Galeffi, Maria Inês, Núbia Moura Ribeiro e Wilson Santos, foram constantes os diálogos convidativos de pôr tudo em questão, num movimento de desconstrução. Reconhecer o limitador que somos nós mesmos e o que temos na prática é uma limitação. Para abertura de novos olhares é necessário compreender essa limitação, entender qual é a nossa formatação. A partir do momento que reconhecemos a nossa estrutura montada, o quanto fomos editados e colonizados, como essa formatação de leitura de mundo como sujeitos do conhecimento acabou formatando toda a nossa existência. Assim, esse desmontar de nós mesmos, do nosso olhar viciado, do que é *maya* – palavra do sanscrito que significa ilusão – e do que nos enganam é um exercício contínuo a ser realizado com atenção plena nesta prática da desconstrução, no desmonte de mascaradas alienações.

Precisamos tensionar e questionar a realidade que vivemos e acessar a nossa base pré-conceitual que está formatando o mundo, para que possamos caminhar um pouco libertos de prévios juízos e para uma aproximação razoável destes grupos que nos afetaram tanto. Quando nós traduzimos reduzimos a realidade com nossa base pré-conceitual; precisamos exercitar uma transdução, uma transposição, cada um encontrando o seu caminho de desformatação.

A dúvida é nosso ponto de partida, e com ela nos deixamos levar a diversas dispersões e encontros, como se entrássemos num prédio e não soubéssemos mais para onde ir, de nos sentirmos à deriva naquele lugar. E então começássemos a ir de andar em andar, caminhando pelos corredores, abrindo as portas, entrando e nos relacionando no espaço, abrindo as janelas vendo horizonte, olhando dentro e fora e refletindo com o que estávamos procurando e o que encontrávamos. Enquanto estávamos neste movimento, em alguns espaços só olhávamos de relance, outras entrávamos e sentávamos, ou ficávamos por um tempo. O que nos buscávamos nestes lugares? Inicialmente buscávamos uma resposta para o que fazíamos enquanto proposição de tese. No entanto, este movimento não fizemos apenas no processo de tese, ele constituiu-se como um movimento de vida; de quando nos víamos indecisos ou diante de situações decisórias, no relacionar com a questão e o que surgia em ressonância com ela.

No movimento vivido de desconstrução no doutorado, velhas roupas foram deixadas no caminho, alguns acontecimentos com intensidade e entrega de um viver à deriva em uns tempos que fiquei sem mais ter projeto, nem orientação, nem área, nem mais saber de mim mesma enquanto atuação profissional e propósito de vida. Estava tudo colocado em questão, toda a minha existência. Posteriormente a esta vivência, Guattari (2012a, p.14) nos chega, em nosso caminho

de pesquisa com suas palavras, dizendo assim: “é neste contexto de ruptura, de descentramento, de multiplicação dos antagonismos e de processos de singularização é que surgem as novas problemáticas ecológicas”. E se é deste lugar de fala da ecologia em que me coloco, também é deste mover ecológico que surge em mim como interdependentes problemáticas em mutação em nós.

Na crítica do conhecimento, conforme HUSSERL (2000a), nenhum conhecimento pode ser previamente dado e com a redução fenomenológica é que se põe em questão o eu, o mundo e as vivências a fim de trazer luz – com a percepção visualmente captada e apreendida como minha percepção – e obter um dado absoluto, um fenômeno cognitivo puro. No provocante componente EDCB05 Natureza da Criatividade, com os com Dante Augusto Galeffi, Maria Inês Correa Marques e Joaquim Viana Neto, esse movimento de abertura nos modos de conhecer e se relacionar pudemos perceber com ele que:

“vamos nos desnudando e também nos desnuda na medida em que nos abrimos mais e mais ao que se vive e dialoga e ao que se dialoga e vive. Camadas vão caindo de padrões e condicionamentos, daquilo que se repete em nossos atos e nos discursos incutidos, alimentados em convívios geracionais e sociais, revelando a beleza dos corpos cada vez mais desnudos em seus arrepios, seus desejos e suas sensibilidades” (LEAL, 2018, p.326).

Neste componente dialogamos com nossas rupturas, com o que nos atravessa, neste espaço de cuidado amoroso que se abriu em nós. E explorar o campo de possibilidades, nestas aberturas de portas e janelas fomos caminhando com as questões surgidas, vendo aquelas que sustentamos em nossos modos de ser e viver, das linhas de fuga que oportunizavam seguir nesse caminhar. Essa abertura como um movimento de liberdade de poder-ser mais próprio numa compreensão como pre-sença de fato, navegando em Heidegger encontramos este horizonte, onde:

“A possibilidade é a determinação ontológica mais originária e mais positiva da pre-sença, assim como a existencialidade, de início, ela só pode ser trabalhada como problema. O solo fenomenal que permite a sua visão oferece a compreensão como o poder-ser capaz de propiciar aberturas. A possibilidade como existencial não significa um poder-ser solto no ar, no sentido da “indiferença do arbítrio” (*libertas indifferentiae*). Enquanto algo essencialmente disposto, a pre-sença já caiu em determinadas possibilidades e enquanto o poder-ser que ela é, já deixou passar tais possibilidades, doando continuamente a si mesma as possibilidades de seu ser, assumindo-as ou recusando-as. Isso diz, no entanto, que para si mesma a pre-sença é a possibilidade de ser que está entregue à sua responsabilidade, é a possibilidade que lhe foi inteiramente lançada. A pre-sença é a possibilidade de ser livre para o poder ser mais próprio. A possibilidade de ser é, para ela mesma, transparente em diversos graus e modos possíveis (HEIDEGGER, 2005, p.199).

Nesta doação contínua a si mesma, na autoresponsabilidade com as nossas escolhas, nas aspirações de nos movermos em aberturas, caminhamos com nossos passos no aprender a ser e a viver com as possibilidades de ser livre. E assim, com as aberturas propiciadas, nas idas e vindas

a lugares, a cursos, a vivências, de visitas à estadias vão se constituindo como processo, como caminhos próprios do caminho que buscava me apropriar. Na fruição do navegar, o surgimento da dúvida colocando em reflexão as trilhas desejadas do próprio navegar, surge como as ondas que nos sacodem na manutenção do trajeto ou na saída com a mudança de rota em um oceano de possibilidades que me levam algumas margens. Para HEIDEGGER (2005, p.260) “o ser para possibilidades mostra-se, pois, na maior parte das vezes, num simples desejar”.

E a noção de desejo é dialogada por ??) que aborda as construções que foram feitas do desejo como algo nebuloso, desorganizado, secreto ou vergonhoso seguindo nos entrelaçamentos do simbólico e da castração em clandestinidade, culpabilização e repressão nas tentativas de disciplinar o desejo. Essa construção do desejo é questionada por este autor que considera que:

"O desejo, em qualquer dimensão que se o considere, nunca é uma energia indiferenciada, nunca é uma função de desordem. Não há universais, não há uma essência bestial do desejo. *O desejo é sempre o modo de produção de algo, o desejo é sempre o modo de construção de algo.* É por isso que considero muito importante desmontar este tipo de teorização. (??, p.261).

Assim, ??, p.261) na ação de desmontar as dominantes relações castradoras buscando novas maneiras de ver e agir no contruir com o mundo expressa que "*proporia denominar desejo a todas as formas de vontade de viver, de vontade de criar, de vontade de amar, de vontade de inventar uma outra sociedade, outra percepção do mundo, outros sistemas de valores.*".

Do que nos dispomos a Ser e viver, nos desmontes que fazemos com as dúvidas, as construções que fazemos com os desejos, das incertezas que nos mantem nestas aberturas e das possibilidades que nos movem em nossas escolhas, vamos continuamente nos constituindo e é neste movimento de vida com o seu percurso no doutorado que nos descobrimos na revelação desta fenomenologia que se gera com o mover na Ecologia de Si.

Neste movimento de abertura ao que se vive, a construção do conhecimento na fenomenologia, conforme Bicudo (2011, p.13) se dá na experiência vivida “se assumirmos a complexidade do ”ser sendo”, ou seja, se concebermos que somos à medida que nos tornamos, fazendo, acontecendo”. A compreensão da fenomenologia em sua terminologia a partir da abordagem de Bicudo (2011) é evidenciada na Figura 1 elaborada no Cmap Tools a partir da aprendizagem desta ferramenta no componente EDCA 88 Sistemas de representação do conhecimento com o professor Renelson Ribeiro Sampaio.

Nos atos de intuição ou percepção, o sujeito se articula em atos de consciência no fluxo das vivências experienciadas, sendo que “esses atos ocorrem na subjetividade do sujeito, na esfera da consciência, e podem se dar mais nas dimensões psicológica, cognitiva e espiritual” (BICUDO, 2011, p.32).

A investigação se dá no mundo vivido, do experimentado na vida cotidiana e na compreensão da realidade que se vive (MINAYO, 2010), que pela fenomenologia desenvolvida por

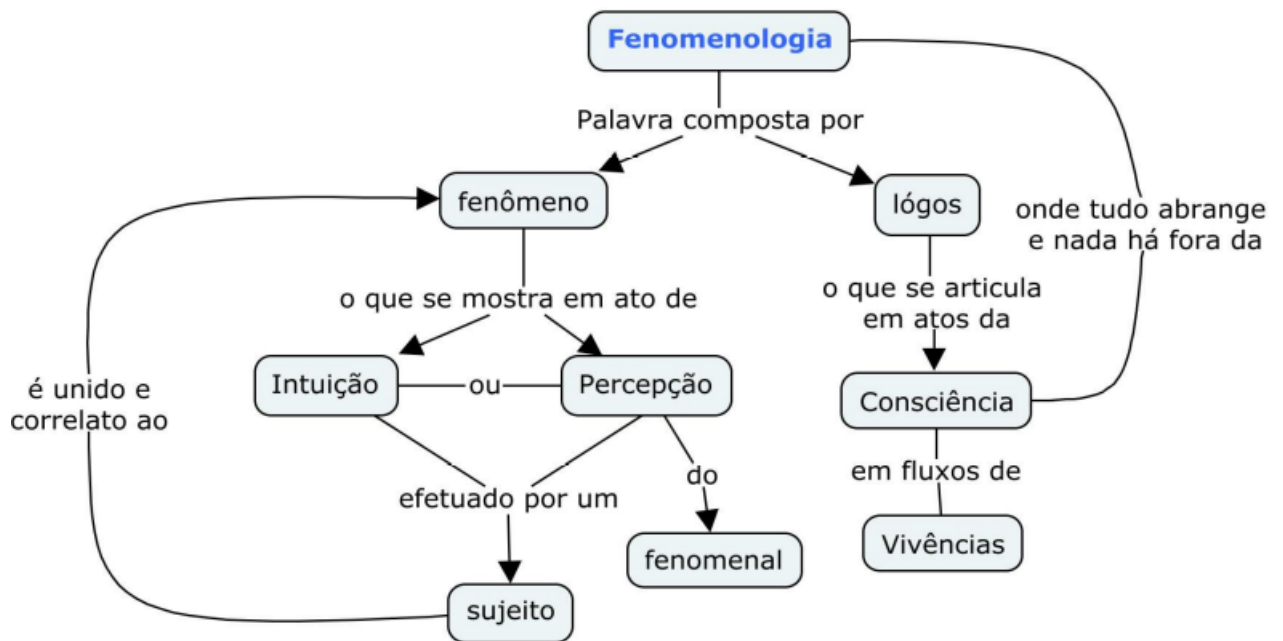


Figura 1 – Compreensão da abordagem fenomenológica

Fonte: Elaborado pela autora baseado em Bicudo (2011).

HUSSERL (2002) propõem a temática do *Lebenswelt* ou *Lebensumwelt*, traduzido como mundo-vida ou mundo da vida, como abordagem de um mundo de significados que se constitui na consciência humana. No mundo cotidiano da vida é que estamos umbilicalmente ligados, e este mundo experienciado pelo ser antecede como um a priori das ciências “ao mundo pré-científico, pode falar-se de experiência estética ou religiosa, enfim, de experiência da subjetividade ” (HUSSERL, 2002, p.34).

Neste mundo-da-vida que constitui a consciência humana, Husserl ao vincular o eu e o *Lebenswelt* na correlação consciência-mundo consegue novas perspectivas para a intersubjetividade – como dimensão que dá sentido de mundo – e a intencionalidade – na relação entre a consciência de algo e consciência de si mesmo, onde “a intencionalidade fenomenológica é visada de consciência e produção de um sentido que permite perceber os fenômenos humanos em seu teor vivido” (HUSSERL, 2002, p.21).

A intencionalidade é um conceito central constituinte da fenomenologia de Husserl. Na intencionalidade da consciência é que constituem-se os cogitata do cogito, os “objetos” da consciência. Considerando que fenomenologia estuda o fenômeno em sua aparição, de como os objetos se autoapresentam de forma pura, na sua essência, à consciência. A consciência se manifesta no plano simples da percepção e na vivência, "na consciência do eu, a que pertence a vivência, encontra-se também o objeto de conhecimento" (HUSSERL, 2006, p.24).

A intencionalidade de acordo com Bicudo (2011, p.31) é "característica da consciência. Consciência é compreendida como movimento intencional, efetuado pelo corpo-encarnado, ao ir de modo atento em direção ao focado como figura destacada do fundo, totalidade em que

sempre estamos com os outros.". Nesse mover atencioso em que direciono a minha consciência a ir conhecer algo, o objeto intencional, enlaçado no sentido da percepção do fenomenal, do ato de consciência em que se dá o encontro com o ver e o visto, do interior e do exterior das ideias dentro mim e dos objetos fora de mim, do sujeito que percebe e da doação de aspectos a serem vistos (BICUDO, 2011) e (HUSSERL, 2006, p.24).

Neste caminhos de aprendizagem, com os modos de apreensão, que nos guiam nas trilhas da consciência é que passamos a acessar o conhecimento da Teoriação Polilógica, com a qual prosseguimos com os nossos diálogos.

2.2 A Teoriação Polilógica, uma Epistemologia da Complexidade própria e apropriada

O século XX foi marcado pelas revoluções quântica e da informática, e no entanto não houve uma grande e radical mudança na visão de mundo da humanidade com estas revoluções, prevalecendo a cegueira e os seus obstáculos na manutenção da antiga visão de mundo; no século XXI persistem e ampliam-se os desafios de fazer emergir e construir no presente o novo e positivo (NICOLESCU, 1999).

A transformação do sujeito em objeto caracteriza a ciência moderna fundamentada na ideia, conforme afirmação do físico e professor romeno Nicolescu (1999, p.19), de "uma separação total entre indivíduo conhecedor e a Realidade, tida como completamente independente do indivíduo que a observa". Também, continua o autor abordando, com esta fragmentação os caminhos da física clássica, com suas leis determinísticas fundamentada na ideia de continuidade – sendo esta profundamente ligada a causalidade local – e a redução de tudo a física contribuíram para o surgimento de uma ideologia científicista. Desta forma, o que não cabia a única lógica da realidade objetiva do científicismo era afastado e abandonado a subjetividade desprezada. Assim, nestes caminhos instituídos com a ciência moderna e a física clássica, o "Universo foi subitamente dessacralizado e sua transcendência foi jogada nas trevas do irracional e da superstição."(NICOLESCU, 1999, p.22). Esse momento de dessacralização é um marco da desconexão humana com o universo e com nossa realidade natural, onde o ser se deixa recobrir com o véu da ilusão de uma separabilidade humana.

O paradigma newtoniano sustenta o materialismo científico, na existência atrelada a um fenômeno da matéria e do paradoxo dualista mente matéria, sem a sua resolução. O físico alemão Max Karl Ernst Ludwig Planck (1858-1957), considerado o criador da teoria da física quântica, com a lei distribuição da energia de radiação em toda a faixa de temperatura de normal espectro, considerou a quantidade e a forma – chamado de *tez* – de distribuição dos ressonadores de frequência, fazendo permutações, avaliando a entropia, fazendo medições, equações e observações, que lhe conduziram ao caminho de introdução da quantização e descontinuidade da energia em pacotes em que ele chamou de quantum (PLANCK, 1900).

Com o postulado de Planck (1900) é colocado em questão a continuidade e a casualidade local, os seus limites alcance e a expansão destas perspectivas se abrindo respectivamente com a descontinuidade e comunicação não local. A descontinuidade, proposta com a física quântica, de acordo com o indiano Ph.D. em física quântica (GOSWAMI, 2018, p.50) é “familiar para muitos de nós sob a forma de experiências criativas que surgem de surpresa – aqueles momentos “ahá” pelos quais todos já passamos”. Conforme Goswami (2018) coloca a não localidade tem-se a não comunicação por sinais no espaço tempo, pois quando a consciência interage não requer sinais de conexões. A exemplo, a comunicação local, que é uma interação material, são os sons; e a comunicação não local tem-se a telepatia, uma interconexão sutil entre dois cérebros como manifestação da consciência. Ele também afirma que o caminho da ciência convencional em desacreditar dados das experiências da não localidade, denominando os fenômenos como paranormais, uma forma de ignorar o paradigma da consciência.

Estas perspectivas, locais e não-locais, contínuas e descontínuas, na visão separatista do cientificismo consideradas como antagônicas, emergem de um olhar outro de compreensão de alcance com o físico dinamarquês Niels Henrik David Bohr (1885-1962). Ele propõe o princípio da complementariedade como uma expressão lógica na descrição no campo da experiência, na relação entre os fenômenos observados, mesmo parecendo mais contrastantes eles devem serem considerados complementares e igualmente essenciais, que juntos na exploração cada vez maior nos campos da experiência apontam novos caminhos "que ultrapassam em muito as fronteiras da ciência da física, e nos permite descobrir os traços comuns que promovem a busca da unidade do conhecimento." (BOHR, 1995, p.95).

Com este princípio percebe-se a não exclusão ou anulação de uma questão, com o seu limite de compreensão de alcance, e o surgimento bem como a coexistência de questões que surgem em outras perspectivas que ampliam a borda do conhecimento. Para Goswami (2018) o princípio da complementariedade surge para sanar a questão da matemática quântica que afirma que os objetos são ondas e dos experimentos que indicam que eles são partículas. Assim, com este princípio ele alega que os objetos quânticos tanto são ondas como são partículas, no entanto Goswami (2018) ressalva que ambos não aparecem em um mesmo experimento.

Goswami (2018, p.13) afirma que “os objetos quânticos são ondas de possibilidades que residem num domínio de realidade situado além do espaço e do tempo, chamado de domínio de potencialidade”. Para ele, onda e partícula podem ser detectados no mesmo experimento pois tudo é uma entidade e está instantaneamente interligado. E para expandir essa compreensão ele invoca a consciência, ressaltando o seu papel em manter vivo e resolver o paradoxo – o nó lógico do pensamento – o domínio da potencialidade é a nossa consciência. Uma, não existe forma, uma consciência superior na qual todos somos um e que algumas pessoas denominam de Deus (GOSWAMI, 2018).

Para Goswami (2018, p.14), a consciência é demonstrada pela causalidade descendente que trata-se da “capacidade de escolher dentre as diversas facetas de uma onda de possibilidade. A

escolha consciente é que transforma uma onda de possibilidade em partículas da experiência manifestada”. Esse poder de escolha a partir das possibilidades é que nos move na promoção de mudanças, e na medida que buscamos mudar o mundo mudamos a nós mesmos. Para falar com a consciência ele toma o termo *awareness* para abranger a totalidade do campo perceptivo, traduzida na palavra composta percepção-consciente. Assim, a compreensão que consciência é tudo o que existe, a base de toda a existência e de nossas escolhas; que tudo é feito de consciência, pois “tudo é possibilidade antes de fazer parte da nossa experiência (GOSWAMI, 2018, p.19). Também coloca a consciência quântica como não local e objetiva.

Assim, nesta trajetória trazida da antiga visão de mundo é necessário compreender que o paradigma monológico, cartesiano, produz um conhecimento financiado por uma lógica dominante de um pensamento que nos separa da natureza, exclui o indivíduo desprezando a subjetividade, ignora e desacredita a consciência. A visão dualista de mundo com a dominação de uns sobre os outros, em poder ilusório que cria condições de exploração e separação como nos padrões que operam o cientificismo, o paternalismo, o capitalismo, entre outros modelos e ideologias que desconectam os seres de uma compreensão sistêmica e interdependente. Esta forma de dominação é hierarquizante, polarizada por visão antagônicas de mundo sustentado em padrões disciplinares em uma educação fragmentada em especializações.

A prática da complementariedade nos possibilita saltar dos antagonismos com as polaridades, o domínio de potencialidades fortalece ainda mais esse caminho com as formas de reconexão humana, na compreensão de que tudo está interligado e entrelaçada com a consciência que é tudo o que existe. Este postulados contribuem na construção, na visada da totalidade e da integralidade de vermos o ser como um todo, da compreensão de múltiplas referências e nos diz é que "já não é mais possível compreendermos um fenômeno tendo apenas uma única referência ou área do conhecimento." (LEAL et al., 2016)

A multirreferencialidade dos fenômenos, em Ardoino (1995, p. 7), “se propõe explicitamente uma leitura plural de tais objetos, sob diferentes ângulos e em função de sistemas de referências distintos, os quais não podem reduzir-se uns aos outros”. Este conceito de multirreferencialidade traduz e expressa as perspectivas do conhecimento, conforme a historiadora natural e Ph.D em filosofia (BURNHAM, 2012, p.80) aborda com o seus “múltiplos sistemas de referência – poesia, arte, política, ética, religião, ciência – igualmente significativos [...] antes uma bricolagem de visões que leva a uma compreensão.”.

No entanto, no desafio de leituras plurais da multirreferencialidade que não se correlacionam, da restritividade do pensamento clássico disciplinar, a necessidade deste ultrapassamentos é que surgiram, na metade do século XX, as abordagens da pluridisciplinaridade e da interdisciplinaridade, porém em suas finalidades permanecem na pesquisa disciplinar (NICOLESCU, 1999).

O exercício de se colocar na vivência dos tensionamentos e impulsos de uma construção dialógica que se dá no momento presente com a inteligência coletiva da comunidade, ora alcan-

çando interfaces outras vezes não, é um movimento necessário no processo de construção do conhecimento. E a transdisciplinaridade faz esse movimento entre, através e além de qualquer disciplina, e nesta perspectiva, a disciplinaridade, pluridisciplinaridade, interdisciplinaridade e a transdisciplinaridade são complementares.

A transdisciplinaridade faz uma transgressão da dualidade e tem por finalidade ultrapassar a dimensão disciplinar, propondo uma visão de realidade multidimensional e multireferencial em que seu objetivo "é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade do conhecimento."(NICOLESCU, 1999, p.53) e esta "compreensão do mundo presente passa pela compreensão do sentido de nossa vida e do sentido de nossa morte neste mundo que é nosso."(NICOLESCU, 1999, p.56). A unidade do conhecimento é vista como uma unidade aberta - no prologamento dos níveis de realidade a uma zona de resistência as experiências e percepções - e esta juntamente com a pluralidade complexa são objeto transdisciplinar e que desta coexistência emerge o princípio da relatividade (NICOLESCU, 1999).

Uma prática dialógica que cria relações e conexões entre saberes era a minha sede de aprendizagem, de abarcar enlaçando as múltiplas referências de mundo. Buscava um caminho que desse conta realmente de um movimento de vida. As vezes me sinto consciente que na vida fui transitando por vários barcos, em contínuo deslocamento, chegando em algumas margens, atracando em alguns lugares, em um oceano de possibilidades. E como não definia um barco como uma escolha única a sempre seguir, ia frequentando os barcos que no meu caminho surgiam como novos para mim e me despertando a vontade de entrar e navegar junto, bem como revisitando outros barcos já conhecidos fortalecendo os vividos e suas aprendizagens e bem como vivendo novas perspectivas antes não vivenciadas.

E seguindo em possibilidades múltiplas fui questionada por que não pegava um único barco para seguir a minha jornada com maior profundidade. Por que tem que se escolher apenas um barco e seguir neste, quando há uma infinidade de outros barcos, que se pode conviver com alguns deles simultaneamente? Ou então, por que não construir o seu próprio barco e seguir o seu próprio caminho? Como conviver com essa infinidade de possibilidades e chamados, derivas e ancoragens, e seguir com fluidez neste mar em complexidades?

A complexidade e a emergência do campo do conhecimento, da instituição de diversas formas de interação com o mesmo e com quem o produz, na transformação do conhecimento produzido em linguagens e formas de tra(ns)dução de determinado saberes de uma comunidade para outra, contribui para a superação da segregação sociocognitiva bem como a ampliação da compreensão do conhecimento, tornando público todo aquele de caráter privado (BURNHAM, 2012). Na instauração de uma nova visão de mundo, a complexidade em sua multidimensionalidade atravessa todos os campos do conhecimento. E observando as travessias e passagens do meu caminhar entro em reflexividade com estes atravessamentos e movimentos em ultrapassagens.

Transitar por entre os barcos era o meu movimento e no mover, em espaços multireferenciais de aprendizagem, compreendi que há pessoas que basta um barco para seguir sua jornada,

e para outras há uma constelação de barcos que fazem a sua jornada, e é nesta constelação que me encontro. Um movimento que ora borboletava entre os barcos, reconhecendo, explorando, observando e pesquisando; e ora atuando como abelha polinizadora, criando, fecundando, multiplicando.

E é neste movimento de vida que conheci e ainda estou conhecendo o trabalho desenvolvido pelo arquiteto, mestre em Arquitetura e Urbanismo e doutor em Educação todos pela UFBA, professor e escritor Dante Augusto Galeffi da Teorização Polilógica, uma Epistemologia da Complexidade Própria e Apropriada. Dos diversos encontros que tive com o professor e orientador Dante Augusto Galeffi, em sala de aula no DMMDC/UFBA em que é professor permanente, no Grupo de Pesquisa Epistemologia do Educar e Práxis Pedagógica em que é líder, algumas vezes que o escutei enquanto ele dialogava com a polilógica, eu ouvia mas ainda não compreendia. Na Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA também encontrei os escritos de sua fala nos murais da faculdade e isto já foi fortalecendo um outro acesso daqueles diálogos. Era como o revisitar dos barcos, em que o regresso possibilita o fortalecimento e ampliação de uma aprendizagem. E mais tarde, acompanhando seus diálogos em uma palestra que fora convidado a proferir, de Epistemologia, na Universidade do Estado da Bahia - UNEB eu comecei a escutar e enxergar mais a sua polilógica.

Nesta palestra, enquanto ele falava e a representação da sua polilógica se movia ao fundo em uma projeção, observei em sua proposta as fusões nos movimentos de encontro e desencontro do conhecimento na criação de espaços e possibilidades de abertura e expansão da vida ao navegar em saberes tradicionais e quânticos; no relacionar com as diferenças diversas em suas complexidades de forma própria e apropriada; pressupondo campos transdisciplinares e multirreferenciais que se deslocam em uma ética ubuntu.

Com a revolução da física quântica, de acordo com Nicolescu (1999, p.30)), o seu grande impacto foi o de "colocar em questão o dogma filosófico contemporâneo da existência de um único nível de realidade" sendo realidade entendida como "aquilo que resisti às nossas experiências". Este autor aborda a realidade em suas dimensões transubjetivas e sociais, tendo a abstração como parte integrante e quanto aos seus níveis ele destaca que "dois níveis de Realidade são *diferentes* se, passando de um ao outro, houver ruptura das leis e ruptura dos conceitos fundamentais (como, por exemplo, a casualidade)" (NICOLESCU, 1999, p.31). Os níveis de realidade é um dos três pilares da transdisciplinaridade, juntamente com a lógica do terceiro incluído e a complexidade (NICOLESCU, 1999). Os diferentes níveis de realidade tem correspondência com os níveis de percepção e "o conjunto dos níveis de percepção e sua zona complementar de não-resistência constituem o *Sujeito* transdisciplinar." (NICOLESCU, 1999, p.63).

A Polilógica na propositura do Galeffi que considera a coexistência de diferentes níveis de realidade e percepção. apresentando, na relação espaço-tempo, os níveis de realidade de natureza macrofísico, microfísico, biológico e o cibernético quântico mental. Na polilógica há

o encontro de pontos de conexão que integra dialogicamente diferentes conhecimentos como ciência, filosofia, arte e mítica. O equilíbrio destas fusões que transita da multirreferencialidade com a transdisciplinaridade de Nicolescu (1999, p.33) salta no movimento entre um e outro, “ao aparecimento de pares de contraditórios mutuamente exclusivos (A e não-A)”. A partir da visão transdisciplinar na polilógica de Galeffi, essa saída da lógica binária do que é e não é com o terceiro incluído conduz a visão de unidade do conhecimento, na inclusão de polos que não se contradizem e emergem da complementariedade que integra.

Esse "e"do (A e não-A), esse espaço entre as polaridades, esse corredor de acontecimentos e encontros dialógicos que permite a relação, em suas aproximações e afastamentos, conexões, saltos. Essa terceira possibilidade que se abre em nossas próprias aberturas de apreensão e compreensão outras de ação que se integram, se complementem e que não se anulam. A lógica do terceiro incluído, conforme Nicolescu (1999, p.40), "é uma lógica da complexidade e até mesmo, talvez, sua lógica privilegiada, na medida em que permite atravessar de maneira coerente, os diferentes campos do conhecimento."

Nicolescu (1999) exemplifica com um bastão que há duas extremidades, a simplicidade e a complexidade, e entre elas há o indivíduo como o terceiro incluído. Assim, como uma aprendizagem de pensar e agir inclusivamente, encontrando uma terceira via humana que integre as polaridades vistas e/ou apresentadas também com o seu sentir, ampliando horizontes dicotomicamente traçados pela constituição do pensamento polarizado. Com isto, percebemos como uma prática constante de um pensar outro, de um querer que vislumbra outras possibilidades de agir, e sentindo novos horizontes a se criar em nosso florescer é que expansivamente nos abrimos a novas visões de mundo.

A exemplo desta reflexão quero trazer que a polilógica me faz reconhecer do que eu digo em muitas línguas; que em minha caminhada de aprendizagens fui reconhecendo, integrando e me apropriando de formas de saudações e reverências empáticas de falas que em mim tocam o coração, a partir das vivências com estas realidades. Saudações como: Mudita, Gashô, Om Shanti, Axé, Namastê, Jai Gurudev, Assim seja e assim é, Amém, Om Tare, Aho, Optcha, LuAmPa. Saudações que na trajetória passam a ter sentido e significado em seus encontros e articulações, como em algumas destas serem no ato da pronúncia acompanhadas com o gesto das mãos reunidas na direção do coração, na união das polaridades. Numa compreensão da Polilógica, uma expansão dos horizontes de possibilidades que interagem em múltiplas linguagens e lógicas uma totalidade includente em diferentes lógicas e níveis de organização da realidade que me conectam com a reverência, com o sagrado que há em nós. E que a sabedoria transdisciplinar nos leva, em exercitar harmonioso, a reunião das três facetas da realidade, sujeito, objeto e sagrado (NICOLESCU, 1999).

No grupo de pesquisa e estudo da Epistemologia Transdisciplinar da Complexidade – EpisTransComplex, um espaço para os encontros dialógicos e as vivências no acontecimento destes encontros com a polilógica, em sua natureza dialógica, participativa e inventiva, e os seus

conceitos operadores da transdisciplinaridade, complexidade e multirreferencialidade, filosofia da diferença, ética ubuntu, filosofia quântica, entre outros (LEAL et al., 2016). E nestes encontros a compreensão de próprio e apropriado começa nascer em mim entre e além do que o outro traz como relevância para minha visada, também pela clareza que gradativamente ou subitamente desponta no meu horizonte de compreensões, que se revela nas relações em divergências e convergências, conexões, pontes, aproximações e distanciamentos, implicações com os vividos, e na relações que estabeleço de significância e significado no movimento das apreensões.

A partir das experiências vividas e dos diálogos, o meu coração passou a bater mais forte no desejo de escrever com as questões que movem o Ser, que tocam a condição humana, da relação natureza ser, e dialogar com as memórias que emergem nas trajetórias. Nos caminhos que tocam nosso coração, a epistemologia do educar transdisciplinar proposta por Galeffi (2017, p.7), coloca que “a via do coração é o caminho do ser-sendo-outro. E o coração é uma imagem aproximada do que não tem termo e não tem limites em seu poder-ser. O coração é a morada do sentido em sua eferescência luminosa”. Para Galeffi (2017, p.7), o caminho é um espanto amoroso, “um movimento de autoconhecimento intensivo e que tem por meta o próprio acontecimento humano em sua saga aberta e inelutável. Uma retomada do que constitui a potência de ser transformante. A via invisível e valorosa do que tem coração.”.

A Epistemologia do Educar Transdisciplinar conecta e estabelece relações com a totalidade, com a unidade aberta do ser-sendo-outro vivente da sua autotransformatividade própria e apropriada; e me conduz em fluxo de consciência em uma autotranscedência em co-evolução humana, em que "Todo ser humano é livre para se abrir, através do seu próprio caminho e de sua autotransformação libertadora, para o autoconhecimento de seu destino espiritual"(NICOLESCU, 1999, p.83). E é esta visada de criação do caminhar em aprendizagens da Ecologia de Si que em tecituras com a Polilógica se manifesta em revelação com o seu desabrochar em florescimento.

Nesse campo de força criador, de múltiplos agenciamentos coletivos e territórios paralelos, a Teorização Pedagógica e Polilógica de Galeffi reuni quatro dimensões, que são as do aprender, aprender a ser, aprender a ser sendo e aprender a fazer, como atitudes aprendente, radical, crítica, filosófica de aprender-sendo (GALEFFI, 2019). Cada dimensão é trazida neste trabalho na relação com as estações e com suas aprendizagens.

Com a Polilógica observo a ultrapassagem das lógicas e modelos dominante, pois há um espaço aberto para o dialogar com o inacabamento que somos em nosso aprender a ser - a ver, a pensar, a falar e a escrever - em que nada é definitivo e "tudo é abertura para o aberto"(GALEFFI, 2001, p.533). Assim, essa abertura para o aberto quer dizer deixar-de-lado", "desmontar" a hegemonia de certas concepções de mundo e de ser, que tiveram o seu esplendor em épocas consumadas"(GALEFFI, 2001, p.320).

A polilógica na força de suas quatro dimensões traz uma sabedoria de vida e de um viver como uma arte de aprender "de um fazer-se propriamente humano, onde não lhe falte o sentido de liberdade que se conquista com a saída voluntária da caverna"(GALEFFI, 2001, p.317). E

nesta arte resistente de criação, Galeffi (2017, p.24) aborda que a:

A polilógica como teoriação do sentido próprio e apropriado paradoxal é o campo de força do exercício da diferença e da heterogênesa criadora incontornáveis. Neste âmbito, importa tomar o «território de resistência» não no âmbito físico-geográfico e sim no âmbito do que possui a velocidade do raio e ressoa trovejante rasgando a inércia das opiniões petrificadas. A polilógica mostra os múltiplos agenciamentos coletivos de resistência artística, compreendendo a todos como pontos-presenças de ímpetos criadores fora do controle da razão calculadora. O sinal de que múltiplas são as vozes da arte resistente em sua produção territorial acêntrica, policêntrica, multicêntrica. A questão é saber de que modo a potência de resistência da arte radical constitui territórios paralelos com sua ecologia própria, ambiental, social, mental e cibernética. E de como a ecologia da arte resistente é suficientemente potente para liberar-se dos mundos escravocratas que persistem como núcleos duros da repressão do desejo-vontade-ação de seres pertencentes ao multiverso inteligente e por sua própria dinâmica, um multiverso criador, conservador e transformador de toda matéria-energia simultaneamente, constituindo tudo o que conhecemos e desconhecemos como mundo e não-mundo em devir, obra de arte em devir que é o multiverso de nossa pertença espiritual, material, simbólica e poética em reunião polilógica. Uma polifonia para os ouvidos, uma justaposição do tempo em seu fluxo para a visão.

E quando Galeffi (2017) no traz a reflexão deste modo de potência nesta arte resistente em ecologias próprias podemos nos mover de modo a saltar perspectivas dominantes de controle e opressão, que como traz AGAMBEN (2010), “separa os homens da sua potência e, desse modo, torna-os impotentes”. É preciso compreender estes espaços de criação para encontrarmos um território de densidades outras onde possamos ultrapassar o senso comum e pensar a criação como espaço de uma nova ética (GALEFFI; MARQUES; NETO, 2016). E os saltos quânticos abrem em todos os níveis a porta da criatividade, em que “na física quântica, mudar a nós mesmos é fácil, pois sabemos como: por meio da criatividade” (GOSWAMI, 2018, p.51).

Quando nos possibilitamos, em nossos cotidianos a nos mover, em improvisos de aberturas imprevistas em nossas repetições, oportunizamos a agir de um modo outro, de um modo que nasce em nós mesmos como um movimento autêntico de expressão do nosso ser em seus modos de ser, fazer e viver. A repetição é importante disse Galeffi, na referida palestra na UNEB, e vivenciando repetições compreendi com ela a acessar a testemunha em mim e também como ela ajuda no exercício da percepção dos padrões. A repetição nos faz tomar consciência de algo que não percebíamos anteriormente ou não compreendíamos as inter-relações dos vividos e seus saberes, experienciando este revisitar conseguimos saltar, com o vir à tona uma revelação nos surpreende. É como a luz no horizonte que chega ou se despede, todos os dias se repete, e no entanto cada dia se difere a paisagem e o vislumbre de suas aparições.

É um ousar que se coloca na ação criativa e creadora, em passos na zona de coragem que fortalecem nossa potência e o deslocar em transposições outras. O novo paradigma é emergente e incerto, tem como propostas contemporâneas de desenvolvimento a complexidade dos sistemas, a formação de redes, a multiplicidade de vidas envolvidas; a discussão das racionalidades

criadoras deste surgem com as propostas de transição de velhas questões de preocupações sociais, econômicas, políticas, culturais, ambientais e espirituais, na grande virada pela construção de um futuro comum, justo, incluyente e responsável. Um exercício de atuação destas proposta, que observamos como uma aprendizagem tecida por todos nós que navegamos no DMMMD, além de aprender com estes postulados nos componentes cursados.

O caminho não previamente estabelecido e que requer do caminhante aberturas em movimentos, em deslocamentos do centro a borda e da borda ao centro, nas relações eu outro mundo. Da abertura, de acordo com Guattari (2012a, p.17), a “exploração processual das “singularidades” dos acontecimentos, enfim tudo aquilo que pode contribuir para uma relação autêntica com o outro”.

Esse florescer e essa trajetória que se revela no percurso é o que faz nascer em mim a minha compreensão do próprio e apropriado como um caminho de vida e de pesquisa. Nos diálogos com Dante Galeffi em nossos encontros de orientação, em sua fala me chega a compreensão que surge do próprio que são próprios de minha singularidade e dos apropriados, da alteridade de minhas relações, da reverência aos meus antepassados.

Eu me aproprio com as minhas experiências, com o que sinto e me implico, no pertencimento com o que me relaciono, com o que trago para minha realidade e transformo de modo mais apropriado com a minha individualidade. No processo de apropriação, esta integração com o que se acessa dentro e fora, as questões e informações que surgem no campo de possibilidades, quando me relaciono com as informações que chegam encontrando relações nas conexões que vejo e faço, nas inter-relações e pertencimento no modo que me imbrico, nos sentidos e significados que vão se contruindo neste relacionar.

Desse extraordinário que nos diferencia em nossas individualidades, do aprendizado que se opera com os modos de ser, fazer e viver, o próprio apropriado de Galeffi, da singularidade e relações do ser sendo aí no mundo-da-vida, me remete em conexão com Guattari (2012a), quando se refere aos processos de singularização que trazem à tona novas problemáticas ecológicas e a subjetividade como perspectiva de uma ecologia mental.

Nas trajetórias com o que surge neste percurso, navegamos com os acontecimentos em nossos processos de maturação e no alcance de nossas apreensões enquanto vivenciamos. A partir destas bases da fenomenologia e da Teoriação Polilógica, nos proporcionando aprendizagens como a subjetividade na revalorização dos sujeitos em suas singularidades, é que se deu a abertura de campo ao surgimento nos mergulhos biográficos nos passos que se revelaram da autoescritura do Eu; e nas experiências imersivas na Abordagem Somática Performativa.

2.3 Autoescritura do Eu

Prosseguindo com nossas bases conceituais da fenomenologia e da polilógica, na visão de mundo quântica a consciência é a base de toda a experiência, ela é a potencialidade da experiência. A experiência física é sensorial; a experiência vital com os sentimentos; a experiência mental é pensar; a experiência intuitiva nos dá as potencialidades arquetípicas dos nove arquétipos principais que são amor, beleza, verdade, poder, abundância, inteireza, justiça, bondade e o *self* do qual estamos aqui navegando (GOSWAMI, 2018).

Assim, o *self*, o si mesmo, o eu nos chega para dialogarmos com a autoescritura nesta outra base conceitual com a psicologia analítica com o seu fundador o psiquiatra e psicoterapeuta suíço Carl Gustav Jung (1875 - 1961). E com estas quatro formas de experiência que Goswami (2018) aborda do sensorial, do sentimento, do pensamento e da intuição, Jung et al. (2016) denominou de a bússola da psique, que correspondem a critérios determinantes da conduta humana, sendo algumas das formas "pelos quais a consciência se orienta em relação à experiência." (JUNG et al., 2016, p.74).

A escritura da vida propriamente dita do sujeito, feita pelo próprio Eu, ou si mesmo ou Self, é uma possibilidade de autoconhecimento que se abre no aprender de quem somos nós. Na fenomenologia do si (*self*) conforme Sokolowski (2004, p.128) "a fenomenologia é a exploração de nós mesmos em nossa humanidade"; e o si, "é disperso pelo corpo vivo e é ativo em todas as suas partes, não estacionado atrás dele. É identificável em sua inconsciência e até em sua vida corporal." (SOKOLOWSKI, 2004, p.138).

Para Jung et al. (2016), o *self*, o si mesmo, é a totalidade absoluta da psique, um centro interior que se diferencia do ego, que é uma pequena parte desta. Do encontrar com esta morada onde nós habitamos dentro de nós mesmos, nesta via do coração também acessamos o trabalho da Pedagogia da Vida BARRETO (2016) que nos diz da amorosidade que nos constitui enquanto *self*, em que o:

"ser amoroso é estar conectado com o cerne da Vida, aberto para o presente. O caminho para ser amoroso é "suspender" o ego e estar conectado com a verdade do coração – morada de si mesmo (*self*). Desta forma, a experiência amorosa, fonte de vinculação, verdade, sentido e transcendência, mostra-se presente na Vida cotidiana. Experienciar, formar e aprimorar esta condição amorosa do humano só é possível a partir de uma condição peculiar de entrega – seja nas relações sexuais, seja nos processos educativos formais, seja na própria relação com a natureza." (BARRETO, 2016, p.99).

Assim, continuando nesta abertura com este movimento de entrega em nossas relações, o Eu simboliza o objetivo do ser integral em sua totalidade e dele emerge um impulso de autorrealização cuja manifestação se dá pelo instinto. Os seus processos reguladores produzem os sonhos, em que Jung et al. (2016) ressalta a importância da investigação dos sonhos como modo de apreensão do *self*, sendo os sonhos um mensageiro do inconsciente ao consciente.

Nesta relação consciente e inconsciente, quando algo escapa a nossa consciência Jung et al. (2016) nos fala que ele não deixa de existir, só nós que o perdemos de vista, quando ele desvanece no inconsciente. E que podemos depois reencontrá-lo, tanto antigos como novos conteúdos podem emergir e que "Parte do inconsciente consiste, portanto, de uma profusão de pensamentos, imagens e impressões provisoriamente ocultos e que, apesar de terem sido perdidos, continuam a influenciar nossas mentes conscientes."(JUNG et al., 2016, p.35). Sejam questões do passado bem como também podem surgir ideias criadoras e situações psíquicas futuras e pensamentos novos que não foram conscientes.

Assim, de acordo com Jung et al. (2016)) os acontecimentos que vivemos e não tomamos consciência são absorvidos por nós subliminarmente e podem ser percebidos por nós por uma intuição, uma reflexão profunda ou por um segundo pensamento na forma de um sonho. Também afirma que o aspecto inconsciente de um acontecimento nos é revelado por meio de sonhos, onde se manifesta não como um pensamento racional, mas como uma imagem simbólica.

Pelos sonhos passamos a conhecer aspectos de nossa personalidade, como o exemplo de seus atributos trazemos o da sombra, um outro conceito de Jung et al. (2016)) em que "Quando uma pessoa tenta ver a sua sombra ela fica consciente (e muitas vezes envergonhada) das tendências e impulsos que nega existirem em si mesma, mas que consegue perfeitamente ver nos outros."(JUNG et al., 2016, p.222). Aquilo que vemos e rejeitamos no outro é como espelho que revela o que há em nós mesmos.

No caminho de encontro com este centro organizador do EU, a personificação do inconsciente se dá com o *self*, as sombras e também com a anima e animus que são formas de expressar a nossa individualidade. A esclarecer, anima sendo elemento feminino no inconsciente masculino e o animus o elemento masculino no inconsciente feminino (JUNG et al., 2016)). O caminho de aprendizagem humana esta em se harmonizar com estes pólos das formas femininas e masculinas, conscientes e inconscientes que nos constituímos.

Foucault (2017) também ressalta a importância dos sonhos como prática de vida e considera os sonhos como um oráculo, um conselheiro silencioso de onde podemos obter elementos de interpretação, dos sentidos, tendo assim um valor de diagnóstico. Os sonhos obedecem a esquemas que Jung et al. (2016) chamou de processo de individuação, e o *self* surge quando o sonhador está vivendo momentos críticos ou de mudanças na vida. Dessa forma,

"O verdadeiro processo de individuação — isto é, a harmonização do consciente com o nosso próprio centro interior (o núcleo psíquico) ou *self* — em geral começa infligindo uma lesão à personalidade, acompanhada do conseqüente sofrimento. Este choque inicial é uma espécie de "apelo", apesar de nem sempre ser reconhecido com o tal."(JUNG et al., 2016, p.219).

Em em nosso crescimento e maturação nossa natureza humana, a consciência, o *self*, os sonhos, o inconsciente, a sombra, a anima e o animus, a individuação que vimos aqui são alguns dos norteadores que constituem a psicologia analítica. E juntamente com esta base de

compreensão do Eu, somamos com o percurso biográfico com a narrativa, que é uma outra base conceitual na construção desta autoescritura.

No exercício de compreender e no mover da ação de querer dar conta da historicidade de nossa própria existência no aporte do discurso narrativo que nos "mantém a relação mais direta com a dimensão temporal da existência e da experiência humana."(DELORY-MOMBERGER, 2012, p.525). A pesquisa biográfica, na abordagem hermenêutica e fenomenológica, que de acordo com Delory-Momberger (2012, p.524-525) "estabelece uma reflexão sobre o agir e o pensar humanos mediante figuras orientadas e articuladas no tempo que organizam e constroem a experiência segundo a lógica de uma razão narrativa".

Refletir nas polaridades do pensar e do agir humano que Delory-Momberger (2012) traz à tona, a terceira via do sentir, a via do coração que trazemos aqui em ressonância com a antroposofia, onde o pensar e agir se integram com o sentir da entidade humana. Na compreensão deste agir outro integrado nesta trimembração humana é que surge nesta jornada as leituras biográficas antroposóficas de Gudrun, a pesquisa biográfica com Delory-Momberger (2012) e as narrativas com Souza (2004), que em um segundo momento da pesquisa chegaram fortalecendo esta construção no caminho desta escrita de si.

E quando Delory-Momberger (2012) se refere a uma lógica de uma razão narradora nos remete ao trabalho de Souza (2004, p.13) da compreensão que ele traz em relação ao movimento narrativo, em que ele diz que:

A escrita da narrativa remete o sujeito a uma dimensão de auto-escuta, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e as aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si. É com base nessa perspectiva que a abordagem biográfica instaura-se como um movimento de investigação-formação, ao focar o processo de conhecimento e de formação que se vincula ao exercício de tomada de consciência, por parte do sujeito, das itinerâncias e aprendizagens ao longo da vida, as quais são expressas através da meta-reflexão do ato de narrar-se, dizer-se de si para si mesmo como uma evocação dos conhecimentos construídos nas suas experiências formadoras.

Com Souza (2004) também vamos juntos navegando nesta abordagem biográfica, na escrita da narrativa de si em reflexividade que nos fortalece a consciência do percurso e da historicidade pessoal num mergulho investigativo que construímos como sujeito de nossas próprias trajetórias, na compreensão destes saberes que emergem de nossas experiências e que dão significado e sentidos a estas. E assim se deflagra com esta autoescritura o processo de autoconhecimento, nesse conhecimento de si, outro e mundo, na singularidade humana, com nossa individuação vamos construindo aprendizagens – em nosso pensar, sentir e agir, nos nossos modos de viver e morrer, de nos relacionarmos e cuidarmos de si, do outro e do mundo – que nos possibilitam transitar em um tempo trazendo um novo caminhar com outros passos para antigas e novas questões que surgem no mundo-vida. É no encontro com as pessoas, na relação eu-outro-mundo, da influência que as pessoas exercem sobre nós bem como a que exercemos

sobre elas, dos fatos e sentimentos das experiências vivenciadas, que percebemos e conectamos com a nossa individualidade e com a humanidade do outro.

Um dos princípios que norteiam a Ecologia de Si é o ritmo e ele é assim descrito: A vida tem seus ritmos e viver ritmicamente nos fortalece. Com o ritmo as noções de tempo foram surgindo na autoescritura. Nesse tempo biográfico, que ao longo da vida que construímos aprendizagens, faço referência com o tempo que Nicolescu (1999, p.34) discorre como tempo vivo, em que "ele contém em si mesmo tanto o passado como o futuro, não sendo nem o passado nem o futuro. O pensamento é importante para apreender toda a riqueza do tempo presente." Ele também aborda que este tempo vivo se encontra na Natureza e questiona se a natureza ao invés de um livro morto é um livro vivo continuamente escrito. Presente como um tempo vivo, natureza um organismo vivo, essa organicidade dinâmica do tempo da vida é de uma natural complexidade e a compreensão de sua auto-organização muitas vezes nos escapa na formação espaço-temporal de seus padrões complexos e plurais.

Essa temporalidade da experiência, na perspectiva biográfica na construção deste tempo biográfico na relação do sujeito com o adoecimento e com suas fragilidades, é que que Delory-Momberger (2012, p.26) nos questiona:

Que tempo é este que se instaura então, o tempo da doença. Será um tempo da impotência, um tempo morto? Será o tempo de uma experiência que, tocando o corpo, nos faz experimentá-lo de outra forma, em sua fragilidade e seus limites, e nos ensina nossa finitude? E se for, qual(is) o(s) caminho(s) aberto(s) então por essa aprendizagem?

Confesso que chegar até aqui, de sentar e escrever sobre tais histórias, foram desafios vividos de grandes mudanças e aprendizados nos modos de ver a minha própria história como uma testemunha. Fazer estes relatos foi um processo de aprendizagem, deixei fluir e o que se revelou inicialmente foi uma escrita de mim. Foi um movimento de vida imbricado nesta construção, vivendo o não saber e o não conseguir traduzir ou aquietar o passo me levaram o tempo; o tempo que foi necessário para me fazer pousar. Esse exercício me trouxe revelações de aspectos que precisam ser vistos e tornou-se uma escritura terapêutica em seu processo de acontecimento. A escrita desta história, na escrita de si, é uma arte terapêutica para minha jornada, que me faz olhar, falar e escrever do passado que reacende no presente e no futuro que reflete.

Nessa dança em que nos deslocamos no tempo, revisitando o passado, abrindo o porão e o baú das memórias, balançamos mais leve ao voltar ao presente e seguimos imaginando futuros possíveis e desejáveis, regressando ao presente, ao acontecimento pleno e onde toda história é vivida e assim construída. E conforme Burkhard (2000, p.21):

A intenção do trabalho biográfico não é a pessoa se prender ao passado, mas entendê-lo e integrá-lo para poder viver o presente, livre do passado, e nortear melhor o futuro - à medida que ela amadurece se torna cada vez mais livre, Para

isso, no entanto, é preciso ter elaborado, integrado e aceito o próprio passado. Caso contrário, o passado algeima e amarra.

A importância da intencionalidade, do amadurecimento na construção deste conhecimento que é feito em uma relação temporal, nessa abertura para aprender com o que emerge neste tempo vivo e biográfico, em reflexividade com a experiência que nos toca e no atravessa em nossos percursos, do modo como vivemos, da poesia da vida nos convoca a viver. A consciência, manifesta do ser nas relações em interdependências sistêmicas, se revela em sonhos, poesias, em artes e expressões do inconsciente, do instinto, das memórias corporais, encontrando caminhos outros de contar sua própria história.

Esse mergulho em nossa própria história, no revisitar de nossas memórias das nossas trajetórias que se atravessam no tempo, dá clareza aos acontecimentos e a possibilidade de novas visadas surgem. E o que se revelou em mirada foi um desconhecimento de parte da história dos terapeutas das PICS, a de como se tornaram terapeutas, de como se deu esta transição de ser e se reconhecer ocupando este lugar de cuidado em suas relações. E isso me motivou a olhar com clareza para as histórias que se entrelaçam ao percorrer esta trilha, de me reconhecer neste percurso, com o gênero autobiográfico e nas narrativas me fizeram olhar e navegar neste caminhar com suas histórias.

Na relação com as modalidades de escrita do Eu, na construção da memória alguns elementos vão compondo o testemunho, como a observação, a performance, a imagem e a autoescrita fazendo referência aos conceitos de diário e autobiografia (SELIGMANN-SILVA, 2010). Com o diário, em que tende a ver como uma escrita performática, tem-se:

“as marcas e traços do presente de sua escritura. O diário produz páginas que se embaralham com a vida de seu autor-protagonista. Nele somos tocados pelo ar que o personagem respirava . . .] o diário possui também uma respiração, um ritmo, que expressa a situação anímica e corpórea de seu autor (SELIGMANN-SILVA, 2010, p.180)

Há de destacar as imagens e sua contribuição com a força de memória das trajetória. Nas trajetórias algumas imagens não foram vistas e compreendidas no primeiro instante, elas se revelaram em momentos outros quando também já acessava outras compreensões. Imagens que passaram despercebidas e que são tão significativas quando passamos a enxergar a sua potência e fazer relações e conexões.

E com os relatos esse caminho foi se abrindo para ação. Consideramos que o relato, em sua operação constitutiva "o enredamento tem, portanto, uma dimensão performativa. Ele age e produz ação, e a ação que produz se exerce sobre o texto enquanto forma, mas se exerce também sobre o agir humano a que se refere o texto"(DELORY-MOMBERGER, 2012, p.529). Nesse percurso em que nos alternamos entre protagonista e testemunha, e na dimensão afetiva é que chegamos ao encontro com a performance em que vamos nos (re)conhecendo quanto

mais a experienciamos nas vivências e que vamos tecendo a seguir do nosso aprendizado com a abordagem performativa .

2.4 Abordagem Somático-Performativa

Minha aprendizagem nesta abordagem tem como início em primeiro de junho de dois mil e dezessete, a partir das vivências no componente de Laboratório de Performance (TEA 794) com Ciane Fernandes, professora titular da Escola de Teatro do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas - PPGAC da UFBA e fundadora, diretora e performer do Coletivo A-FETO de Dança-Teatro/ UFBA.

A professora Ciane Fernandes, com o seu percurso formativo graduada em enfermagem, licenciada em artes visuais e especialista em saúde mental (arteterapia); mestre e Ph.D. em Artes Humanidades para Intérpretes das Artes Cênicas, Analista de Movimento pelo Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies (New York), e pesquisadora associada; pós-doutora em Comunicação e Cultura Contemporâneas pela UFBA vai possibilitando construções e contribuições com este corpo performativo de abordagem que ela propõe.

Na abordagem que FERNANDES (2015) vem denominando Somático-Performativa - PSP envolve todas as fases de uma pesquisa, está inserida na modalidade de Prática como Pesquisa – PaR, e se baseia no método do Movimento Autêntico, na Análise Laban/ Bartenieff de Movimento (LMA), na dança-teatro, e na performance, "para propor processos de pesquisa transversais e integrados, regidos pelo movimento, compreendido e vivenciado como pausa e(m) impulso." (FERNANDES, 2013, p.28).

A Abordagem Somático-Performativa de acordo com FERNANDES (2015, p.81) "é uma modalidade de Prática como Pesquisa (PaR) – metodologia que vem se mostrando como um paradigma coerente e promissor para as artes que enfatizam o corpo e seus processos como forma de criar conhecimento.". Neste mover, na integração com a experiência vivida é que a performance surge no diálogo com as aprendizagens corporificada num caminho que seguimos abertos nas possibilidades que emergem em um campo vibratório de revelações no horizonte de potencialidades a navegar, nos descobrindo enquanto navegamos nos desconhecidos territórios, com surpresa e espanto nos reconhecendo a cada possibilidade vivenciada (LEAL; FERNANDES; GALEFFI, 2020).

Nesta abordagem, Fernandes associa a somática com o que Brad Hasemann defende e apresenta como Pesquisa Performativa em movimento de “não apenas de colocar a prática dentro do processo de pesquisa, mas de guiar a pesquisa através da prática (HASEMAN, 2006, pp.2, 3)”. É importante ressaltar este movimento de inversão do fazer científico, este fazer outro da prática acadêmica de criar conhecimento. Um saber fazer que nos convida ao ato da escrita, a fluir neste processo de escrita em performance, a escrita em processo é performance. Perceber e olhar com clareza para este mover que nos desloca em um ato de cuidado e atenção que se

vivência com a escrita em seu acontecimento nos colocamos em presença.

Vamos incorporando compreensões destas revelações vibracionais com campo epistemológico da somática que é adotada nesta abordagem conforme Fernandes (2014, p.82) nos apresenta na relação da origem do termo com a cultura védica, nos hinos do Rig Veda, que aborda Wilson (1857) das brilhantes gotas de alegria do chamado suco Soma, considerada uma bebida divina como parte entre homens e deuses com seu poder de elevar. E assim nos diz que:

O termo Somática (Somatics) inspira-se na palavra grega para “corpo vivido” (“Somatikos”), que por sua vez inspira-se na bebida sagrada relatada nos Vedas (soma), e reinterpretado como o corpo experienciado internamente. O termo foi usado pela primeira vez por Thomas Hanna em 1976, para descrever abordagens de integração corpo-mente que ele e outros terapeutas e educadores estavam desenvolvendo.

Fernandes (2018) nos relata com a dança-teatro na pesquisa com a dança clássica indiana de estilo Bharatanatyam no período de setembro de 2001 a janeiro de 2002 lhe proporcionou relações somático-performativas e conexões com a dança-teatro contemporânea, da importância da cultura védica para as artes cênicas.

Em somática estuda o soma, que é o corpo como ele é percebido de dentro, pela percepção em primeira pessoa (HANNA, 1986). A minha compreensão, a partir das vivências com a Abordagem Somático-Performativa, é que a somática nos convida a saltar de um mover de fora dentro – muitas vezes automatizado com esse movimento aprendido da vida cotidiana que tem pressa com a sua agenda de compromissos atribulada – de modo a alternarmos a um mover que vem de dentro fora, na consciência do movimento, em que nos deslocamos com atenção incorporada com o nosso passos em nosso caminhar na vida.

Das práticas que tem sido chamada de Educação Somática destacam-se a de Irmgard Bartenieff, fundadora do Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies; a de Bonnie Bainbridge Cohen, fundadora da School for Body-Mind Centering - BMC (Escola para Centramento Corpo-Mente), as de Mathias Alexander e de Moshe Feldenkrais, entre outras (FERNANDES, 2010).

Na educação somática há uma perspectiva que aborda a ecologia somática. Na “ecologia somática, o soma tende à autonomia e independência de seu ambiente enquanto tende a desejar e depender dele – tanto social quanto fisicamente” (HANNA, 1976, p. 32). Ao refletir sobre essas tendências na relação eu ambiente, me faz pensar na sala de Laboratório de Performance no PAF V da UFBA, há um chão com tapete azul que me sustenta, há janelas que traz o vento e o som das folhas, que se mescla com o som do vento no entra e sai das narina ou boca, porta para chegar e sair, quadros em que escrevemos, cadeiras, estantes, luz. Esse ambiente em que nós nos encontramos, vamos criando com ele, e mesmo com toda ebulição interna em que estejamos, quando no rolar o corpo no chão e o pé encontra uma parede, e ali se abre uma possibilidade de exploração com o contato e/ou seguir com o movimento que se estava. Se penso a nível de energia e em outras condições ambientais, me movo mais nessa visão trazida Hanna (1976),

por entre o que tende a dependência e independência, na visada da interdependência em que dançamos eu outro ambiente.

E com a ecologia somática encontro uma ponte de conexão com o movimento autêntico. A trazer primeiramente a compreensão de Movimento Autêntico, que conforme Fernandes (2010, p.1), é:

é um método de arte-terapia desenvolvido por Mary Starks Whitehouse (1910-2001) nos anos de 1950 e 1960, após estudar com Mary Wigman, colaboradora de Rudolf Laban. O método associa dançar de olhos fechados e em silêncio à psicologia de Carl Gustav Jung e à troca de feed-back entre parceiros (“realizador” e “testemunha”).

Fernandes (2018, p.179) relaciona o movimento autêntico que também foi chamado por Mary Whitehouse de movimentos em profundidade, associando com a ecologia profunda, dessa vida mais interna em conexão com o ambiente abordando que “Nesse contexto ecocêntrico, autenticidade é justamente diluição no ambiente, isto é Imersão Corpo Ambiente.”. Assim, na vivência com o movimento autêntico ele acontece em um pareado, por uma pessoa que entra no fluxo da ação em seu mover de olhos fechados e com a presença de outra pessoa que fica no campo do testemunho. Testemunhando toda dinâmica do movedor, a testemunha também se coloca à disposição de um cuidar de quem está se movendo na entrega. Com o movimento autêntico o testemunho ganha mais espaço de compreensão e Fernandes (2018, p.39) ressalta que:

O nome "testemunha" em vez de "observador" é interessante, pois implica em uma sintonia somática com o colega, sem julgamentos ou críticas. Vale ressaltar também que autêntico, nesse método, implica na experiência processual de conexão com o(s) impulso(s) e ser guiado por ele(s), e não necessariamente um movimento inédito.

A vivência deste movimento acontece e depois dela, na dinâmica com o Laboratório de Performance, há o registro das experiências vivenciadas - em sua expressão em desenhos e escritas - compartilhamento das percepções em dupla e a troca de papéis da dupla, iniciando um outro ciclo. Fechar os olhos e dançar é, para mim uma entrega e, um chamado para ver com todos os sentidos, com a visão de dentro-fora e prosseguir com abertura do olhar para um fora-dentro outro agora que se pode presenciar com esta expansão instaurada que se alterna em protagonismo e testemunho.

Assim, a dança nasce em mim, no ambiente em que encontro, no ritmo, como no pulso e na batida, e surge dessa relação eu ambiente com os impulsos e percepções; me movo com a dança da vida que se estabelece ali naquele momento. O que emerge desse mover em mim e de nós, eu outro ambiente, essas conexões em campo são revelações destas relações com os encontros em aproximações e distanciamentos, aberturas e fechamentos, em que nos oportunizamos experienciar um mover outro a cada encontro com suas possibilidades. E vamos

contando e construindo nossas histórias em movimentos não elaborados que espontaneamente surgem para com eles vivenciá-los

Pensando com esta Imersão Corpo Ambiente, corpo-ambiente em fluidez imersiva com a vida em movimento, corpos em movimentos imersivos, o movimento com seus fatores e qualidades foram a mirada do pesquisador, dançarino e criador da dança teatro Rudolf Laban (1879-1958), que desenvolveu sistema Laban com trabalho dedicado ao estudo do movimento.

Sua obra era classificada em Eucinéctica - relacionada as qualidades dinâmicas do movimento considerando os fatores de fluxo, peso, espaço e tempo - e Corêutica - "série de relações geométricas entre o corpo e o espaço dinâmico, incluindo Dimensões, Diagonais e Planos, visando ativar o espaço tridimensional ao redor do corpo."(FERNANDES, 2010, p.4-5)

Com o trabalho desenvolvido por Irmgard Bartenieff (1900-1982), discípula de Laban, fundadora do Laban/Bartenieff Institute of Movement Studies, a partir do Sistema de Análise de Movimento Laban, fortalecendo as categorias propostas por Laban e incluindo novas, configuram-se o sistema de Análise Laban/Bartenieff de Movimento (LMA) as categorias as Corpo-Esforço-Forma-Espaço (FERNANDES, 2010). Ela também gerou os Fundamentos Bartenieff cujos princípios são a respiração e as correntes de movimento, o suporte muscular interno, a dinâmica postural, as organizações corporais e o Desenvolvimento Neurocinesiológico (DNC), as conexões ósseas, a transferência de peso para a locomoção, a iniciação e o sequenciamento de movimentos, a rotação gradual e o movimento corporal tridimensional, a expressividade para a conexão corporal, e a intenção espacial (FERNANDES, 2012).

Assim, com este solo fortalecido em suas bases constituintes referidas desta abordagem podemos adentrar mais na proposta desta abordagem a partir dos vinte princípios, dinâmicos e abertos, em movimento, que norteiam a PSP. Estes foram identificados por FERNANDES (2015) em quatro fundantes, doze temáticos e quatro contextuais conforme ela explicita abaixo:

"Os quatro princípios fundantes dão sustentação à abordagem. São eles: Arte de/em Movimento como elemento-eixo; Processos e estudos têm constituição viva e integrada – soma; Ser guiado pelo impulso de movimento; Performance e interartes como (anti-)método. Os doze princípios temáticos detalham conceitos advindos de uma prática exploratória. São eles: Pulsão espacial ou inteligências autônomas inter-relacionais; Sintonia somática e sensibilidade; Sabedoria somática ou inteligência celular; Energia, fluxo e ritmo – ebulição e pausa; Espaço-tempo quântico e sincronicidade; Padrões cristal, Repadronização e decolonização; Criatividade e imprevisibilidade; Conexões – fronteiras fluidas; Criação de associações e sentido a partir dos afetos; Coerência interna e(m) inter-relação; Imagem somático-performativa; Espiritualidade encarnada ou soma sagrado. Os quatro princípios contextuais relacionam a abordagem a outros campos do conhecimento de forma mais explícita e criam um todo inter- -relacional e dinâmico. São eles: Integração; Abertura participativa e poéticas da diferença; Sustentabilidade e ecologia profunda; Multi-Inter-Trans ou MIT disciplinabilidade – arte como eixo de diálogo entre diferentes campos do saber."(FERNANDES, 2015, p. 82-83)

Com a performance e a educação somática, os acontecimentos vão se auto organizando

por si, e se instauram em soma, na medida que damos atenção a percepção, abre para as pulsões que surgem trazendo à tona um mover e ser movido, em sua fluidez. As sintonias somáticas vibram em/na propagação que se move e nos move. É uma revelação do ser pelo corpo mente em movimentos manifestos. Às vezes é no impulso ou numa repetição que nasce o movimento, o impulso que cria, também pode surgir de algum tensionamento que emerge do e no ser. E cria todo um ato, uma cena inteira, com os elementos disponíveis no espaço que podem criar conexões e sentidos gerando materialidade.

A Pesquisa Somático-Performativa – PSP se dá nas vivências de cada participantes que estão em conexão com os acontecimentos vividos e com as práticas de educação somática no Laboratório Performance, nos caminhos da escrita tese e experiências do ser que emergem destas práticas. O mover-se em performance surge em sincronicidade com os acontecimentos da vida que ressaltam no corpo como são sentidos, percebidos, intuídos. Observo o que significativamente nos marca de nossas trajetórias vem à tona e se revela na performance. O corpo vivo e pulsante em veias, suor, lágrimas, coração, pés, mãos... essa vida corporificada e esse corpo vivido. O corpo que se revela vivo em multidimensionalidade de expressões. O corpo vivo e vivido que conta a história de suas memórias contidas no corpo, que emerge na sabedoria do que está porvir a cada instante em seus impulsos; e nas repetições que surgem em movimentos contínuos evidencia e salta padrões.

Essa aprendizagem corporificada experienciada com esta abordagem nos faz perceber como estamos imbricados nesta escrita da ecologia de si. Com o vivenciar, testemunhar, dialogar e relatar os acontecimentos vivenciados relacionando-os com as percepções dos sentidos e significados fomos construindo com o que nos atravessa e das compreensões que nos saltam em intuições, pensamentos, sentimentos, emoções, impressões e memórias acessadas e emergidas enquanto a escrita acontece. Nas trajetórias e suas andanças vamos dando nossos passos entrelaçados.

2.5 Reflexões em percurso

Compreendemos a importância da fenomenologia no surgimento das linhas holística bem como no seu fortalecimento em seu caminhar entre e além das concepções de bem estar integral do Ser, nos atos intencionais da consciência e de imanência do poder ser da pre-sença na abertura como modo de revelação.

A antiga visão de mundo e a transição na revolução quântica revelam os desafios na construção de novos caminhos, ultrapassando fronteiras e ampliando a borda do conhecimento que se dão com a descontinuidade, a não localidade, a complementariedade, o domínio de potencialidade com a consciência, a multirreferencialidade, a transdisciplinariedade, a complexidade.

Com a Polilógica e a Epistemologia do Educar Transdisciplinar o caminho do aprender coerentemente a integrar este e outros saberes que nos chegam e dialogarmos com as aprendiza-

gens da inclusão, união, abertura de horizontes do ser sendo outro vivente em fluxo de consciência própria e apropriada, em poliética e poliestética vamos construindo a nossa autotransformadora liberdade pela via do coração.

Neste caminho da consciência nos abarcamos com o self que nos leva a conexões consciente e inconsciente, como os sonhos e outras chaves que nos possibilitam autoconhecimento e amadurecimento. Vivenciamos nosso processo de individuação no encontro com o Eu em nossa biografia e com a narrativa de si as revelações emergem ao campo da consciência enquanto de se escreve.

Com a dimensão performativa o diálogo com as aprendizagens corporificadas, movimentos de inversão, imersão, entrega fluência, impulsos, diluição, soma, conexão, integração, elevação corpo corpos vivo vividos entre correntes de pensamento com seus conceitos e desdobramentos se revelando nas formas de criar conhecimento.

3 Verão

Chega o verão, vagarosa nau, de um trêmulo horizonte,
com seu andar de floresta e seus odores enevoados
de resinas espessas e tormentas no alto da tarde.

Cecília Meireles, *Chega o Verão*.

A primavera e o verão são estações expansivas e nelas são experienciados o expandir inspirativo do centro das bordas, respectivamente, dos caminhos e práticas na trajetória tese. Dos movimentos de abertura realizados nos caminhos surgidos na primavera nesta tese, o verão surge fortalecendo esta expansão no encontro com práticas que fazem repensar o nosso estilo de vida bem como nos proporciona condições de saúde e bem estar.

Com o solstício de verão, o início da estação e a maior incidência dos raios solares iluminando horizontes possíveis do percurso. O verão já chegou ser dividido em verão e estio – este um prolongamento do verão – caracterizando que nesta estação há momentos úmidos e secos.

Na atitude filosófica da polilógica estamos na dimensão do aprender a ser guiados pelo princípio da prática comunitária (GALEFFI, 2019). E são nas práticas ecológicas e integrativas que estas aprendizagens comunitárias são trazidas no percurso desta tese. As comunidades de aprendizagem que surgem na relação eu outro, a sabedoria de viver em coletividade inspiram novos coletivos que replicam e validam estas práticas como possibilidades de referências de trilhas de um viver em mais harmonia.

Na inspiração de comunidades de aprendizagens, pensar um sistema de saúde que seja vivido no cotidiano de vida das pessoas, no modo como elas vivem surge como um horizonte de possibilidades em práticas de (auto)cuidado contribuindo com esta construção.

Com o movimento com os barcos que abordamos inicialmente com a Primavera, para também contar desta estação neste barco que pegamos e com ele fomos navegar. Em muitas margens chegamos, outras repousamos, algumas só passamos, outras nem notamos e algumas retornamos e revisitamos. E um sol e lua de mais intensa luz seguimos em mais um verão em tantas travessias aprendemos a veranejar com a vida em alegrias desprogramadas, em um tempo que sorri a alma, em margens que beiram a liberdade. desponta espaço aberto para brincar, amar e junto estar. Cada novo verão que nascem novas inspirações abrem novas visadas como raios de luz enxergamos novas possibilidades nas trajetórias do florescimento.

3.1 As Práticas da Grande Virada

O viver em comunidade, com suas aprendizagens coletiva e colaborativamente construída em vínculos, traz a perspectiva das ecologias que emergem com suas questões ambientais, sociais, políticas, culturais, espirituais nas relações convivência. A contínua possibilidade de vivenciar aprendizagens ecológicas integrativas coletivamente na prática cotidiana é o cenário vivo de algumas comunidades que geram saberes entre si com seus vividos, na abertura e expansão de suas potencialidades.

O viver em coletividade e “a busca por formas mais “simples” e orgânicas de se alimentar, de vestir, de se curar, de morar, fizeram surgir diversas experiências e práticas, onde a inovação estava na busca por uma forma de viver comunitária, mais integrada ao ambiente e às pessoas a sua volta.”(JR, 2006, p. 4). Nesta convivência, o cultivo de aprendizagens também o desenvolvimento da confiança, do respeito e da aceitação das diferenças e singularidades e o fortalecimento da comunicação são formas de cuidado destas relações.

Neste caminhar do aprender a ser comunidade, o conceito de Comunidade de Práticas – CoPs nos fornece uma perspectiva útil em conhecimento de pessoas e organizações que querem se empenhar dentro de um processo coletivo de aprendizagem compartilhada como uma chave para melhorar o desempenho dos praticantes em diferentes contextos em que se encontram (WENGER, 2009).

De acordo com Wenger (2011), três características são fundamentais para as comunidades de práticas: o domínio, no compromisso de um domínio específico de interesse ou uma competência partilhada; a comunidade, se envolver em atividades conjuntas e discussões, ajudar uns aos outros, e compartilhar informações; e a prática, no compartilhamento de um repertório de experiências, histórias, ferramentas e formas de abordar problemas através da interação. Burnham (2012), em sua abordagem de formação de comunidades cognitivas ressalta os fatores que contribuem para esta geração, que são a educação, os sistemas de aprendizagem e as redes.

Há diversas comunidades de práticas de aprendizagem que em suas trilhas ecológicas têm inspirado a transformação individual e coletiva bem como trazido esperança para o mundo. E este aprendizado “tem lugar tanto na mente como no coração, beneficiando mesmo todos os chakras.” (MACY; BROWN, 2004, p.16). É uma revolução ecológica, cognitiva, perceptiva um despertar espiritual em nossas consciências e em nossas vidas, em que as pessoas estão apreendendo e agindo em defesa não-violenta da Terra e de seus habitantes; as possibilidades de redução de danos, criação de alternativas e promoção de mudanças profundas no modo de perceber a realidade (MACY; BROWN, 2004).

E a esta revolução amorosa de pessoas atuando em comunidades em relações de cuidado sistêmico que surge o conceito de grande virada, aqui trazido por Macy e Brown (2004, p.20) como uma transição de uma sociedade de crescimento industrial à sociedade de sustentação da vida, que:

“está em curso uma revolução silenciosa, provocando mudanças sem paralelo em nossas maneiras de ver, pensar e entrar em contato com o mundo. Imagino que as gerações futuras analisarão este período e lhe darão o nome de “Grande Virada”. É a passagem marcante de uma sociedade autodestrutiva e voltada para o crescimento industrial, para uma sociedade que dá sustentação à vida.

A este movimento, MACY e JOHNSTONE (2016) identificaram três dimensões que caracterizam a Grande Virada. A primeira dimensão são as ações defensivas, elas "interrompem a desestruturação social, cuidando dos que sofreram danos e protegendo as comunidades contra exploração, guerra, fome e injustiça. Essas ações defendem nossa existência compartilhada e a integralidade da vida em nosso lar planetário.” (MACY; JOHNSTONE, 2016, p.136). A segunda dimensão chamada de práticas e sistemas com vidas sustentáveis se ocupa em repensar e redesenhar estruturas e sistemas na sociedade de fomento a cultura sustentável; e a terceira dimensão chamada de mudança na consciência aborda o self conectado, no senso de pertencimento e entrelaçamento com o mundo, na maneira como pensamos e percebemos a nós mesmos e o mundo (MACY; JOHNSTONE, 2016).

Da diversidade de movimentos e organizações que atuam com proposta ecológicas, as práticas que são trazidas aqui foram escolhidas pelo forte senso de comunidade e do estímulo a aprender a ser nestas relações que elas possibilitam como comunidade de práticas de aprendizagem. Na busca de um aprender a ser menos destrutivo e de encontrar sabedorias coletivas e de resgate a saberes tradicionais que possibilitem viver em de forma mais harmoniosa com o todo.

Também na visada da inter-relação da ecologia, arte, educação e saúde, observou-se algumas destas práticas oriundas e/ou impulsionadoras de uma educação gaiana, nas convergências práticas de permacultura, agroecológicas, de visões holísticas, integrativas e sistêmicas. Com elas vamos seguir navegando na abordagem ecológica em territórios, que se instaura na intenção de um saber ser e fazer lúdico e colaborativo em rede solidária.

3.1.1 O Design de Ecovilas

O surgimento das ecovilas se deu em contraposição ao modelo hegemônico globalizante, na busca de formas de viver a vida diferente da lógica dominante, na harmonização do homem com a natureza. A necessidade de um outro caminho deu abertura para reinvenção de um estilo de vida, onde novas ideias que contribuíssem para um padrão de consumo menos impactante fossem concretizadas.

Diferentemente dos aglomerados urbanos, as ecovilas foram definidas, pelo filósofo norte-americano Robert Gilman, como “um assentamento de escala humana, multifuncional, no qual as atividades humanas são integradas sem danificação ao mundo natural, de forma a apoiar o desenvolvimento humano saudável, podendo continuar no futuro indefinido” (GILMAN, 1991). Assim, o cuidado com a pessoa humana e com o mundo natural constituem como princípio

para estes assentamentos que já foram denominados de comunidades alternativas em alusão ao movimento libertário de contracultura da década de 60.

As ecovilas desenvolveram um modo de vida com base em um conjunto de práticas que fazem frente a problemáticas socioambientais como educação, saúde, lazer, transporte, saneamento básico, lixo urbano, segurança, habitação, dentre outros. De acordo com a Global Ecovillage Network – GEN (Rede Global de Ecovilas):

“Ecovilas são comunidades rurais ou urbanas de pessoas que buscam integrar um ambiente social assegurador de um estilo de vida de baixo impacto ecológico. Para atingir este objetivo, as ecovilas integram vários aspectos do projeto ecológico, permacultura, construções de baixo impacto, produção verde, energia alternativa, práticas de fortalecimento de comunidade e muito mais” ((GEN), 2013).

A GEN, é consultora da ONU para assentamentos sustentáveis, tem em seu processo de formação os cursos de Design de Ecovilas Educação – EDE, o *Gaia Education*. O EDE foi desenvolvido ao longo de vários anos por um grupo de educadores do universo *Ecovillage* e lançado em 2005 na ecovila de *Findhorn*, como uma contribuição oficial à Década das Nações Unidas da Educação para o Desenvolvimento Sustentável - DNUEDS 2005-2014. A educação Gaia possui uma abordagem holística da educação para o desenvolvimento sustentável, através da elaboração de currículos para o design sustentável das comunidades, trabalhando em parceria com universidades, ecovilas, agências governamentais e não-governamentais e das Nações Unidas ((GEN), 2013).

Os modelos urbanos e rurais como as ecovilas e os ecobairros tiveram como inspiração as idealizações de cidades igualitárias, verdes, e com propostas de integração cidade e campo, no século XIX (NUNES, 2011). Para um maior entendimento das ecovilas, CUNHA (2014) apresenta como referenciais teóricos de apoio à compreensão destas experiências a utilização de conceitos ligados à ecofilosofia, o princípio da responsabilidade, a ecologia profunda, a permacultura, bem como os ligados à antropologia e sociologia econômica, como a economia solidária; que constituem elementos chaves da configuração destas comunidades de práticas.

O trabalho com a educação é fundamental nas ecovilas, pois a estruturação de todas suas práticas são aprendidas e feitas em coletividade. A construção de aprendizagens se dá pela própria vivência do processo participativo em suas interações e colaborações com o coletivo. As metodologias participativas são bastante utilizadas em processos formativos e integrativos das ecovilas. A aprendizagem se dá em todas as idades, é pedagógico, andragógico, vem de um movimento de educação viva, que valoriza as relações e as experiências do cotidiano. A educação tem um compromisso geracional fundamental com o desenvolvimento dos indivíduos e da sociedade na condução dos saberes. Atua na vida da sociedade nos aspectos do desenvolvimento das forças produtivas e dos valores culturais, com a dupla função de conservar e de mudar os sistemas.

Entre algumas práticas que se destacam neste modo de viver ecológico estão a produção local e orgânica de alimentos; o aproveitamento dos resíduos orgânicos, em compostagem e minhocários, criação de hortas comunitárias; utilização de sistemas integrados de energias renováveis e de baixa pegada de carbono; transportes sustentáveis e solidários; bioconstrução ou construção ecológica das suas unidades, com a utilização de material de baixo impacto ambiental nas construções; conservação da água, captação de água de chuva, uso de sistema de tratamento e reuso de esgoto residencial, o uso de banheiro seco; manejo sustentável dos recursos naturais e conservação da biodiversidade (JANUÁRIO, 2014) (JORGE, 2008). São práticas de cuidado de si e do outro ambiente com a natureza e a saúde do planeta, onde o uso de seus recursos é feito de forma consciente e no uso de tecnologias sociais e mais limpas. Estas tecnologias são a fortaleza e o grande atrativo destas comunidades, numa oportunidade de ter contato, conhecer e aprender este caminho outro que considera as dimensões ecológicas e sociais na produção e consumo.

Na economia tem-se a prosposta de ser praticada em visões não-lineares na perspectiva de uma (re) economia, fortalecendo a rede local com ações em apoio e solidariedade aos seus talentos e em iniciativas do voluntariado, clube de trocas, da própria comunidade local que se auto-organiza no escambo de produtos e serviços. Das experiências vivenciadas em algumas ecovilas a dimensão econômica requer um olhar mais atencioso focado em ampliar as aprendizagens destas práticas. Observo uma variação de ecovilas que vão da escassez à abundância, e o desafio de chegar na suficiência. Há ecovilas de luxo que operam na dimensão econômica no mesmo padrão capitalista bem como há ecovilas que estão buscando sua subsistência.

CUNHA (2014) observou que as práticas das ecovilas podem ser entendidas também como sendo de economia popular solidária, por aderirem aos seus princípios voltado ao desenvolvimento sustentável para as comunidades. Sendo práticas singulares ao assumirem, enquanto coletivos, características de empreendimentos econômicos solidários, e também articulando com diversos empreendimentos numa estrutura de rede local de economia solidária.

O turismo está integrado a esta dimensão e numa abordagem educacional, onde são desenvolvidas vivências e experiências dentro das práticas culturais de base comunitária; as trilhas ecológicas na relação com o ambiente e na vivência com as tecnologias propostas; atividades valorizando a arte com música, teatro, circo; vivências espirituais e com as práticas integrativas de yoga, meditação, dança circulares sagradas, massagem, entre outras; assim como a realização de cursos, retiros e vivências também como atrativos para se relacionar com estas comunidades.

Nesta relação com as práticas integrativas, a ecovila da Fundação *Findhorn*, fundada em 1962 e primeira referência de comunidade ecológica, convidou o bailarino e professor alemão Bernhard Wosien em 1976 a difundir o trabalho de pesquisa que começou a desenvolver em 1960 de resgate de danças populares e tradicionais de vários países que estavam se perdendo entre seus povos e de torná-las acessíveis a todos, criando uma metodologia de trabalho das danças

circulares sagradas (WOSIEN, 2000). As danças circulares sagradas são feitas em círculos, que não tem princípio e nem fim, em movimento horário e anti-horário, conduzindo a estados de alegria, energização, introspecção e meditação, em comunhão com outras pessoas onde todas são referências. No Brasil está em inclusa na PNPIC pela portaria 849 de 27 de março de 2017.

O fortalecimento das ecovilas no Brasil tem seus marcos com a fundação de alguns movimentos e representações. A Associação Brasileira de Comunidades Aquarianas – ABRASCA foi criada 1978 para congregar as comunidades brasileiras, ditas de, alternativas. Ela realiza desde a sua fundação, anualmente o Encontro Nacional das Comunidades Aquarianas – ENCA. A ABRASCA e os organizadores do ENCA criaram em 2006 o Festival Internacional de Cultura Alternativa – FICA, que também acontece anualmente no Brasil. A Rede Brasileira de Ecovilas, ENA Brasil surgiu em 2003 no primeiro Encontro Brasileiro de Comunidades Intencionais Sustentáveis. E em 2011 é fundado em Brasília o Movimento Brasileiro de Ecovilas, Permacultura e Transição Planetária – MEB. A ABRASCA, o ENCA, o FICA e o MEB podem ser considerados como redes de apoio das ecovilas no Brasil.

A atuação em conjunto fortalece as ecovilas, ao atuarem em rede, na evidenciação das suas práticas e nas possibilidades de diálogo local no enfrentamento das necessidades de suas problemáticas e o incentivo ao protagonismo no desenvolvimento local. A partir da compreensão das problemáticas e potencialidades locais, gerindo iniciativas com foco no suprimento destas, além do desenvolvimento da autonomia pode-se ter uma redução no grau de dependência das iniciativas dos órgãos externos como os determinantes e condutores das ações que são desenvolvidas.

As ecovilas são lugares de aprendizagem e isso é atrativo nestas comunidades, da possibilidade de aprender com o outro, aprender juntos. Também para quem acredita em uma vida vivida com menos impacto a busca de aprender caminhos mais saudáveis, harmoniosos.

Pensar a vida e a dinâmica de funcionamento das ecovilas na perspectiva de suas inovações foi um movimento de reflexão feito a partir das provocações do componente EDCA 92 Criação e Difusão do Conhecimento para a Inovação Tecnológica com as professoras Ana Maria Ferreira Menezes e Maria de Fátima Hanaque. Em reflexividade, a compreensão que o conhecimento produzido pelas práticas das ecovilas fazem frente a um árduo sistema de gestão existente na relação mercado e sociedade. Incrementam em perspectivas holísticas, cultural, espiritual, social e ambiental. As tecnologias sociais e ambientais utilizadas nas ecovilas fazem frente as tecnologias tradicionais de mercado por serem constituídas considerando os aspectos e impactos socioambientais na produção e manuseio das mesmas.

A inovação pode contribuir para a compatibilização do estilo de vida com padrões de consumo na produção e circulação de conhecimento dos modo de ser e viver que propiciem condições de vida de menor impacto socioambiental. Essas práticas são aprendidas para serem feitas em coletividade bem como ensinadas para quem busca aprendizagens com as ecovilas. As práticas educativas e de gestão das ecovilas são elencadas em alusão ao tripé da sustentabilidade.

A difusão destas práticas faz repensar a reinvenção de novos caminhos onde a inovação contribua para estilo de vida saudáveis em ambientes urbanos e na sociedade como um todo.

Na Região Metropolitana do Salvador, no Vale do rio Itamboatá em Simões Filho há a Fundação Terra Mirim, que tem uma atuação ecológica em suas dimensões ambiental, socio-cultural como ponto de cultural, político territorial em relacionamento comunitário, e espiritual em que se destaca o trabalho com o Xamanismo. Com essa comunidade, em seus 25 anos de sua existência, escutamos a fundadora da Comunidade Terra Mirim, a xamã Alba Maria dizer que segue os caminhos do coração, que diz para onde seguir: “Sirvo aos corações. Talvez por isso assuste a tantos, por que a partir do momento em que cada um entra em contato intenso com o seu coração, tudo o que está fora – instituições, crenças, padrões – não mais amedronta” (MARIA, 2006)

Como nem todas as pessoas tem a possibilidade de mudar para meios rurais onde geralmente as ecovilas se encontravam, o crescente impulso com as ecovilas urbana nos impulsionou a reflexão de como viver deste modo outro seja na ecovila ou no ecobairro construindo estas ações e relações ecológicas. E o pensamento de nos apropriarmos das ecovilas e buscando trazer estas aprendizagens nas moradas em que habitamos, vivendo estas relações no apartamento, condomínios, bairro, cidade nos moveu a novas aprendizagens com os nossos corpo-ambiente, corpo-cidade, corpo-transição em nosso cotidiano em nossos corpos caminhantes que se descolam em caminhos do coração.

3.1.2 A criação colaborativa de Projetos Dragon Dreaming

O dragon dreaming surgiu em 1987, a partir do trabalho desenvolvido pela Fundação Gaia da Austrália Ocidental tendo como um dos fundadores o John Croft, um estudioso das culturas aborígenes e co-fundador da Fundação Gaia do Oeste da Austrália. Tem como inspiração e organização a partir da teoria Gaia, de James Lovelock e Lynn Margulis, congregando com a ecologia profunda com Joana Macy, a pedagogia de Paulo Freire, a economia da dádiva e a sabedoria dos povos aborígenes. Os princípios norteadores de sua práxis são o crescimento pessoal – compromisso com a sua própria cura e empoderamento – a construção de comunidade – fortalecendo as comunidades de que você é uma parte – e o serviço à Terra – o reforço do bem-estar e prosperidade de toda a vida (CROFT, 2012a).

Traduzindo literalmente o termo dragon dreaming para sonhando com os dragões, bem como é repercutido como um movimento em que dançamos com os dragões em nossas vidas. Tem como símbolo o ouroboros, com a cabeça do dragão mordendo a sua cauda E para melhor compreender este movimento trago algumas palavras na Figura 2 em um texto que dança no espaço, e de acordo o DREAMING (2014, p. 3):

Para quem atua com o projetos, o questionamento do que faz um projeto ter êxito em sua realização e o que faz outros não serem concretizados, o olhar para os dragões e cuidar deles é

“Dançar com nossos Dragões” é uma metáfora para o movimento de olharmos para os nossos conflitos, medos e dramas, sem negá-los, sem fugir, sem combater ou com eles se identificar. Olhar simplesmente e permitir que se desvançam. Descobrir que o dragão de terrível feição que imaginamos talvez seja apenas um grande companheiro e fonte de energia para nosso crescimento pessoal, com quem podemos girar ao ritmo da dança planetária, sem medos. Esta descoberta ocorre no olhar apreciativo a si mesmo e ao outro, no movimento da vida. É uma boa forma de olharmos a nós mesmos e a outros é trabalharmos juntos e realizarmos projetos em conjunto.

Figura 2 – Conceito de dragões do Dragon Dreaming

Fonte: DREAMING (2014, p. 3).

um dos aspectos de ação desta proposta. A dinâmica de projeto se dá na relação interativa do indivíduo com o ambiente, da teoria com a prática, no desenvolvimento de uma inteligência coletiva em fluxo com as dimensões do sonhar, planejar, realizar e celebrar que compõe o ciclo do Dragon Dreaming, conforme pode ser observado na Figura 3.

E de forma fractal para cada uma destas quatro dimensões há quatro perspectivas equivalentes a cada uma delas, compondo dezesseis passos na trilha desta metodologia. Vale destacar que as dimensões do sonhar e celebrar são diferenciais do Dragon Dreaming dentro das práticas de projeto; e mesmo com as dimensões já conhecidas do planejar e realizar elas acontecem de uma outra forma, trazendo esta outra lógica criativa de fazer e conviver nas ações e relações que propõe o dragon dreaming.

A dimensão da celebração, nos lembra da alegria de comemorar todo a trajetória enquanto ela acontece. Uma forma de honrar os passos dados, como uma pausa respiratória de fluxo a outro que se abre. A celebração chega pelo dragon dreaming com ares de interioridade, uma festa de dentro, que nos convida a admirar os passos dados e seguirmos em abertura para um novo sonhar.

Deixamos com o tempo de dar atenção aos nossos sonhos e ao sonhar, em que nos referimos tanto ao que se revela quando dormimos bem como ao que sonhamos acordados com nossas aspirações, daquilo que faz o nosso coração cantar. Entendermos a importância do sonhar em nossas vidas, de como ele nos (re)conecta e nos faz reacreditar que é possível viver a realidade de nossos sonhos, fortalecendo a nossa esperança. O dragon dreaming traz uma compreensão da relação individual e coletiva do sonho e é um momento de criação (in)consciente da realidade na prática do círculo dos sonhos, onde a intenção e a imaginação entram em ação em um processo divertido de partilha coletiva na construção deste sonhar e de visualização criativa

de sua realização contribuindo nos passos desta caminhada para a sua materialização.

O que observo, dentro de algumas práticas de projeto em comunidades, é uma relação com pseudo participações que irei descrever assim: Nós temos este projetos para vocês com as nossas regras e decisões e com o que nós enxergamos serem importantes para vocês, com aquilo que podemos oferecer que tem relação com alguma demanda nossa. Também percebo que as pessoas não querem ser mais público alvo a ser beneficiado por algum projeto que aparece para eles. Como descrito na dissertação em Leal (2013) nos níveis de participação parcial, passiva ou não participação não há uma abertura ao desenvolvimento da autonomia, pertencimento e empoderamento dos participantes no processo decisório. Uma participação plena considera o individual e coletivo na tomada de decisão, em que o querer se manifesta no desejo de se sentirem inclusas, pertencidas, empoderadas, se apropriarem dos projetos no construir juntos.

Então, na prática do Dragon Dreaming, é essa forte dimensão colaborativa de construção de projeto, desde início com o sonhar essa construção acontecendo em todo o ciclo até o celebrar. Uma pessoa que entra em um projeto depois de um sonhar construído, se o seu sonhar não for acolhido no processo bem como socializada a construção do sonhar já feita pelo grupo, é provável que aconteça um desempoderamento deste participante que não tem o mesmo nível de vínculo e conexão com o projeto podendo abandonar no meio do caminho. Assim, a metodologia propõe acolher cada participante que chega há um cuidado de incluir e cada participante que sai uma escuta aberta ao aprender.

Em encontros formativos do dragon dreaming com a chegada ao curso, vivenciamos algumas breves ações de apresentação acontecendo em dinâmicas que possibilitaram identificar redes na fala dos participantes em suas autoapresentações individuais bem como no corpo coletivo que moveu em resposta as perguntas trazidas pelos participantes. Essa abertura neste momento de partilha tem a sua relevância com o que chamamos de fazer conexões em rede a partir de nossos centros de atuação e interesse vamos nos encontrando na coletividade, criando pontes de conexão ao diálogo com o outro.

Destas conexões que o dragon dreaming também faz em sua metodologia também pode ser observado nos espaços da estrutura interna da Figura 3 a integração da prática da Comunicação Não-Violenta - CNV dentro do ciclo dragon dreaming.

Nessas conexões faz além da CNV vimos também com outras práticas - a exemplo também da constelação familiar, a teoria U, a sociocracia e do movimento cidades em transição. Este movimento nos remete em diálogo com a polilógica em Galeffi, na perspectiva de integrar de forma coerente várias lógicas que possuem e encontram suas interfaces fazendo suas inter-relações bem como mantendo a singularidade que as caracterizam. Estas outras práticas são apresentadas nas fichas técnicas do Dragon Dreaming, como na ficha técnica de número dezoito em que Jonh Croft relata o seu encontro com o movimento Cidades em Transição em 2006 quando foi a Totnes em Devon e também depois quando foi convidado a trabalhar com Robin Hopkins enquanto atuava no Schumacher College (CROFT, 2012b).

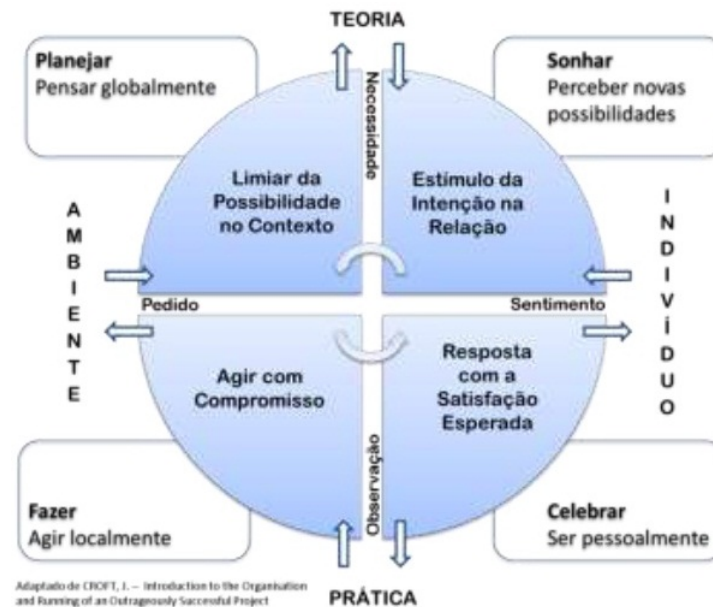


Figura 3 – Círculo de Síntese do Dragon Dreaming

Fonte: DREAMING (2014, p. 3).

O que nos chama atenção nestes diversos diferenciais que possui o Dragon Dreaming são as formas de cuidado em suas práticas, que são estabelecidas no percurso. Na proposta de ser, fazer, viver e conviver de um modo outro de tudo aquilo que nos desconecta, trazemos aqui algumas ações que se destacaram em nossa visada, que estão entre e além do ciclo da metodologia, podendo serem praticadas no cuidado das relações de convivências coletivas. São um modo de cuidar dos dragões que surgem na caminhada da vida, para que esta possa continuar em prosseguimento com leveza e alegria. Para evidenciar estes cuidados queremos falar dos guardiões, como pessoas pertencentes ao coletivo que tomam para si o cuidado de alguma ação durante a dinâmica de acontecimentos do projeto e nos inspiram, *ahá*, a seguir no fluxo da vida como anjos na terra, na compaixão dos guerreiros de shambala.

Aqui falaremos de alguns guardiões praticados no dragon dreaming, do *Pinakarri*, da memória, do tempo e da energia. Para iniciar e realizar esta jornada faremos uso de uma prática chamada *Pinakarri*, que é um conceito para escuta profunda, denominado pelos povos aborígenes *Mandjilidjara Martu* do Grande Deserto Arenoso da Austrália Ocidental e difundido pelo CROFT (2012a). Nesta prática de meditação ativa focamos a atenção nos ritmos da vida na conexão à Terra.

Pinakarri ocorre quando todos os indivíduos são totalmente engajados com a sua intenção na outra pessoa, tentando ver e entender através 'do andar de seus mocassins' ou 'ver com os seus olhos'. [...]. É muito diferente da escuta cotidiana à qual estamos acostumados, onde enquanto escutamos com a metade de um ouvido, já estamos preparando internamente a resposta. O *Pinakarri* exige que seja silenciada a voz individual interna da mente, e a doação de uma empatia profunda, tanto para si mesmo como para o outro (CROFT, 2012a, p.12).

O guardião do *Pinakarri* é o da escuta mais profunda e empática, no acontecimento de uma comunicação carismática e ganha ganha mantendo o grupo no fluxo do propósito. Ele percebe se a energia caiu, se houve alguma parálise por análise de repetição dos esquemas mentais prévios que cada pessoa traz consigo, e cuida do pedido e da realização do *Pinakarri*. Estabelece um momento de pausa e reconexão corpo-alma-espírito, silenciando a voz da mente. A vivência do *Pinakarri* praticada em grupos de trabalhos acontece como uma meditação que em poucos minutos acalma todo o processo mental e reconecta a pessoa consigo e com o ambiente. Também quando chegamos em qualquer ambiente com o corpo tendo a mente estando disperso no passado ou futuro, com a realização da prática há um reconexão mente corpo no presente e na presença.

O guardião da memória cuida do registro coletivo captando a essência do que está sendo dito pelos participantes. As ideias, pensamentos e sentimentos a medida que são compartilhados este guardião registra o nome da pessoa que falou e a essência do que se disse. A memória também no processo do dragon dreaming é cuidada em outras perspectivas para fortalecer a aprendizagem, como a curva do esquecimento desenvolvida pelo psicólogo alemão chamado Herman Ebbinghaus, que pesquisou a capacidade e o tempo que as informações adquiridas permanecem retidas e são recuperadas em nossa memória. O dragon dreaming integra em seu processo a proposta de Ebbinghaus, incluindo práticas de fortalecer o que foi aprendido durante o processo de formação e no compartilhamento destas informações em três tempos de vinte quatro horas, uma semana e um mês.

O guardião do tempo cuida da organização do tempo cronológico, monitorando-o durante a realização das atividades. Ele sinaliza sutilmente o momento de encerramento conforme previamente acordado a duração das ações propostas. Porém existe um outro tempo que é cuidado no dragon dreaming, ele é chamado de tempo interno. É um espaço criado para se falar como estamos nos sentindo e isto é acontece fazendo referência ao tempo da natureza para falar do tempo de nossas emoções e sentimentos. Como se pintássemos uma paisagem falamos se o nosso tempo está trovejando e chuvoso bem como se nosso tempo está como um sol intenso com arco-íris. Assim, como esses tempos de Cronos e Kairós nos organizamos em nossas ações com os nossos sentimentos.

O guardião da energia cuida de manter a conexão com o coração, expandindo e mantendo essa energia no fluxo. Ele cuida da vibração, e sua interação se desenvolve em harmonização do indivíduo/ambiente, acolhimento, celebração, e outras ações que reconecte a energia coletiva a amorosidade. No Dragon Dreaming, uma questão norteadora de sua práxis é como tornar seus sonhos em realidade através do amor em ação. Assim, ele é definido como o amor em ação, sendo uma aventura em descoberta mutuamente compartilhada.

Na formação de aprofundamento do dragon dreaming foi solicitado aos participantes desenhar a expressão que eles traziam consigo naquele momento em que chegavam ao curso. Após um tempo desenhando foi solicitado passar o desenho a pessoa que estava a sua direita e

da mesma forma tempo depois a pessoa a sua esquerda. E assim que se deu o desenho da Figura 4 como a expressão do diálogo silencioso de três pessoas cuja leitura que aqui faço como esse espaço entre infinitas possibilidades encontramos a vida em nosso caminho do coração. Uma outra perspectiva que me chega na construção deste desenho é que o amor flue em colaboração, em relações ganha ganha acontece em leveza a abertura da amorosidade. Em competição, as relações perde-ganha e perde-perde aciona as nossas feridas, gatilhos, defesas e tensões.



Figura 4 – Desenho co-criado no II Curso de Aprofundamento do Dragon Dreaming

Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2016.

Dos processos formativos que participei eles aconteceram em escolas de permacultura, ecovilas, espaços de terapias integrativas, vejo a escolha dos espaço também como uma forma de fortalecer a rede do que se quer construir no mundo. No final dos processos formativos a prestação de contas acontecia com a transparência dos custos e despesas detalhadamente apresentada aos participantes. Com a cobertura dos gastos quando havia excedentes era colocado para decisão do coletivo a decisão da destinação do valor. A exemplo, para apoiar projetos que ali surgiram, ou projetos já existentes, apoiar pessoas no pagamento de seus processos de inscrição, entre outros.

Essa prática de não visar o lucro e apoiar a rede aparece desde o primeiro curso que fiz como um diferencial que vou conhecendo mais as suas bases ao fazer o aprofundamento nesta metodologia. Ouço falar da economia da dádiva e vivêncio uma aprendizagem de um processo denominado de captação empoderada de recursos. Essa prática incentiva a troca, o talento a serviço, o apoio da sua rede e busca ressignificar a relação que as pessoas possuem com o dinheiro. Através do uso desta prática pude realizar os sonhos de fazer a formação do aprofundamento do Dragon Dreaming bem como viajar e fazer o treinamento de facilitação de treinadores do movimento cidades em transição.

3.1.3 A Comunicação Não-Violenta

A Comunicação Não-Violenta - CNV é uma proposta do psicólogo norte americano Marshal Rosenberg (1934-2015) para resolução pacífica de conflitos. Ela foi estruturada da necessidade de reformular a forma como as pessoas se expressam – o falar e o escutar – e a importância da linguagem e das palavras no florescimento da nossa compaixão Rosenberg (2006). Com seu intuito de desenvolver uma mudança qualitativa de atitude, para que se permita vir à tona aquilo que há de positivo nas pessoas, para que elas sejam dominadas pelo amor, respeito e gratidão. Assim, na CNV os relacionamentos são cultivados em práticas de escuta profunda e empática, fala carismática e amorosa e atenção plena. Uma comunicação carismática e genuína que vem do coração transforma as realidades de nossos relacionamentos.

Rosenberg (2006) fala de uma comunicação alienante da vida, em que ressalta a existência de algumas formas, que nos afasta e bloqueia a compaixão de si mesmo e do outro. Para Rosenberg (2006, p.47), esta comunicação tem profundas raízes filosófica e política baseadas em dominação e hierarquias sociais, e diz que: "onde quer que uma grande população se encontre controlada por um número pequeno de indivíduos para o benefício desses últimos, é do interesse dos reis, czares, nobres etc. que as massas sejam educadas de forma tal que a mentalidade delas se torne semelhante à de escravos."

Essa questão histórica colonizadora que persiste nas relações, de pessoas fazendo uso do poder para criar mecanismos de exclusão, separação, controle e dominação se manifesta na linguagem e na palavra consituantes da comunicação alienante da vida. Assim, em uma conjuntura histórica social construída, para (LEAL; GALEFFI, 2017) "As palavras, quando utilizadas em abuso de poder, reproduzem condicionamentos, crenças limitadoras, manipulação de fatos e realidades para gozo de interesses próprios e alienação dos sujeitos na predominância de um discurso."

As formas que Rosenberg (2006) faz referência são: o uso de julgamentos moralizadores dicotômicos, com o uso de classificações e comparações; o uso de sistemas de recompensa e punição, bem como da comunicação dos nossos desejos como exigências, e da responsabilidade pessoal por nossos pensamentos, sentimentos e ações. Ele aborda a relação da linguagem e violência e da importância de termos consciência de nossa responsabilidade pessoal.

O seu método se organiza em expressar honestamente e receber com empatia por meio de quatro componentes que são: a observação, sem avaliar, do que acontece numa situação; a expressão do nosso sentimento ao observar a ação; a necessidade ligada ao sentimento identificado e o pedido para enriquecer a vida (ROSENBERG, 2006).

Neste método, o permitir manifestar a nossa vulnerabilidade na expressão dos sentimentos é um dos quatro caminhos na resolução de conflitos, em que os "nossos sentimentos resultam de como escolhemos receber o que os outros dizem e fazem, bem como de nossas necessidades e expectativas específicas naquele momento."(ROSENBERG, 2006, p.79).

No estímulo a expressar verdadeiramente os sentimentos reais, nos ajuda a distinguir o que sentimos e o que pensamos que somos pelo o que achamos que os outros reagem ao nosso respeito (ROSENBERG, 2006). Nos deslocamos da repetição de comportamentos reativos e defensivos que culpa a si mesmo e ao outro e navegar nos sentimentos, é que encontro ressonância da CNV com o diálogo que Obry (2003, p.135-136) faz entre emoção e sentimento, ao entender que:

Se estivermos vivendo uma certa emoção, nossa percepção sensorial se retrai; mas se expressamos um sentimento, ou seja: se usamos os nossos sentidos, sem nenhuma interpretação, nossa percepção da realidade é naturalmente ampliada. [...] a emoção é sempre provocada pela **interpretação imediata** de uma realidade observada **através de uma crença**. [...] Por sua vez, o sentimento se inicia quando a realidade identificada exclusivamente pela percepção sensorial, ativada por nossa determinação, sem qualquer interpretação por parte das nossas *formas de inteligência*. Nosso sentimento é exclusivo; as emoções, comum a todos.

Também percebemos presente nas palavras de Obry (2003) a conexão com o que a CNV traz em diferenciar sentimento de pensamento. Da crença existente em um pensamento que mobiliza a emoção, recordando de quando interpretamos, classificamos como certo e errado, culpamos e criticamos nos distanciamos dos nossos sentimentos e da real necessidade que nos motiva a nos expressar o nosso sentimento exclusivo.

Reconhecendo a relevância de compreender a profundidade da violência existente dentro de todas as pessoas, a causa raiz que reside em nós e que fortalece esta propagação seja ela de natureza física ou passiva, dentro de uma lógica egoísta. A atenção a linguagem que a CNV aborda evidencia um caminho para observamos a manifestação da violência presente em nosso comunicar e modificarmos esta história que se repete em nós no desenvolvimento de uma comunicação compassiva que fortaleça a compaixão.

A CNV aborda que uma das características da compaixão é nos entregarmos de coração e aqui nos abrimos a dialogar com a CNV com o que também sustentamos neste caminhar de aprender a ser este ser que escuta e caminha nas trilhas do coração. Juntamente a prática da compaixão abordagem da CNV também ressalta o poder da empatia, e a define assim:

A empatia é a compreensão respeitosa do que os outros estão vivenciando. Em vez de oferecermos empatia, muitas vezes sentimos uma forte urgência de dar conselhos ou encorajamento e de explicar nossa própria posição ou nossos sentimentos. Entretanto, a empatia requer que esvaziemos nossa mente e escutemos os outros com a totalidade de nosso ser.[...] Precisamos sentir empatia para dar empatia. (ROSENBERG, 2006, p.150-151).

A lembrar da empatia profunda que abordamos com o *pinakarri*, e da essência deste proposta de expressar e receber com empatia, no refletir a empatia nesta abertura em nós mesmos, em que nós colocamos em conexão ao corpo do outro, corpo de sentimentos e necessidades.

A escuta compassiva que nos coloca em condições de diálogo, sendo este um processo de democratização da fala.

A comunicação é apontada com o fator crítico nas relações interpessoais. Sem de fato escutar o outro, sem a sabedoria do silenciar e de falar com, nos choques de cultura, crenças e valores e a carga de emoções presente, o conflito torna-se mais suscetível de acontecer com as possibilidades de desequilibrações das vivências na perduração deste estado que pode levar a processos de adoecimentos.

A CNV nesse caminhar chega como desejo de mudanças e construção de possibilidades de convivência pela criação de espaços internos de paz que se exala nos diálogos, estimulando a relação em territórios afetivos não-violentos.

3.1.4 O Movimento Cidades em Transição

O movimento Cidades em Transição – Transitions Towns foi criado pelo inglês Rob Hopkins que, ao ser questionado em uma entrevista disponível na EcoDebate (2009) sobre a origem do movimento, ele relata como se deu o surgimento respondendo:

Toda a idéia do movimento surgiu através do meu trabalho como permacultor e professor de permacultura nos últimos dez anos. Quando comecei a me aprofundar sobre a crise de combustível e mudança climática, as ferramentas de resposta sobre o assunto eram as de permacultura. Mas o que eu percebi é que, apesar de a permacultura ser o sistema de design ideal para isso, o movimento é ainda muito pouco conhecido e tem quase uma aversão embutida ao mainstream. Por isso, o que quis fazer através do Transition foi criar um modelo em que a permacultura fosse implícita ao invés de explícita, que ela estivesse escondida dentro do processo para que as pessoas a descobrissem se assim a desejassem.

Rob Hopkins ensinava sobre permacultura em Kinsale na Irlanda e desenvolveu um plano de gestão para esta cidade. A saber que permacultura ou cultura permanente é um conceito co-criado do professor pesquisador naturalista Bruce Charles Molisson (1928-2016) e do ecologista escritor David Holmgren inicialmente apresentada na Austrália com orientação a princípio para grupos pequenos buscando a autossuficiência na tentativa de melhorar as práticas agrícolas existentes. Com a proposta de criar um modelo, tanto para áreas urbanas e rurais, integraram em seu design princípios e práticas interdisciplinares que sustentam o paradigma, conforme aborda Holmgren (2013, p.8) em que “sistemas nos quais o consumo se ajusta à capacidade de suporte renovável e se preservam espaços de mata nativa para possibilitar a absorção do impacto ambiental e a regeneração do meio produtivo.”

Ao mudar-se para Totnes na Inglaterra, em parceria local com Sophy Banks e Naresh Giangrande, juntos em 2006 consolidaram o movimento nesta cidade. Atualmente, o movimento está presente em mais de 50 países, representado por milhares de grupos em cidades, bairros, ilhas, universidades e escolas e é referido também como iniciativas em transição, uma forma de dizer que sua prática acontece não só nas cidades.

Faz uso de metodologias participativas, como o open space e word café, que estimulam o protagonismo, o empoderamento e autonomia do sujeito na atuação coletiva e colaborativa em rede e elos que são fortalecidos junto com a visibilidade dos talentos locais na sua potencialização.

Este movimento dialoga com o contexto das sociedades que construímos e os seus desafios como as questões das crises econômicas e ecológicas, das mudanças climáticas, o pico do petróleo, da pegada de carbono, questões de baixo consumo de energia, das desigualdades sociais, do estilo de vida e padrões de consumo insustentáveis de poluição antrópica que ameaçam a teia da vida no nosso planeta. Tem a proposta de mudança interna e externa, desde o indivíduo na tomada de consciência e modificação das crenças que contribuíram para a construção desta realidade à ações coletivas de iniciativas de transformação de bairros e cidades em modelos sustentáveis, menos dependentes dos combustíveis fósseis, mais resistentes e integradas à natureza.

Então como mudar sociedades inteiras insustentáveis, dependentes dos combustíveis fósseis, competitivas, desiguais e cosmicamente desconectadas? Diante destes contextos e cenários, (HOPKINS, 2008) aponta três possibilidades de ação, a de adaptação – na criativa invenção e reinvenção constante de caminhos para resolução de problemas –, de evolução – na mudança de mentalidade que promova uma evolução coletiva – e do colapso – na fratura e a desintegração, súbita ou gradual, da sociedade.

Estas três instâncias de transição nos faz pensar nos desafios que vivenciamos em viver e promover a mudança que queremos para nossas vidas. Ampliar a borda de nossas possibilidades de viver outras realidades pode não ser tão simples de realizar quando nos deparamos com crenças limitadoras, emoções e impressões que inibem ou bloqueiam o avançar dos passos em uma expansão. Assim, ao nos defrontarmos com as questões problemas que são desafiantes para nós, as dificuldades internas e externas podem suscitar os comportamentos de esquiva, luta, defensivas e ofensivas que surgem num mecanismo de impedir de se relacionar, fazer o enfrentamento destas e os distanciamento que podemos nos levar a possibilidade do colapso. Também acontece com questões que nos são afins e estimadas em manter em nossos hábitos, porém quando surge com estas questões experiências de aspectos que nos são desconhecidos e nos faz ter outros acessos do que os habituais podem surgir um estranhamento com as mesmas abrindo uma rota de adaptabilidade neste relacionar.

Assim, ainda em reflexividade com estas possibilidades nestas perspectivas pensamos no ritmo de seu acontecimento conforme os movimentos singulares individuais e coletivos locais se organizam e realizam. Podem acontecer de modo gradativo, em doses homeopáticas, para que uma convivência possível se estabeleça e as questões problemas de uma rejeição assustadora passe para uma convivência harmônica ou possível de se sustentar. Também com o acontecimento de uma mudança de mentalidade com a possibilidade da evolução, podemos dar um salto dinâmico que dá uma celeridade de resolução outra no tempo, que ao nos depararmos com uma questão problema, faz com que ela não sejam mais um problema evitável e sim uma

questão para se olhar, aproximar, relacionar e cuidar.

Então é importante perceber que uma expansão de nossos horizontes de possibilidades de ação pode acontecer em movimento de dentro para fora bem como de fora para dentro, do centro para borda e da borda para o centro, interno e externo retroalimentando e impulsionando. E que há uma maturação neste processo, em que na proposta das iniciativas em transição, participando do processo formativo do *launch* a realização de engajamento comunitário eles validam em apropriação a espiral da mudança de James O. Prochaska e Carlo DiClemente no Modelo Transteórico de Mudança de Comportamento integrando em sua proposta.

Assim, com este modelo apropriado para a transição nos ajuda a mapear as nossas práticas individuais e coletivas visualizando onde encontramos nestes estágios. Os seis estágios de mudança são denominados de pré-contemplação – em que as pessoas estão desinteressadas, desapontadas e negam a necessidade de mudança – contemplação – há um movimento de abertura, escuta e aproximação onde os fatores favoráveis a mudança aumentam e os contra diminuem – preparação – as pessoas estão conscientes e ativas começando a desenhar ação a ser desenvolvida – ação – este é o estágio da mudança real em que as pessoas estão implementando as mudanças em suas vidas – manutenção – com a mudança estabelecida a consciência dos desafios contribui na consolidação da mudança ao estilo de vida da pessoa – e por fim a terminação, novo comportamento é totalmente integrado e a tentação de recair no antigo comportamento enfraqueceu-se.

A jornada de vida de professor e pesquisador de Hopkins com a permacultura, a espiral de mudança, as experiências em Kinsale e Totnes e outros conhecimentos vão somando a essa tecitura para a composição da modalagem proposta por este movimento. Desta forma, o Movimento Cidades em Transição tem como princípios norteadores a visão de um futuro positivo; sensibilização, um convite; inclusão, todos são necessários; resiliência, construindo comunidades locais fortes; a transição faz sentido – a solução é do mesmo tamanho do problema; a transição de que precisamos é tanto interna quanto externa; um modelo viral, algo fácil de replicar (HOPKINS, 2016).

Destes sete princípios vamos tecer um pouco com alguns deles. Na transição de que precisamos é tanto interna quanto externa, pela aprendizagem que já caminhamos este momento com esta escrita nos faz relacionar, esse mover dentro e fora que se alternam e se incluem simultaneamente nos conecta com a perspectiva transdisciplinar do terceiro incluído, de ser um e ser o outro retroalimentando-se.

Compreendo que o movimento de transição faz é inspirar as pessoas para a que a mudança real aconteça em suas vidas. A mudança interna neste movimento tem como linhas de inspiração psicologia e psicoterapia, ecopsicologia, psicologia da mudança, a ecologia profunda e o trabalho que reconecta, a teoria de sistemas, relatos de transformação de consciência e a sabedoria tradicional dos povos da terras (RÍO, 2015). Estas linhas focalizam nossas relações com o mundo da natureza, reconhecimento de nossos sentimentos, comportamentos e valores

associados à natureza na compreensão que não existe separação entre o eu e o mundo. A visão de saúde mental e relação com a natureza andam juntas em relação indissociável a saúde do planeta; e as alterações humana na biosfera que ameaçam a própria vida revelam psique em sofrimento.

A atuação se dá em diferentes temas e atividades, tais como a resiliência pessoal fazem crítica ao consumismo e na adoção de práticas como yoga e meditação; comunidade de apoio coletivo e individual, entre pessoas e iniciativas no incentivo a uma cultura colaborativa em empatia e compaixão; resolução de conflitos adotando preceitos e práticas com a comunicação não-violenta, círculos restaurativos e constelação familiar; sabedoria ancestral indígena e realização de práticas de reconexão com a natureza fortalecendo eu ecológico interconectado, na jornada do despertar de cada pessoa; e a celebração criando espaços de compartilhar, reconhecer, agradecer (RÍO, 2015).

Hopkins (2008) fala sobre um processo de construção da solidariedade comunitária e preservação do essencial da vida. Pode-se observar que em momentos de crises, acidentes e desastres, guerra, epidemia e pandemias há uma notoriedade sentida desta fala, quando a percepção se abre ao essencial e a compreensão da interdependência que se vivencia.

O aumento da resiliência, na capacidade de não colapsar e de responder com adaptabilidade, é uma forma de estar preparado e se auto-organizar para vivenciar as mudanças. Na reconstrução da resiliência local o fortalecimento da economia local, favorecendo a escala local ao produzir por nós mesmos na criação de sistemas de produção locais, gerando uma infraestrutura para este fornecimento, comprar na própria comunidade, fazer uso de moedas locais, entre outras práticas (HOPKINS, 2008).

Assim, com a proposta de desenvolvimento interior e exterior, local e global, as iniciativas de Transição criam um processo de engajamento de pessoas, comunidades, instituições e cidades para que juntas numa prosperidade compartilhada, implementarem as ações necessárias de curto, médio e longo prazo na construção das realidades que desejamos ver e viver no mundo. Com soluções de baixo impacto frente aos desafios ambientais globais, geração de renda local, relações de vínculo, potencialização dos talentos locais, cidadania e boa convivência em um bem viver.

O movimento chegou na América Latina primeiramente no Chile e em seguida ao Brasil em 2009. Com formações no sul e sudeste do país e encontrou a sua força de expressão no desenvolvimento comunitário urbano dos bairros, em iniciativas que se destacam como a Granja Viana e Brasilândia em São Paulo, em Laranjeiras no Rio de Janeiro. Em Salvador, aconteceu dois processos formativos, em 2011 movido pelo o Ecobairro aconteceu o primeiro Treinamento Oficial em Salvador com May East nos dias 2 e 3 de abril, na Escola de Administração da UFBA no Vale do Canela, com a Prof.^a Maria Suzana Moura sustentando este acontecimento na Universidade. E em 2019 na organização das facilitadoras e dos guardiões das redes do Bem Viver no Imbuí e do Núcleo de Práticas Integradas.

Dos trabalhos de ensino e pesquisa desenvolvidos em Salvador com esta prática des-

tacamos aqui o trabalho de Denise Noronha no ano de 2013 da Dissertação Caminhos de Fortalecimento da Sustentabilidade em Comunidades Urbanas do Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia; conhecimento trabalhado no componente ADMF18 – Desenvolvimento Sustentável com a Prof.^a Maria Suzana Moura em parceria com Prof.^a Andréa Ventura e em estágio de bolsa Capes Doutorado com Priscylla Lins Leal; em 2017 com a Tese de Heliana Faria Mettig Rocha com o título O lugar das práticas comunitárias emergentes: caminhos de coexistência socioecológica em projetos urbanos da Faculdade de Arquitetura da UFBA; e a a dissertação Livia Santana Fauze em 2018 intitulada de Arte e Design para o Movimento de Transição: um estudo sobre lideranças criativas soteropolitanas. apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia (PPGAV- EBA-UFBA) sob orientação da Profa. Dra. Ana Beatriz Simon Factum.

3.1.5 As Hortas Urbanas Comunitárias

Movimentos expressivos de uma política ecológica que demarca a sua atenção ao relacionar ao cotidiano humano a uma produção de baixo impacto ambiental e de práticas em favor da vida, tem suas ações voltadas para a saúde e o bem estar dos ecossistemas em relação com a garantia da biodiversidade, com a preservação das florestas e práticas de cuidados em um processo de produção mais limpa que se ocupa com o todo o ciclo de vida em medidas antecipatórias e preventivas.

A prática do agronegócio é um exemplo de perda de conexão do ser com a natureza. O agronegócio é um exemplo de exploração do ecossistema, que com o seu processo produtivo causa profundos impactos destrutivos em cadeia. Ele é caracterizado pelo monocultivo, desmatamento, concentração de terras; degradação e contaminação do solo, da água e do ar; diminuição e perda da biodiversidade dos ambientes naturais; uso de pesticidas, agrotóxicos e fertilizantes químicos; contaminação dos mananciais, geração de resíduos; exploração da mão de obra, a exploração da vida animal em condições de maus-tratos em prol de uma produção em maior escala, entre outros. Esta prática no Brasil é feita por produtores rurais e latifundiários, e sua ação destrutiva é regida por uma visão tecnocrata, dos recursos infinitos e na exploração destes em larga escala com o uso da tecnologia para o crescimento acelerado da sociedade.

Uma produção de base agroecológica conforme a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica – PNAPO (BRASIL, 2012) faz uso sustentável dos recursos naturais, integrando a capacidade produtiva com a conservação da biodiversidade. Assim, a oferta e consumo de alimentos saudáveis é oriunda de um sistema orgânico de produção considerando equilíbrio ecológico, eficiência econômica e justiça social abrangendo práticas biodinâmicas, regenerativas e de permacultura.

Ao falar de plantio orgânico, considera-se inevitável refletir sobre a qualidade dos hábitos alimentares, por tratar de uma forma de cultivo que proporciona

benefícios para o corpo humano e que, também, é essencial para a mente uma vez que diminui as tensões do cotidiano. A implantação de hortas facilita o convívio social e promove um ambiente saudável pela transformação dos espaços ociosos. As hortas urbanas e escolares atuam, ainda, como um instrumento pedagógico que facilita as atividades de educação ambiental e de ações terapêuticas. (SUSTENTABILIDADE, 2019, p.6)

Com as experiências formativas em agricultura nos processos de compostagem, minhocários, hortas urbanas, passamos a nos relacionar mais, conhecendo e praticando caminhos ecológicos de cuidado e com isso as fontes que fundamentam estas aprendizagens fomos acesando.

O aprendizado se dá na relação de cuidados com o ambiente, as plantas, as trocas de aprendizagem entre as pessoas e o interesse que se desperta de aquisição de novos conhecimentos ao se lidar com questões que desafiam a compreensão de cada pessoa e do coletivo como um todo aumentando a borda de aprendizagem. E assim que nesta caminhada de aprendizagens surgem novos diálogos com a Agricultura Biodinâmica com Rudolf Steiner, a Agricultura Sintróica de Ernst Götsch, e a Agroecologia e Agricultura Orgânica com Ana Primavesi.

Na agricultura biodinâmica, Steiner (2010) fala da importância da agricultura, como ela está entrelaçada e torna viável a vida humana na Terra, na compreensão antroposófica da vida humana como microcosmo do macrocosmo. Assim, na agricultura para liberar as forças vitais existentes devem ser considerados e observados as influências do sol, das fases da lua e dos planeta em todas as suas relações de cuidados, as condições geológicas do solo, as condições climáticas, em que estes e outros elementos influenciam tempos secos e chuvosos, do plantio a colheita.

Götsch (1995) com a sintropia desenvolve um trabalho de alfabetização ecológica em uma compreensão que vai do simples ao complexo, no fortalecimento de uma cultura além das explorações dominante em uma cultura da vida nos diz:

O nascimento de cada ser vivo, a sua força de crescer, de frutificar, de criar o próximo a seguir, de completar o processo de amadurecimento, tendo no final a morte, ou melhor dizendo, a transformação em outras formas de vida - tudo isso faz parte do metabolismo do macroorganismo Mãe Terra. A sucessão de gerações e a sucessão natural das espécies é o pulso da vida, o veículo em que a vida atravessa o espaço e o tempo. (GÖTSCH, 1995, p.6)

Em uma prática solidária voluntária a participação se dá neste lugar, com fluxos de transições de pessoas entram e saem em seus próprios movimentos de vida e outras que permanecem desde o início. Ações de mutirões, rega manual e sistemas de irrigação, cuidado do solo, compostagem, minhocário, organização de plantio, compra e doações em recebimento de recursos materiais e financeiros para aquisição e manutenção, doação da colheita para instituições sociais, rodas de conversa, treinamento, projetos de educação ambiental em trilhas educativas

estão entre algumas das ações desenvolvidas em coletividade em que a horta mantém sob o cuidado de seus voluntários.

3.2 As Práticas Integrativas e Complementares em Saúde

As PICS eram e ainda são praticadas profissionalmente no Brasil em iniciativas privadas, em formações e atendimentos em clínicas e consultórios particulares e atendimentos domiciliares. Atuando como empreendedores estes profissionais do cuidado, além do atendimento fazem toda a gestão de sua própria atuação, em parcerias, comunicação e divulgação de suas ações, agendamentos, ações solidárias e educativas.

Os profissionais que atuam em linhas de cuidados em práticas integrativas complementares ao sistema vigente são conhecidos como cuidadores bem como terapeutas corporais, vibracionais, holísticos, naturais e integrativos, variando conforme a abordagem de atuação e de um reconhecimento que lhes são próprio e apropriados. Estas pessoas que atuam nestas práticas de saúde também já foram e ainda se ouve serem chamadas também de místicos, curandeiras, xamãs, pajés, feiticeiros.

Em suas trajetórias individuais enquanto profissionais de saúde organizadores de linhas de cuidado ao adentrar no universo das PICS no Brasil sustentaram este caminhar das práticas como atuação profissional em uma certa clandestinidade e o que existia nas unidades de saúde públicas eram ações informais (LEAL; FRANCO; GALEFFI, 2018).

Com a expansão da atuação destes profissionais do cuidado no Brasil, de diversas categorias profissionais, passaram a se organizar em conselhos, associações e federações com uma vinculação terapêutica. Também se observa um movimento de pesquisa que fez nascer algumas destas práticas, como nos caminhos que tiveram o nascimento da homeopatia, as danças circulares sagradas, entre outras práticas no mundo. Com a visibilidade de resultados curativos bem com as ações de manutenção da saúde humana, amplia-se o interesse de profissionais de diversas áreas, em pesquisa com as universidades numa aproximação, relacionamento e atuação.

Essa ampliação nos últimos trinta anos das PICS, tem marco com a realização da 8ª Conferência Nacional de Saúde em 1986, a contribuição com seu relatório final servindo como base para elaboração do artigo 196, Da Saúde, da Constituição Federal. E com a promulgação da Constituição de 88, a saúde ganhou novos rumos com a criação do Sistema Único de Saúde - SUS.

Em 2003, com a 12ª Conferência Nacional de Saúde, um grupo de trabalho no Ministério da Saúde é constituído com o objetivo de elaborar a Política Nacional de Medicina Natural e Práticas Complementares – PMNPC – que é hoje a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares – PNPIC no SUS aprovada pela portaria nº971 de 2006. Com a instituição desta política, cinco práticas — homeopatia, medicina tradicional Chinesa, medicina antroposófica,

plantas medicinais e fitoterapia, e termalismo social/crenoterapia — foram incorporadas ao SUS.

Essa abertura das PICS no Brasil também acontece em consonância aos conceitos de acolhimento, autonomia, clínica ampliada, igualdade, integralidade, protagonismo, universalidade e vínculo da Política Nacional de Humanização (BRASIL, 2006), tendo em mira o cuidado como uma ação cidadã de perceber a outra pessoa como ela é, em suas particularidades e necessidades, na singularidade de cada pessoa de se lidar com as questões que surgem em seus caminhos (GUIA...).

Nessa compreensão de cuidado, o cuidar do outro “é dar-se ao desabrochar do seu ser consciente/inconsciente de si em comum-responsabilidade” GALEFFI (2017, p.82). Assim, a relação do cuidador com a pessoa em cuidados passa a ser vista não como uma atitude passiva, dependente e assistencialista que espera a solução advinda do outro, do profissional e que se exime do compromisso com a autoresponsabilidade do seu itinerário terapêutico.

Na inspiração das PICS, a possibilidade de um caminhar em comum-responsabilidade, pressupõe a abertura ao aprender o cuidado nos modos de ser e viver do cotidiano humano em harmonia, que conduza a uma cultura de contínuo autocuidado. O autocuidado, conforme Guia... (, p.7), “não se refere somente àquilo que a pessoa a ser cuidada pode fazer por si, também inclui aos cuidados que o cuidador deve ter consigo com a finalidade de preservar a sua saúde e melhorar a qualidade de vida”. E nesta preservação da saúde do cuidador também aborda do cuidado de si e do outro, em que:

"Autocuidado significa cuidar de si próprio, são as atitudes, os comportamentos que a pessoa tem em seu próprio benefício, com a finalidade de promover a saúde, preservar, assegurar e manter a vida. Nesse sentido, o cuidar do outro representa a essência da cidadania, do desprendimento, da doação e do amor. Já o autocuidado ou cuidar de si representa a essência da existência humana."(GUIA... , p.7).

A partir destas três perspectivas do cuidado, trazidas nestas perspectivas cidadã e existencial, o cuidar do outro, de si mesmo e do cuidador, nessas linhas de cuidados é possível dialogar com as dimensões inerentes a estas relações conforme proposto na Tabela 1 a seguir.

Reconhecer o acontecimento em complementariedade destas perspectivas em suas coexistência é um caminhar possível de integralidade com este movimento de inclusão de saberes e práticas que constituem as vias de cuidados. E nos passos desta expansão das PICS no Brasil, em 2017, com a portaria nº849 há ampliação de quatorze práticas na PNPIC com a inclusão de: Arteterapia, Ayurveda, Yoga, Biodança, Dança Circular, Meditação, Musicoterapia, Naturopatia, Osteopatia, Quiropraxia, Reflexoterapia, Reiki, Shantala e Terapia Comunitária Integrativa. Em 2018 houve a inclusão de dez novas práticas perfazendo um total de 29 práticas ofertadas pelo SUS, que são a Apiterapia, Aromaterapia, Bioenergética, Constelação familiar, Cromoterapia, Geoterapia, Hipnoterapia, Imposição de mãos, Ozonioterapia, Terapia de Florais.

Tabela 1 – Dimensões e perspectivas do Cuidado.

Fonte: elaborado pela autora, 2018.

Dimensão/ Perspectivas	Biomédica	Popular	Místico/ Religioso/ Es- piritual
Cuidar de si, (autocuidado)	Sob as orientações de tratamentos dos profissionais de saúde em práticas formais do exercício da biomedicina.	Práticas de saúde realizadas em espaços não-convencionais, como nos cuidados caseiros feito por familiares no cotidiano.	A dimensão integral dos corpos como fontes de saúde e bem estar, tendo campo de atuação as energia, emoções, os pensamentos e centros de forças.
Cuidar do outro			
Cuidar do cuidador			

As PICS podem ser ofertadas em diversos serviços no SUS, em todos os âmbitos e transversal a toda a Rede de Atenção à Saúde – RAS, sendo prioritária, de acordo com a PNPIC, na Atenção Básica. Destacam-se “as equipes de Atenção Básica, entre elas a Estratégia de Saúde da Família - ESF, os Núcleos de Apoio à Saúde da Família - Nasf, as Equipes de Consultório na Rua, de Saúde Prisional, as Equipes de Saúde Ribeirinhas e Fluviais, podem realizar ações em PICS” (BRASIL, 2018, p.9).

A constituição, em alguns estados do Brasil, da Política Estadual de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde - PEPICS com elaboração das políticas municipais, mesmo não sendo de caráter obrigatório contribui na gestão, ampliação e consolidação das PICS no SUS. Já estão consolidadas nos estados do DF, RN, RS, ES, MG e há outros estados estão em processo de elaboração (DAB, 2018).

A PEPICS Bahia teve a sua publicação em nove de dezembro de dois mil e dezenove, por meio de Resolução CIB-BA nº 113/2019, e traz uma perspectiva orientativa quanto as PICS e a sua proposta de consolidação. Nesta política as práticas foram categorizadas em Sistemas Médicos Complexos, Práticas Corporais e Vivências Integrativas, Práticas Energéticas/Vibracionais e Meditativas/Contemplativas, Terapias baseadas em produtos naturais/Plantas Medicinais e Práticas Tradicionais e Populares (BAHIA, 2019).

Algumas destas práticas que chamamos de PICS no Brasil em seus países de origem elas são as medicinas praticadas; a exemplo, na China a medicina chinesa, na Índia a medicina indiana ayurvédica. Essas medicinas são sistemas médicos complexos também denominados aqui no Brasil como racionalidades médicas.

3.2.1 Os Sistemas Médicos Complexos

Eu conheci as racionalidades médicas com a Profa. Dra. Anamelia Lins e Silva Franco, psicóloga, mestre em Psicologia do Desenvolvimento e doutora em Saúde Pública, coordenadora

e professora do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Professor Milton Santos da UFBA. Em uma apresentação sua no I Congresso Nacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde - CONGREPICS e o III Encontro Nordestino de PICS realizados em Natal/RN no período de 12 até 14 de outubro de 2017.

Depois pude aprender mais como aluna ouvinte no componente HACA50 Racionalidades em saúde: sistemas médicos e práticas alternativas do Bacharelado Interdisciplinar em Saúde com a Profa.Dra. Anamelia Lins e Silva Franco; bem como nas suas contribuições na qualificação e defesa do doutorado, como a do trabalho desenvolvido por Madel Luz.

Assim passamos a nos relacionar neste trabalho com a pesquisa e as escritas da filósofa Profa. Dra.Madel Therezinha Luz, mestra em Sociologia, doutora em Ciência Política, professora titular aposentada das universidades do Estado e Federal do Rio de Janeiro; colaboradora do Programa de Pós-graduação em Saúde Coletiva no Instituto de Saúde da Universidade Federal Fluminense e líder do Grupo CNPq Racionalidades em Saúde: Sistemas Médicos complexos e Práticas Complementares e integrativas.

As racionalidades médicas, um conceito desenvolvido por Madel Luz, é inspirado em Max Weber e se constrói como um tipo ideal a posteriori, de todo sistema médico complexo fundamentado em uma cosmologia, a partir da empiria e do racional, em um modelo tendencial em contextos sócio-histórico específicos com cinco dimensões fundamentais (morfologia, dinâmica vital, doutrina médica, sistema de diagnose e sistema de intervenção terapêutica) no reestabelecimento da saúde do ser humano (LUZ, 2011). As práticas terapêuticas não-convencionais que não cabe em uma racionalidade devem ser chamadas de recursos terapêuticos.

Assim, dos sistemas médicos complexos que possuem sua própria racionalidade podemos citar como exemplo as medicinas orientais tradicionais chinesa e indiana ayurvédica, a homeopatia, a antroposofia, as medicinas tradicionais indígena e africana. Das 29 práticas incorporadas no SUS, nota-se a presença de cinco racionalidades médicas e dos vinte quatro recursos terapêuticos derivados dos sistemas complexos.

Nas medicinas da homeopatia, as medicinas orientais tradicionais chinesa e ayurvédica, Luz (2011, p.158) observou como traços comuns na “descoberta de um paradigma transcultural que poderíamos denominar bioenergético, ou vitalista”. Assim, o vitalismo se caracteriza pelo restabelecimento e expansão da saúde na arte de curar, sendo esta arte uma questão milenar central do saber médico (LUZ, 2011). Estas três racionalidades possuem uma abordagem centrada na pessoa, no cuidado do sujeito adoecido, assim “tem como objeto o sujeito desequilibrado (“doente”) e por objetivo o restabelecimento de sua saúde, ou mesmo sua ampliação “ (LUZ, 2011, p.159). Estas e outras medicinas da arte de curar ficaram conhecidas no Brasil como medicina alternativa, holística, tradicional e mais recente referidas como PICS.

Luz (2005) salienta os aspectos deste novo paradigma médico como a terapêutica e sua predominância sobre a diagnose, na necessidade dos sujeitos adoecidos serem tratados e não

apenas diagnosticados. Ela também ressalta que a relação médico e paciente possui elementos simbólicos e significados subjetivos que contribuem na evolução tratamento; de uma medicina que respeite o cidadão e que estimule a sua autonomia e ativa presença em sua relação com o cuidado (LUZ, 2005).

As racionalidades escolhidas para serem mais abordadas nesta tese são as que fui desenvolvendo maiores aproximações nas experiências vividas em minha trajetória de cuidados e aprendizagens com os recursos terapêuticos, destacando a relação que elas possuem na integração do ser com a natureza. Elas são as medicinas tradicionais ayurvédica, chinesa, indígena xamânica ou não-xamânica, e a antroposofia. Ressalta-se também a existência de outros sistemas bem como de outras práticas terapêuticas destes sistemas e além destes. E trago nos diálogos com elas a relação com as estações do ano, as visões de saúde-doença-cuidado e algumas de suas práticas terapêuticas.

Fortalecendo nossa jornada com este olhar com as estações no caminhar com estes sistemas complexos, converge com este pensamento de Foucault (2017, p.130) e nos diz que “Os diferentes momentos do tempo – dias, estações e idades – são também na mesma perspectiva, portadores de valores médicos variados”. Foucault (2017, p.128) também considera que a medicina não se reduzia a práticas intervencionista e medicamentosa, cabendo a esta “definir uma maneira de viver, um modo de relação refletida consigo, com o próprio corpo, com o alimento, com a vigília e com o sono, com as diferentes atividades e com o meio.”.

3.2.1.1 Medicina Ocidental Contemporânea

Na cultura ocidental, e especificando aqui também o Brasil, esta é a racionalidade médica hegemônica também conhecida como biomedicina. Esta, entretanto, não é a única praticada no ocidente, a exemplo na América Latina destacam-se três grupos de medicinas, alternativas ao paradigma médico dominante, que são as medicinas tradicionais indígena xamânica ou não-xamânica, as medicinas de origem afro-americana e as medicinas alternativas ou complementares à biomedicina derivadas de sistemas médicos altamente complexos (LUZ, 2005).

Ela atua no paradigma “bio-mecânico” em uma cosmologia baseada no “imaginário mecânico da física clássica, e uma doutrina implícita que vê a doença como entidade concreta, que se expressa por sinais e sintomas objetiváveis”(TESSER; LUZ, 2008, p.200). Assim, ela “tem por objeto a doença (através da identificação de patologias) e por objetivo o combate e a eliminação das doenças” (LUZ, 2011, p.159).

A doença e o conhecimento sobre ela é o eixo estruturante da abordagem deste paradigma. A teorização das doenças em torno de especialidades e a centralidade no diagnóstico de doenças e patologias, revelam como o saber terapêutico neste sistema “ficou centrado no combate e controle das doenças, desviando-se do paciente e sua vida, tornando-se progressivamente padronizado, num processo de apagamento e desindividualização da ação biomédica em relação aos sujeitos reais.”(TESSER; LUZ, 2008, p.200). O relacionamento com a pessoa adoecida se transforma

de um olhar evolutivo individualizado para uma ação homogeneizada técnica especializada que reduz assim o seu coeficiente de integralidade (TESSER; LUZ, 2008).

A integralidade é princípio normativo do SUS, de saúde individual e coletiva que "constitui um grave problema para a biomedicina, cujo saber esquartejou o doente e centrou sua ação nas "doenças biomédicas". (TESSER; LUZ, 2008, p.195). Na abordagem integral é que se situam as chamadas práticas integrativas cujos sistemas são centrados na pessoa em sua singularidade e suas relações na construção de seu itinerário terapêutico com a saúde-doença-cuidado.

No entanto, esse esquartejamento e desindividualização da medicina, também conhecida como moderna e alopática, se sustenta na visão de mundo materialista catersiana da ciência convencional, no paradigma clássico, duro, tecnocrata, que põe um véu que esconde o por que deste saberes médicos serem deixados do lado de fora da prática médica. Jr (2005) fala destas inconsistências e desconhecimentos são delineados por esta prática com o intuito de produzir discursos de caráter generalizantes que sejam postos como universais.

Há de se refletir também que "O conhecimento fundamentador das práticas da biomedicina foi submetido a investigações científicas orientadas por estudos de base cartesiana, mas esses não respondem por todas as ações." (LEAL; FRANCO; GALEFFI, 2018). Assim, destes discursos universais oriundos de estruturas que buscaram domínios de mercado fomentaram este "Modelo de saúde que compreende o uso de sistema biomédico com incorporação de alta tecnologia, íntima relação com a indústria farmacêutica e medicalização da sociedade." (BRASIL, 2018, p.75). Madel situa esse marco de:

"influência da grande indústria químico-farmacêutica na produção-reprodução (ensino-pesquisa) do saber médico e a influência da indústria de equipamentos médico-hospitalares e laboratoriais no saber e na prática médica em todo o mundo ocidental a partir da segunda guerra, e no Brasil desde o período desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek." (LUZ, 2013)

Dos enquadramentos que encaixotam o ser humano na diagnose de alguma doença classificada em algum Código Internacional de Doenças - CID, em uma visão de totalidade do ser humano que se restringe apenas a dimensão biológica, e em procedimentos que atuam com as técnicas medicamentosas, cirúrgicas, físicas e dietéticas, são alguns dos aspectos que configuram a atuação profissional neste sistema (JR, 2005).

3.2.1.2 Medicina Tradicional Ayurveda

A Ayurveda, a sabedoria da vida, é uma palavra que vem do sânscrito antigo cujos termos *Ayus* significa vida e *Veda* vem de conhecimento verdadeiro, com a finalidade do ser vivo em sua constituinte combinação da mente, alma e corpo na manutenção do equilíbrio dos *dhātus*, que são os elementos teciduais, os doshas e malas (AGNIVESA, 1972).

O pensamento filosófico indiano está organizado na compreensão, *darsana*, daqueles que acreditam nos Vedas e dos que não acreditam (DASH, 1978). As escrituras dos Vedas se

divide em quatro livros que são *Rig Veda*, *Yajurveda*, *Samaveda* e *Atharvaveda*. Eles possuem ensinamentos de cura e cuidados que se dão pela mudança de hábitos, de alteração da energia com cânticos de palavras sagradas que promovem a mudança de estado, entre muitas outras práticas de seus recursos terapêuticos. Há três grandes tratados do Ayurveda, denominados de *Brihat Trayi*, o grande trio, que os estudantes desta medicina na Índia estudam estes textos, que são o *Charaka Samhita* por Agnivesa, o *Sushruta Samhita* de Sushruta e o *Ashtanga Hridaya* de Vagbhata.

A abordagem do Ayurveda da origem do universo e do ser humano feita aqui pela escola filosófica *Sankhya Darsana*, que considera o conceito de *Avyakta*, significa Não Manifestado, incluindo "tanto o Purusa (elemento consciente) como o Prakrti (matéria primordial)" na origem do universo (DASH, 1978, p.44). A partir de *Avyakta* surge:

"o Mahan (Intelecto) e o Ahankara (Ego). O Ego possui três aspectos diferentes, sattvika, rajasika e tamasika. Sattvi é o aspecto puro, rajas representa o dinamismo e tamas é a energia potencial. Os tipos sattvika e rajasika de Ahankara combinam-se para juntos produzirem os onze indriyas. Os tipos tamasika e rajasika de Ahankara combinam-se para produzir cinco tanmatras. Destes tanmatras, originam-se os cinco mahabhutas. A partir dos cinco mahabhutas tudo o que é matéria no planeta – tanto animado como inanimado – é criado" (DASH, 1978, p.45-46).

É importante ressaltar que os cinco mahabhutas que são os cinco elementos da natureza, do éter (*akasha*), ar (*vayu*), fogo (*tejas*), água (*jala*), terra (*prthivi*) (DASH, 1978); eles são "constitutivos de tudo que existe no universo, inclusive o ser humano, entendido como uma pequena representação do macrocosmo." (BAHIA, 2019).

E dos aspectos referidos do Ego, na classificação das faculdades mentais de sattva, rajas e tamas, o tipo sattviko é uma mente concentrada livre de impureza e defeitos, que no movimento para dentro e para o alto em elevação conduz o ser a atos virtuosos como autocontrole, pureza, amor, devoção, calma e tranquilidade (DASH, 1978).

Para dialogarmos com os atributos da mente, seguimos em comunhão com o texto da obra do Bhagavad Gita, pertencente obra épica clássica da Índia, o Mahâbhârata. A humanidade no seu caminhar para autorrealização busca inspiração para se lidar em suas travessias com os desafios de seus condicionamentos. A história de vida de seres que conseguiram vivenciar um caminho de libertação de seus sentidos e fluir em um caminho virtuoso é fonte de inspiração em sattva dos caminhantes dos aspirantes desta trilha. Krsna é uma referência de Ser transcendental, uma alma autorrealizada, que é considerado a grande autoridade do dharma, transcendental a todas as regras dos mundos material, astral e espiritual, mesmo não havendo dever para esta alma realizada ele ainda assim ele se ocupa de mente e coração ao serviço devocional amoroso (SWAMI, 2018).

A mente rajasika age em dinamismo e agitação voltada para fora apegado ao poder e aos bens materiais bem como a mente tamasika tende a estagnação, a inércia, em movimento

descendente a ignorância e ilusão em que "O domínio dos *tamas* no *citta* (mente) impede o despertar da consciência." (DASH, 1978). No *Bhagavad Gita*, esta literatura espiritual da humanidade, no relato da batalha de *kurukshetra*, os diálogos de Krishna e Arjuna, o arqueiro que mergulhado em conflitos de seu propósito, são a sabedoria desta ciência da alma.

Em contato com a natureza material o ser age sem hesitar a sua própria vontade. Ao entrar no modo de paixão, o divino amor eterno se transforma em luxúria. Swami (2018) aborda a dificuldade do Ser corporificado, no esquecimento de sua natureza espiritual eterna, viciando-se na satisfação dos sentidos estando nesta condição ilusória confunde o prazer do gozo dos sentidos com a verdadeira felicidade. A ira é a manifestação do modo da ignorância e a luxúria é uma condição ilusória que destrói o conhecimento do Eu. No firme propósito de libertação desta condição ilusória, a prática deste sistema atua na educação dos sentidos, no conhecimento do mundo superior e desenvolvimento de uma inteligência superior.

Essa medicina é uma tradição dos antigos sábios hindus cuja origem há referências que relatam mais de cinco mil anos. De acordo com Agnivesa (1972, p.21), esta ciência é compreendida de três princípios que são etiologia, com as causas da doença; sintomatologia, com os sinais e sintomas do estado de saúde e da doença; e a terapêutica, com o seu sistema quádruplo do médico, medicamento, assistente e dos pacientes que sofrem de doenças sérias e leves.

Na visão da ayurveda de saúde-doença-cuidado, a:

“Saúde”, de acordo com o Ayurveda não é simplesmente estar livre das doenças. Uma pessoa é considerada saudável apenas quando sua mente, seus órgãos sensoriais e sua alma estão em um estado de perfeito equilíbrio para proporcionar a felicidade. Somando-se a isto, o corpo deve estar livre das doenças. O Ayurveda enfatiza a preservação e a promoção da saúde Positiva em adição à prevenção e cura das doenças. (DASH, 1992, p.14)

Assim Agnivesa (1972) afirma que a saúde é um estado de equilíbrio dos *dhātus* – que é *prakṛti* – e felicidade; e a doença, que podem ser curáveis e incuráveis, é o resultado do desequilíbrio dos *dhātus* e a dor. A doença é também conhecida, de acordo Vagbhata (2002) pelos seguintes termos sinônimos *roga*, *pāpmā*, *jvara*, *vyādhi*, *vikāra*, *duhkha*, *āmaya*, *yaksmā*, *ātañka*, *gada* e *ābhādā* sendo cada um são aspectos da doença. Assim:

“A doença é denominada *roga*, porque ela dá origem à dor; é *pāpmā*, porque tem origem em ações não virtuosas; é *jvara*, porque causa tormento; é *vyādhi*, por que está presente em diferentes tipos de anormalidades; é *duhkha*, pois causa vários tipos de infelicidade; é *āmaya*, porque é causada por *āma* (metabólitos não digeridos e inadequadamente processados); é *yaksmā*, pois consiste de uma combinação de doenças (complexidade de sintomas, síndrome); é *ātañka*, pois torna a vida miserável; é *gada*, porque é produzida de múltiplas causas; e *ābhādā* pois produz constante desconforto (para o corpo, a mente e para os órgãos do sentido). Além disso, o termo *dosha* também é utilizado como sinônimo indicativo de doença.” (VAGBHATA, 2002, p.20-21).

Tabela 2 – Descrição das características dos tridoshas.

Fonte: Baseado em Vagbhata (2002)

CARACTERÍSTICAS / DOSHAS	VATA	PITTA	KAPHA
Mahabhutas	Éter e ar	Fogo e água	Água e terra
Função responsável	Direcionar a energia em movimento Regula todo o movimento mente corpo..	Gerar energia. Regula a fome e a sede. Digere ideias, impressões	Regular a energia. Responsável pelo acúmulo de gorduras e líquidos no corpo.
Estrutura física	Magro, esguio, alto ou baixo, veias e ossos aparentes	Constituição média do peso e altura, fácil aquisição de músculos	Robusto, encorpado, largo, tende a obesidade, estatura bem desenvolvida
Pele	Seca, áspera, rachada	Pele mista, quente com sardas e/ou verrugas, corada, propensa a irritação	Mais oleosa, macia e suave, úmida e fria
Cabelo	Escasso, frágil, seco, quebradiço	Macio, oleoso, Fino, branco precocemente	Forte, oleoso, grosso, volumoso
Apetite e digestão	Apetite e digestão variável.	Apetite forte e excelente digestão e metabolização, com tendência a azia.	Apetite regular e a digestão é lenta, difícil metabolização.
Eliminação	Tendência a prisão de ventre. Fezes seca e dura, sem regularidade.	Regular, o intestino solto as vezes com diarreia.	Intestino moderado. Eliminadas regularmente. Volumosas.
Comportamento	Sono leve e irregular com tendência a insônia, caminham depressa, falam em demasiado. Alegres, animados, adaptam bem a mudança.	Pouco e profundo sono, com facilidade para dormir e acordar. Caminham estável. Determinados, agressivos, organizados.	Muito sono e profundo. Caminham lento Calmos, carinhosos. Dispostos ajudar..
Mente	Ativa, inquieta, curiosa; a memória fraca, aprende e esquece rápido; o pensamento divagam.	Perspícazes, inteligentes. Aprende rápido e demora para esquecer.	Receptiva. Pensamento lento. Excelente memória, aprende devagar e não esquece.
Em desequilíbrio	Preocupação e insegurança.	Frustração, irritação, raiva e impaciência., temperatura e transpiração irregular	Flacidez, fadiga, sequidão, obeso, lento, apetite desregulado, produção de mucosa. Depressão, isolamento

Os doshas, para Vagbhata (2002, p.31) estão mais relacionado com o corpo e “possuem pramāna (quantidade), guna (qualidade) e karma (funções) próprias e definidas”. O corpo humano é constituído dos cinco pancha mahabhutas e podem ser percebidos com os tridoshas, os trigunas, entre outros. Os doshas são três energias universais que regulam os processos na natureza a nível macroscópico e microscópico, conhecido como tridoshas, os três doshas que são vāta, pitta e kapha. Possuem relações com os elementos da natureza – os pancha mahabhutas – e as estações, onde o dosha Kapha é constituído pelos elementos água e terra, tem-se a primavera e início do verão; o Pitta, os elementos fogo e água, no verão e início do outono; e o Vata, elementos espaço e ar, final do outono e inverno.

No ciclo de vata-pitta-kapha com base nos cinco elementos da natureza se observa esta constituição no ser humano. Também em relação as estações do ano há três importantes marcos no decurso da vida humana: infância, idade adulta e velhice. A infância é o tempo de kapha, o nascimento aos dezesseis anos; o tempo de pitta vai dos vinte aos sessenta anos, indivíduo está ativo e cheio de vitalidade. E o tempo de vata é a velhice, após os sessenta anos (VAGBHATA, 2002, p.20-21).

Esses tridoshas tendem ao desequilíbrio, e são considerados doshas do corpo (Kāya) e os doshas rajas e tamas são considerados doshas da mente (manas), sendo que sattva, rajas e tamas, são os três mahagunas – as qualidades primárias da criação das substância do mundo (AGNIVESA, 1972) (VAGBHATA, 2002). Vata, pitta, kapha, rajas e tamas são considerados fatores patogênicos, sattva não é patogênico, ele é a mente e o espírito (AGNIVESA, 1972).

Assim, na relação de harmonia com os mahābhūtas nos cuidados do ser em equilíbrio com os aspectos das faculdades mentais, na prevenção as tendências com os desequilíbrios e na cura de doenças é que se dá a atuação terapêutica desta medicina. Nesta visada, "O ayurveda considera saudável aquele indivíduo que tem os doshas (humores) em equilíbrio, os dhatus (tecidos) com nutrição adequada, os malas (excreções) eliminados adequadamente, e apresenta uma alegria e satisfação na mente e no espírito." (BRASIL, 2018).

Na arte terapêutica desta racionalidade médica podem ser utilizados em uma rotina de cuidados com Jyotisha ou astrologia védica; nutrição em uma dietética alimentar; práticas de eliminação e purificação como o Panchakarma; da fitoterapia e a fitoenergética; sistemas de cirurgias; diversos tipos de massagem e oleação; cuidados do corpo-mente com Yoga, entre outros.

Dos recursos terapêuticos da ciência ayurvédica, trazemos aqui nesta abertura dialógica as práticas que experienciamos de seus recursos terapêuticos com Yoga e com as massagens da Yoga Massagem Ayurvédica - YMA e a Shantala.

Yoga significa união e em seu caminho aprendemos a caminhar na união das polaridades, a viver encontrando em nossos corpos essa sabedoria em movimentos de contração e relaxamento em sincronia com os ritmos respiratórios em que cada ser humano vivencia, com as suas possibilidades, histórias e memórias incorporadas, fortalecendo o centramento do ser com um interior robustecido. A prática de Yoga de acordo com os oito pilares dos Yogasutras de Pantajali

são:

Normas de convivência [yama], normas de auto-aperfeiçoamento [niyama], posturas de assentamento [ásanas], práticas de controle das forças sutis [prāñáyama], recolhimento [pratyáhára], concentração [dharaña], meditação [dhyána] e superação de si mesmo [Samádhi] são as oito partes [axgas] do Yoga (BARBOSA; PATANJALI, 1999, p.61)

Desses oito pilares é importante salientar que Yoga vai além das posturas em que assim ficou conhecido, e que derivam destes diversos tipos de Yoga, como os de purificação, devoção, meditação, entre outros.

Assim como há muito tipos de Yoga também há muitos tipos de massagem ayurvédica, a Gharbini Abhyanga é a mais comum. Conhecemos esta prática bem como a da Yoga Massagem Ayurvédica – YMA de Kussum Modak, uma mulher indiana que durante anos vivenciou práticas de yoga com o mestre Yengar e de massagem com Lymaye e encontrou o seu próprio caminho na combinação deste com a proposta da YMA. Uma massagem profunda que utiliza mãos, pés, braços na realização das trações, bem como alongamentos de yoga durante a massagem.

A massagem indiana feita em crianças foi difundida no Ocidente médico francês Frédéric Leboyer, também reconhecido pelo trabalho do nascimento sem violência, o chamado parto Leboyer, em de suas visitas a Índia, em Pilkhana em Calcutá conheceu a hindu Shantala que se encontrava no chão a massagear um de seus filhos e em homenagem a ela denominou a massagem de Shantala (LEBOYER, 1976).

3.2.1.3 Medicina Tradicional Chinesa

Na natureza, os fenômenos acontecem de forma integrada com as leis e movimentos da natureza, e a consciência que o ser humano é integrado a natureza traz maior dimensão das interações existentes. Pela observação da natureza, a compreensão de ciclo surge como qualidade básica que tem seus movimentos e estações, sendo que “a vida é um fluxo constituído de ciclos assim como as estações do ano. Ciclo é outro conceito básico que os taoistas desenvolveram contemplando a Natureza” (OTSU, 2006, p.25).

A medicina é a do ser com a natureza, do ser integrado na natureza, do seu sistema dialogando com os elementos da natureza. Essa sabedoria é trazida na base da Medicina Chinesa.

Há três vertentes nas quais a Medicina Chinesa é expressada, que são as medicinas clássica, tradicional e contemporânea (FERREIRA; LUZ, 2007). Conforme as autoras, a Medicina Clássica Chinesa abrange o período de formação da medicina chinesa durante a dinastia Han e contém as obras clássicas deste sistema; a Medicina Tradicional Chinesa – MTC integra a medicina clássica e expande em novas formulações cuja teoria e prática são disseminadas no Oriente e Ocidente; e a Medicina Chinesa Contemporânea que se distancia mais de suas origens históricas buscando uma legitimação na ciência ocidental e surge na sistematização da medicina proposta por Mao Tsé-tung (FERREIRA; LUZ, 2007).

Nesta entendimento, seguimos aqui na vertente da Medicina Tradicional Chinesa – MTC ou Medicina Taoista, na influência e constituição do ciclo dos cinco elementos, também conhecidos na teoria dos cinco movimentos -Wu Yun - onde os elementos são considerados como fases da energia ying-yang e “por meio das estações do ano: fogo equivale à fase da energia no verão; terra à do verão prolongado; metal à do outono; água à do inverno e madeira à da primavera” (BRASIL, 2018, p.119).

E quando trazemos o conceito de *yin* e *yang* é preciso aqui trazer na relação com a sua simbolização com o *tai ji* para melhor expressar com a visulizade do seu movimento dinâmico que Botelho e Lee (2017) chama de dança das polaridades em que:

Os chineses consideram o céu e a terra como pais ancestrais o mundo fenomênico. Portanto, tudo o que tem forma possui o seu lado materno, que é a natureza terrestre, e o seu lado paterno, a natureza celeste. O *yin* e *yang* são dois símbolos utilizados para representar e explicar essa visão dialética na qual tudo o que tem forma e é percebido pela consciência e pelos sentidos submete-se às leis que regem a interação do *yin* e *yang*. Em todas as coisas no universo, o *yin* abraça o *yang* e o *yang* carrega o *yin*. (BOTELHO; LEE, 2017, p.126)

A partir destes símbolos podemos prosseguir no diálogo com as estações. E na primavera a vida recomeça, a energia yang se manifesta gerando energia e tudo volta a pulsar no início de um novo ciclo (OTSU, 2006). Regido pelo elemento madeira, na energia do fígado e na relação com a raiva e a mágoa (BRASIL, 2018).

O verão é considerado o auge da vida que entra em ebulição, tem maior predominância da energia *yang*, na distribuição de energia, as árvores ficam mais frondosas, momentos de plenitude e abundância da natureza (OTSU, 2006). Esta estação é regida pela energia do coração e pelo elemento fogo, que está relacionada com a alegria e a ansiedade (BRASIL, 2018).

O estio é considerado um prolongamento do verão, do seu final também conhecido como canícula pelos chineses; um interlúdio do fogo para terra (BRASIL, 2018). Equilíbrio e plenitude na estabilização da energia *yin* e *yang*, uma pausa respiratória do verão ao outono, revelando o seu próprio movimento pausa.

O outono é um momento que a natureza se transforma, as folhas cobrem o chão como um tapete; é preciso contrair, voltar-se para dentro e poupar energia, a energia yang decresce e yin se manifesta (OTSU, 2006). Tempo de amadurecimento, transição e renovação; deixar ir comportamentos repetitivos e das folhas que precisam abrir mão para seguir em frente. Regido pela energia do pulmão, relacionada com a depressão, tristeza e angústia (BRASIL, 2018).

O inverno é um momento de recolhimento da energia, repouso das pessoas em suas casas em descanso, quietude e introspecção; de estagnação e paralisação da vida, em paisagem de frio e silêncio (OTSU, 2006). Tem maior predominância da energia yin, elemento água; e, das emoções que nas águas fluem relaciona com o medo e o pânico na energia do rim (BRASIL, 2018).

No filme de direção e roteiro do Kim Ki-Duk, da Coreia do Sul, com o título de Primavera, verão, outono, inverno e . . . primavera, retrata o ciclo de aprendizagens que trazem as estações da vida. No processo de amadurecimento dos personagens, a roda da vida se renova e consonância ao que o filme enfoca, as experiências no percurso de vida vai revelando seus ciclos de aprendizagem.

Na abordagem terapêutica da MTC, a acupuntura é prática reconhecida no uso de agulhas em pontos que são canais de energia e pode ser utilizada com eletro estimulação ou não - eletroacupuntura - e acompanhada de outras práticas como a moxabustão, a reflexologia e a ventosaterapia na realização de seu atendimento. Também como recursos terapêuticos estão as práticas de atividades corporais, energéticas, meditativas e integrativas do lian gong, qi gong, tai-chi-chuan, meditação, massagem tui-ná, o uso de plantas medicinais e orientação alimentar (BAHIA, 2019).

3.2.1.4 Medicina Indígena Xamânica ou Não-Xamânica

Essa medicina no Brasil constitui o nosso saber ancestral, um conhecimento passado oralmente pelas gerações, e que de acordo Luz (2005) sobrevive a desafios históricos e culturais da colonização à modernização onde:

“Em primeiro lugar, deve ser salientada a mais antiga e persistente, apesar de todas as agressões culturais sofridas, que é a medicina de origem indígena, xamânica ou não-xamânica, nativa dos países que sofreram a colonização luso-espânica. Tal medicina tradicional, também identificada como aborígene, primitiva, natural, não-formal, ou simplesmente medicina indígena, é realmente a expressão viva das culturas locais em muitos rincões do continente americano.” (LUZ, 2005, p.154)

A redução da população indígena brasileira aconteceu desde o início dos processos colonização no Brasil com apropriação de seus povos e suas terras, na aculturação das tribos indígenas com a imposição de novas crenças e valores, e nos adocimentos com o contato e convivência com os seu colonizadores. E persiste até hoje com conflitos de sobreposição de interesses socioeconômicos com questões atinentes a posse de terras e exploração de seus recursos. Assim, no seu processos histórico de colonização esta população foi:

"dizimada pelas expedições punitivas às suas manifestações religiosas e aos seus movimentos de resistência, mas, principalmente, pelas epidemias de doenças infecciosas, cujo impacto era favorecido pelas mudanças no seu modo de vida impostas pela colonização e cristianização (como escravidão, trabalho forçado, maus tratos, confinamento e sedentarização compulsória em aldeamentos e internatos). A perda da autoestima, a desestruturação social, econômica e dos valores coletivos (muitas vezes da própria língua, cujo uso chegava a ser punido com a morte) também tiveram um papel importante na diminuição da população indígena. (BRASIL, 2002, p.7)

Uma medicina cuja cura é uma aprendizagem coletiva para o mundo praticar a inclusão, o pertencimento, de uma memória viva que nos lembra de nosso exercício da cidadania, da dignidade da pessoa humana, da garantia dos direitos de todos os povos e de honrar a nossa ancestralidade. A resitência e o resistir é uma aprendizagem dos vividos em que é preciso ter uma espaço de dentro muito fortalecido para se sustentar quando os desafios ameaçam a vida, a perda dos territórios, a desconstrução de sua história, a perda de seus direitos. Estas e outras questões constituem este sistema de cura em que:

“As medicinas tradicionais indígenas, fortemente enraizadas nas culturas locais dos países sul-americanos, sobreviveram como puderam ao massacre cultural do período histórico da colonização, e ao da modernização que lhe sobreveio com o século XIX. Caracterizam-se como sistemas de cura nos quais integração ou harmonia homem/natureza, e natureza/cultura é um sinônimo do que designaríamos, em nossa cultura, de equilíbrio para os indivíduos, e uma garantia de saúde para a comunidade. O adoecimento é gerado pela desarmonia entre esses elementos fundamentais da vida, e restaurar a saúde, através da intervenção de xamãs, ou brujos, ou outros agentes de cura, é restabelecer a harmonia entre esses termos nos sujeitos, sempre vistos como um todo socioespiritual inserido na natureza.” (LUZ, 2005, p.155)

A sobrevivência a este desarmônico e desequilibrado sistema sociocultural, esta deserção cotidiana implica de resistência, possibilidade de escape do dispositivo se colocarmos linhas de emancipação, e compreender o nosso comportamento de resistência para que uma ação de invenção aconteça ou de tentar inventar o novo (GALEFFI; MARQUES; NETO, 2016). Assim, no movimento de vida dos povos indígenas a busca de uma outra via, e conforme os autores, de um outro caminho que se desdobra, em que você dobra de diversas maneiras, cabendo assimilar isso como aceitação ou submissão, assumindo um processo de assujeitamento ou de emancipação, bem como ter uma determinada resistência.

A resistência é uma marca na história indígena Xamânica ou Não-Xamânica. Uma resistência que evidencia a compreensão de potência humana, que segundo (AGAMBEN, 2006, p.16) “é definida essencialmente pela possibilidade do seu não-exercício, disponibilidade de uma privação”, de uma presença privativa daquilo que não é ato, que não se vê, mas tem algo que por vezes lhe falta este algo. O potente é aquele que pode ser e fazer bem como não ser e não fazer, nesta possibilidade de coexistência. Toda potência também é impotência e a “grandeza de sua potência é medida pelo abismo da sua impotência” (AGAMBEN, 2006, p.22). Resistir e ir além da sobrevivência, é uma ação de resignificação e reinvenção que quando nos colocamos neste processo de criação de nós mesmos vivemos novas possibilidades, existindo assim na dimensão de potência.

Então é desta aprendizagem vivida de cura que precisamos evidenciar quando abordamos a medicina indígena, do seu caminho de resitência, potência, de reconexão e harmonização com a vida. Ailton Krenak é uma voz indígena brasileira, do território do povo Krenak na região do Vale do Rio Doce; é um ativista de defesa dos direitos indígenas e do movimento socioambiental

contribuindo para a organização da Aliança dos Povos da Floresta e União das Nações Indígenas - UNI (KRENAK, 2019).

Krenak (2019) questiona se somos mesmo humanidade, abordando a nossa disposição a servidão voluntária e da alienação que vivemos com as agências e instituições internacionais consolidadas das quais ele exemplifica – Banco Mundial, Unesco, OEA, ONU – determinando o que é importante para o planeta com base no “mito da sustentabilidade, inventado pelas corporações para justificar o assalto que fazem à nossa ideia de natureza” (KRENAK, 2019, p.9).

Quando estive no Uruguai em outubro de dois mil e dezesseis, ao visitar uma exposição do Xamanismo em um museu, me espantei com a história que se criou do Uruguai do se ver como uma terra sem índios. Uma exposição com as vestimentas, vídeos, utensílios, dialogando com a existência dos índios e do xamanismo no Uruguai, e do resgate destes povos ancestrais neste país e de suas memórias no reconciliar com sua própria história da dizimação dos seus povos originários e o reconhecimento de sua descendência. A visão de cura neste sistema complexo também é histórica, das disputas e conquistas territoriais que consituíram os países e a sociedade.

Na relação com o sagrado, os agentes de cura são conhecidos como curandeiros, xamãs, pajés, feiticeiros, líder espiritual, eles atuam promovendo limpezas corporais e espirituais pelos seus rituais de cura, tendo nas questões transcendentais mediadas pelas forças da Natureza e os espíritos dos antepassados e a comunidade. Com o recurso terapêutico denominado de fitoterapia no ocidente, "As ervas, os minerais e não raramente os animais de cada região fornecem as bases terapêuticas desse sistema de cura, não exclusivamente operado por xamãs"(LUZ, 2005, p.155). Assim, Luz (2005) também considera os erveiros, as benzedoiras, as parteiras, os farmacêuticos populares.

A recuperação destes saberes das “medicinas populares ou folk do país (como as xamânicas ou as ligadas às religiões afro-índigenas) foi um evento histórico que atingiu não apenas o Brasil, mas o conjunto dos países latino-americanos, principalmente durante a década de 80, basicamente nos grandes centros urbanos.” (LUZ, 2005, p. 153). A notoriedade destas práticas são evidenciadas no:

“grande desenvolvimento, nos centros urbanos, de farmácias e lojas de produtos naturísticos tradicionais ou recentes; reaparecimento, em feiras populares urbanas, do “erveiro” (vendedor de plantas medicinais) como agente de cura, e aparecimento, no noticiário da grande imprensa escrita e televisiva, de reportagens frequentes sobre os efeitos curativos de terapias ou práticas terapêuticas não-convencionais, denotando aumento da procura das mesmas por um número significativo de pessoas.” (LUZ, 2005).

Assim como a partilha de saberes populares, há de se destacar de nossa matriz da medicina indígenas e afro-americanos, outros saberes de outras medicinas, dos povos que aqui chegaram na constituição histórica do Brasil, também coabitaram geracionalmente entre as famílias na manutenção de seus costumes e tradições.

A expressão viva deste sistema de cura está presente em nossas relações e aprendizagens de cuidado que são heranças dos povos ancestrais tradicionais indígenas, incas, os maias. Assim, em sua arte terapêutica as práticas de cuidados pelas ervas e raízes medicinais, o uso das chamadas plantas de poder, exemplo de Wachuma e Ayahuasca; o cachimbo, o tabaco; o uso de instrumentos musicais, os tambores e flautas xamânicos; os cantos e danças; a meditação presentes em seus ritos, como a busca da visão e a revelação do animal de poder; as cerimônias de limpezas e purificações, como a cabana da purificação e a sauna sagrada.

Destas chamadas medicinas, a Ayahuasca tornou-se fonte de atração de pessoas em seus caminhos de cura e uma abertura ao relacionar com este sistema. A Ayahuasca é considerada uma medicina da terra e da floresta, uma das vias de acesso a quem chega a se relacionar com o Xamanismo. Trago aqui dois filmes, um norte americano e outro brasileiro que falam desta medicina.

O filme chamado *The Last Shaman*, do ano de 2016 dirigido por Raz Degan que reporta esta busca de curandeiros e da cura com o uso desta bebida. É um documentário que conta a jornada de James Freeman, que sai dos Estados Unidos peregrinando algumas comunidades xamãs do Peru, em busca de cura da depressão e do pensamento de suicídio que o cerca em seus conflitos existenciais. Observo em minha leitura fílmica, que além de evidenciar a sua experiência com a Ayahuasca e as questões que implicam num comércio de cura, na narrativa surgem outras perspectivas que vão constituindo a sua própria cura. A exemplo, o perdão ao seu pai, a mudança temporária da realidade que vivia a sua clausura, as transformações no estilo de vida e em alguns hábitos enquanto vivência a sua jornada, o seu diário que lhe coloca na escrita reflexiva do percurso, sua reconexão com a vida, consigo, com o outro, com a natureza, com a simplicidade, a beleza e com o firme propósito.

E o filme *Ayahuasca, Expansão da Consciência* do ano de 2018 dirigido e protagonizado por Fausto Noro, que também retrata sua busca de cura da sua criança ferida na relação com o pai. E na sua relação conta a história que acessa deste sistema complexo no Brasil nas experiências do Santo Daime e do Voô da Águia com Leo Artese. E das questões que envolve o uso desta bebida do chá da Ayahuasca, da busca da diferenciação do que é droga em nossa sociedade, a perspectiva de substância psicoativa à bebida sagrada, como se dá o seu processo de preparação, propósito do seu uso, dos efeitos, entre outras abordagens.

Com o trabalho da Roda de Estudos de Xamanismo Voo da Águia com (ARTESE, 2018), que conhecemos através de Vânia Almeida (Brisa Alegre), esta medicina é representada na Figura 5, com as estações e seus elementos.

Assim, conforme (ARTESE, 2018) a primavera é a fase de fertilização e do nascimento, o verão de crescimento, o outono de introspecção e o inverno de maior concentração e renovação.

Nestes caminhos de cura, cuidado, desenvolvimento da consciência nesta medicina observa-se a relação do ser humano com a natureza, seus elos, elementos que constituem essa

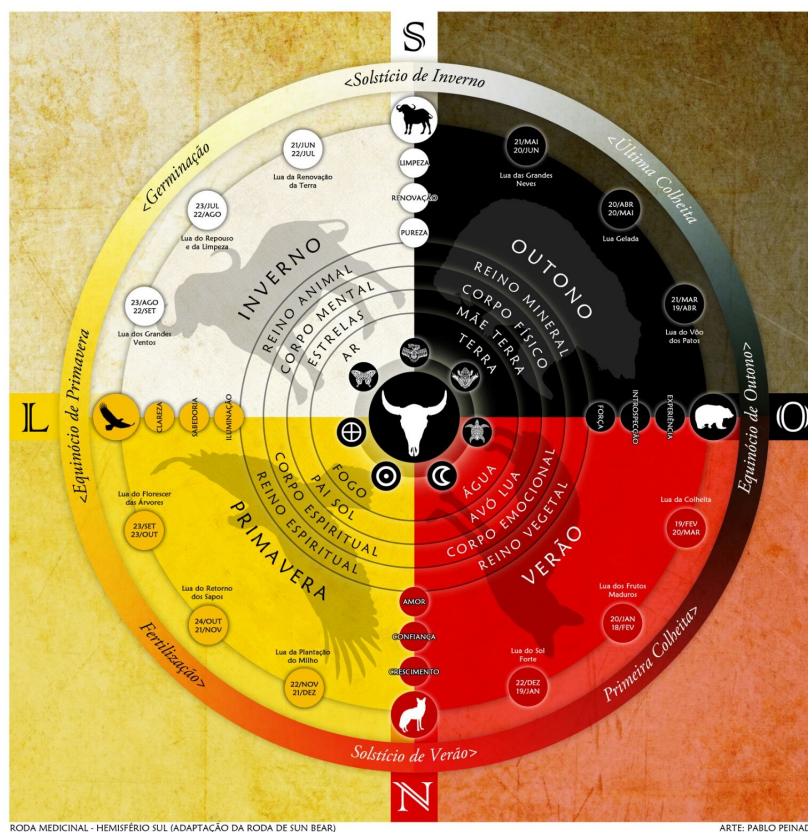


Figura 5 – Roda de Estudos de Xamanismo Voo da Água

Fonte: (ARTESE, 2018)

relação Ser Natureza. Conforme Kaká Werá Jecupé (2016), o ser é um som que vestiu das quatro forças da natureza, os elementos, que estruturam o corpo material humano e assim corporificam-se. Esta relação está associada ao que ele chama de medicina primitiva da alma, que “quando estão alinhadas e harmônicas, resultam na saúde física, emocional, psíquica e espiritual.” (JECUPÉ, 2016, p.55).

Nesta compreensão reside a visão na tradição tupi em que “[...] existe uma misteriosa relação entre os estados mentais e as energias primordiais: terra, água, fogo e ar”(JECUPÉ, 2016, p.43). Essas energias também são conhecidas como arquétipos, elas são entidades de consciência superior, sendo estas uma expressão de Tupã da renovação que se dá pelos quatro ciclos das estações (JECUPÉ, 2016). Sobre os ciclos e sua renovação o autor também afirma que:

A natureza se renova de tempos em tempos. É assim que seus ciclos nos ensinam a preciosidade deste desse comportamento! Existe a pequena renovação diária, sob o auspício do sol e da lua, do dia e da noite. Existe a renovação setenária, sob os cuidados da semana. Existe a renovação mais profunda e longa, sob a regência das estações. E assim sucessivamente. (JECUPÉ, 2016, p.55)

A estações são chamadas no tupi-guarani de acordo com Jecupé (2016, p.56) de: “Arapoty – as flores que se abrem para o céu, a primavera. [...] “Arapyau, o verão, a divina graça em

expressão”[...] “Arakuá, o outono, que remaneja e purifica [...] e “Arayma – o tempo primeiro, o caos inicial, o seco, o inverno.

3.2.1.5 Medicina Tradicional Africana

No pensar a sociedade brasileira a partir das matrizes de cosmologias negras e dos saberes nativos dos ameríndios, assim como já trouxemos esta questão na medicina indígena, a colonização, a escravidão e o tráfico de pessoas na diáspora negra que constitui o caminho de chegada dos povos africanos no Brasil e no mundo.

A Medicina Tradicional Africana – MTA é um sistema de cura e cuidados, conforme nos relata Luz (2005, p.156), este contexto de originário de chegada as Américas, em que:

"há uma medicina em parte também originalmente xamânica, mas marcadamente mais religiosa que a primeira, relacionada com a população de origem africana, introduzida nos países da América do Sul e América Central através da escravidão praticada no continente pelos colonizadores europeus, basicamente a partir do século XVII e desenvolvida durante os séculos XVIII e XIX com o tráfico de escravos vindos do continente africano."

Neste processo de escravidão e colonização, de acordo com Luz (2005), essa força de trabalho escrava se encontravam enraizados nas grandes fazendas e nos centros urbanos de vários países da América do Sul, Central e de ampla inserção no Brasil, em uma cultura de resistência proveniente das culturas das tribos africanas cujos saberes foram transmitidos na oralidade geracionalmente tendo:

“uma base terapêutica fortemente ancorada na fitoterapia. Entretanto, embora empregue a natureza como recurso básico de intervenção de cura, é inegavelmente mais espiritualista em sua abordagem dos fenômenos de adoecimento individual e grupal, e seu agente de cura mais importante é normalmente um sacerdote (ou sacerdotisa), através da figura do pai de santo ou mãe de santo, que opera terapeuticamente intermediando entidades espirituais, divindades de diversas hierarquias, geralmente em rituais em que possessão e exorcismo podem ter papel importante na cura.”(LUZ, 2005, p.156)

Nesta abordagem na senda da espiritualidade, este sistema de cura está ligada a diversas divindades de origem africana, em que as pessoas “buscam as medicinas espiritualistas da umbanda, do candomblé e dos centros kardecistas, utilizando-as sincreticamente como forma terapêutica popular. As chamadas medicinas populares no Brasil são grandemente impregnadas por esse sistema tradicional.” (LUZ, 2005, p.157).

Assim, a MTA se caracteriza como uma medicina espiritualista que:

se encarrega do tratamento de “doenças espirituais” ou de origem espiritual (mau-olhado, feitiço etc.), ou então daquelas doenças para as quais a medicina ocidental não oferece ainda perspectiva de cura, ou cujo tratamento é considerado como excessivamente invasivo, como câncer, AIDS e várias doenças crônicas. Cobre, portanto, uma gama enorme de doenças orgânicas e

não-orgânicas, empregando como meios terapêuticos, além dos “passes” espirituais, a fitoterapia e a prática de uma homeopatia popular de tradição secular na sociedade brasileira. Além disso, exige certas disposições, comportamentos e atitudes dos pacientes “em tratamento”, como dietas especiais, formas de sentir e de pensar que facilitem a cura, além de oferendas de preces e alimentos, ou doações materiais às divindades (“orixás”, no caso do Brasil), no sentido de propiciar o restabelecimento do paciente. (LUZ, 2005, p.157)

No DMMDC com o componente EDCC50 TE- Filosofia Contemporânea: a perspectiva latino-americana com o filósofo e professor Eduardo David de Oliveira pudemos conhecer questões pertinentes ao diálogo e pensamento da africano e afro-brasileiro a partir da filosofia da libertação e da cultura e epistemologia da ancestralidade com as relações sociais de gênero, raça/etnia e classe atinentes a sociedade brasileira.

A partir da Rede Africanidades - formada em Salvador pela iniciativa de Eduardo Oliveira com os cursos por ele realizado de Filosofia Africana - em um encontro realizado na UFBA promovido por esta rede é que conhecemos o Cosmograma Bakongo, conforme Figura 5, e o diálogo com os ciclos da vida. A relação com a autocura nos motivou a pesquisar mais a cosmovisão da cultura Bantu do povo africano Kongo ou Bakongo, o pensamento e os princípios do sistema bantu-kongo com o trabalho desenvolvido pelo kongolês Kimbwandende Kia Bunseki Fu-Kiau (1934-2013).

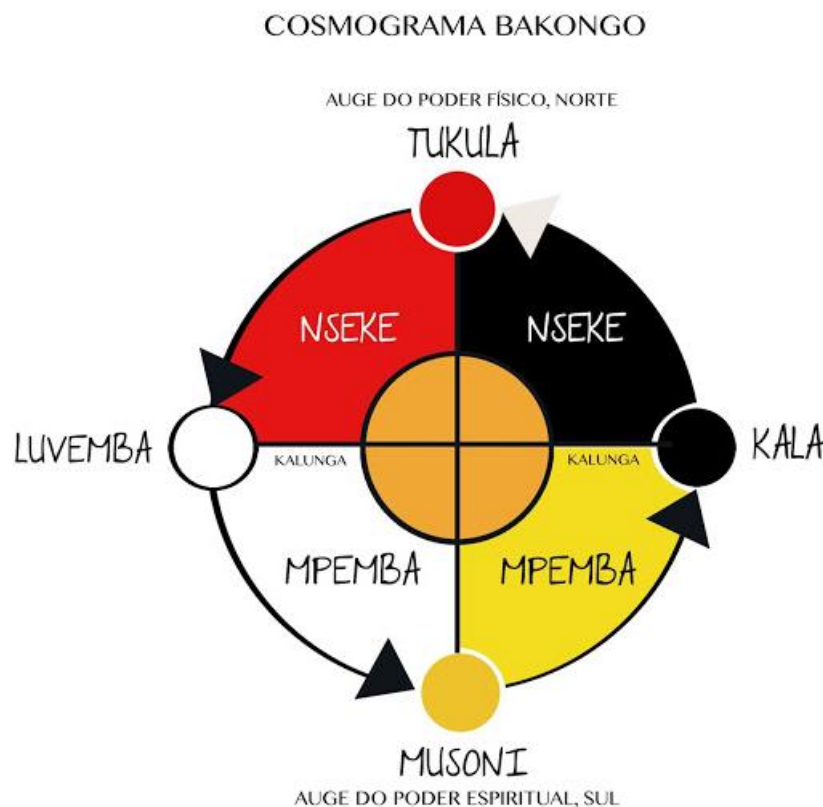


Figura 6 – Cosmograma Bakongo

Fonte: (GRIÔS, 2017)

Encontramos a tese de Tiganá Santana com o trabalho de tradução da obra de Fu-Kiau do O Livro Africano Sem Título já na sua segunda edição nomeada de Cosmologia Africana dos Bantu-Kongo: Princípios de Vida e Vivências. O Cosmograma Bakongo é também conhecido de acordo com Fu-Kiau como dikenga dia Kongo, é formado por quatro estágios de Musoni, Kala, Tukula e Luvemba (SANTOS, 2019). Trazemos este cosmograma para nosso diálogo pois compreendemos a sua importância neste sistema complexo bem como nos caminhos desta tese, nesta construção com os ciclos da vida, as estações que vivemos, a partir desta cosmovisão.

Musoni, é o primeiro ciclo, de cor amarela ao qual acredita-se está associada ao conhecimento, nele “O mundo em seu começo era vazio; era um mbungi, uma coisa vazia, uma cavidade, sem vida visível.” (SANTOS, 2019, p.20). No mbungi há forças e ondas ativas invisíveis que agem naturalmente no mundo e na vida humana, como "Uma força de fogo completa em si mesma, Kalunga, emergiu dentro do mbungi, o vazio/nada, e tornou-se a fonte de vida [môyou wawo mu nza] na Terra."(SANTOS, 2019, p.21). Kalunga, essa força originária aquecida é "a energia superior e mais completa, dentro e em volta de cada coisa no interior do universo (luyalungunu)."(FU-KIAU, 1991, p.1).

Com o processo de amadurecimento Kala torna-se Tukula e esta é uma fase positiva no mundo superior, em que Kula significa "crescer em direção a fazer a própria história, [kikulu] desenvolver, amadurecer até alcançar a posição de liderança e estar apto(a) a exercê-la."(SANTOS, 2019, p.27).

Na horizontalidade temos a linha da Kalunga, e na verticalidade no ponto mais alto de Tukula temos essa zona do "V da vida", do mundo superior e inferior (SANTOS, 2019). Assim, neste movimento da vida, as possibilidades que:

o ser humano [mûn-tu] dispõe de dois planos para o seu movimento. No plano horizontal, ele se pode mover em quatro direções: para frente, para trás, para a esquerda e para a direita. Os movimentos para essas quatro direções são para o aprendizado, ou seja, para se coletarem informações (dados) a serem arquivadas no banco humano, a mente. Mas, graças ao plano vertical, pode-se andar em mais três direções, das quais uma é decisiva para a saúde e para a autocura. O plano vertical permite ao ser humano andar para baixo, para cima, e, para a saúde “perfeita”, verdadeiro autoconhecimento e autocura, permite-lhe que caminhe para dentro. (SANTOS, 2019, p.99).

Na Figura 5, Kala, Tukula e Luvemba são chamadas das três pedras de fogo ou mundo físico; no meio a linha horizontal da Kalunga, em que cruzando esta linha da barreira da morte/vida, segue o portal na direção que divide o mundo dos vivos e dos mortos, (SANTOS, 2019).

Após o estágio de Tukula, Fu-Kiau na tradução de SANTOS (2019, p.29) relata que “o ser humano deve descer ao mundo mais profundo” adentrando em seu processo de transformação simbolizado por Luvemba, que “também significa elementos negativos (toxinas) acumulados por uma pessoa durante a sua vida o que conduz a morte física de todos os seres vivos.” Já a fase

de "A fase luvemba-musoni, no ku mpemba, é positiva; é o período de nascimento-crescimento nesse mundo"(SANTOS, 2019, p.32).

3.2.1.6 Medicina Antroposófica

A antroposofia é uma palavra grega que significa sabedoria do ser humano. Tem como proponente o filósofo Rudolf Steiner (1861-1925) que do seu percurso de vida, em sua trajetória com os trabalhos de tradução das obras completas de Johann Wolfgang von Goethe e as experiências na Sociedade Teosófica contribuíram para o desenvolvimento de seu próprio caminhar, em sua contribuição ao mundo com a Antroposofia.

É uma ciência espiritual, da qual Steiner e Lanz (1996, p.10) coloca que por sua natureza “deve ter por tarefa oferecer uma cosmovisão prática, que abranja a essência da vida humana.” Assim ela se constitui num autêntico conhecimento da vida, que busca no aprofundamento científico-espiritual na natureza humana contribuir para a solução de importantes questões existenciais e tarefas da atualidade, bem como para o desenvolvimento de seu bem estar (STEINER; LANZ, 1996).

A partir da visão de ser humano que antroposofia possui, em uma compreensão que ultrapassa a visão da ciência moderna materialista que reduz o ser é uma única dimensão inorgânicas, na compreensão de outras forças, orgânicas, que em conjunto constituem a entidade humana. Ela integra ciência e espiritualidade em seus ramos de atuação, como na pedagogia Waldorf, a agricultura biodinâmica, medicina antroposófica também com a farmacologia, o aconselhamento biográfico, euritmia, entre outros.

A medicina antroposófica é um sistema cuja atuação se dá de forma individualizada no cuidado preventivo da pessoa humana, considera na identificação do desequilíbrio o quadro clínico, a vitalidade e biografia da pessoa. E na atuação em sua arte terapêutica utiliza os recursos farmacológicos da fitoterapêutica, da euritmia, a terapia artística, o aconselhamento biográfico, entre outros.

Estes ramos de atuação antroposófico tem em seu âmago o desenvolvimento do ser em sua integralidade. Na constituição deste corpo de conhecimento dos conceitos e princípios pilares destes ramos, as raízes que dão base são a trimembração, a quadrimembração, os doze sentidos, os sete processos vitais, a teoria dos setênios, os temperamentos, a consciência do Eu e a biografia humana na relação com as estações do ano constituindo os saberes deste sistema complexo.

De acordo com a antroposofia, a constituição da entidade humana possui quatro membrações assim chamada quadrimembração, na composição do ser humano que se organiza em seus corpos físico, etérico, anímico e espiritual. O corpo físico é composto das mesmas forças e substâncias que constitui o mundo inorgânico ligadas ao reino mineral (STEINER; LANZ, 1996). No entanto, este reino não possui forças atuantes que lhes possibilite dar vida ao ser;

e uma segunda força plasmadora se revela como uma estrutura energética permeando a vida das plantas, animais e humanos sendo chamada de corpo etérico e de força ou princípio vital (STEINER; LANZ, 1996).

A terceira membração que é comum aos animais e dentre eles o humano é o corpo das sensações ou astral. É um veículo da vida sentimental aonde acontecem as manifestações psíquicas, o instinto, as imagens, o campo da sensibilidade cuja faculdade deste corpo é o aprender (STEINER; LANZ, 1996). E a quarta membração, dos quatros reinos ela é específica do ser humano é o corpo do Eu. Ele é o portador da alma humana superior tendo como tarefa a purificação e o aperfeiçoamento dos outros membros tendo assim vários níveis de desenvolvimento evolutivo (STEINER; LANZ, 1996). Como a consciência Steiner e Lanz (1996, p.18) define como "o resultado da atuação do eu sobre o corpo etérico através de uma série de encarnações."

Em relação a uma dimensão social da vida em sociedade, na visão da antroposófica, se baseia na Tripartição do Organismo Social norteados pelos princípios da fraternidade, igualdade e liberdade, em cada um deles está relacionado a um setor, sendo respectivamente os setores econômico, jurídico-político e cultural ou espiritual (LANZ, 1979). A compreensão ternária corporificada no ser humano na antroposofia se dá na relação com a visão arquetípica da trimembração, na compreensão com o pensar, na vivência com o sentir e na prática com o querer. Das polaridades do pensar - da ação do sistema neurossensorial - e do querer - com o sistema metabólico - a mediação deste com o sentir - com o sistema rítmico - compõe esta leminiscata que é a trimembração humana (JUSTO; BURKHARD, 2014).

A trimembração e a quadrimembração ganham vida nas práticas de cuidado da medicina antroposófica nesta visão de integralidade da natureza humana com a natureza universal, e em todos os ramos desta ciência, a exemplo também no ramo da Pedagogia Waldorf, prática educativa que atua na potencialização destas forças que nos constitui. E seguindo nesta perspectiva de nossa constituição, no relacionamento com os corpos e com o mundo, Steiner (1997), ao observar o microcosmo e o macrocosmo no relacionamento do homem com o universo, com as influências cósmicas planetárias, aborda a existência de doze sentidos e dos sete processos vitais. Ele ressalta que dos doze sentidos, os cinco que mais reconhecemos são visão, audição, paladar, olfato e tato; e percebemos mais a sua atuação pelo próprio reconhecimento destes da ciência materialista que não o faz com os sete sentidos – vida, movimento, equilíbrio, calor, palavra, pensar, eu – não notamos da mesma forma por já considerá-los adquiridos. Assim, com os doze sentidos humanos do tato, vida, movimento, equilíbrio, olfato, paladar, visão, calor, audição, palavra, pensar e do eu o ser humano se relaciona com o mundo interior e exterior (STEINER, 1997).

Steiner (1997) ao relacionar os sentidos com os mundos internos e externos, traz que o sentido do tato acontece na parte interna da pele dentro do corpo humano. O sentido da vida é mais interno que o tato e é uma disposição vital de sentirmos a vida em nós, como quando sentimos um mal ou bem estar. O sentido do movimento é mais corporalmente interiorizado na percepção global do movimento interno do organismo. O equilíbrio percebemos com uma

interrupção do sentido e na mudança de posição interna. O sentido do olfato o ser pouco se relaciona com o mundo exterior, como já faz com o sentido do paladar na relação exterior interior, e aumenta sucessivamente a relação de interiorização das características do mundo exterior com os sentidos da visão, calor, audição, palavra e penetra mais profundamente com o pensamento e o sentido do eu, na capacidade humana de perceber um outro eu (STEINER, 1997).

Ainda nas relações com os mundos, os setes processos vitais da respiração, aquecimento, alimentação, segregação, manutenção, crescimento e reprodução falam como a vida flui através de nós pulsando em todo o nosso organismo (STEINER, 1997). Os três primeiros se situam mais no mundo exterior e os quatro outros mais na relação com o mundo interior.

A consciência destes sentidos e processos vitais traz maior clareza da alternância rítmica da vida que pode ser observada em nosso corpo, na nossa respiração que tem um ritmo, nas batidas do coração também tem o seu, e eles são ritmos de cada pessoa. Uma alternância que integra polaridades, nos movimentos de contração e expansão, dentro e fora, interno e externo. Burkhard (2000) já nos diz que quando vivemos ritmicamente mais força temos e que há ritmos bem marcados em nossa biografia. Cada pessoa há de descobrir o seu ritmo e o trabalho biográfico pode contribuir para esta compreensão.

Para Burkhard (2000) o ritmo dos setênios, a vida é observada em ciclos de sete anos, considerando as sete forças planetárias, cada um deles relacionado a uma força específica. Há também o ritmo do nodo lunar, a força lua, que se repete a cada dezoito anos e sete meses; a cada doze anos o ritmo jupiteriano ligados aos aspectos profissionais da vida; o ritmo de Saturno a cada vinte nove anos e meio, ligado ao eixo espiritual do indivíduo; e o ritmo vindo de Cristo a cada trinta e três anos, podendo ser observado a cada onze anos também (BURKHARD, 2000).

Junto a influencia exercida por estes ritmos também há de se observar que “além dos grandes ritmos, temos os pequenos – do ano, do mês, da semana, do dia. Ritmo é uma repetição a intervalos regulares, com acentos fortes e fracos, constituindo um conjunto fluente e homogêneo no tempo. É também sinônimo de força.” (BURKHARD, 2000, p.176).

E nestas relações cósmicas, micro e o macrocosmo, também há correspondência com as estações do ano, que na antroposofia também dialoga com o setênios e a biografia individual, e conforme JUSTO e BURKHARD (2014, p.19):

“A primavera seria a primeira fase, em que nós crescemos e amadurecemos fisicamente – de 0 a 21 anos. O verão, época em que as plantas se expandem, atingindo o máximo de sua vitalidade e tamanho, corresponderia à época expansiva da vida – dos 21 aos 42 anos, segunda fase. Já o outono, estação em que as cores se modificam, a natureza se torna colorida e os frutos amadurecem, seria a terceira fase – dos 42 aos 63 anos de idade. Em seguida vem o inverno, quando a maior parte das plantas perde a força, as sementes caem no chão e lá fica, à espera de uma nova primavera”

Esse relacionamento das estações com as três grandes fases da vida também é evidenciado na Figura 7, representando a partir da visão trimembrada de constituição do ser humano, a sua

chegada do mundo espiritual, do corpo encarnando em seu desenvolvimento e sua ação no mundo e o desencarne do corpo no retorno a seara espiritual.

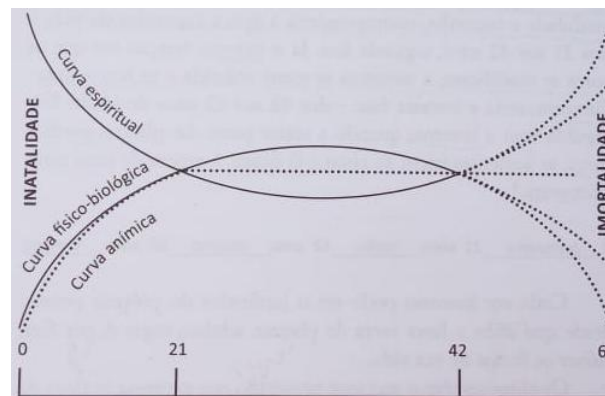


Figura 7 – As três grandes fases da vida humana

Fonte: Justo e Burkhard (2014)

Essa expansão e perda da vitalidade é observada na vivência das estações na biografia individual bem como na dinâmica de saúde-doença-cuidado e cura. A doença é uma situação de aprendizado a ser superado, uma biografia condensada onde “na busca da saúde, nós ganhamos um aprendizado que nos aproxima novamente do divino” (JUSTO; BURKHARD, 2014, p.14). Sendo uma situação de aprendizado nos conduz a consciência das necessidades de amadurecimento, que conforme JUSTO e BURKHARD (2014, p.13) acredita que a doença torna o ser humano mais maduro e que “Cada doença é, pois uma tarefa que o organismo se propõe como desafio superar. É uma situação especial de aprendizado na biografia individual.

Para JUSTO e BURKHARD (2014, p.7), a cura é “uma harmonização maior entre espiritualidade (o Eu), a alma (ou atividade anímica: pensar, sentir e agir no mundo) e o corpo biológico-vital”. Cura é trazer alegria para a alma, na leveza de um corpo relaxado, em paz e silêncio a mente se faz presença. É o que te leva a olhar e cuidar daquilo que necessita ser olhado e cuidado. A cura é uma aprendizagem revelada na experiência.

No movimento de trazer a alegria para alma, na consciência do Eu que Steiner (1991) nos traz que é preciso então ver com cuidado além do sentido da visão, e nos convida com paciência a discernir o que é essencial, aquilo que é verdadeiro e tem importância, do não-essencial, aparente e passageiro sendo que “ao se alcançar a calma interior da visão panorâmica, o essencial se separa do acessório. Desgosto e alegria, cada pensamento, cada decisão apresentam-se diferentes quando se está, desse modo, em autoconfronto.” (STEINER, 1991). Ao nos colocarmos neste movimento de autoconfronto temos de:

Ao nos colocarmos neste movimento de autoconfronto temos de aprender a conservar a calma e segurança interiores em situações difíceis da vida. Terá de criar, em si, uma forte confiança nos bons poderes da existência. Terá de estar preparado para o facto de que alguns motivos que até então o haviam dirigido deixarão de dirigi-lo. Terá de reconhecer que até então fez e pensou

muita coisa só por ter vivido emaranhado na ignorância. Motivos como os que havia possuído até então serão eliminados. Ele agia muitas vezes por vaidade; constatará quão indizivelmente inútil qualquer vaidade é para o conhecedor. Fazia muitas coisas por ganância; descobrirá quão destrutiva toda ganância é. Terá de desenvolver impulsos inteiramente novos para o agir e o pensar. E justamente para isso é preciso ter coragem e intrepidez. Sobretudo, trata-se de cultivar essa coragem e intrepidez no mais íntimo da própria vida de pensamentos. (STEINER, 1991, p.29).

3.3 Reflexões em percurso

A transição interna e externa pode ser evidenciada neste caminhar com as práticas ecológicas e integrativas, com este arcabouço de possibilidade trazidas com as raízes, troncos e frutos destes movimentos construídos e vivenciados como mundo possíveis. As mudanças inspiradoras em nossos modos de ser, viver, conviver, produzir nos caminhos que coração revela em nossos encontros com comunidades de aprendizagens nos possibilitaram viver e conhecer experiências que co-habitam e co-criam realidade entre e além a lógica dominante capitalista mecanicista. Evidenciar estas práticas nos inspiram a pensar em mundo outros possíveis que vem se fortalecendo cada vez mais no coração de acredita e tem esperança de mudança.

Há toda uma relação de cuidado que permeiam estas construções, e cada vez mais que acessamos as práticas em movimento de profundida as conexões se revelavam em nossas compreensões. Começamos a perceber elementos comuns e aproximações com as práticas gaianas e integrativas entre si que em perceber algumas relações. Notamos a importância do sonhar do dragon dreaming e da visão do cidades em transição como práticas que ajudam no processo de tomada de consciência de nosso processo de criação das realidades que queremos viver.

Eu observo uma relação da CNV com a Antroposofia, na perspectiva em que a CNV atuar nesta integração com o pensar, sentir e agir humano no diálogo com a vida, dimensões estas que constituem na Antroposofia a trimembração humana.

Observamos com as PICS, com os princípios balizadores da integralidade, do vitalismo, com as práticas de acolhimento e autonomia que dão sustentação de comum-responsabilidade com as linhas de cuidado. Nas PICS, nas visões fractais de mundo e de ser humano, do micro e do macrouniverso, fomos encontrando também conexões entre elas e nas relações terapêuticas com a saúde-doença-cuidado e com as estações com seus ciclos.

A exemplo dos doshas na Ayurveda e os temperamentos na Antroposofia nos ajudam a melhor compreender a nossa constituição física, etérica e anímica para que assim possamos fortalecer nossas potencialidades e harmonizar os nossos desequilíbrios a partir destas teorias dos humores.

4 Outono

Tu és a folha de outono
voante pelo jardim.
Deixo-te a minha saudade
– a melhor parte de mim.

Cecília Meireles, Canção de Outono.

O outono e o inverno são estações de maior recolhimento, contração, interiorização. No outono, em nosso mover vamos convergindo esses movimentos expansivos e abertura vivenciados com a primavera e verão. E assim vamos organizando, assentando, sustentando e acolhendo estes saberes e práticas dentro de nós, em nossas células, nossos pensamentos, nossas ideias em nossos diálogos. Eles abre outros espaços dentro de espaço já navegados. Concentra mais a energia, para as folhas caírem, a mudança se instaura nesta trocas energéticas.

É um momento de transformação e isso requer um movimento de voltar-se para si, na adaptabilidade as mudanças e do que abrimos mão para seguir em frente em renovações. Como nas folhas voantes trazidas por Cecília Meireles, que caem nestas estação, com ação dos ventos presente, essas folhas antes caírem secas no solo, dão seus sinais de mudanças em sua coloração como uma doação que elas fazem passando os nutrientes da vitalidade as folhas que nas arvores permanecem.

Assim, neste tempo de amadurecimento de frutos de nossa jornada, em que vamos internalizando compreensões, delimitando mais o campo de atuação para a transformação acontecer. A ecologia é o fio condutor desta tese, seus conceitos e ideias possibilitam a reflexividade em nossas relações com o cuidado poliético.

Esse capítulo esta organizado em dois momentos, o primeiro delas com as ecologias, com a definição do termo, a motivação que traz a ecologia, a relação com o cuidado e a relação com três rubricas ecológicas. No segundo momento o diálogo continua com cada uma das três rubricas ecológicas.

4.1 As Ecologias e o Cuidado

A origem do termo ecologia é considerada desconhecida, porém há pesquisadores que buscam relatar o aparecimento mais remoto do termo. Goodland (1975, p.242) apresenta como registro mais antigo de citação do termo Ecologia feito por Henry David Thoreau (1817-1862) em uma carta feita no dia de ano novo de 1858 ao seu primo George Thatcher. Da citação do termo para a sua definição, que se dá em 1866, pelo biólogo alemão Ernst Heinrich Phillip August Haeckel, apresentando o termo Oecologie, traduzido ao português como Ecologia, definindo

como:

A ecologia dos organismos, a ciência de todas as relações do organismo com o mundo externo circundante, as condições orgânicas e inorgânicas da existência; a chamada "economia da natureza", as inter-relações de todos os organismos, que ocorrem que vivem no mesmo lugar um com o outro, sua adaptação ao meio ambiente, sua transformação pela luta pela existência [...] Haeckel (1868, p.539, tradução nossa)

Nesse mesmo lugar de convivência que se inter-relaciona os seres vivos, a partir do conceito acima, é que surge o entendimento mais difundido de Ecologia, relacionado a palavra grega *oikos*, que significa casa ou lugar onde se vive; *logos*, estudo; e em sentido literal, estudo da casa (ODUM, 1990). Galeffi (2014, p.6) tece as relações tri-ética, tri-estética e tri-poética da ecologia; e aborda as proximidades semânticas da ética e ecologia, sendo “as duas palavras de origem grega remetem ao âmbito do “habitar”: *oikos* e *êthos*. Se *oikos* significa “casa”, “habitação”, “bens”, “família”; *êthos* significa “morada habitual”, “maneira de ser”, “uso”, “costume”. A relação dos étimos é evidente.”. E no estudo das nossas moradas e das maneira em que nelas habitamos, há referências feitas a Terra, também chamada de *gaia* ou *pacha mama*; bem como a casa que também é feita alusão é a do nosso corpo, morada do Ser.

No habitar de nossas moradas, as convivências dos organismos visíveis e invisíveis, as adaptações e transformações ao ambiente, nestas relações dos seres e dos ambientes em diferentes níveis de organização que estabelecemos que se constituem os estudos ecológicos. As aprendizagens nestas convivências e coabitações com os movimentos de aproximação e distanciamento, contração e expansão que possibilitam o encontro revelam o cuidado compondo esse fluxo sistêmico de interações. O cuidar é inerente as relações, o ato de cuidado é um modo de atenção no ser, estar e fazer com sistêmica responsabilidade, acolhimento, respeito e prudência. A ecologia é uma ciência das relações; o cuidado e a ecologia são imbricados intrinsecamente.

Para Odum (1990, p.4) a ecologia é “o estudo das relações dos organismos ou grupos de organismos com o seu ambiente, ou a ciência das inter-relações que ligam os organismos vivos ao seu ambiente”. Esses grupos em suas semelhanças são chamados de espécies, e nas suas formas de organização surgem os conceitos de população, comunidade, ecossistema, biosfera que compõe um ecossistema ecológico. Conforme Odum (1990) a definição de ecossistema se dá na relação sistêmica dos organismos com o seu ambiente, entre componentes abióticos – do seu ambiente – e bióticos – dos micro-organismos, plantas e animais, na relação microcosmo e macrocosmo.

Em relação ao cosmo nós somos uma partícula tão minúscula, uma miniatura deste vasto universo; e de forma fractal somos holograficamente réplicas idênticas ao cosmos, somos um com o todo. Nesta correspondência cósmica o ser humano, em sua constituição física, emocional e espiritual, é visto de forma ampliada pelos sistemas médicos complexos da ayurveda, da antroposofia, entre outras, como um microcosmo do universo; e o universo, ambiente, como macrocosmo do indivíduo.

E a compreensão da relação ser humano com o universo traz uma visão de religação, conexão com o todo, unidade e pertencimento. A inseparabilidade e a interdependência também devem ser consideradas ao meditar sobre essa relação do seres com o cosmo, como os laços, elos e cordas que nos unem em ressonâncias que se propagam.

Na pesquisa da ecologia nas bases de dados Scielo e Scopus, a partir dos títulos e resumos dos trabalhos foram encontradas ramificações da ecologia conforme pode ser visualizado na imagem da Figura 8. Destas interações surgem novos conceitos e ramificações da ecologia como: ecologia radical, profunda, espiritual, humana, integral, interior, social, ambiental, mental, entre outros.

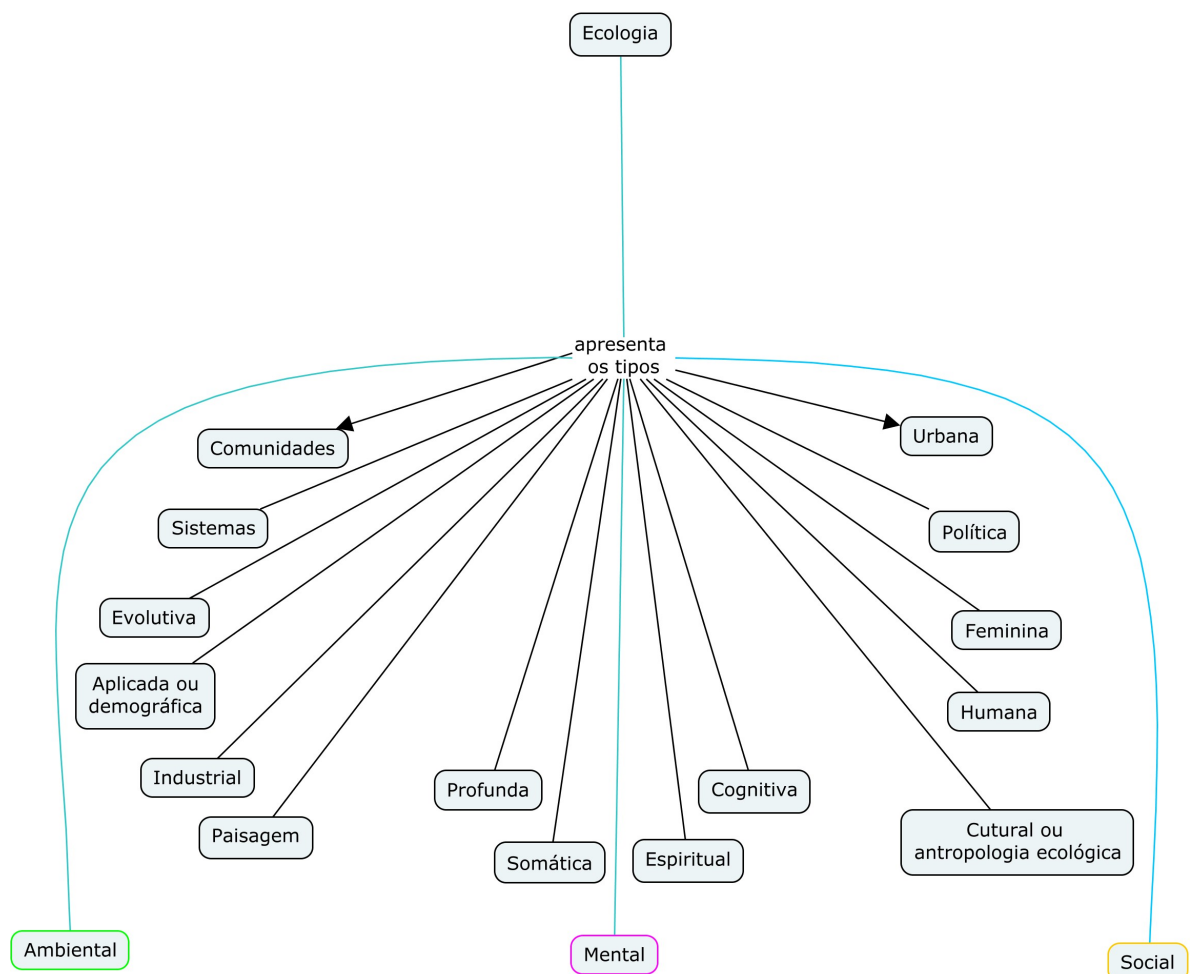


Figura 8 – Guarda-chuva ecológico.

Fonte: Elaborado pela autora no Cmap, 2018.

A ecologia é um lugar de fala que, a partir dela, acessamos diferentes informações, como nas barras radialmente ligadas ao cabo central na Figura 8, e fazemos novas interações com o mundo. Esse guarda-chuva invertido nos faz pensar que a ecologia em seu caráter holístico teve, conforme Ricardo (1999, p.52), uma evolução inversa ao caminho de especialização da ciência “teve uma evolução que poderia se representar como a de um conjunto de raízes ou rizomas que crescem e nutrem um único tronco”.

E desse tronco, a ecologia se expande em compreensões que representam as dinâmicas e entendimentos quantos aos aspectos, impactos, inter-relações, questões, preocupações e atuações ecológicas. Há muitas expressões outras originadas na junção do prefixo eco em fusão com as outras terminologias não só incluindo assim a perspectiva ecológicas mas da fusão a expansão em novos desdobramentos. A exemplo da ecosofia, ecoespiritualidade, ecofeminismo, ecopedagogia, ecocorporeidade, dentre outras.

Fomos compreendendo esta necessidade de uso dos ecos que atendem alguma prática, os ecos dos sistemas, na minha leitura como um chamado para que não nos esqueçamos de cuidar desta dimensão em tudo o que há, para que seja mais que um reforço, uma internalização desta dimensão em nossas práticas, o cuidado ecológico com tudo o que há.

Neste guarda-chuva também ressaltamos as três rubricas da Ecosofia de Guattari (2012a) sob a égide ético-estética, com os três registros ecológicos do ambiental, social e mental, destacados na Figura 8, integrando a estes os outros tipos trazidos, e evidenciando aqui também a existência de outras ecologias além das elencadas nesta imagem.

Galeffi (2014, p.7), parte da Teoria dos Sistemas Complexos para explicar os fenômenos, dialogando com o conceito de emergência no sentido eco-socio-antropológico, e nesta tessitura entrelaça o conceito de emergência a estas três rubricas, sendo que “uma emergência é reconhecida quando afeta a totalidade da vida humana. Deste modo, há em escala mundial três emergências atinentes ao comportamento ético humano: ambiental, social e mental”. Na emergência tri-ética planetária de Galeffi (2014) quando falamos das maneiras de habitar o mundo está imbricado numa inter-relação tri-ética, tri-poética e tri-estética ecológica de orientar o desenvolvimento humano em seu modo de ser no mundo, nas relações consigo, com outro e no mundo.

Nas relações ambientais, social e mentais que temos com nós mesmos, com o outro e com o mundo, a maneira como nos relacionamos afeta a totalidade da vida humana. Viver é um contínuo ato ecológico de cuidado, de atenção e presença, de criação de nossas realidades. GALEFFI (2017, p.39) com a tri-ética chama atenção “que não basta o cuidado com o ambiente sem que se cuide das sociedades e seus valores espirituais (mentais)”. Para ele, o cuidado tem importância e relação com o aprender, sendo que ele “se revela, assim, como o caminho metodológico de toda a complexidade cognitiva e informacional da cultura humana planetária” (GALEFFI, 2017, p.88).

GALEFFI (2016) estabelece uma relação das palavras/conceitos sensível e cuidado como dimensões que compreende uma epistemologia da complexidade. De acordo com Galeffi, estes conceitos remetem respectivamente, as instâncias do comportamento humano-animal da sensibilidade e do comportamento ético-afetivo.

“O ser saudável é sensível e cuidadoso na arte de viver e do morrer. Não se separa a formação para saúde da sensibilidade e do cuidado. Não há saúde sem sensibilidade e sem cuidado [...] a sensibilidade é o meio ontológico gerador de

afetividade aprendente, colaborativa e solidária. A base de todo ente existente é a sensibilidade; ela diz respeito aos sentidos através dos quais os animais vão seguindo linhas evolutivas diferenciadas” (GALEFFI, 2016, p.191).

A ecologia no fortalecimento de saberes formativos para a saúde, como uma perspectiva cuidadosa e sensível de viver e se relacionar com todos os organismos. E o cuidado é visto como “[...] fundo afetivo de toda ética. E que toda ética é uma triética do cuidado: cuidado de si, cuidado do outro, cuidado do mundo.” (GALEFFI, 2016, p.198). Assim compreendendo que, em uma ética do cuidado, o cuidado e a sensibilidade são condições originárias e devem ser de contínua presença em todos os momentos da existência de um ser em devir permanente. No diálogo com estas emergência planetária, com estas rubricas ecológicas e os seus desdobramentos prosseguimos nesta escritura em nossa jornada.

4.1.1 Ecologia Ambiental

Em minha dissertação propus um modelo de maturidade socioambiental para as organizações da indústria da região metropolitana do Salvador, para que elas mesmas pudessem olhar para suas práticas socioambientais e reconhecerem a sua paisagem, o estágio que se encontram e vislumbrar práticas de mudança de estágios para realizar a transição destes (LEAL, 2013). Nestas indústrias a questão da poluição surgiu como um norteador para se incluir um olhar a questão ambiental, me chamou atenção a miopia das organizações de reconhecerem o estágio real de suas práticas, meditante a crença de serem o estágio desejado que se acreditavam ser.

Compreendi as organizações como reflexos de sistemas de crenças sejam eles dominantes ou não, e das relações que (re)produzem racionalidades utilitarista e/ou culturais. Dos desafios de mudança organizacional me levaram aos ultrapassamentos da transformação humana, de nossas capacidades de ver nossas ações com auto-responsabilidade de nossas intervenções e das relações que criamos, sustentamos e destruímos sistemas.

Na consciência de não sabermos o que é sustentabilidade, um conceito ainda em construção, e do insustentável modo de ser humano, a mudança de foco desta jornada do mestrado ao doutorado volta-se da gestão e suas estratégias de atuação rumo as relações e suas aprendizagens na convivência consigo, com o outro e com o mundo. Da sustentabilidade movendo-me para a retomada de aprendizagens com a ecologia e com esta uma necessidade de me aprofundar em questões sistêmicas da relação ser humano com a natureza.

Assim, os caminhos foram surgindo novos contornos e nessa travessia com a ecologia na compreensão de ecologias, que se constituem das relações seres vivos e ambiente, a visibilidade da dimensão do cuidado surge desta consituição do como habitamos. Na reflexão no âmbito do seres humanos na relação com o ambiente, as ecologias que dialogam com questões socioambientais do Ser e a natureza entre e além da questão da poluição foram emergindo.

A abordagem superficial das ciências ambientais reagiam para remediar os sintomas

no controle a poluição e na busca de maneiras sustentáveis de extração de recursos naturais, não abordando as causas sociais e culturais responsáveis de tais sintomas (NAESS, 2007). O filósofo e ecologista norueguês Arne Dekke Eide Naess (1912-2009), em contraste a esta abordagem instituiu em 1972 a ecologia profunda. Assim, o termo “ecologia profunda” surge com a propostas de um saber ecológico a partir de uma abordagem voltada não apenas para os sintomas, mas para as causas culturais inerentes à crise ambiental (NAESS, 2007).

Naess (2007) aponta duas correntes do pensamento ecológico, a da ecologia superficial e a da ecologia profunda. A ecologia profunda cuida da relação do ser humano com a natureza, considera organismos como nós na rede ou biosférico campo das relações intrínsecas onde tudo se encaixa. Traz uma compreensão a partir de dentro, da interiorização das relações das pessoas com a natureza, observando os valores éticos, estilo de vida, sistema políticos da sociedade, abordando os princípios da igualdade biosférica, da diversidade e simbiose, da teoria dos ecossistemas (NAESS, 2007).

Esta interiorização das relações das pessoas com a natureza fortalece a retomada do conceito de ecologia pela compreensão como uma ciência que estuda as inter-relações dos seres com o ambiente, suas interações na convivência, adaptações e existência. Refletindo as causas da crise ambiental no que concerne a relação ser humano com a natureza, na ecosofia ambiental Guattari (2012a, p.52-53) considera que o equilíbrio natural depende das intervenções humanas em suas relações com a ecologia maquínica, em que:

Poderíamos perfeitamente requalificar a ecologia ambiental de ecologia maquínica já que, tanto do lado do cosmos quanto das práxis humanas, a questão é sempre a de máquinas - e eu ousaria até dizer de máquinas de guerra. Desde sempre a "natureza" esteve em guerra contra a vida! Mas a aceleração dos "progressos" técnico-científicos conjugada ao enorme crescimento demográfico faz com que se deva empreender, sem tardar, uma espécie de corrida para dominar a mecosfera. No futuro a questão não será apenas a da defesa da natureza, mas a de uma ofensiva para reparar o pulmão amazônico, para fazer florescer o Saara. A criação de novas espécies vivas, vegetais e animais, está inelutavelmente em nosso horizonte e torna urgente não apenas a adoção de uma ética ecosófica adaptada a essa situação, ao mesmo tempo terrificante e fascinante, mas também de uma política focalizada no destino da humanidade.

Essa requalificação de ecologia ambiental para maquínica que Guattari (2012a) propõe é atinente a construção deste sistema em que o destino das espécies, da humanidade em guerra contra a vida, está em voga e o diálogo com a ecologia ambiental vem nesta perspectiva, percorrendo com os aspectos e impactos que provocam estas destruições e a urgente necessidade de transformação das crenças que sustentam este colapso. Os ambientalistas e os movimentos ambientais, em seus posicionamentos frente estas máquinas de guerra, já trouxeram ao mundo diversas previsões, muitas delas foram consideradas irreais e catastróficas em seu tempo, outras vemos acontecendo no tempo de agora, como este futuro descrito por Guattari (2012a) que já se faz presente.

No diálogo com este futuro emergente e na perspectiva da ecologia profunda Macy e Brown (2004, p.20) nos diz que:

Esse futuro parece cada vez mais frágil. Com guerras surgindo pelo planeta, florestas derrubadas, famintos e sem-teto pelas ruas, venenos em nossos alimentos, água, ar e leite materno, e a extinção completa de espécies e culturas, fica mais difícil ter esperança em nossa jornada comum. Somos tentados a nos isolar, a limitarmo-nos a olhar para a nossa sobrevivência e a de nossas famílias a curto prazo. Diante de tantas más notícias, o desafio de criar uma civilização sustentável parece absurdamente irreal.

Uma visão de irrealidade de sociedades sustentáveis surge como uma forma desagregadora para uma possível transformação na consciência coletiva. As contantes notícias produzidas para o que se deseja visibilizar, alimentam o sentimento de desesperança e uma cultura de medo, para um conformar tomar conta da sociedade. No desafio de encontrar possibilidade de mudança do cenário sustentado pelo paradigma dominante, nos deparamos com a oferta de soluções superficiais para seus geradores problemas; de quem causa o dano e também surge para remediar estas questões.

Alarmistas e/ou visionários os ambientalistas, ecologistas e ecólogos, as pessoas comprometidas com as causas ecológicas trouxeram suas mensagens ao mundo, chamando para rever determinadas questões e as consequências destas para todo o nosso ecossistema, dialogando a construção de possibilidades para mudança destes cenários. Ao revisitar Guattari (2012a, p.16-17) em minhas leituras, encontro outro de seu presságio, ao que assim escreveu:

E se não houver tal retomada ecosófica (seja qual for o nome que se lhe dê), se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escalada de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres...

A emergência ecológica triética planetárias que Galeffi (2014) e Guattari (2012a) dialogam e conclamam ao despertar humano para uma mudança de rota. Esse modelo dominante produziu uma deseducação das pessoas, e a desaprendizagem resultante disto é como nos tornamos insustentáveis. E dessa paisagem é que vemos e vivemos no momento no Brasil e no mundo. Perigos e desastres também foram enunciados por Bookchin (2010, p.19)

É hoje impossível considerar pouco importantes, marginais ou "burgueses" os problemas ecológicos. O aumento da temperatura do planeta em virtude do teor de gás carbônico na atmosfera, a descoberta de enormes buracos na camada de ozônio – atribuíveis ao uso exagerado de clorofluorcarbonetos – que permitem a passagem das radiações ultravioletas – a poluição maciça dos oceanos, do ar, da água potável e dos alimentos, o extenso desmatamento causada pelas chuvas ácidas e pelo abate incontrolado, a disseminação de material radioativo ao longo de toda a cadeia alimentar... tudo isto conferiu à ecologia uma importância que não tinha no passado. A sociedade atual está danificando o planeta a níveis que superam a sua capacidade de auto-depuração. Aproximamo-nos do momento em

que a Terra não terá condições de manter a espécie humana nem as complexas formas de vida não humana, que se desenvolveram ao longo de milhões de anos de evolução orgânica.

Esse suicídio ecológico, também um crime ambiental com a extinção gradativa das espécies e de todo um ecossistema, desta humanidade que se autodestrói desconectada sistemicamente e age em danos irreparáveis a vida, em retroalimentação numa cultura e sociedade de guerra, competição e egoísmo. Assim, a sociedade autodestrutiva retrata esta desconexão do ser humano com a natureza, que conforme (BURKHARD, 2000, p.18-19):

o ser humano perdeu a relação com a natureza e com os seres pertencentes a ela. Da natureza quer-se tirar o máximo de lucro, explorando-a, destruindo-a. Raros são os que cuidam dela. Aos poucos ela não nos fornecerá nem mais alimentos básicos, dos quais necessitamos para sobreviver, nem tampouco o petróleo para as nossas potentes máquinas – nossos automóveis.

Nota-se a relação egoíca que se estabelece com esta desconexão, extraindo continuamente os recursos naturais sem cuidar da recuperação do que é degradado. Burkhard (2000) também fala da perda de relação com o mundo espiritual, das relações afetivas íntimas, familiares e de trabalhos entre as pessoas se desenvolvendo em relações mais superficiais e formais. E essa perda de relação humana com a natureza nos traz a questão: o que nos faz separar, isolar e desconectar da relação de pertencimento do ser aí com o mundo, consigo e com outro? É uma perda ecossistêmica, de natureza interna e externa, e das suas relações como um todo. A visão de exploração dos recursos naturais, da natureza servir as necessidades humanas carrega a compreensão antropocêntricas de mundo que sustentam essa relação. A antiga visão de controle e domínio humano operando dentro de lógica competitiva ganha perde criou exclusões e padrões que reforçaram estas separações. As colonizações realizadas, as divisões de mundo, como se houvesse países subdesenvolvidos – para quem? - em desenvolvimento e desenvolvidos criaram uma corrida para alcançar padrões destrutivos que vendiam o sonho emblemático de crescimento a qualquer custo em mais uma manobra de continuar agindo em colonização, conquista de mercado e acúmulo de bens.

Esta perspectiva ganhou mais repercussão na sociedade com a visão da ecologia frente aos problemas burgueses no modos de operação do capitalismo, quando passou a ser visibilizado os impactos da produção e dos produtos no cotidiano da vida humana, no meio ambiente com a destruição da camada de ozônio e os impactos na vida dos ecossistemas. Um livro que teve bastante notoriedade é o Primavera Silenciosa, em que Rachel Carson aborda uma primavera sem o canto dos pássaros, fala do uso e a relação de agrotóxicos, os danos dos venenos agrícolas a saúde de toda cadeia alimentar, fazendo a denúncia dos biocidas.

Da previsão e do pedido de mudança de todos estes cenários vislumbrados ora já vivenciados e outros como possibilidades de futuro não tão distantes, enxergar com clareza o estágio que vivemos é um passo importante no defrontar com os desafios na superação da ignorância e

da inconsciência coletiva frente a esta emergência planetária. Bem como, refletir as rotas para o acontecimento deste caminho de transformações, dos atos sacrifícios necessários a serem adotados ao bem maior coletivos.

Reconhecer sabedorias libertadoras desta roda contínua de dano/ escassez/ impacto/ sofrimento/ adoecimento abrindo caminhos para aprender com estas no despertar das reais necessidades de mudança de atitude quanto ao seu impacto de nossas ações em todas as nossas relações. As atitudes no nível reativo de se lidar com os danos, revela os desafios que coletivamente passamos até que encontremos uma sabedoria coletiva que nos coloque no nível de ações antecipatórias e preventivas. Aprender a ser ecológico seja uma possibilidade de saltar com este padrão, no desenvolvimento saudável de uma consciência ecológica do Ser.

Estas entre outras questões da atual conjuntura dos perigos para com esta pátria, me faz pensar o contínuo esfacelamento dos direitos humanos, das conquistas sociais, das reservas ambientais, do pulmão do mundo, nossa amazônia. Dois mil e dezenove foi um ano de muitos desafios ecológicos no mundo, na América Latina em nosso país, em nossa região, em nossa cidade, em nossa cidadania. Quando estava me colocando na ação frente ao Bus Rapid Transit – BRT e a desflorestação em Salvador; bem como com o desmatamento e as queimadas da nossa Amazônia; outro desastre golpeia sem dó a vida nas águas com o derramamento de petróleo no nordeste.

Em dois mil e vinte que iniciou com mais fogo que se alastraram nas queimadas na Austrália e com a vivência da pandemia do Covid-19 - da doença infecciosa denominada de coronavírus identificada pela primeira vez em Wuhan na China em dezembro de 2019 - modificou nossa interação no mundo no enfrentamento deste adoecimento social. A Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou ao surto o seu mais alto nível de alerta internacional de emergência de saúde pública em janeiro de dois mil e vinte, caracterizando como uma pandemia no mês de março (OPAS, 2020).

Pela terra e pelo ar, pelo fogo, pelas águas, a natureza sendo devastada em seus elementos. E o que observo diante destes cenários é a repetição de padrões como a manipulação de informações que circula, o foco na busca de culpados para desfocar das reais necessidades de ação e uma forma de sustentar apatia, a indiferença e minar o ativismo. Com a vivência da pandemia ficou bastante evidenciado estas ações, com a xenofobia contra os chineses; a propagação virtual em redes sociais de falsas informações e criação de teorias da conspiração sobre o vírus.

A visão de separação e distanciamento do ser aí com todo o ecossistema que está interligado revela este caminho de desconexão que conduziu a estas problemáticas. A importância de falar sobre a dor de mundo, a dor que estes acontecimentos fazem nascer dentro de nós, é uma forma de libertação dos desafetos que alimentaram nossas crianças feridas que externalizam as suas dores ao mundo. O perceber a raiva e mágoa que carregamos e reproduzimos, bem como outras emoções e energias que nos bloqueia, tensiona, aprisiona e adoecemos. Dos movimentos da vida onde tudo parece desandar, onde o caos se fortalece, no mergulho profundo em questões

antigas que precisavam ressurgir com tamanha força para serem priorizadas em cuidado.

Joanna Rogers Macy, doutora em ecofilosofia, no seu ativismo em movimentos ecológicos de paz e justiça na atuação contra a energia nuclear e a produção de armas, percebeu ao se relacionar com tantas pessoas em sofrimento, o medo destas pessoas de olharem e falarem da dor que existem dentro delas, compreendeu a dor como uma aliada criando um trabalho de reconexão. O trabalho desenvolvido por Joanna Macy e Molly Brown atuam no pensamento sistêmico, ecologia profunda e budismo engajado. A partir da aplicação de princípios budistas, busca-se conhecer o sofrimento e o desespero como desafio de superação da negação, o entorpecimento e a fuga (MACY; BROWN, 2004). A ação emana da não ação, nas sabedorias do coletivo, das tradições, da espiritualidade em compaixão, ação amorosa, coragem, solidariedade, ecojustiça e justiça social no relacionamento com os problemas mundiais.

Uma psicologia social atuando nas relações indivíduos e sociedade, a partir destes aportes como sustentação para se lidar com enfrentamentos a questões pessoais e coletivas que se interrelacionam. A vivência no caminho da dor e do sofrimento nos torna acessível a dialogar com a dor de mundo de outras pessoas. Numa conexão empática para o cuidar das feridas profundas pessoais e coletivas, nos colocamos a serviço da comunidade e da Terra a partir de nossas aprendizagens. Para Macy e Brown (2004, p.43),

Essa dor é o preço da consciência em um mundo ameaçado e em sofrimento. Não é apenas natural, como é um componente absolutamente necessário de nossa cura coletiva. Como em todos os organismos, a dor tem um propósito: é um sinal de alerta e procura causar uma ação para solucioná-la.

A dor é um chamado para ver o que se revela para nós como uma necessidade de ser visto e cuidado. Como as plantas que revelam a perda da vitalidade – na necessidade de água, de fortalecimento do solo, um sombreamento para reduzir o calor e aeração para aumentar a oxigenação – nós também revelamos essa perda e a necessidade de seu restabelecimento. O caminho da dor pode apresentar dificuldades, aprendizagens, sofrimentos, libertação, poder, despertar, opressão, ilusão e consciência. A crise de sofrimento e angústia vem com os desafios de não aceitação a mudanças, de operar de outras perspectivas além do padrão vivenciados e quando confrontados com estas possibilidades a não abertura ao novo.

É preciso sabedoria para se lidar com essa compreensão de desejar não viver mais em um sistema de adoecimento, tendo consciência do que isto representa para seu sistema, este estado de não saúde, e de como colocar em prática a aceitação de viver e merecer em estado expansivo de saúde. A não-saúde revela o que não é percebido ou o que não recebe o devido cuidado e que chama atenção para as suas necessidades. O corpo tem a sua sabedoria natural e ele nos sinaliza o que precisamos observar e assim questionar a vivência da não-saúde a aprendizagem que se revela como caminho para nós.

Assim, consideramos relevante compreender quando nos referimos a ecologia também falamos de cuidado e saúde. Na ética ambiental Galeffi (2014, p.12) nos fala do dever que é de

todos de “cuidar das condições de equilíbrio da biosfera planetária” ressaltando que “não se trata de somente preservar, mas, sobretudo, de equilibrar os desequilíbrios”. A necessidade de evidenciar e cuidar desses desequilíbrios com firme propósito de transformação. A saúde e o bem-estar dos ecossistemas tem relação com práticas de cuidados e preservação que se ocupam com todo o ciclo de vida, onde o desequilíbrio ecossistêmico é uma fonte de adoecimento.

A saúde não é um produto que se compra numa prateleira como uma solução milagrosa com o nome de remédio. Considerando os cenários da humanidade frente aos impactos e desequilíbrio causados pelas ações destrutivas de uma sociedade industrial, numa cultura de adoecimento e medicalização da saúde, pensar em saúde é buscar uma mudança de vida, de visão, padrões e crenças, na saída da lógica competitiva que determina o padrão dominante.

Diante destes cenários de perigo, perda, separação, distanciamento, desconexão e destruição como participamos da cura do nosso planeta? Joanna Macy conta-nos da profecia de Shambhala conforme ouviu de seu amigo e mestre Choegyal Rinpoche e na oralidade continua a difundir-la, bem como na escrita que conta assim:

“chega um momento em que toda a vida na terra corre perigo. Erguem-se grandes poderes bárbaros. Embora esses poderes gastem suas riquezas preparando-se para se aniquilar uns aos outros, têm muito em comum: armas de imaginável poder de destruição e tecnologias que devastariam nosso mundo. Nesta era, quando o futuro da vida senciente se encontra por um frágil fio, emerge o reino de Shambhala. Você não pode ir até ele, pois não é um lugar; não é uma entidade geopolítica. Ele existe nos corações e mentes dos guerreiros de Shambhala” (MACY; BROWN, 2004, 85)

No enfrentamento da pandemia COVID-19, um grande luto planetário vivido com tantas mortes pelas pessoas que morreram neste período, seja pelo covid-19 bem como por outras questões de saúde, chegando neste momento de fragilidade humana tem um grande pesar sem as despedidas e honras que são realizados nos ritos de passagem. Dos aspectos e impactos de uma clausura de dentro fora de nossas próprias casas, as questões problemas que surgem, chegaram com algumas partilhas trazendo visões de um limitador na perda de liberdade de ir e vir, bem como de outras vozes com a visada de uma oportunidade de ir e vir para dentro de nós mesmos, de um tempo de olhar e cuidar de si e das relações próximas que convivemos em nossos habitats. Um limitador que nos abre oportunidade de reinvenção criativa de outros caminhos de ação em nossas vidas, de conhecer e viver novas maneiras de habitar o mundo.

Os guerreiros de Shambhala estão no mundo fazendo uma revolução silenciosa que começa dentro de si mesmo em um autoconfronto de nossas ignorâncias, na abertura ao aprender e ao que é nos é essencial.

Muitos são os chamados que descobrem o véu da ilusão, retratam o mundo além dos filtros de seleção de poder possam marcar e convidam para atuar em uma outra lógica além do paradigma dominante. Assim, em nosso caminhar com as questões ambientais continuamos nosso percurso com a ecologia social a seguir, reconhecendo essa atuação desta lógica competitiva

nas relações bem como a abertura nos corações e mentes para a aprendizagem de uma dialógica colaborativa de atuação em rede.

4.1.2 Ecologia Social

No século XX, conforme Leis (1999), a austeridade do pós-guerra tanto da primeira como da segunda guerra mundial, culminou no desejo de abandono e substituição desta em prosperidade associada ao consumo e teve no ambientalismo a projeção de ser uma nova austeridade e com isto houve uma rejeição a esta corrente de pensamento ecológico. As várias tentativas do engajado ambientalista americano Pinchot de politizar mundialmente a problemática ambiental fracassaram (LEIS, 1999).

Nesta época, no âmbito das ciências sociais se assumem o comportamento de resposta reativo, cético e anti-biologicista, para com o ambientalismo. Os problemas ambientais por um bom tempo não conseguiram despertar o interesse dos cientistas sociais. Estes, conforme Leis (1999), reagiram contra as teorias sociais com fundo biológico, afirmando que os fenômenos sociais não poderiam ser explicados a luz das variáveis ambientais. Assim, as ciências sociais tomaram uma direção antropocêntrica em resposta ao ambientalismo (LEIS, 1999).

O antropocentrismo em contraposição ao ambientalismo é tido como Paradigma Social Dominante – PSD, funcional, tecnocentrista. em que se acredita na supremacia humana, no crescimento contínuo e rejeita a escassez dos recursos naturais, situando-se nas correntes dos acomodadores e cornucópia (NASCIMENTO, 2006; O’RIORDAN, 2000). Já no ecocentrismo a crença se dá nos limites dos recursos naturais, defendem o crescimento zero e tem-se as correntes da ecologia profunda, a ecologia espiritual, a ecologia social e o ecofeminismo na vertente dos ambientalistas mais radicais e da tecnologia soft nos reformistas (NASCIMENTO, 2006; O’RIORDAN, 2000). Destas polaridades emerge da convergência destes movimentos o desenvolvimento sustentável ou ecodesenvolvimento inicialmente trazido como um paradigma alternativo, um caminho do meio. Segundo (SACHS, 2002) uma alternativa entre o PSD e o Ambientalismo Radical, o ecodesenvolvimento é endógeno, auto-suficiente, orientado para as necessidades – e não pelo mercado – em harmonia com a natureza. No entanto, o desenvolvimento sustentável e a sustentabilidade também foram cooptados pelo mercado tornaram-se um imperativo da nova ordem mundial, um diferencial competitivo da nova era de ecologização do capitalismo. E uma nova miopa se instaurou, em querer ser o que não se sabe ser ou acreditar ser o que não se é, na acelerada corrida de se manter ou ter novos ganhos de mercado.

Assim, as problemáticas socioambientais decorrentes de modelos de desenvolvimento, relações de consumo e de estilos de vida humano ganharam adesão e notoriedade ao longo do tempo na sociedade por correntes de movimentos ambientais e ambientalistas que mobilizaram pesquisas, articulações, projetos visíveis que se evidenciaram os caminhos e questões insustentáveis que desencadearam uma crise de dimensões global.

Questões que visibilizaram esta crise como a degradação ambiental – capacidade do ambiente sustentar a vida – causadas direta e indiretamente pelas ações antrópicas; mudança climática, desigualdade social, crescimento populacional, consumo desenfreado, prática discriminatória, condição indigna de trabalho, entre outras. Elas denotam essa perda de conexão humana, do eu outro mundo.

Organizações internacionais foram criadas adotando as questões socioambientais em suas vertentes de atuação. A criação da United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization – UNESCO em 1945 e a inclusão da proteção da natureza em suas sumulas, impulsionou um ganho de notoriedade do ambientalismo, na realização de eventos de porte global, e dos diálogos e articulações com organizações governamentais e não-governamentais.

Na década de 1960, tem-se a existência de um movimento de contracultura na contestação de culturas dominantes, como no Hippie nos Estados Unidos, em defesa da paz, da liberdade, do amor, da natureza, frente a hegemonia da guerra; a geração beatniks; os anarquistas; e o punk na Inglaterra. Importantes movimentos para mudanças culturais, de comportamento, de posicionamento frente a hegemonia de sistemas bem como de revalorização de práticas tradicionais indígenas. Em 1962, em conexão com este movimento de buscar uma outra via de viver a vida, houve o surgimento da ecovila e Fundação Findhorn, uma referencia em vida comunitária e de baixo impacto ambiental, também nasce ali uma comunidade de práticas de um bem viver na relação ser humano e natureza.

As mudanças pensadas em dimensões globais eram muitos desafiantes e ora pareciam impossíveis de serem alcançadas dentro de diálogos e compromissos firmados ou recusados entre países. A governabilidade no enfrentamento dos problemas globais socioambientais ultrapassava a capacidade efetiva do Estado com seus impasses, e as questões ambientais avança no cenário da sociedade civil mundial articulada. Emergindo através das Organizações Não-Governamentais - ONGs ambientais emergentes – a exemplo da World Wide Fund for Nature - WWF em 1961 e o Greenpeace em 1971– e nos movimentos sociais, que ganharam identidade representativa de agentes institucionais atuando na promoção de ações de cunho ambientalistas em redes mundiais.

Em 1964 a ecologia social surge, com o seu propositos Murray Bookchin (2010), da crítica a sociedade de consumo e os padrões de organização social do capitalismo e apresenta o termo e seu pensamento ecológico social em um ideário libertário. Considerado um anarquista com ideias radicais, ele fez severas criticas a ecologia profunda, ao desenvolvimento sustentável entre outras perspectivas e correntes do movimento ecológico.

Murray Bookchin nasceu em 1921 no Bronx em Nova Iorque, filho de imigrantes russos que militavam na organização sindical Industrial. Estudou engenharia eletrônica e trabalhou como jornalista, estivador de ferrovia, como operário nas usinas siderúrgicas, engajando-se na militância sindical e participando de movimentos pelos direitos civis, contra a intervenção norte-americana no Vietnã, nas lutas de maio de 1968 em Paris. Dedicou-se a partir dos anos de 1950 à questão ecológica, a problemas da contaminação dos alimentos por agrotóxicos, a

poluição radioativa participando de movimentos antinuclear, o uso de tecnologias apropriadas, fontes renováveis de energia. Também lecionou na Alternative University e na City University ambas em Nova York e tornou-se professor titular de teoria social.

A ecologia social proposta por Bookchin (2010)) norteia-se em um pensamento de ideais democráticos e libertários. Ele aborda que os problemas ecológicos possuem raízes e estão profundamente relacionados aos problemas sociais nas enormes desigualdades, hierarquias; sendo que as relações humanas de dominação e exploração da natureza estão relacionadas as próprias relações que estruturam as sociedades humanas no domínio dos sistemas políticos e sociais hierarquizados de gerontocracias patriarcais.

Compreender esta inter-relação, entrelaçamento e interdependência das dimensões ecológicas é um desafio a ser visto. Considerando que a interface social na dinâmica dos empreendimentos ambientais carece de maior atenção e entendimento destas estruturas, relações e sistemas. Assim como há o desafio de manutenção da vida de espécies raras em extinção há também das vidas humanas em busca de sobrevivência, em desempregos, fome, condições inadequadas e ausência de moradia, entre outros aspectos.

Bookchin (2010) apresenta os conceitos como o de municipalismo libertário e grupos de afinidade constituindo a sua proposta de ecologia social. Ele ressalta a importância de se estabelecer estruturas sociais em relações que sejam fonte de liberdade, participação, solidariedade e apoio mútuo, na organização descentralizada de uma sociedade democrática e orgânica na ausência de hierarquias, em práticas de autogestão em formas participativas de base comunitária e em uma natural divisão do trabalho, na utilização racional e repartição igualitária dos recursos.

O discurso das hierarquias simples, que atuam em escalonamento de poder e de riquezas foram definindo socialmente os países por este ponto de referência como alto ou baixo, desenvolvidos ou subdesenvolvidos, persistindo como estratégia reativa e ofensiva de mercado como instrumento de comando e controle. No desenvolvimentos destas desigualdades, para dialogarmos com este discurso precisamos discorrer sobre o que é trabalho, poder e riqueza, incluindo na relação que se tem com a ecologia social e a crise global.

O trabalho é a capacidade do homem de transformar a natureza e a sua própria vida. Historicamente ele assumiu diferentes formas, como o trabalho livre, servil, escravo e o assalariado. Na condição vigente do trabalho assalariado a exploração do trabalho se dá na apropriação da força de trabalho, na divisão desta em trabalho manual – voltado para a obediência e a submissão – e o intelectual – para o poder decisório (DRUCK, 2000). É nessa apropriação e divisão da força de trabalho que se dá a relação de dominação e a alienação do trabalho (DRUCK, 2000).

O capitalismo, no processo de trabalho e nos efeitos das novas tecnologias de produção e de gestão da força de trabalho, vem sendo capaz de criar condições para a deterioração das relações de trabalho em todos os sentidos. A crise do emprego fordista gerou o desemprego, a precarização do trabalho, a subcontratação, o emprego parcial, temporário e sem registro;

perde-se paulatinamente os vínculos, estabilidade e segurança. A terceirização no trabalho é uma violação aos direitos trabalhistas do indivíduo.

No plano das relações sociais, a educação se apresenta como um campo de disputa hegemônica subordinada aos interesses do capital (FRIGOTO, 1998). No Brasil, a educação é historicamente marcada pela submissão, perversa desde a colonização. A dualidade na educação, a da formação escolar e a escola profissional, traz a tona a separação histórica que se deu na relação da educação e o trabalho. A escola, como o trabalho intelectual, e a produção, como o trabalho manual, revela uma relação separatista de classes na sociedade (SAVIANI, 2007). Para compreender como a educação se tornou uma mercadoria que se compra é necessário analisar o regime de produção capitalista.

O processo de alienação social e política dos homens, é fundamental para entender o grau de exploração de uma sociedade, que não se veem como sujeitos, capazes de criar, produzir e transformar a história. E a obra e vida de do educador e filósofo Paulo Freire (1921-1997) firma-se nesse compromisso pela desalienação, humanização, pelo trabalho livre, na consciência do opressor e do oprimido e na conquista da liberdade em um educação libertadora. Ele ressaltava a necessidade de conscientização do Ser de si e do mundo, dos condicionamentos a se enfrentar, dos inacabamentos que somos e da nossa contínua busca de nos inserirmos no mundo (FREIRE, 1996).

Da dialética neoliberal, em uma teoria antidiológica da ação, ao caminho da dialógica nas relações de trabalho, Freire (2014) aborda os níveis de consciência, da ingenuidade ao desvelamento da realidade num exercício do pensar crítico na prática da ação e reflexão. Na superação das divisões do trabalho manual e do intelectual “a conscientização como uma característica desta forma de ação e a superação da semi-intransitividade e da ingenuidade pela consciência crítica das classes dominadas – sua consciência de classe”.(FREIRE, 2014, p.67).

Os reflexos desta divisão social do trabalho bem conhecemos na realidade que vivemos, em alta concentração de renda em uma minoria e uma maioria que resiste em baixíssima renda, que busca caminhos de sobrevivência. A exclusão, a pobreza e outros questões impulsionaram a criação de formas de organização contra as injustiças sociais existentes. A grande concentração da população nos centros urbanos, não podendo esta ser absorvida pelo setor formal da economia, produziu a fatalidade da exclusão do sistema formal de trabalho (TIRIBA, 1998). O governo e a sociedade estimularam o auto-emprego e o cooperativismo como elementos para viabilizar o ajuste do capital e conter o acirramento dos conflitos sociais gerados pelo desemprego (TIRIBA, 1998).

A posição de alguns ecologistas pos-desenvolvimentistas que criticaram o desenvolvimento sustentável, defendem a necessidade de um novo caminho. A perspectiva anti-desenvolvimentista prolifera no mundo impulsionando uma combinação de ativismo local e de redes de ativismo global (SANTOS et al., 2002). A força na dimensão local, de ser local para ser global é uma compreensão outra que ganha o movimento ecológico em sua busca e caminhar para o desenvol-

vimento sustentável. É a inversão das formas de atuação e gestão, tendo o modelo comunitário contribuindo para a transformação do modelo societário.

As condições econômicas, políticas e sociais contemporâneas propiciaram o ressurgimento do pensamento associativo e das práticas cooperativas. A discussão de experiências que combinem as vantagens de mercado com as da produção solidária tem sido um dos focos de criação de alternativas aos modelos econômicos (SANTOS, 2002). O desenvolvimento local está associado, normalmente, a iniciativas inovadoras e mobilizadoras da coletividade, articulando as potencialidades locais nas condições dadas pelo contexto (HAVERI, 1996).

Um dos caminhos dentro desta busca tem-se a economia solidária, que são iniciativas feitas pelos setores populares, como uma alternativa de sobrevivência frente ao desemprego nos centros urbanos. As Organizações Econômicas Populares – OEPs, como iniciativas coletivas e solidárias, podem representar os germes de uma nova cultura de trabalho, uma alternativa à crise do emprego, onde poderia se torna viável a elaboração de um projeto nacional de desenvolvimento deste novo setor da economia com base no interesses dos setores populares e de um projeto maior de transformação da sociedade (TIRIBA, 1998). Ações ligadas ao desenvolvimento local como Arranjos Produtivos Locais - APL e a economia solidária são essenciais para consecução deste desafio, nas iniciativas coletivas, com vistas à desconcentração da produção no país.

Uma cidadania informada é essencial para a democratização do conhecimento territorial e do seu desenvolvimento. A cidadania se dá no conhecimento, compreensão e apropriação da realidade do espaço local onde se vive, e na participação ativa neste, como cidadãos e profissionais, gerando uma dinâmica construtiva para o desenvolvimento deste território. E a educação é um caminho para o desenvolvimento local, integrado e sustentável, atuando numa estrutura de rede compromissada na geração de cidadãos ativos que contribuam para a transformação da sua realidade (DOWBOR, 2006).

Estas questões de dominação, exploração, pobreza, alienação, exclusão, injustiça social, submissão, violação, pensar na mutação destas na sociedade me faz pensar em cura. E a cura neste contexto me chega com a compreensão como um processo sistêmico histórico, político, social que precisa de um tempo para o seu acontecimento. Um tempo de respirar estas feridas e de cicatrizar. De adormecer e acordar encontrando novas forças para prosseguir, naquilo que lhe faz bem, traz alegrias, faz nascer sorrisos. E que nesta perspectivas há movimentos que se ocupam com políticas e ações de recuperação, de reparação de danos, de valorização e inclusão como formas de cuidado. Neste tempo em que nos transformamos para um agir outros dentro das condições e situações que possam vir a se apresentar com clausuras ao nosso Ser e em nosso viver.

Compreender a corência que inter-relaciona o modo de ser, pensar e fazer, traz para a ecossocia social, a visão que Guattari (2012a) fala sobre o desenvolvimento de práticas efetivas de experimentação que modifiquem maneiras de ser e na reconstrução de modalidades de ser-no-grupo. Para Guattari (2012a, p.8) “o que está em questão é a maneira de viver daqui em diante no

planeta” e para a constituição do reequilíbrio ecológico planetário será necessário a modificação nas maneiras de ser e viver.

Estes caminhos de referências se fortaleceram e com eles e outros que surgiram vieram as aprendizagens de que seja no meio urbano ou rural, vinculado a um movimento ou comunidade de prática, é no modo de ser e viver que vai se observando e encontrando possibilidades de melhoria da qualidade de vida almejada. Então pode se observar ecologia na relação consigo mesmo com o seu corpo, a sua casa, sua relação de consumo de produtos, a sua alimentação, sua relação comunitária e de vizinhança, entre estas e outras relações de consumo, cuidado, afeto, conexões em vínculos comunitários em cuidados com a manutenção da vida.

A teoria do capital humano afirma que o desenvolvimento de uma país está relacionado a educação. Os indivíduos que tem acesso a educação tornam-se mais capacitados para o trabalho, e o aumento da produtividade é visto como o aumento da riqueza do país (FRIGOTO, 1998).

Espaços de poder e competição alimentam desconfiança do fechamento do ser em si mesmo e do isolamento; do poder como figura opressiva e brutal, que como traz (AGAMBEN, 2010), “separa os homens da sua potência e, desse modo, torna-os impotentes”. Essa afastamento e distanciamentos nas relações podem ser observados também como fechamentos as relações, ao encontro que nos provoca olharmos a nossas condições operantes e nos convida as aberturas a mudanças.

A dialética sociocultural contemporânea se revela nos movimentos de encontro e distanciamento. As tensões do binômio eu/ele ou nós/eles é tido como um dos problemas vitais cuja separação das diferenças se dá pelo domínio e pelo poder de uns sobre os outros (GOERGEN, 2010). Essa relação de dominação e poder é a maior caracterização desta relação dialética, que para a transformação requer uma mudança de mentalidade para que haja o respeito e a coabitação. As implicações para a educação residem na transição de uma educação focada na identidade eu – defasada com relação a essa nova realidade marcada pela coabitação das diferenças – para uma identidade nós – atrelado ao conceito de alteridade como elemento constitutivo da própria identidade/ do eu (GOERGEN, 2010). E a mudança se dá na passagem do paradigma monológico para o dialógico. As três rupturas essências da modernidade são o estreitamento dos laços entre cultura e comunicação, a coabitação dos valores e dos interesses, e a emergência da identidade cultural coletiva como uma nova questão política (GOERGEN, 2010).

Para (FREIRE, 2014, p.109) é o diálogo que caracteriza a comunicação, sendo este:

“O diálogo é este encontro dos homens, mediatizados pelo mundo, para pronunciá-lo, não se esgotando, portanto, na relação eu-tu. [...] o diálogo se impõe como caminho pelo o qual os homens ganham significação enquanto homens. Por isto, o diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não se pode reduzir-se a um ato de depositar-se ideias de um sujeito no outro, nem tampouco torna-se simples troca de ideias a serem consumidas pelos permutantes.”

Assim, o diálogo, como condição existencial de um caminho de transformação e humanização do ser, além de ser um processo de troca de informações, é relação, é poesia. A interpelação do outro é um espelho que dialoga em revelação. “E na riqueza de um diálogo verdadeiro que se estabelece uma relação Eu-Tu, que tem como palavra princípio ‘entre’, pois é a base de uma relação” (ZUBEN, 2004, p.31).

Freire (2014) aborda para o diálogo acontecer amor deve existir e assim é no amor que o diálogo acontece de forma mais plena e em conexão com os sentimentos, pois “Não há diálogo, porém, se não há um profundo amor ao mundo e aos homens. Não é possível a pronuncia do mundo, que é um ato de criação e recriação, se não há amor que a infunda. Sendo fundamento do diálogo, o amor é, também, diálogo.”(FREIRE, 2014, p.110) . Para (MATURANA; EMOÇÕES, 1998), a origem humana é no amor e o seu sofrimento é oriundo da negação do amor. O amor é o reconhecimento do outro como um legítimo outro na convivência e aceitação disto é o que se dá uma conduta de respeito.

A integração do ser aí consigo, com o outro e com o mundo tem movimentos expressivos de uma política ecológica que demarca a sua atenção no relacionar dialógico no cotidiano humano em um caminhar mais harmonioso. A relação cuidadosa em práticas sistêmicas que se ocupe com ações efetivas e afetivas que promomvem a saúde e o bem estar dos ecossistemas são aprendizagens que se constroem no relacionar. Os conflitos surgem no relacionar para o que precisa ser visto, como ponto de partida que o encontro nos possibilita para uma mudança de mentalidade e transformação.

4.1.3 Ecologia Mental/Espiritual

O desenvolvimento da consciência ecológica da comunidade humana era e continua sendo uma aclamação dos ambientalistas. O pedido é da mudança do Ser, de atitude reativa que deixa o dano acontecer e age para correção dos mesmos. O chamado para atitudes cuidadosas de conservação, preservação e antecipação na relação com a vida, com os aspectos e impactos ambientais, no exercício da cidadania individual e coletiva em práticas ecologicamente corretas, socialmente justas e economicamente viáveis. Um querer fortalecido em atitudes que reflitam o desenvolvimento da consciência deste Eu-ecológico que de acordo Neto (2006), “é esse Eu-ecológico o que no e pelo homem toma conhecimento de si”.

A essência da verdadeira ecologia para (HARLAND; KEEPIN, 2016, p.15) é "nos darmos conta da nossa unidade com a Teia da Vida, não apenas como um aspecto da ciência de sistemas ou como entendimento da ecologia aplicada, mas como conhecimento autentico, como consciência”. Assim, essa unidade como interdependentes que somos e em nossas singulares tecemos essa teia, da qual ressaltamos que esta reinvenção não é só de conhecimento, “mas também da transformação, em seu próprio ser mental, do conhecimento adquirido em sapiência, e da incorporação dessa sapiência para toda a vida. (MORIN, 2017, p.47). Assim, a “educação deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a

viver) e ensinar como se tornar cidadão.” (MORIN, 2017, p.65).

A educação nos ensina a viver a prosa e a poesia da vida assumindo a nossa condição humana, transformando informação em conhecimento, tendo como imperativa o desenvolvimento da aptidão de contextualizar e globalizar (MORIN, 2017). Também aborda que os problemas particulares só podem ser pensados e posicionados em seus contextos, sendo os contextos destes problemas posicionados em perspectiva planetária; posto que “é uma necessidade cognitiva inserir um conhecimento particular em seu contexto e situá-lo em seu conjunto.”(MORIN, 2017, p.24). A capacidade de contextualizar, englobar, integrar e articular saberes é uma aptidão a ser desenvolvida pela mente; e tende “a produzir a emergência de um pensamento “ecologizante” no sentido em que situa todo acontecimento, informação ou conhecimento em relação de inseparabilidade com seu meio ambiente.”(MORIN, 2017, p.24-25).

Tomar consciência de si é um processo de cura e um caminho para viver de forma consciente. Consciência de nossa constituição corpórea, da nossa essência, de nossa subjetividade. Nesta ecologia Guattari (2012a, p.17) destaca a subjetividade humana e reinvenção da relação do sujeito com o corpo, onde “indivíduo-grupo-máquina-trocas múltiplas, que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial, de sair dos seus impasses repetitivos e, de alguma forma, de se ressingularizar”.

Essa reterritorialização dos corpos, a compreensão de que a gente vai criando e modelando nossos corpos com nossas relações de cuidado, na relação dentro e fora do corpo ambiente, suscita a autoresponsabilidade neste processo criador de reinvenção e recomposição dos corpos na relação consciente do Ser com eles. Esses corpos são trazidos na Tabela 2 na sua constituição matéria e energia, individual e coletivo.

A compreensão do engenheiro, professor e monge Azevedo (1995) da ecologia mental se dá a partir dos seus conhecimentos já com as experiências com a médica psiquiatra Dr^a Nise da Silveira (1905-1999) no Hospital Psiquiátrico do Engenho de Dentro e do Museu do Inconsciente, onde ele mergulha em Jung; nas tradições indianas da teosofia, o budismo e o tantra. Com a yoga dos três segredos – o pensamento, a palavra e a ação – traz os níveis de manifestação da força cósmica, onde através destes o indivíduo se integra ao todo.

Azevedo (1995) considera que a poluição mental é emissão de formas de pensamentos que projetamos quando pensamos, expelidos no inconsciente coletivo – também conhecido como algo novo e inesperado, mente universal, plano manásico, plano mental ou psicoatmosfera – como fumaças ou dejetos psíquicos, sem nenhum tratamento prévio, nos impregnando como uma infecção psíquica quando perdemos o autocontrole. Este autor visualiza que cada ser pode ser uma estação individual, bem como atuar em estações coletivas de tratamento na limpeza das impurezas do inconsciente coletivo e se tornar um centro de paz atuando na purificação deste.

Assim, é importante observar a energia que traz o pensamento e a palavra e o seu poder de criação desconstrução na ação, de como agimos movidos pela energia que se manifesta em

Tabela 3 – Níveis de consciência do ser.

Fonte: Baseado em Ácarya (2008) e Ken Wilber (1991).

CORPO MENTE	CAMADA	FUNÇÕES/ ESTADO	CARACTERÍSTICA
Corpo Físico ou Mente Matéria	Externa, mais densa. Soma. Dimensão fisiológica.	Funções do corpo regida pelas glândulas endócrinas, pineal. Interação psicomotora. Estado de vigília. Recepção, instinto e expressão.	Pele, músculo, estrutura óssea, coração, cérebro e todos os órgão do ser constituídos de matéria e energia.
Corpo Emocional ou Mente Consciente	Do desejo e da vontade. Dimensão psicológica subjetiva.	Percepção e ação pelos órgãos sensoriais e motores gerando desejo e/ou aversão.	Instintos de sobrevivência, preservação e reprodução. Formulações mentais.
Corpo etéreo inferior ou Mente Subconsciente	Elaboração dos pensamentos. Dimensão psicológica subjetiva.	Capta, absorve, armazena e recupera informações. Ação de sonhar. Acesso ao inconsciente.	Pensamento profundo ou reflexivo, e as memórias cerebral e a extracerebral (mente).
Corpo etéreo superior ou Mente Superconsciente	Da intuição ou da mente cósmica supramental.	Receptáculo infinito do conhecimento atemporal	Insights criativos, sonhos intuitivos, percepção extra-sensorial
Mente Subliminar	Discernimento e desapego. Transcendência.	Distingue o transitório do permanente, transcendência do apego. Estado meditativo.	Concentração plena. Desenvolvimento da generosidade, humildade, paciência.
Mente causa sutil	Reino dourado da mente. Quinta dimensão.	Mente sutilmente dirigida ao infinito. Proximidade com o Ser infinito interior.	Manifestação do amor incondicional. Ignorância e a ilusão são dissipadas da mente.
Corpo Espiritual ou Mente Espírito	Sutil e imaterial do ser. Dimensão ontológica.	Unicidade. Totalidade. Interdependência. Estado de silêncio.	Consciência da unidade e comunhão. Mundo das formas sem formas.

pensamento e ganha corpo na palavras e expressão na voz.

A mente, conforme Bateson (1979, p.100), é um agregado de componentes que interagem acionados pela diferença, “e a diferença é um fenômeno não substancial que não é localizado nem no tempo; a diferença está mais relacionada com a negentropia e entropia do que com a energia”.

Na esfera mental, há as camadas de pensamento da mente e também acontecem as interações mentais. Bateson (1979) aborda a relação mente e natureza, do que ele denomina com mundo dos viventes e não viventes, senda que esta é apresentada como um metapadrão de conexões que interagem com uma dança, conforme a figura 9 abaixo:

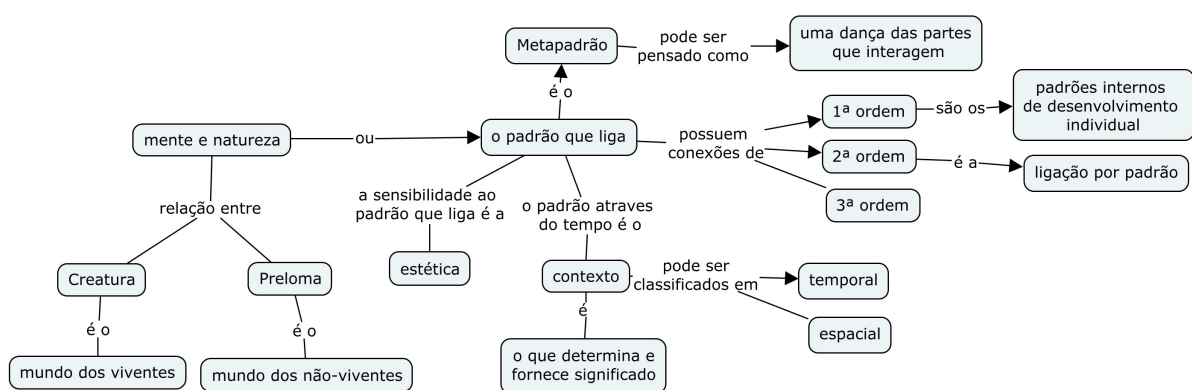


Figura 9 – Bateson

Fonte: (BATESON, 1979)

Sim, é (in)visível e observável uma estética presente nas formas e padrões da natureza, assimétricos e não-assimétricos, como os fenômenos dos fractais, a espiral de Fibonacci, a flor da vida, uma geometria sagrada que com sensibilidade é possível perceber estas conexões de padrão que nos une.

Esse padrão de padrão também é ressaltado por Croft (2012, p.15-16) quando se refere a sabedoria em grupos e indivíduos, que pode ser manifesta como um insight, um ahá, do que ele se refere como inteligência coletiva; sendo que a "Inteligência não é uma ‘coisa’ que reside em nossas cabeças. Ao contrário, é um processo de fluxo que nos une como nós temporários com o mundo e liga o mundo de volta a nós."

Também há de se ressaltar que um fenômeno mental se dá na organização e interação de partes múltiplas diferenciadas, sendo a abdução uma descrição dupla ou múltipla de componentes abstratos ou eventos (BATESON, 1979). Na esfera mental humana pode-se exemplificar a abdução como a metáfora, o sonho, a parábola, a alegoria; toda a arte, ciência e religião; toda a poesia que nos conecta com este ambiente simbólico com a noosfera.

A noosfera é uma noologia destinada ao âmbito do mundo vivo, virtual, imaginário e imaterial, constituído de informações, representações, conceitos, teorias, filosofias, idéias, mitos, deuses, fantasmas, sonhos, que gozam de uma relativa autonomia, que ganham consistência e

poder quando alimentados por nossas crenças ou fé (MORIN, 2017). Ela é “constituída pela conjunto de fenômenos ditos espirituais [...] Não são coisas do espírito. Eles são a vida do espírito” (MORIN, 2016, p.405). A noosfera “é uma duplicação transformadora e transfiguradora do real que recobre o real e parece se confundir com ele. [...] As entidades da noosfera reproduzem-se nos espíritos através da educação” (MORIN, 2012, p.45)

No pensamento ecológizante de (MORIN, 2016, p.260) que se fortalece a Ecologia de si, onde a ideia de si está constelada e ligada a um processo produtor recursivo que “com a vida, o si se torna produtor-de-si (ciclo das reproduções) e, nos seres individuais, o si cede lugar aos autos: autoorganização, autoprodução, autorreferência, e o Eu surge a partir deste processo.”. Pelo circuito recursivo, a produção e reprodução de si mesmo emerge uma nova realidade, se concebe consciência humana, tendo o si como fonte que brota os auto do ser, como auto-eco-organização (MORIN, 2016).

4.1.4 Ecologia Cibernética/Digital

Esta ecologia abre algumas perspectivas de diálogos para nossa reflexividade na perspectiva do que mente humana se colocou nesta criação e relação tecnológica, da relação ser humano e as máquinas, das virtualidades e a comunicação, do real e do imaginário, entre outras.

Para Freire (2014) a tecnologia além de necessária se constitui no desenvolvimento dos seres humanos. No entanto, "A tecnologia deixa de ser percebida como uma das grandes expressões da criatividade humana e passa a ser tomada como uma espécie de nova divindade a que se cultua."(FREIRE, 2014, p.68).

E as tentativas de alienação e controle de pela via da ciência e tecnologia revelaram uma "“sociedade massificada” aparece muito mais tarde: nas sociedades altamente tecnologizadas, absorvidas pelo mito do consumo. Nestas sociedades, a especialização necessária se transforma em “especialismo” alienante e a razão se distorce em “irracionalismo”". (FREIRE, 2014, p.68).

Dos desafios de alienação, massificação e irracionalismo exposto, Sokolowski (2004, p.11) alerta também que "Um dos perigos com o qual nos deparamos é que com a expansão tecnológica de imagens e palavras tudo parece se reduzir a meras aparências."

Na interação entre homem e natureza, Nicolescu (1999) aborda a construção de uma tecno-Natureza que se desenvolve em coexistência com os processos cósmicos, em vias de informação também com a realidade virtual, em que ele introduz a denominação nova de "Espaço-Tempo Cibernético (ECT) para designar o espaço informático em seu todo, este espaço que está envolvendo a Terra inteira."(NICOLESCU, 1999, p.85).

Nicolescu (1999) aborda que o ECT é um novo nível de realidade natural - cuja origem se dá no mundo quântico - bem como artificial e de natureza materialista e esclarece que:

“O Espaço–Tempo Cibernético não é nem determinista nem indeterminista.

Ele é o espaço de escolha humana. Na medida em que o ETC permite que a noção de níveis de Realidade e da lógica do terceiro incluído seja colocada em jogo, ele é potencialmente um espaço transcultural, transnacional e transpólitico.”(NICOLESCU, 1999, p.92)

Guattari (2012b) aborda o movimento de rejeição que emergiu com as inovações tecnológicas, no entanto ele reconhece as duas vertentes de ação, atuando para o que há de melhor e o de pior coexistindo. E aqui enxergamos este espaço de pensar as relações que construímos nestas virtualidades e do que potencializamos.

Em sua visada ele diz que "as máquinas tecnológicas de informação e comunicação operam no núcleo da subjetividade humana, não apenas no seio das sua memórias, da sua inteligência, mas também da sua sensibilidade, dos seus afetos, dos seus fantasmas inconscientes (GUATTARI, 2012b, p.14)

Assim, (GUATTARI, 2012b, p.17) continua abordando este caminho que opera com as tecnologias, com o computador, com a comunicação que se cria neste espaço digital "a exploração processual das "singularidades" dos acontecimentos, enfim tudo aquilo que pode contribuir para a criação de uma relação autêntica com o outro.". E com isto, continua Guattari (2012b) também se oferece com esta constituição indivíduo máquina a possibilidade de recomposição e ressingularização de uma corporeidade existencial em uma dinâmica entre os afetos partilháveis e os não-partilháveis.

4.2 Reflexões em percurso

Na ecologia ambiental navegamos em um mar de tensão necessário de ser evidenciado de questões da emergência planetária que precisam ser dialogadas e praticadas novas rotas de mudança do percurso da humanidade. Assim, todo este movimento de contração – da dor, do sofrimento e do adoecimento – como corpo ambiente em desequilíbrio, tem o o intuito de conscientização de uma rota de coalização destrutiva que a humanidade caminha. Esse chamado do despertar e de mudança em novos horizontes de aprendizagens, da regeneração dos processos naturais dos ecossistemas, biomas e biosfera indo nas causas da degradação ecológica, é uma abertura as sabedorias que nos possibilitem a nossa reinvenção em um viver harmonioso e em equilíbrio ecossistêmico.

A ecologia social, navegando entre a dialética à dialógica, a busca de maneiras de harmoniosas de viver e trabalhar, coletiva e colaborativamente que tenha o cuidado como eixo norteador das relações. A ecologia social se faz na relação eu-outro, na consciência das questões sociais afeitas às relações de convivência e de trabalhar juntos. Das maneiras de viver e trabalhar em conjunto, a conscientização das relações de dominação e a busca de um ideário libertário nos move a reinventar maneiras harmoniosas de viver.

Na ecologia mental/espiritual tomamos conhecimento de si mesmo como autêntico

conhecimento, como consciência que assumimos nossa condição humana, a nossa constituição corpórea e a reinvenção de nossa relação com o corpo. A nossa subjetividade, a relação mente natureza, com os fenômenos do espírito vamos encontrando em processo produtor recursivo caminhos de auto-eco-organização em que produzimos conhecimento de si mesmo.

E com a ecologia cibernética/ digital estamos no caminho com o aprender nos recompor e ressingularizar com a subjetividade humano com este Espaço-Tempo Cibernético.

5 Inverno

Imensas noites de inverno,
com frias montanhas mudas,
e o mar negro, mais eterno,
mais terrível, mais profundo.

Este rugido das águas
é uma tristeza sem forma:
sobe rochas, desce fráguas
vem para o mundo, e retorna. . .

Cecília Meireles, Solidão.

O inverno é tempo de nos voltarmos mais ainda para dentro, uma interioridade de reconexão com a nossa casa, nossa morada. Essa interiorização que difere do outono, revela como é possível ir mais profundamente para dentro de si. É nesse aprofundamento que sustentamos as nossas possibilidades de mudanças, com uma base de sustentação interior, nos fortalecemos nos enfrentamos com maior abertura para com as questões que temos mais dificuldade de lidar.

Momentos de recolhimento são marcos na história como o advento da descoberta da agricultura, possibilitando o sedentarismo e a formação de comunidades. E recolhidos também contaram suas histórias, como a autobiografia de Henry David Thoreau (1817-1862) que em seu livro *Walden* relatou o seu retiro para viver no bosque compartilhando os seus vividos, as habilidades que desenvolveu e as aprendizagens que adquiriu em seu isolamento.

Esse recolhimento é um chamado para neste momento cuidar do que nos é essencial, e por isso é preciso primeiro compreender, o que de fato nos é essencial? A vida do planeta, a vida de todos os seres e de todas as vidas e não-vida, a extinção ao longo dos anos das espécies, perda de biodiversidade, entre outras gritantes problemáticas que a ecologia traz ao mundo afirmando o colapso que estamos vivendo. Assim, é um tempo de olhar com amorosidade para tudo que nos acolhe e sustenta dando base e chão para trilharmos nossas jornadas, nosso ninho de nossas famílias e comunidades em que pertecemos; as nossas casas aonde residimos, as moradas do nosso ser, os nossos corpos e a nossa Terra.

Um firme propósito com a mudança que queremos ser e viver nos fortalece em permanecer em práticas e hábitos que reconhecemos o bem estar e vitalidade que nos proporciona, bem como a abertura em dar novos passos em caminhos que nos aqueça em alegria, tranquilidade e amor. A esperança, em tempo que urge o cuidado, da vida vivida em paz, é a sabedoria que nos traz a poliética do oikos e êthos integrado, da ecologia de si que cada ser aí no mundo-da-vida há de descobrir em sua jornada.

Reconhecer os frutos de nossa jornada nos fortalece neste auto-confronto, em nossas

mudanças e nos novos passos que queremos dar. As transformações que vivenciamos, as aprendizagens adquiridas ao longo da vida em nosso amadurecimento, alegrias e desafios, observar estes e outros aspectos de nossa (auto)biografia trazem visadas à questões existenciais.

Assim, também é tempo de organizar as sementes da mudança de um novo amanhã, de uma nova primavera. Trabalhar e fortalecer bem o solo para um vindouro plantio. Tomando a vida nas próprias mãos, em autocuidado e autoresponsabilidade, vamos nos desvendando em nossos tempos de amadurecimento e nas possibilidades de nosso autodesenvolvimento. Os princípios norteadores do inverno são: a vida tem seus ritmos e viver ritmicamente nos fortalece; o campo as conexões ocultas soma em sintonias; e a história que cura é a nossa, que nos contamos quando nos revisitamos.

5.1 Ecologia de Si

A ecologia de si é o caminho próprio e apropriado que nos conduz de volta para casa. Um caminho de cura e reconexão humana, de existir e resistir criativamente aos desafios da jornada, de reconhecimento e aceitação de quem somos, e integração com a natureza cósmica Una, na jornada de aprendizagens recursivas em inter-relações sistêmicas com a saúde-doença-cuidado-cura.

É uma trilha de aprendizagem de como cuidar da sua própria casa, dos seus pensamentos, sentimentos e das atitudes; no desenvolvimento de um olhar atencioso e um ver com clareza, de uma escuta profunda e empática, de uma fala amorosa e carismática, no uso cuidadoso de palavras que criam realidades, bem como do espaço de silêncio necessário, da consciência de movimento e equilíbrio da vida como nos colocamos neste ritmo em (não)ação, em nossas apreensões e compreensões.

Quanto mais nos aproximamos da ecologia de si mais ela se revela. Na Tabela 3 esta construção se dá com as compreensões dos acontecimentos em si mesmo. Em uma lógica outra sutil que se revela em um instante uma possibilidade consciência manifesta. E esse caminhar em abertura ao aprender em presença ilumina a nossa trilha e a nossa jornada, como atitude aprendente a claridade de ver e se relacionar com o mundo da vida, com todos os "doze" sentidos nos diferentes níveis de percepção e realidade.

Em caminho que é muito próprio a cada ser em sua existência tece suas aprendizagens com os seus percursos, laços e elos de afeto das relações, do encontros miragens e paisagens se revelam em interação do eu outro. Apropriarmos de nós mesmos, tomarmo-nos em nossos cuidados, acessar esse retrato do que nos constituímos, do eu sou do que nós somos em nossas trajetórias, em nossas ações e nos nossos sonhos. Nesse centramento que mergulhamos em profundidade em nosso Ser, no silêncio que nos reencontramos, em nossos inacabamentos, com que o nosso ritmo singular que nos movemos com o mundo a brilhar como estrelas que somos na luz da consciência divina que habita em nós.

Assim, na consciência de si que seguimos em performance e em autoescritura quero evidenciar que as lembranças que vieram a tona nesta escrita não foram selecionadas e escolhidas, elas surgiram no fluir da escrita e assim se fizeram presentes na trajetória em escritura.

5.1.1 A vida começa antes do nascimento

Estou aqui para lhe contar uma história. Não é uma história qualquer, pois toda história compromissada com sua verdade é uma vida de tantas vidas que se expressa. E esta história vivida é uma das histórias minha de vida que se encontra com muitas vidas e se entrelaçam em tantas outras histórias.

A vida começa antes do nascimento assim disse Leboyer (1976) e em concordância com este pensamento é que situo o limiar em que começo a contar esta história. Da eternidade em que viemos e retornamos, a chegada nesta existência em que trago a minha primavera, se dá no encontro de duas vidas, pai e mãe, e deste a origem filha.

Minha ancestralidade, a bisavô materna, a descendência portuguesa; e do pai de nosso avô materno a francesa, em que com a geração do nosso avô houve uma mudança de registro feita pelo próprio cartório no Brasil ao registrar seus filhos que não considerou o sobrenome Lígia alterando para Lins a todas as gerações por seguinte da família, um sobrenome mais próximo considerado em uso no Brasil. A minha avó materna Hilette do Carmo Mendonça, nascida em 1923 na Rua da Ribeira na cidade do Salvador, teve dois casamentos e onze filhos nascidos em casa com parteira. Do primeiro casamento, o marido fugiu e levou embora suas duas filhas indo para o Rio de Janeiro. Do segundo casamento, teve alguns filhos não nascidos de aborto espontâneo e dos nascidos em 1957 nasceu minha mãe.

De meus avós paternos, residentes no Iapi, tive pouco contato, guardo a lembrança da voz mansa de minha avó Alzira Leal, pouco falava com palavras e muito dizia com seu olhar, seu sorriso e ar de afetuoso de calma que ela trazia. Ambas as famílias de origem pobre, de numerosos filhos.

Minha mãe cresceu no alicerce da família e cumplicidade com seus irmãos, assim voltada para a família como referência de mundo e dos seus laços de amizade. Não chegou a concluir o primeiro grau. Meu pai, também de família soteropolitana, nascido em Salvador em 1951, é o retrato do nordestino que sai do seu habitat para buscar a mudança de vida em São Paulo e retoma sua cidade natal buscando novas perspectivas. Com pouca instrução só entrou na escola quando ele mesmo foi se matricular e chegou a cursar o segundo grau incompleto. Desde jovem era maçom, e foi casado e teve um casal de filhos.

Meu pai conheceu minha mãe no trabalho e se apaixonou por ela e juntos constituíram este elo de relação que é a minha família de origem. A chegada de minha irmã, no primeiro parto de minha mãe, foi bem delicado para ambas. Minha irmã teve alta primeiro e foi para casa sendo cuidada por minha avó materna enquanto minha mãe ainda permaneceu hospitalizada

Tabela 4 – Ecologia de Si.

Estações	Significado	Tema da tese	Práticas	Disciplina	Princípios
Primavera	É o começo da jornada de florescimento humano no movimento de abertura de horizontes no aprender, como numa primeira fase da vida.	Fenomenologia Teoriação Polilógica Autoescritura do Eu Abordagem Somático-Performativa	Epistemologia do Educar Próprio e Apropriado Biografia Narrativa Dança-teatro Movimento Autêntico Análise Laban/Bartenieff de Movimento	EDCA 86 Metodologia e Análise dos Processos Cognitivos. EDCA 88 Sistemas de representação do conhecimento EDCB05 Natureza da Criatividade. TEA 794 Laboratório de Performance.	Abertura do ser em presença ao que se vive em co-presença.. Entre e além das dúvidas, desejos, possibilidades e incertezas a vida flui em movimento.
Verão	Nosso desenvolvimento na jornada, nas aberturas, e expansões que nos relacionamos nos cuidados com a vida em beleza, sensibilidade, vitalidade, harmonia e alegria.	Comunidades de Aprendizagem Grande Virada Ecológica Dragon Dreaming Cidades em Transição Comunicação Não-Violenta Hortas Urbanas Comunitárias Medicinas tradicionais Ayurveda, Chinesa, Indígena Xamânica ou Não-Xamânica, Antroposofia Racionalidades médicas PICS	Design de Ecovilas Educação Gaia, Permacultura, Composição e minhocário, Produção local e orgânica de alimentos, Bioconstrução, Pinakarri, Captação empoderada de recursos, Hortas Comunitárias, Trilhas Ecológicas, Economia Solidária, Dança Circular Sagrada,	EDCA 92 Criação e Difusão do Conhecimento para a Inovação Tecnológica ADMF18 – Desenvolvimento Sustentável HACA50 Racionalidades em saúde: sistemas médicos e práticas alternativas EDCC50 TE- Filosofia Contemporânea: a perspectiva latino-americana	Aprender a ser comunidade local faz a presença humana global. Bem estar vivido é partilhado. O tempo de espera é um tempo de acontecimento. A cura é uma aprendizagem histórica e coletiva.

Estações	Significado	Tema da tese	Práticas	Disciplina	Princípios
			Ecopsicologia, Transição Interior, Trilhas Educativas, Yoga Massagem Ayurvédica, Yoga, Shantala., Acupuntura, Fitoterapia, Ayahuasca		
Outono	Movimento de mudança, adaptabilidade, transformações e renovações que abrem outros espaços dentro de espaço já navegados.	Ecologia e cuidado Ecologia Ambiental Ecologia Social Ecologia Mental Ecologia Cibernética	Ecologia profunda e superficial Economia Solidária Yoga dos três segredos Inteligência coletiva		Integralidade cósmica na relação ser natureza. O Cuidado sensível vive e vivo nas nossas relações e ações.
Inverno	Tempo/espaço de concentração, recolhimento na interiorização em contração nos voltamos num mergulho profundo em nosso ser e em nossas relações, na celebração das nossas realizações em nossa jornada.	O começo da vida e o nascimento A infância A puberdade e a adolescência A vida adulta e o fio de atuação no mundo Tornar-se mulher A maternidade	Balé, teatro, circo banho de assento e banhos de folha Be one Yoga, meditação, Yoga Massagem Ayurvédica, Shantala, mantras Divya Samaj Nirman, , Reconsagração do ventre,	EDCB15 Estágio Supervisionado ADMF66 Metodologias Não Convencionais em Gestão. TEA 94 Laboratório de Performance TEA A66 Poéticas Holísticas em Movimento.	A vida tem seus ritmos e viver ritmicamente nos fortalece. Em campo as conexões ocultas soma em sintonias. A história que cura é a nossa, que nos contamos quando nos revisitamos.

Estações	Significado	Tema da tese	Práticas	Disciplina	Princípios
			dança circular sagrada, medicinas da floresta do rapé, tabaco, sananga e da ayahuasca. Movimento autêntico, performance	HACA50 Racionalidades em saúde: sistemas médicos e práticas alternativas	

por um tempo. A diferença de idade entre eu e minha irmã é de um ano e quatro meses. Com a minha gestação minha mãe ainda trazia as memórias dos medos que viveu desta experiência traumatizante. Na minha vida intrauterina vivi a transição de meus pais que são de Salvador e com três meses de minha gestação se mudaram para Manaus por conta de uma gerência que meu pai havia assumido no trabalho.

5.1.2 O nascimento

Talvez um nome seja só um nome, uma data seja só um data, um local seja assim também. Na senda desta história o nome, a data e o local contam a história de um ser em um sua trajetória e constitui o ser na história.

Era 1981 e o Brasil vivia ainda no regime de ditadura militar com o Presidente João Figueiredo foi o último governante que marca o fim deste período. No verão do dia dois de março de 1981, era época de carnaval no Brasil, no estado do Amazonas na cidade de Manaus as 10h10 da manhã, na comarca de Manaus eu nasci nesta existência.

Minha mãe escolheu o nome da primeira filha, e ela e meu pai combinaram que meu pai escolheria se tivesse outra criança. Meu papai pensou os possíveis nome para minha pessoa em Judy Mila, Ludmila mas mãe disse ainda não ser estes. Então, ele surgiu com Priscylla, escrito dessa forma rebuscada com y, e dois ll, traz esse nome como uma ligação de Elvis, homenagem ao rei do rock, de sua ex-esposa, a Priscilla Presley. Meus pais ao assistirem a um filme sobre a vida do artista Elvis Presley, que já eram fãs e ouviu mamãe falar que gostou muito da postura da Priscilla e então assim inspirados escolheram Priscylla para me nomear nesta existência.

Estas informações são suficientes para gerar um mapa astrológico que dirá do momento em que nasci que além do Sol, meu signo regente, Vênus e Marte também são em Peixes; a Lua, o lado emocional, em Capricórnio, ascendente em Touro e descendente em escorpião, entre outras conjunturas revelando maior predominância dos elementos ar e água. Essa relação astrológica fala da influencia dos astros na vida, na forma como nós relacionamos no mundo, da personalidade, temperamentos entre outros aspectos que revelam mais de nossa natureza.

Nascer em Manaus neste momento de mudança de meus pais, distante de seus familiares e construindo algo novo em um lugar até então desconhecido para eles, é o contexto de minha chegada. O parto foi uma cesariana, minha mãe relata que nem sentiu contrações. E ao contrário de sua primeira experiência foi um parto tranquilo para ela, que no dia seguinte já estava a caminhar pelo hospital. Eu nasci com um sinal no cóccix, esse sinal herdei de minha avó materna. Ela em vida tinha esse sinal no cóccix e na cervical, alguns filhos e netos herdaram o sinal. Também nasci com dois sinais no olho direito, porém este não foi herança familiar.

5.1.3 Nos passos da primeira infância

Meu pai trabalhava na área de vendas para o nosso sustento e minha mãe muito cuidadosa vivia neste momento em plena dedicação para com as filhas e a casa. Muito zelosa com a higiene e limpeza lavava a mão todas nossas roupas e fraldas, que naquela época usava fraldas de pano limpava bem diariamente a casa, alimentos. Me amamentou até os três meses, disse que o seu leite secou. Moramos em Manaus por dois anos e neste tempo tínhamos uma boa condição financeira estável. Teve ajuda de uma das irmãs de meu pai que morou por um breve tempo com a nossa família com a minha chegada.

Minha mãe me arrumava muito com shorts e blusas, com roupas parecendo um menino, o que não fazia com minha irmã, e estimulava muito a minha aproximação com meu pai.



Figura 10 – Eu criança em Manaus

Fonte: Arquivo pessoal da autora

Estando em Manaus ficamos distanciados das famílias de origem de meus pais, pois para chegar em Manaus só de barco ou de avião. Minha mãe sentia saudades de sua família, queria estar mais próxima e a pedido meu pai pediu ao seu chefe transferência para um local mais próximo de Salvador e assim que ele foi transferido. E nós seguimos do norte do Brasil para o

Nordeste, nos mudamos para morar em Fortaleza, onde passamos mais dois anos. Lá minha avó materna foi nos visitar para alegria de minha mãe.

Eu, quando penso em alegria e felicidade nesta fase da vida a lembrança que me chega da infância é a dança em família e nos momentos que ela surgiu quando morávamos em Fortaleza. De dançarmos todos soltos cada um com seu movimento ou fazendo juntos o mesmo movimento, ver meus pais dançando, de minha mãe dançar sobre os pés de meu pai e eu e minha irmã fazermos o mesmo. Da alegria de estar em casa, com dança, música e família. Esses pés que dançavam soltos em casa eram os mesmos pés que saiam em botas pretas fechadas e pesadas nas ruas. Pisava torto e vivia caindo bastante o que me levou a anos de botas, tênis ortopédicos.

A mudança para Fortaleza foi bem desafiante para meu pai a empresa já tinha muitos problemas insustentáveis e acabou fechando e com isso meus pais voltaram para Salvador. Moramos na Vila Laura em Brotas durante dois anos, meu pai ficou desempregado neste período, não conseguiu uma recolocação de um trabalho fixo de carteira assinada e fez várias ações pontuais de vendas e fazendo biscate. Essa situação de sair de um cargo de chefia para não ter uma segurança e uma garantia no trabalho, com filhos para criar e esposa mexeu com meu pai, destabilizou ele emocionalmente e contribuiu para o seu adoecimento profundo. O casamento perdeu as suas forças, meus pais se separaram por um ano.

Eu e minha irmã fomos com nossa mãe morar com nossa avó materna que morava com mais dois de seus filhos. Foi uma fase muito difícil para nós, eu tinha cinco para seis anos. Depois minha avó se mudou para Cajazeiras VII e todos nós fomos juntos com ela. O apartamento estava só no reboco, nós dormíamos no chão de cimento poeirento com um lençol por cima. Com seis anos minha mãe me colocou na creche e minha irmã ficava com minha avó, enquanto ela estava trabalhando vendendo sapatos de porta em porta. Essa experiência foi desafiante para mim que na época chorava bastante pois não compreendia tão bem as mudanças pelas quais estávamos vivenciando, por que não podia ficar com minha avó também, sentia saudades de meu pai e da nossa vida em família. Depois disso passamos um ano acolhidos na casa de uma tia e então meus pais reataram o casamento e nos mudamos de Salvador para Irecê, onde meu pai foi trabalhar com meu tio paterno que tinha uma loja de móveis e moramos lá por menos de um ano. Minha primeira infância há vivências de abundância, escassez e suficiência.

Nesse período da infância tive asma até os sete anos, em contínuas internações e uso de medicamentos. Em uma das internações em um descuido de uma profissional em um erro ao deixar o acesso ao medicamento e soro fechado, e sem a devida fruição pela manhã eu estava desfalecendo. Com a intervenção da médica que me acompanhava recebi choque pirogênico em desfibrilador e fui sendo reanimada com massagem cardíaca e ao poucos fui voltando a vida no meu corpo. Esse foi o meu primeiro contato com a morte.

A minha primeira memória da infância que me marca é de estamos nós quatro – pai, mãe, irmã e eu – indo numa balsa, era noite chovia e fazia frio, estávamos fazendo uma travessia e tinha uns carros na balsa também. Eu senti medo de afundarmos todos ali. E conforme fomos

atravessando o medo foi dissipando. E eu observava em silêncio a travessia.

A primeira infância caminhamos assim, com a chegada ao mundo as descobertas, com passos vez por outra cambaleantes com o que surge além do brincar, nas aprendizagens no convívio familiar e nas relações com o mundo em nossos acessos e deslocamentos.

5.1.4 Da infância a puberdade

De Irecê seguimos para Guanambi, um município no Sudoeste da Bahia, em que meu pai foi no intuito de abrir uma filial da loja de móveis e lá moramos por cinco anos. A alegria de morar neste interior foi a força da autonomia e das relações, tudo podia ser resolver caminhando, tudo era perto e próximo, todos se conheciam, mesmo que aparentemente.

Na escola, eu e minha irmã íamos e voltávamos andando juntas no trajeto casa escola casa. Aos sete anos fui alfabetizada em Guanambi, com uma cerimônia celebrativa de formatura. Meus pais convidaram um filho de um amigo que me conduziu no trajeto do rito. Era um acontecimento a formatura, com recebimento do diploma, assinaturas e fotos. Foi uma noite muito especial em que senti muito bela e vista, fomos depois jantar fora com a família deste amigo.

Amava as festas da escola, as de São João eram as que mais gostava. As músicas, comidas típicas, o espaço ornamentado, a dança do coco, a dança do pau de fita, nossas vestimentas a caráter das quais minha mãe adorava me enfeitar e o encontro das famílias que participavam da festa. Em uma festa de São João da escola implorei a minha mãe que não queria ir de botas, queria meus pés livres e desejava me sentir bonita com os pés de fora. Ganhei uma sandália que usei nesta festa e foi uma alegria em dançar a festa inteira com os meus pés que não me cansava de olhar admirando vê-los de fora daquelas botas.

Além das botas passei a fazer balé, uma recomendação médica que minha mãe recebeu para ajudar no meu pisar, assim vieram as sapatilhas. Iamos juntas, minha mãe fazia jazz, eu balé, e minha irmã que entrou no balé e logo quis mudar para o jazz. Não demorei muito no balé, com o primeiro ano antes da apresentação saí. Ali já me sentia a mais gordinha da turma e não me sentia confortável de ficar de colan e fazer apresentação para muitas pessoas desconhecidas.

Eu e minha irmã ajudávamos nos afazeres domésticos, o que não era algo de muita estima minha naquela época pois o que gostava mesmo era de brincar, imaginava o mundo brincando e me perdia no tempo nas brincadeiras. Isso as vezes me gerou alguns conflitos familiares na divisão dos cuidados da casa. Algumas vezes costumávamos a ter uma reunião familiar agendada por meus pais para dialogarmos os conflitos.

Eu e minha irmã participávamos do teatro da escola com as peças públicas e o teatro do centro espírita que meus pais faziam parte. O que me marcou foi a primeira vez que fui ao teatro e assisti a uma peça. Tinha uma bacia com águas e a gente ria bastante e chorava. E eu achei o máximo e naquele momento desejei um dia também fazer isso.

Foi período das amizades, das relações sociais, as casas eram frequentadas, havia tempo para conversar e relaxar, uma vida sem pressa. Havia muito trabalho, meus pais cuidavam da loja de móveis, eu e minha irmã íamos para escola, algumas vezes íamos para lá loja também e gostávamos de brincar e ver a vida adulta acontecendo. A loja foi dando certo, meu pai contratou funcionários. Meu pai foi convidado para a maçonaria, também frequentávamos um centro espírita kadercista que meu pai acabou se tornando o presidente do centro, montou uma livraria do centro e também se tornou diretor da Câmara de Dirigentes Lojistas – CDL.

A relação com a maçonaria e com o centro nos trouxe uma relação social mais fortalecida com os moradores da cidade. Um senso de pertencimento e comunidade que nos ligou a várias ações locais. Minha mãe integrou o grupo de assistência social das mulheres dos maçons que organizavam ações sociais e o centro espírita também fazia estas ações. A prática da solidariedade era um alimento as nossas relações, e das ações desenvolvidas eram feitas gincanas nas comunidades com brincadeiras, distribuição de sopas, alimentos, roupas e brinquedos nas comunidades e em presídios. Nestes momentos encontrava com outras famílias, que não eram do meu cotidiano de que buscavam estes apoios, das crianças da cidade que surgiam não sabia de onde e que juntos brincávamos.

Alguns acontecimentos me marcaram neste período, um deles era véspera de Natal e eu queria muito ganhar uma boneca e pedia a meus pais. Um dia encontrei meus pais embrulhando presentes e queria mexer neles questionando se era minha boneca. E minha mãe me falou que aqueles presentes era para os meninos que moravam na rua. Um dia passeando na rua ela me mostrou e eu passei a ver que existiam pessoas que ficam sentadas no chão das ruas, comendo na rua, vi uma mãe com duas crianças, eu olhei para elas e naquele momento elas passaram a existir para mim. Com o Natal, a celebração predileta de minha mãe, ganhamos presentes e ao abrir a caixa com a boneca que tanto queria corri para meu quarto chorando. Minha mãe foi ao meu encontro, e eu lhe disse que não queria mais a boneca, que os meninos da rua deveriam ganhar os presentes.

Outro momento marcante foi a visita que fizemos a um presídio. Meus pais, minha irmã e eu fomos para a distribuição de sopa. Num presídio de homens, havia uma mulher também presa na cela junto a eles. Aquela situação em que o corpo recua quando ver algo em não conformidade nos tomou conta. Vi meus pais dialogarem para aquela mudança de situação. Momentos como estes me conectavam cada vez mais com outras realidades do mundo-da-vida, além do meus mundos vivido e criados no meu imaginário com os meus desejados horizontes. Também nutriam em mim uma admiração por meus pais, na solidariedade que é tão natural presente neles, com o hábito de ajudar outras pessoas.

Uma vez ganhei um relógio de presente de meus pais, daquele que pulseira coloridas que poderiam ser trocadas e combinadas. Ao usar para ir para a escola, fui algumas vezes parada na rua para informar o horário. Porém quando era questionada do horário, me perguntavam: Ei, menino, que horas são? Eu não entendia muito bem por que me chamavam de menino, me

perguntava se era por que eu tinha um cabelo bem curto na época, mas deixei de usar o relógio pois não queria mais ser assim chamada. Passei a observar no trajeto da escola o que diferenciava o corpo de um menino para o de uma menina, para que então fosse assim chamada de menina. As roupas, o cabelo, o rosto, no corpo abaixo do pescoço não notava diferença, via que tínhamos braços muito longos.

Com nove anos despertei para o sentir atraída por um colega, ele era um ano mais novo que eu e era um cantor mirim sertanejo profissional, que tinha o cabelo espinhado para cima como daquelas duplas sertanejas. Eu, para expressar meu sentimento espontaneamente, cantei para ele na roda do intervalo das aulas uma canção sertaneja. Escrevia no caderno desta afeição que sentia por ele, me encantei pela primeira vez por um rapaz. E até chegar uma festa da escola meu pai chamou ele na mesa em que estávamos sabendo dos meus sentimentos e perguntou qual era as intenções dele para comigo e o colega tomado no susto fugiu correndo e ali acabou o clima de um possível romance por mim imaginado.

A caminhonete de meu pai era uma alegria na cidade, ele dava carona a muita gente na garupa e quando tinha festa da escola levava todo mundo no fundo da carroça, de um canto a outro, eram os dias de festa. Na época em que moramos em Guanambi a força da região eram as plantações de algodão. Meu pai tinha uma caminhonete e resolveu experienciar trabalhar com a venda de algodão. Algumas vezes fomos com ele transportando no fundo da caminhonete algodão, que ficava coberto por uma grande lona.



Figura 11 – Caminhonete do Papai

Fonte: Arquivo pessoal da autora

A caminhonete era movida a gás e uma das viagens que fizemos juntos em família, meu pai dirigindo, minha irmã, eu no colo de mãe que juntas cochilávamos. Ouvimos um estouro, minha mãe e eu acordamos assustadas, o carro começou a balançar para os lados e ficou muito

difícil para meu pai manter o controle da direção. Não sabíamos o que estava acontecendo e assustados com aquela situação minha mãe soltou do carro em movimento comigo pois tinha muito medo do gás estourar. Meu pai ficou dirigindo com uma mão o carro desgovernado que tinha na verdade estourado o pneu e com a outra segurando minha irmã. Dirigiu com o cuidado de não passar por cima de mim que caí no asfalto, enquanto minha mãe caiu rolando em um despenhadeiro em que houve uma pedra grande que a fez parar de rolar. Meu pai conseguiu parar o carro. Outros carros pararam, recebemos ajuda na estrada atordoados com este acontecimento e fomos para o hospital com ferimentos leves, uma queimadura do asfalto na perna eu tive, minha mãe desacordada retomou a si.

Nesta boa infância meu pai teve duas lojas, tínhamos um cachorro chamado de Bob que cuidava de uma das lojas e outro cachorro chamado Branquinho. Eu gostava de fazer carinho neles e limpava os olhos deles. Em uma das casas que morávamos tinha uma vasta visão para a natureza, bastante árvores e os micos eles vinha até a varanda de nossa casa e dávamos banana para eles. Numa das casas que moramos meu pai trouxe um papagaio, depois um tatu do qual minha mãe pediu para devolver, passou uns dias com a gente e meu pai levou de volta.

Um outro natal que me recordo, nas vésperas de sua celebração tive um sonho com uma serpente e ao acordar compartilhei com meus pais. Meu pai sugeriu para jogar neste animal e assim o fiz e deu serpente. Foi o meu primeiro dinheiro que ganhei, sem ser a mesada de meus pais, e ele aconteceu de um sonho. Em meu contentamento nesta situação usei o pouco dinheiro que havia ganhado e comprei lembranças de natal para cada pessoa da minha família.

Me recordo da estante de meus pais, livros que falavam sobre o poder infinito da mente, do subconsciente, telepatia, clarividência, hipnose, como uma ávida jovem leitora me debrucei com alguns destes livros, desde cedo acessei esta informação da importância da mente e dos pensamentos na criação de nossas realidades. No entanto, o desafio que se apresentava era o de como fazer esta mudança, como operar isto no cotidiano.

Mesmo meus pais sendo espíritas, eu e minha irmã não fomos batizadas. Meus pais acreditavam que isso era uma decisão que cabia a mim e a minha irmã escolhermos os nossos caminhos. Eu admiro esta decisão deles, esse espaço de liberdade de escolha. Sempre gostei de participar dos estudos semanais do evangelho em casa. Escutava sobre reencarnação, sobre a necessidade de explicar sobre isto e no entanto para minha alma isso sempre pareceu tão natural, a vida além da vida. Me colocava em observação quanto a assumir alguma prática religiosa como minha.

Com meus pais vieram as aprendizagens das vivências nas práticas de cuidado e autocuidado do cuidado dos nossos corpos de uma alimentação com muitas frutas; inalação de vapor da água para desobstrução das vias respiratória; o escalda pés para ajudar na circulação dos pés e pernas inchados; o banho de assento para saúde íntima da mulher; os banhos de folha, para limpeza e energização; e o banho de sol para absorção da vitamina D; e de passes em centros espíritas para harmonização energética dos centros de força.

Um evento que marcou a memória dos cidadãos brasileiros foi na questão política na governança do país, nessa dureza seca que o país caminhou na economia com o confisco do dinheiro brasileiro. Em 1992, a cidade, o país, nós saímos as ruas para dizer fora a corrupção e o pedido de *impeachment* era clamado. A memória viva que eu tenho é do chão de barro seco, daquela cidade de clima semiárido tão quente e seco, em que caminhávamos sem pressa e som que surgiam das vozes que ecoavam clamando mudança.

Essa época boa de Guanambi que vi meus pais vivendo em comunidade, tendo amigos, se divertindo, são boas memórias. Na nossa vida cigana acompanhando meu pai em suas mudanças de trabalho também partimos em 1992 para uma nova morada em Vitória da Conquista. Porém mesmo assim meu pai não parou de viajar a trabalho e nas suas viagens ele encontrou um jeito de se fazer presente com as suas conversas por telefone e seus cartões postais, conforme pode ser visto na sabedoria de sua mensagem na Figura 10.

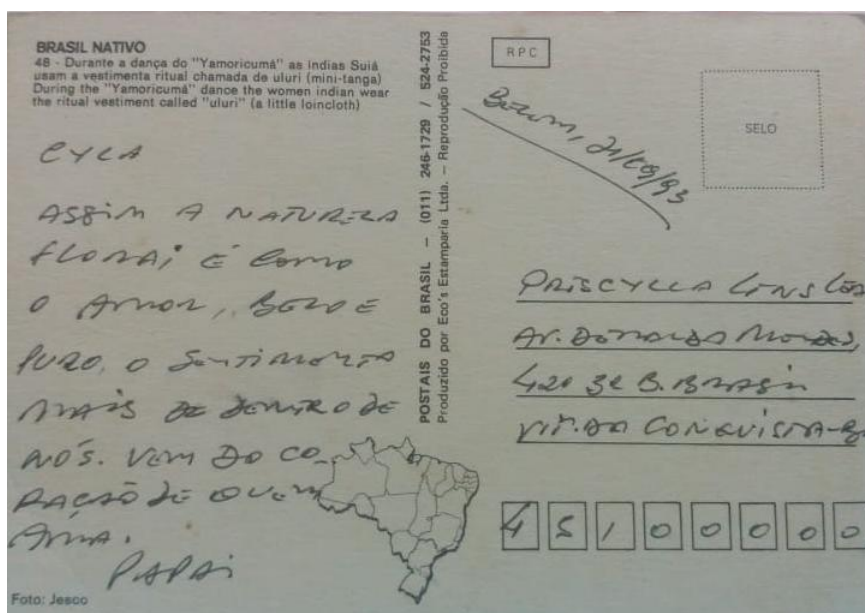


Figura 12 – Cartão postal

Fonte: Arquivo pessoal da autora

5.1.5 A adolescência

Me recorde da chegada a cidade de Vitória da Conquista, situada ao centro sul do interior da Bahia. Era uma manhã de frio e quando passamos pela rodovia da BR116, na chamada avenida Rio Bahia que divide ao meio o município. Percebi no dia seguinte que aquele não era um dia frio, que o frio era o clima da região. Nos mudamos para o bairro Brasil.

Uma cidade maior da que morávamos, senti isso ao ver um terminal com a presença de ônibus para várias rotas. Chegamos sem conhecer ter conhecidos locais, de uma morada de casa para a de apartamento. Uma adaptação nesta chegada, a saudade da vida que ficou em Guanambi

e um esforço para este novo nesta vida cigana que nos momentos iniciais da mudança tem seu impacto.

Eu e minha irmã, nossas vidas giravam em torno da escola. Estudamos dois anos no Colégio Paulo VI, uma escola particular católica franciscano e convivíamos com a ordem dos frades capuchinhos. Gostava de subir na árvore que tinha na escola, um mangueira que fica a chupar manga enquanto observava os seminaristas jogarem bola. Gostava de ver aquela cena, quebrava a seriedade de suas vestimentas. Também relaxava bastante sentada ou deitada no galho da mangueira sentindo a sensação do vento, o som do balanço das folhas.

Gostava das aulas de geometria, com as réguas, esquadros, compasso, cadernos de desenho e pinturas. A escola tinha gincanas solidárias com culminância em exposição de artes. Tínhamos aula de dança e apresentamos uma coreografia nesta exposição com a música Canta Brasil de Geraldo Azevedo e Moraes Moreira, na voz de Gal Costa. Lembro-me das aulas de religião, como o ensino do catolicismo eu me recordo nesta época do questionamento e contestação do por que não estudávamos outras religiões, a exemplo que dei por que não líamos a história do espiritismo. Com esta mesma professora me apresentou um trabalho que era desenvolvido no lixão da cidade, com os moradores, em que havia crianças pequenas ali, e no seu relato ela compartilhou o chamado a estas crianças para saírem daquela realidade e que elas não aceitaram, lá era o mundo delas. Essa situação me atravessou a garganta com uma emoção que me marcou. E me conectou com mais empatia a esta professora a partir deste seu relato compartilhado.

Havia aulas de sexualidade e elas eram uma algazarra, ríamos do assunto, das partilhas dos colegas que mesmo não sabendo as vezes falar nos termos trazido na aula se comunicavam com termos mais populares. Minha mãe me perguntava sobre estas aulas e lembro um dia de lhe falar que um colega meu disse que fazia manutenção no banheiro diariamente e lhe perguntei estranhando o que era tanto que esse menino tinha o que fazer de manutenção no banheiro. Sentia um constrangimento que surgia uma vergonha de falar sobre este assunto com meus colegas mesmo tendo minha mãe falando abertamente sobre este assunto comigo e minha irmã, não me sentia muito à vontade. As vezes imagens povoavam a minha mente e me sentia impura. Tinha uma curiosidade também desta desconhecida relação que causava um estranhamento no imaginário.

Meu senso de justiça era muito forte e minha mãe foi chamada na escola pois não podia ver alguém brigando que ia defender aquele que estivesse em postura mais frágil, acabei ganhando um soco na cara em um apartar. Na escola eu fui a primeira da turma a desenvolver os seios e no intervalo meus colegas queriam tocar, era diferente. Como eu não queria ser tocada eu corria e pegava uma vassoura para afugentar quem vinha atrás de mim. Mentreei com onze anos, meu corpo passava por uma ebulição de transformações. Escorre em nós esse vivo sangue, destas vermelhas águas que colorem a vida feminina. Lembro da minha menarca, em casa eu era muito moleca brincalhona, minha mãe nem acreditou. Neste dia meu pai chegou em casa e me chamou

para ir ao supermercado com ele e assim fomos. Até que ele vira na prateleira do supermercado e disse para escolher o meu absorvente. Esses são uns daqueles momentos em que o jovem quer um buraco para enfiar a cabeça. Meu continuou com o papo de ser mocinha me deixando mais rubra nas bochechas e suando envergonhada fiquei quando começou a fazer perguntas sobre o assunto. Mocinha, não sabia lá o que era ser isto, o que ficou nítido da preocupação de meus pais era que a partir daquele dia eu poderia engravidar e nem imaginava como isto acontecia.

A minha relação com meu pai é de um elo fortalecido e minha mãe sempre estimulou esta relação. Nós dois piscianos tínhamos afinidades que nos unia e outras que criávamos na relação. Conversávamos e fazíamos ações em conjunto, gostava de trabalhar com ele com as ferramentas em suas ações de conserto na casa, e das inúmeras vezes que nós mudamos eu era o seu ajudante, pegava a mudança com ele, descarregava cima a baixo; conversávamos sobre livros, espiritualidade, suas viagens. As vezes ele gostava de desenhar e pintar e eu admiro essas forma de expressão nele.

Logo me adaptei e tomei gosto de morar em Conquista, íamos a feira no bairro que moramos, com o carrinho de feira. Tínhamos uma relação de vizinhança de frequentar a casa de outras pessoas durante o dia, de passar o dia em conversa. Você tem açúcar vizinha? Desce aí para tomar um café com bolo. Tinha vizinhos com quem brincar. A cidade tinha só um cinema pequena nesta época, ir ao cinema era uma programação que se diferenciava do cotidiano quando esta acontecia.

Nossas férias escolares sempre viajávamos para Salvador, uma oportunidade de estarmos com a família. Minha irmã gostava de Salvador, de estar com os amigos e primos e em uma de nossas vindas ela resolveu morar em Salvador com nossa avó materna. Com esta mudança, voltamos para Conquista eu e minha mãe com esse novo, eu e ela, meu pai em suas contínuas viagem a trabalho e mão vivendo a preocupação continua com minha irmã. Esse novo foi uma oportunidade para mim e minha mãe, de proximidade, de nos olharmos mais uma para outra além do que nos era já conhecido de cada uma e vivermos nossas possibilidades de relação. Uma experiência nova surgiu, minha mãe nos matriculou em um curso de violão, eu e ela na mesma turma, ficava próximo a praça Tancredo Neves, local que gostávamos muito de passear e estar na cidade. Ela também me mudou de escola, para o Educandário Padre Gilberto, cuja vizinha já estudava lá, pensando em companhia para mim com a ausência de minha irmã. Essa mudança me fez bem, novas amizades que eu passei a me relacionar.

Neste período comecei a escrever cartas para minha irmã em Salvador e para uma colega da turma ficou grávida. Neste ano aconteceu o meu primeiro beijo, da saída de qualquer idealização romântica deste momento por mim imaginado foi mais uma intimação das colegas do absurdo que era para elas eu ainda não ter vivido isto. Na minha turma fizemos uma viagem juntos em onibus escolar para a fazenda de uma colega de sala que nos convidou e subimos a serra. Fazíamos aulas teóricas e práticas de educação física, e fiz parte do campeonato de baleado entre escolas do qual nosso time ganhou.

A vinda para Salvador com quatorze anos foi como se um ar de inocência fosse dissipando no ar. Fomos estudar no Centro de Educação Santana do Cabula e ficamos por quase um ano na casa de minha avó no Condomínio Quintas do Imbuí. Tínhamos mais colegas que eram mães, colegas fumando no lado de fora da escola, combinando festas e bebidas. Havia um estranhamento para mim com esta vida cigana em que quando encontrava e começava a me aprofundar em uma relação de amizade já estava em outra cidade. Nesta época lembro do ter lido o livro *Eu, Christiane F., 13 anos, drogada, prostituída*, do qual no momento que li me espantei com as travessias da autora.

No ano seguinte mudamos de casa para morarmos no condomínio Amazônia na Paralela e de escola no Colégio Delta no bairro do Imbuí. Essa escola me abriu para muitas experiências novas, como no contato com a capoeira com o professor Jefferson da Capoeira Topázio. Tínhamos aulas de teatro com o professor Lázaro Passos ao longo do ano, que culminou na III Mostra de Teatro nos dias 28 e 29 de novembro de 1996 no Teatro de Nazaré, em que eu e Flávia Pereira, estudante do 2º ano, participamos do evento com a peça *Adorável Vida*, que contava a história de duas irmãs, e a vivências dos amores, do luto e o suicídio. A criação junto com dois colegas da turma e escrita do *Caduceu*, primeiro jornal da escola.

A feira das nações, um período de gincana que estimulava nossa criatividade e trabalho em equipe. A oitava série que cursava ficou com o país Índia e fomos estudar e conhecer mais deste universo com sua cultura. Fizemos um festival de tortas na escola para agarinhar fundos para o nosso projeto. Encontramos uma dançarina de dança indiana que nos deu algumas aulas e esse foi o meu primeiro contato com a dança indiana. Forramos a sala com papel metro e desenhamos os deuses e pintamos todos os cantos dele. No dia da exposição e visita aberta de todas as séries com os seus países, nossa sala tinha várias tendas com as comidas típicas, adereços, roupas como os sarís, instrumentos, uma tenda para meditação onde lá eu fiquei meditando durante todo o momento de visita da sala. As pessoas passavam falavam comigo que estava de olhos fechados, perguntavam se estava dormindo e lá já estava eu sentada na postura de lótus escutando fora e dentro. E depois todas as turmas apresentaram as danças na quadra. Foi uma experiência exitosa que envolvia todos os estudantes do colégio nesta nação.

Das idas e voltas do Imbuí a paralela, passando pela passarela, em uma destas travessias fui seguida sem perceber e na rua que se segue após a passarela a chegar na portaria do condomínio um homem passa por mim e me joga nas pernas um líquido pegajoso e foge. Havia uma pessoa atrás dele que viu toda cena e disse a mim que ele estava a se masturbar enquanto andava e me olhava. Aquela situação me deixou enojada. Fui correndo de onde estava em prantos para casa. Não queria ser mais notada pelos homens.

Então depois destes me envolvi com um pensamento que me chegou no calor das emoções destes acontecimentos de que deveria encontrar caminhos de não ser notada, pois assim poderia então não vivenciar situações abusivas. E uma ação não planejada que surgiu pouco depois foi a que passei a comer compulsivamente, a engordar, a me achar feia e não saber lidar com aquela

relação de não me sentir mais tão bonita com os meus quilos a mais. Chorava que não cabia mais em uma roupa, me escondia cada vez mais dentro de casa era a mais gordinha da família e não me cabia mais nos esteriótipos de beleza televisiva. Deste marco em diante a vida seguiu numa gangorra com o peso.

A volta para Salvador foi dura não só economicamente, deixei minhas amizades, a cidade que gostava de morar e me encontrei só por muito momentos. As relações consolidadas no campo de relações que estava inserida, sentia dificuldades de me conectar com aquelas relações, não me sentia pertencida em uma tribo com aquelas relações. Com as dificuldades de encontrar o meu espaço de fala naquelas relações comecei a me isolar, eu fui ficando cada vez mais morando no meu quarto, numa vida com os livros, numa vida sem interação entre as pessoas, na época não tinha namorados ou paqueras, tinha um enfrentamento que me esquivava de olhar para este tipo de relação.

Eu me reimaginava nele agindo de diversas formas, mas mesmo assim não havia interesse em estar vivendo isso. Era uma repetição sistêmica de comportamento da qual eu já não sabia mais sair, havia me fechado em mim mesma, Meus pais preocupados insistiam para eu sair de casa, mas eu não conseguia, me negava a sair para quaisquer lugares. E viam as memórias a tona de uma série de acontecimentos em que me sentia bloqueada e o contínuo acesso as estas memórias me coloquei no nível mais fundo de fragilidade que já havia vivenciado. Eu desejava uma outra realidade só não me sabia saltar para esta. O que eu sentia dentro de mim era um profundo sofrimento, uma tamanha tristeza que sufocavam, chorava sozinha ao exaurimento das forças em que me sentia então com em um estado de anestesiamento da vida.

Quando todos saíam de casa, eu saía do quarto, as vezes chegava a me vestir, de querer sair mais não sabia sair mais das amarras que havia me colocado. E quando todos saíam eu chorava desconsolada a minha impotência diante de toda aquela situação. Eu chorava por não conseguir mais me fazer presente nos lugares, por estar me invisibilizando cada vez mais. Às vezes eu ligava o som, quebrava o silêncio da casa e do som dos meus próprios passos. Colocava alguma música que gostava, e escutava repetidamente. Gostava de ouvir sentindo Sonate au Clair de Lune de Beethoven, enquanto a vivia em pranto, em alguns momentos dançava espontaneamente.

E em muitos momentos eu vivia essa dança que me chegou assim com este momentos com uma profundidade em que fechava os olhos e dançava com todo o meu, com o que surgia em mim a cada instante eu me movia. As vezes parecia um transe, eu e a música, eu sendo a música, eu sendo a dança que surgia com os meus sentimentos e emoções. Quando acabava de dançar, parada, recolhida as vezes ficava sentindo deitada no chão um conforto em mim mesma com o que havia vivenciado. E então quando pensava de tudo isso tão vivo não fazia sentido viver tão sozinha. E entra novamente nos choros de minhas clausuras. Depois de chorar desnorteada andando pelo espaço da sala, eu pegava uma faca e ia para um canto de uma parede onde me recolhia até sentar e lá eu serrava a pele da minha perna até que a dor de fora gritasse como gritava a dor da alma. Isso eu fazia em um choro mais brando, em um olhar mais perdido, em

um sentir mais anestesiado pelo próprio cessar do choro. E depois eu comia e a comida vinha com gosto de culpa e consolo. Esse ciclo se repetiu com os meus muitos momentos de solidão.

Depois da faca, nos momentos de choro intenso e de muito tempo sozinha a devanear no sofrimento, outros acontecimentos foram se instaurando. Ia para o banheiro, e ficava me olhando, estava pedindo ajuda a mim mesma. Daí vinha o choro e os pensamentos de todas as minhas limitações e impossibilidades, vinha uma profunda angustia, e eu começava a apertar com minhas próprias mãos o meu pescoço, na tentativa de me estrangular. O rosto ficava todo vermelho, os olhos pareciam que iam explodir de tanta pressão ou soltar do rosto, as lágrimas rolavam dos olhos, asfixiantemente difícil, mas por diversas vezes tentei e não consegui ir por este caminho. Mutilação nas pernas com a faca e as tentativas de enforcamento malsucedidas no banheiro geraram um próximo passo. Aos quinze anos eu tive a experiência mais significativa de suicídio e que marcou um ponto final nas tentativas. Eu estava na casa de minha avó, mais uma vez trancada no banheiro, me olhava no espelho mais uma vez me acabando de chorar, no meu choro escondido para que ninguém me ouvisse ou visse assim, decidida a acabar com tudo de uma vez. E decidida a dar um ponto final na minha vida peguei todos os remédios da casa e fui botando na boca tantos quantos podia e tomando. Estava feito! Comecei a ficar tonta, a pressão cair, sai do banheiro e fui em direção ao quarto e tudo que vi foi a cama onde deitei e apaguei. Dormir ao longo muitas e muitas horas, as vezes umas frestas de olhos ensaiava abrir, mas as pálpebras estavam tão pesadas que não conseguia. Quando acordei totalmente dopada, nauseada, com tremor pelo corpo, frio, só pensava estou realmente viva, e sentia as sensações fortes. E voltei a dormir. Até que despertei para a vida e depois deste dia nunca mais pensei em suicídio, nem me mutilei, a minha experiência inacabada me deu novas forças para viver. Um grande desafio este acontecimento para meus pais e fui pela primeira vez a terapia com psicólogo.

O segundo grau cursamos eu e minha irmã em escola pública. Em 1998 minha irmã engravidou e casou e teve seu primeiro filho. Minha mãe apoiou muito minha irmã com este acontecimento bem como para que ela concluísse os seus estudos. O fato de termos estudado em colégio público em meus pais geravam a preocupação de termos o preparo para o vestibular. E em 1999, eu, minha irmã e nossos pais achamos que fazer um cursinho de preparação do vestibular para universidade pública era necessário. Me sentia muito pressionada internamente com o vestibular, passar em uma universidade pública era tida como única opção para minhas condições. E a dúvida que eu rondava e me fazia no desafiante processo de escolha profissional. Alguns desejos também surgiram pelo caminho, a vontade de ser atriz, dançarina, jornalista e psicóloga me permearam. Neste cursinho encontrei tesouros valiosos raros amigos, Lorena Diegues e Renato Souza, para toda uma vida. Eu costumava a usar roupas pretas, curti rock in roll e quando eu chegava no curso algumas pessoas estalavam os dedos e cantavam a música tema de abertura da série da Família Adams como uma trilha para minha chegada.

Muito espontânea confiava em abertura confidencial a estes dois amigos. E quando estava triste dava meus cadernos para minha amiga levar e me jogava de roupa no mar, que de lá saía

renovada e ia caminhando de roupa molhada até em casa com um astral modificado de tristeza para alegria. Esses e outros acontecimentos nasciam espontaneamente em mim que me abria aos chamados. Esse trio de amizade que formamos neste cursinho se estendeu em nossas vidas, combinávamos um horário a noite para treinarmos telepatia. Meu amigo estudava quiromancia e fazia leitura das mãos. Eu jogava eventualmente tarot e Lorena escrevia revelações que surgiam para ela numa velocidade, e nós duas escreviamos poesias. Nos conversávamos sobre os nossos sonhos ao adormecer, bem como partilhávamos nossos sonhos de vida. Gostávamos de conversar do místico, do holístico, das nossas vidas.

E o amor platônico por um professor de cursinho que se tornou amigo arrebatou todo o meu ser. Essa experiência de amor marca em mim essa aventura nesta descoberta em reconhecer o amor, pulsante e vivo habitando em mim e numa relação que me sintonizava com o mundo. Havia uma admiração grande pelo professor não só pelo seu talento em sala de aula, ele nos apresentou o filme *Baraka* e a obra de Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*. Eu e meus dois amigos conversávamos muito com ele em sua loja no prédio do cursinho. O que nasceu em mim desta admiração foi um amor que ele não soube que eu vivi. Eu o incluía em minhas rezas diárias que fazia enquanto estava no deslocamento do ônibus e isso nutria mais ainda este amor em mim. Que transbordava em todas as minhas relações naquele momento. A vida tinha uma nitidez e com o olhar amoroso tomou a minha existência eu vivi aquele momento da vida em estado de oração.

Havia uma outra loja neste prédio que eu e meus amigos também frequentávamos, era uma loja de produtos exóticos onde nesta época adquiri uma mandala de um pentagrama, o livro de Lao Tzu, *Tao Te king*, meus dois tarôs de marselha e dos anjos e alguns incensos de sândalo. Nesta sintonia amorosa que vivia, um dia eu estava sem meus amigos nesta loja e um homem foi levar os pães integrais que fornecia para esta loja. Conversamos e ele me convidou a ir conhecer sua aula de yoga ali naquele mesmo bairro na Escola Lua Nova no bairro da Pituba. E foi ali que comecei com o professor Ranni Perry a praticar yoga, do qual sou grata a generosidade deste professor por partilhar destes saberes comigo. Então a partir daquele período em 1999 comecei a praticar Yoga não só nos aulas dia aula, bem como em casa também. Essa sabedoria chega com uma revolução na minha vida, sentia a vontade de praticar mais. Os benefícios percebidos em meu corpo que expandia em possibilidades cada vez mais com a prática. Esta prática neste momento da vida me trouxe alegria e me senti mais conectada com mais leveza e um amor a viver a vida, um relaxamento que me acalmava a mente, uma mudança no apetite, na redução de peso e no saborear mais os alimentos e a vida. E também passei a mudar meus hábitos alimentares me tornando a partir daquele momento ovolactovegetariana. E fui buscar sozinha aprender a fazer receitas do que comer já que era a primeira em minha família a vivenciar esta alimentar.

A solidariedade sempre me pulsionava a ação e neste período da vida fui descobrindo os meus caminhos de ajudar com os meus próprios recursos. Então comecei com as doações de

sangue com a Fundação de Hematologia e Hemoterapia da Bahia, mais conhecida com Hemoba. De 1999 a 2001 atuei como voluntária no Grupo de Apoio a Criança com Câncer/GACC no bairro do Pau da Lima de Salvador, ia uma vez na semana e ficava a interagir com as crianças em que brincávamos, conversávamos e desenhávamos; bem como participei da realização dos eventos internos e externos, como as campanhas de Sua nota é um show e do do dia do lanche Feliz. Eu muito aprendi com esta experiência no GACC, com o contato com a vida e a morte, conviver nestes encontros com essa brevidade da vida, em que na outra semana já não tínhamos mais a presença de uma criança em nossos convívio bem como das alegrias de avanços em tratamentos, de superação com um paciente que alcançou a cura e tornou-se funcionário da instituição, de quando o cabelo crescia e era uma alegria, da solidariedade de pessoas que mantém instituições com suas doações e serviços. Lembro-me que estava lá no GACC na manhã 11 de setembro de 2001 quando vi a cena de transmitindo na televisão no atentado em Nova York ao World Trade Center. Atordoada me perguntava se o mundo estava acabando em um filme de guerra até que realmente me desse conta do estava acontecendo. Um congelamento no corpo ser apavorado em ver esse acontecimento que nenhum filme de guerra e terror foi capaz de produzir tamanha sensação e sentimento de um inesperado acontecimento real.

No carnaval de Salvador no ano 2000, no fui pela primeira vez no circuito do Campo Grande com minha irmã e a família de seu esposo. Ficamos em um apartamento em prédio onde víamos pela janela os trios passarem. Lá conheci uma jovem que assim como eu não parecia naquele momento muito interessada na folia e ficamos o carnaval inteiro a conversar no corredor entre a sua casa e a que eu estava. Dali surgiu uma grande amizade com muitas trocas de cartas, telefonemas e alguns encontros presenciais.

Em 2001 ela me apresentou e me deu um maravilhoso presente na minha vida, o *beOne*. O método *BeOne*, que significa seja um, seja você mesmo, proposto pelo filósofo francês Jean Claude Obry, que diz “somos um quando estamos no melhor de nós mesmos”. Fiz o módulo 1 e 2 em Mar Grande e ele me abriu para uma vida com maior leveza, conectada com o presente, com o mundo pelas percepções, em exercícios de tensão sensorial, desbloqueio de tensões, respiração, meditação, danças circulares sagradas, práticas de expansão do ser e da relação de admiração com a vida. Um ensinamento me marcou e trouxe ele comigo ao longo dos anos, ele dizia que a persistência vence todas as formas de resistência. E quando eu encontrava uma barreira e dificuldade na vida, a lembrança desta frase vinha com uma força de esperança de encontrar uma outra saída.

Eu lia muito jornal, algumas notícias, poesias, procurava vagas de emprego. Entrei em algumas enrascadas ao procurar trabalho, como numa entrevista para secretária em que fui e o selecionador trancou a porta da empresa e começou a vir a avançar para cima de mim. Naquele momento de espanto a minha reação foi gritar como uma louca com a força que habita no meu ventre e ele abriu a porta. Estas e outras experiências desafiantes de ser mulher e lidar com violações ao buscar uma colocação no mercado de trabalho.

Eu me interessava em olhar mesmo no jornal eram os enunciados arte e assim encontrei alguns cursos livres de teatro. Em 2001 com o ator e diretor baiano Manoel Lopes Pontes no espaço Xis fiz parte da turma do Curso Livre de Teatro Manoel Lopes Pontes com a peça Bodas de Sangue de Frederico García Lorca. Havia pessoas de idades variadas e era uma alegria ensaiar. Me sentia muito tímida naquela época e carregava em mim o desejo de romper com essa timidez e assim me colocava com o teatro neste exercício de me expressar e exercitar vir a cena e viver o ato. Ainda buscava compreender o que era mesmo encenar. O professor também me convidou a participar da turma que estava em formação no Teatro Castro Alves com a peça Antônio, meu Santo da qual participei e apresentamos esta peça nos dias 19 e 20 dezembro de 2001. O contato com o palco era alegria me colocar no ato de minha própria potência que se constituía junto com todo o coletivo de artista e direção que juntos criávamos. Apresentar ao público foi uma festa celebrativa de nossa caminhada, na presença de nossas família e amigos que foram assistir.

Em 2002, no dia dois de fevereiro eu e meu pai, que chamei para ir comigo e que também acabou participando, fomos para o chamado de figurantes no filme baiano Esses Moços na direção José Araripe Jr. Participamos como pessoas nas ruas que transitam e a filmagem aconteceu no bairro do comércio. A vontade de conhecer este universo da arte movia meus passos nestas aproximações. Também neste ano eu e uma amiga do cursinho passamos a fazer aulas de Tai Chi Chuan, ela me apresentou esta prática realizada pelo Sensei Ney Alves no colégio militar na Pituba.

De 2001 à 2003 fazia teatro e oficina no circo Picolino, praticava as meditações, fazia dança indiana e em casa lia minhas bases de leitura de mundo se davam em Fernando Pessoa. Neste período com duas amigas atrizes haviam escrito uma peça indiana e me convidaram para atuar. No caminho pela Escola de Teatro da Ufba, em processo de organização desta peça uma das amigas encontra com uma amiga dela que passava pela rua da escola e ficamos a conversar, da dança indiana que estávamos fazendo e da peça. Ela me deu seu cartão e nele vi o seu nome, Ciane Fernandes, eu o guardei comigo.

Aos vinte e um anos tive o meu primeiro namorado, um filósofo e professor, muito mais velho, que estava se separando com um filho. Para meus pais foi desafiante aceitar esta relação que para eles era um espelho de suas próprias histórias. E neste momento eu decidi sair de casa sem um destino certo fui vivendo cada dia com a sua possibilidade. Ligava para uma amiga passava uns dias, na casa da irmã outros, havia dia que não sabia onde ia dormir a noite e pedia a Deus uma revelação e sempre via a iluminação na mente de alguma pessoa estimada conhecida. O não saber onde dormir, a próxima refeição, sair caminhando pela cidade sem ter hora marcada para ir embora ou chegar, caminhar sem pressa beira mar e ficar ali a apreciar, as idas ao Circo Picolino neste momento era único compromisso agendado. A casa cidade, um casa sem teto ao ar livre, com muito espaço de circulação. Observava mais a vida desta casa que tem moradores que também habitam a noite, desta experiência noturna não cheguei a pernoitar.

Eu o conheci dando aula em espaço que frequentei por um tempo, com práticas de

meditação. Ele me questionava por que eu não cursava uma faculdade e me estimulou a tentar fazer vestibular não só a faculdade pública mas para as particulares também, algo que até então não cogitava fazer pelas condições financeiras. Ele fazia parte de uma grande rede pessoas que se vestiam de branco, viajam em retiro em caminhadas pela Chapada Diamantina. Esse grupo tinha um rígido posicionamento contra a separação do casamaneto, e com a separação deste namorado ele passou a ser um dissidente deste grupo, o que foi um ato de coragem. Desta grande rede ele tinha o seu próprio grupo que viajavam juntos e faziam as práticas de yoga, meditação, entre outras. Lençóis, Mucugê, Andaraí, Piatã foram algumas trilhas pela Chapada Diamantina que juntos fizemos.

Fazer trilhas e caminhadas em grupo em contato direto com a natureza, em mata aberta ou fechada, acampar, fazer uma fogueira e preparar os alimentos, observar as estrelas e o céu essa vivência foram de muitas aprendizagens. Era perceptível a dificuldade de algumas pessoas se conectar com o caminhar, ainda nos ritmos urbanos a mente tagarela em ação nas conversas que nem percebiam a possibilidade troca e conexão com o ambiente continuavam caminhando com seus ruídos nas montanhas também. No meu sentir, a caminhada em si em trilhas ecológicas é uma meditação profunda, seguir em silêncio, escutar os sons dos próprios passos, do coração e da respiração, da natureza se revelando. As pessoas mais agéis do grupo seguiam nas pontas abrindo caminho e cuidando dos ficam mais devagar no final. Com as caminhadas a mochila que levava foi ficando cada vez mais leve, em trilhas isso faz muita diferença, só o necessário se carrega. Havia momentos de alguém estar cansada e outra pessoa carregar a sua mochila do outro para que pudessemos continuar. O ritmo quem faziam eram todos no grupo com suas necessidades. O encontro em algum rio e cachoeira era o marco para o banhar-se nas águas, apreciar e relaxar, renovando as nossas energias e voltarmos.

5.1.6 A vida adulta e o fio de atuação no mundo

Nas práticas que eram naquele momento chamadas de terapias holísticas fiz algumas formações. A formação em Yoga Massagem Ayurvédica em 2003 no Prana Dhama com Damar Marvid me conectou com este fio de atuação no mundo. Também conheci nesta formação as meditações ativas de Osho. Uma aprendizagem com o mundo da ayurveda, com as relações de cuidado de si, do outro e do ambiente; a consciência de ação com o toque fluindo em movimentos *rajasícos*, *tamasícos* e *sattvícicos* em harmonização; oleação, anatomia, a atenção plena em presença na ação. Um ensinamento importante desta prática para mim foi o de me cuidar enquanto do outro, de alongar junto e da compreensão de fluidez com a respiração em que juntos cada um libera o que precisar ser dissipado junto com o movimento.

E logo coloquei esta aprendizagem em ação. Nos anos de 2003 e 2004 vivenciei a experiencia profissional de atuar como terapeuta em um Spa na Região Metropolitana do Salvador, com atendimentos terapêuticos em massagem ayurvédica, aulas de Yoga, praticas de meditação, encontros dinâmicas de grupo, realização de palestras e curso. Esse foi um momento

de muita apropriação na medicina ayurvedica em que experiencie destes saberes formativos na ação. Facilitei também três cursos de Shantala neste período também.

Conheci neste lugar o índio Wakay que realizava um trabalho de cura na universidade desta instituição, ao qual tive pouco contato naquele momento, nos deslocamentos nos encontrávamos. Quando chegava as vezes pela manhã via os resquícios da fogueira feita por ele em seu trabalho com os elementos.

Também conheci o professor de medicina chinesa Gutemberg Livramento, conversamos e escutei ele contar um pouco de historia de vida na relação com a medicina chinesa, de sua ida e formação na China e do desenvolvimento de seu trabalho neste sistema. E deste encontro tive a oportunidade de conhecer o seu trabalho desenvolvido em família na escola de Brotas. Ao chegar na escola sua mãe estava conduzindo a prática do Tai Chi Chuan e fiquei a observar. Ele me mostrou depois a escola e fiquei observar a turma de Kung Fu na sua pratica enquanto ele dava aula. Me recordo da admiração que emergiu ao ver aquele acontecimento, uma vida vivida com tanto proposito e compromisso com este sistema de saúde.

No ano de 2003 a graduação foi uma grande conquista para mim, de mudança na minha trajetória familiar a adentrar este universo. Ao passar no curso de Pedagogia na Universidade Católica do Salvador – UCSAL como ato de coragem me perguntava como bancar os estudos e isso me colocou numa ação mais focada de trabalho e renda. Com meu trabalho paguei a maior parte da faculdade sozinha, pois próximo ao término do curso tive aprovação em uma seleção parcial de Bolsa UCSAL.

Assim, ao entrar na faculdade em 2003 no curso de Pedagogia, me abri para o campo de atuação da educação vivenciando várias experiencias ao longo da formação. Fui do diretório acadêmico do inicio ao fim do curso em gestões de chapas diferentes. Fui a organizadora e responsável pela liberação do transporte, ida e retorno dos estudantes do curso para o III Encontro Norte-Nordeste de estudantes de Pedagogia – ENNOEPE, Políticas Públicas para uma Educação do Discurso a Efetivação, em janeiro de 2005 em Maceió – Alagoas.

Como a faculdade para pagar, eu trabalhava pela manhã, estudava pela tarde e a noite estagiava. O ano de 2005 há duas experiências profissionais que me marcaram bastante. A primeira dela estágio como professora de educação de jovens e adultos na Associação Luiza Mahin no bairro do Uruguai como bolsista da Universidade Católica do Salvador – Viracom/UCSAL. A experiência com adultos foi muito enriquecedora, antes de ir para esta atuação fiz uma preparação complementar na mesma escola. Uma educação que passei ali a me relacionar numa aprendizagem com a vida. Fizemos trilha pela Ribeira, e o diálogo com os saberes de cada um, na relação com o bairro. Um dos participantes da turma, ficou um período sem frequentar a aula e pedimos autorização a família para a turma visitá-lo. Ele ficava períodos internando no hospital e quando o visitamos e ele me tocou com a aquela pele tremula, aquele tremor do seu corpo me deixou em choque com aquele acontecimento, e me questionava o por que existe ainda existir este “tratamento de choque” que deixa as pessoas com seus corpos trêmulos mais desorganizadas

ainda.

A segunda experiência que me referencio foi com a atuação com a Pedagogia Waldorf na alfabetização na Acalento, abrindo a porta para o universo da antroposofia proposto por Rudolf Steiner no meu campo de conhecimento. Foi de um encamento encontrar um Pedagogia de uma ciência espiritual, com a relação artística fortalecida, passei a estudar e ler alguns livros desta pedagogia. Era um universo aberto ao aprender da Pedagogia em si e habilidades que aprendi com a escola, a pintura em aquarela para assim vivenciar em sala de aula. Porém não tinha naquele momento da vida o ritmo para mergulhar neste universo com a realidade que estava sustentando.

Das produções acadêmicas, a minha primeira produção publicada, no artigo “O Caminho da Consciência”, escrita durante a graduação em 2005 e publicado no Boletim Psicopedagogia da Associação Brasileira de Psicopedagogia – ABPp Seção Bahia, Ano 5 –Nº 14.

Também me recordo-me da experiência evolutiva de estagiária à gestora organizacional atuando em Recursos Humanos. Ser a primeira gestora mulher em uma empresa de cultura familiar e implantar um setor inexistente de recursos humanos na empresa é preciso ter um *muladhara* - como é denominado o nosso *chakra* básico na medicina ayurveda - bem fortalecido. Lembro-me que em uma empresa que a preocupação que um dos diretores me partilhou era que as mulheres estivessem bem maquiadas, arrumadas impecável ao qual confesso não dar atenção a esta preocupação . As roupas eram uma versão masculina de uniforme monocromático. Meu jeito de trabalhar que como gestora, tinha uma liberdade de não uniforme, era o meu jeito já próprio de uso de vestidos e saias, de roupas coloridas, sapatos confortáveis pois os saltos altos na minha visada tiram a mulher da realidade do calcanhar pisar a base do chão. Minha ocupação foi na atuação na gestão estratégica com a estruturação da área com a criação e implantação dos seus procedimentos, que houvesse oportunidades de cargos chefia e seleção interna para homens e mulheres, a contratação de Pessoas com Deficiência - PcD, bem como um plano de cargos e salários por competências para tratar das diferenças salariais.

Era as questões reais que ultrapassavam a maquiagem que me tomavam a ação, a quem chame de inclusão bem como de reparação, penso também em cuidado com as relações sociais institucionalizadas em desigualdades hierarquizadas. Como as práticas de cuidado sempre pulsaram forte em minha ação, elas fluíam em meu agir quando via abertura levava para uma fábrica a prática de tai chi chuan antes de começar o expediente, uma dança circular em um treinamento interno, um convidado com uma música mudando o ambiente de sua rotina, bem como ações de cuidado em comunhão com a Comissão Interna de Prevenção de Acidentes – CIPA.

Passando por uma auditoria em gestão ambiental vi a necessidade de aprofundar meus conhecimentos nesta área e do desejo de me conectar mais com este saberes do universo ecológico que pulsava em mim. Encontrei a especialização em Sustentabilidade em Responsabilidade Social Empresarial que cursei na Universidade do Salvador e ela integrou as minhas ações em recursos

humanos com suas dimensões fortalecendo este olhar e ação para os aspectos economicos, sociais e ambiental na gestão organizacional, bem como me abriu portas para este universo.

No final do ano de 2007 conheci uma pessoa maravilhosa, que saiu dos padrões repetitivos e me encantou a sua pureza, a sua espontaneidade, esta admiração que surgiu, além das nossas diferenças de mundo, foi uma nova abertura em mim ao amor e a confiança. Sentia aos poucos a minha entrega acontecendo. Em dois mil e oito com a saída de um trabalho ao qual tanto me dediquei e parada de um breve tempo de desemprego vivi o que muitos chamam de depressão. E que se potencializou com a morte de minha avó materna em dois mil e dez. Eu morei com minha avó alguns anos e também cuidei dela quando adoeceu de uma fratura na coluna que a levou a cadeira de rodas e depressão. Cuidar de minha avó me trouxe muitas aprendizagens na relação de cuidar do outro, escutar a suas necessidades e pedidos.

E quando vivencie esta profunda tristeza, era como se pudesse soltar o controle de tudo e me deixar olhar para esta dor. No entanto nela também me perdi e vivia deitada na cama, nada me animava dela levantar, chorava e dormia horas e horas. Procurei vários caminhos para saída deste estado, sendo eles biomédicos medicamentosos, terapia com psicológico, e de práticas integrativas. Foi um longo percurso de vivências e superações. Da qual tive um grande apoio do namorado, que virou noivo e marido.

Em 2011 fui aprovada no Mestrado em Meio Ambiente, Aguas e Saneamento. Motivada a aprender mais com a area de gestão ambiental, sobre ser um pesquisadora, da escrita de produção científica, me motivaram a adentrar este universo.

Em 2012 aconteceu em Salvador o VII Fórum Brasileiro de Educação, do qual participei enquanto cursava o mestrado, me revelou a Rede de Educação Ambiental da Bahia – REABA e a do Brasil, a REBEA, e que ambas e juntos muitos movimentos, numa rede de redes que fizeram este evento ambiental que aconteceu no Centro de Convenções. O Ecobairro assumiu a Secretaria Executiva do evento com Denise Noronha, Denise Denigre e Heliana Mettig movendo a organização com o Ecobairro local e nele houve o lançamento em Salvador da segunda turma do Gaia. Foi neste evento em que conheci o Ecobairro e o Gaia Education, no encontro que tive no stand do Ecobairro no evento escutei a proposta de ambos e depois no evento participei de uma roda com a May East que tocou o seu tambor e todos juntos que participávamos cantamos e dançamos juntos com a grande roda que se formou neste evento. Meu coração cantava de alegria neste momento em ver em Salvador tantas pessoas compromissadas com o cuidado ecológico, via práticas integrativas permeando o evento em algumas margens. Reencontrando com pessoas conhecidas, como a professora de mantras Radha Vitória. E mesmo com todo o encanto não fiz a formação gaia naquele momento.

No ano de 2013 fui voluntária da comissão de receptivo da organização do evento Brechó Eco Solidário/ Dialogues em Humanité da Rede de Profissionais Solidários. Em 2014 assumi a coordenação das comissões de receptivo e de diálogos deste mesmo evento participando também de todo o processo de formação de novos voluntários.

Em 2014, um outro movimento gaiano do Gaia Australiano acontece em Salvador, o Dragon Dreaming. A prof. Maria Suzana Moura participou da organização do Workshop realizado na Casa Amarela em Itapuã, que foi o ponto de partida para vários outros treinamentos que aconteceram em Salvador e Bahia, dos cursos introdutórios e do aprofundamento. A primeira turma aconteceu 16 a 18 de maio que Maria Suzana participou, e eu e Denise Denigre participamos da segunda turma de 27 à 29 de junho de 2014, ambas realizadas pelos instrutores com Pedro Mendes e Raquel Davi. No bairro do Imbuí neste ano nasciam as hortas do Vivendas do Imbuí e do MAI desta que passei a participar com a sua origem.

Fiz o curso de Introdução ao Dragon Dreaming na casa AmarEla. Na época ensinava em cursos de graduação em duas faculdades particulares, e um dos componentes que atuava era o de gestão de projetos, ao qual dialogava nas metodologias do marco lógico e do Project Management Institute – PMI. Ao ver a divulgação de um cartaz em uma rede social com a informação – de ser um método utilizado há mais de 20 anos para a realização de projetos criativos, colaborativos e sustentáveis de uma abordagem holística que utiliza a teoria de sistemas vivos, ecologia profunda e a sabedoria dos povos aborígenes no processo de tornar sonhos em realidade – que me atraio atenção e levou esta pesquisadora a participar do processo de formação.

Desta aprendizagem fiz uma oficina para professores com a metodologia aos quais ficaram sensibilizados com a experiência em seus relatos; em um curso de gestão de projetos que dava para um projeto de economia solidária inclui a aprendizagem o DD, junto com a do marco lógico e do PMI.

A partir das experiências formativas em compostagem, minhocários, hortas urbanas, no dia vinte e seis de julho de dois mil e quatorze eu e meu esposo construímos em nossa casa a nossa horta vertical e a nossa composteira com húmus de minhoca. Isso me conectou mais com esta relação com as hortas, com a destinação dos alimentos não consumidos em nossa casa.

No ano de 2014 cursei na UFBA e na UNEB componentes como aluna especial. E no final deste ano participei da seleção nas duas instituições. As motivações de querer fazer um doutorado foram a externa de ser um caminho profissional demandado para quem ensina em faculdade. E as internas de meus desejos foram de me fortalecer enquanto pesquisadora e professora aprendendo mais deste universo da pesquisa e ensino e extensão, me tornar uma professora de uma universidade pública, dos antigos sonhos de uma adolescente de ser uma escritora, de saber escrever não só para mim para um leitor. E fui aprovada com um projeto de educativo com as ecovilas que carregava o desejo de morar numa ecovila e que estas práticas e modos de viver em harmonia se expandissem para além das ecovilas.

Em 2015, em algumas de minhas pesquisas de movimentos ecológicos encontrei o site do movimento cidades em transição e ele me encontrou. No site do movimento no Brasil havia uma chamada para um treinamento e lá fui eu nesta jornada de 06 à 08.03 aconteceu o Treinamento Oficial para a Transição Launch no Espaço Comunidade no Jardim Monte Azul em São Paulo onde faço esta formação e conheço parte da rede nacional do movimento e da comunidade

em transição do Jardim Monte Azul. O movimento chegou com uma sensação de reviver um conhecimento vivido da política de boa vizinhança, da prática da solidariedade, na união deste saberes vindo de tantos outros movimentos e da vida em si, que traz uma sabedoria em sua proposta de atuação, também nesta visada de cuidado e equilíbrio na relação do ser e a natureza. Assim, ele chega dialogando, com a minha realidade e no meu processo de compreensão, de forma simples e conforme fui me aprofundando em suas práticas passei a ver outras perspectivas que me expandiam e fortalecia nesta trajetória ecológica.

Essa formação me trouxe a alegria de atuar em comunidade de caminhos que apoiam a mudança no coletivo. Me fazia pensar como poderia contribuir com estes saberes em construção em minha casa, na horta que participo, no bairro e na cidade que moro. Estando no doutorado, em 2015, participei do V Encontro de Turismo de Base Comunitária e Economia Solidária com tema Sociedade em Transição, Cultura de Paz e Sustentabilidade que aconteceu no Beiru. Compondo a equipe de organização contribuí com os saberes das práticas do Dragon Dreaming e Movimento Cidades em Transição, bem como participando das palestras e anais do evento. Também neste ano, no dia 03 de outubro, a partir destas experiências vivenciadas partilhamos aprendizagens na Formação de voluntários do evento do Brechó EcoSolidário, onde eu, Heliana Mettig e Denise Denigre dialogamos com o tema Cidades em Transição.

Em 2016, de 26 à 28 de fevereiro aconteceu o 3º Encontro Brasileiro da Rede Brasileira das Cidades em Transição, no Coletivo Amor de Madre, Jardim Paulista, São Paulo. Eu e Heliana Mettig participamos do evento marcando a presença da rede de Salvador, conhecendo virtualmente o criador do movimento Rob Hopkins em videoconferência. No treinamento também conhecemos o seu Quintino, do movimento ousadia popular uma liderança local da comunidade de Brasilândia que fala com vigor da importância do movimento das causas ambientais para a sua comunidade. E encontro, fomos eu e Heliana, no movimento de nossas pesquisas de doutoramento, guiadas por Isabela Menezes conhecermos a Brasilândia. E lá em diálogo com seu Quintino vimos a relação ecológica que se fortaleceu com uma implicação de moradia.

No início do doutorado participava dos cursos e encontros da Arte de viver, uma organização internacional fundada em 1981 por Sri Sri Ravi Shankar. Em seus programas educativos com propósito de eliminar estresse e promover a paz, faz uso de técnicas de respiração, meditação, yoga, e demais saberes para um viver melhor. Fiz alguns cursos e participei de ações e encontros. Um curso que me marcou foi o Divya Samaj Nirman – DSN, Criando uma Sociedade Divina. Em agosto de 2015 dos desafios que vivenciava no momento entro em processo de desagaste e profunda tristeza. O que me chama atenção na época em acompanhamento com psicólogo foi o nosso diálogo: Depressão tem cura? Ele me perguntou e eu no momento que estava cansada e desacreditada disse não. Uma semana depois após vivenciar o DSN encontro novamente com ele que me faz a mesma pergunta e eu respondo sim. O que mudou em curto período? Da tristeza que carregava como um nuvem que cobria minha visão para o estado de vivacidade que me encontrava? Quando a chave de reconexão com a vida é acionada fortalece em nossa caminhada

com os seus desafios cotidianos, a nuvem passageira segue dando espaço para luz do sol, luz da lua, luz interior expandir em nosso e do nosso ser. Durante esse encontro enquanto praticava em ritmo de retiro urbano yoga, meditação, alimentação, fazia serviço ao próximo e desenvolvia habilidades em grupo e emocionais, uma voz surge na minha mente com o pensamento, por que você não fala sobre transição interna na sua tese? Esse momento ressoou forte em mim e contribuiu como primeiro dos diversos movimentos de mudança da caminhada.

A meditação imbuí começou a acontecer em setembro de 2016 com a Meditação da Lua Cheia, ação movida por Ivone Miranda. Participei de um encontro levando a prática de Yoga e neste dia conheci Daniel Siqueira da horta do Vivendas. No dia dezesseis de dezembro de 2016 às 17h, eu e meu esposo fomos para a concha acústica do Teatro Castro Alves – TCA para ver a turnê de Ravi Shankar, de conhecer o ser de quem a obra já vivenciávamos. Houve apresentação do coral jai gurudev, do projeto desenvolvido em parceria com a polícia militar da Bahia e surge Sri Sri Ravi Shankar, que conversa com a plateia com bom humor trazendo sorrisos à tona. Em seguida faz a guiança de uma meditação coletiva com os presentes e o silêncio se instaura na concha, de pessoas respirando e meditando. De algumas pessoas que disseram ser a primeira vez que iam a uma prática de meditação. E naquele estado de entrega e inteireza de olhos fechados meditando, sinto durante a meditação uma batida forte na minha cabeça, como se alguém tivesse me dado um cascudo na parte de trás da cabeça. Senti a estranheza daquela forte sensação. Ao terminar a meditação Shankar diz que a casa dele estava aberta para todos irem e visitarem, convidando a todos para irem a Índia. Mais mantras são cantados no palco, na plateia logo de início por quem conhece e foi ganhando força ao longo de quem passou a conhecer.

Após o encontro na Concha, algumas pessoas adquiriam o ingresso para a ceia coletiva no hotel que Shankar estava hospedado. Shankar passou e se dirigiu aos seus aposentos. Todos foram jantar. Depois mais cânticos de mantras. E em seguida um dos instrutores, começa a falar e algo que me chamou atenção de sua fala foi ele ter dito que as vezes o Sri Sri dá um sacolejo na cabeça de algumas pessoas para elas acordarem e perceberem que o que está acontecendo com elas foram elas mesmas que desejaram. No momento em que ele falou isto me lembrei da sensação do cascudo na cabeça e uma lembrança que emergiu com muita força em mim de minha adolescência que havia esquecido, em que sonhava acordada pedindo para ficar doente. Eu fechava os olhos quando estava muito triste e deitada na cama ficava imaginando que tinha uma doença muito grave para que meus pais cuidasse de mim, que tivesse um marido que me amasse e também cuidasse de mim. Que eu sentisse o amor e o cuidados deles com uma forma de ser amadas por eles. Em nome do afeto, eu pedi para adoecer pois tudo que eu queria sentir era cuidado, amor, acolhimento, tudo que me fizesse esquecer o desprezo e o abandono das minhas células.

Participei de um evento Confestival Dragon Dreaming Internacional na ecovila de Piracanga em Itacaré na Bahia e foi lá que eu conheci o Jonh Croft bem como parte da grande rede que este movimento possui. Um evento em que parte da programação foi co-criada com

os participantes. E já que falamos em ecovilas vamos prosseguir com elas e algumas das aprendizagens que essas comunidades suscitam.

Foi em maio de 2016, em uma dança circular sagrada que fiz as pazes com as minhas escolhas e o meu caminhar. Durante esta formação de aprofundamento do dragon dreaming, quando escutei e dancei The Elm Dance houve uma profunda reconexão. Meu ser se inundou de alegria, havia dezessete anos que havia dançando essa dança e senti que tinha voltado para casa. Naquele momento enquanto dançava saí do conflito que vivia, parei de rejeitar e culpar duas dimensões como se me afastasse das outras duas que mais sintonia sentia, então reconheci aquele caminho quádruplo, aceitando e reconhecendo todas as dimensões no meu caminho e ali surgiu a Ecologia de Si se revelando para mim.

Com este acontecimento, nos dias que se seguiram foram de um espanto, lembro que passei por um caminho no espaço Maringá que até então não havia circulado, e lá passei a ver com clareza tamanha beleza existente naquele caminho. E então apareceu um caminho dentro do caminho, várias borboletas rodopiando próximo a mim, a vida dançando com tanta vivacidade e nós dançamos juntas naquele breve percurso, que denominei ali de o caminho de transformação que estava passando. Passei a ver os animais ali presentes, a coruja, os pássaros, a vida presente se revelando aos meus olhos, com a sua beleza, e eu vendo e vivendo a vida em seu acontecimento. Tudo parecia mais vivo e eu me sentia mais interativa com o mundo; como se pudesse ver com mais clareza como não estamos sozinhos. Há um mundo que estamos interconectado, pois tudo é vida e toda a vida é sagrada.

Com o conhecimentos adquiridos no colocamos na partilha com as aprendizagens vividas, conforme constam no Apêndice A, para a sala de aula a prática dos guardiões para o componentes de projetos bem como todos os outros que ensinava. na escrita de um capítulo Comunicação Amorosa do livro Epistemologias; e em 2017 vivi a experiência de co-facilitar o curso de Introdução ao Dragon Dreaming.

No dia 06.07.2016 tem início uma outra vivência com o Dragon Dreaming se deu na universidade com o componente EDCB15 Estágio Supervisionado sob acompanhamento e orientação da professora Maria Inês Corrêa Marques, como requisitos da bolsa Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES. A realização se deu no curso de administração com a Prof^a Dr^a Suzana Moura, no componente que ela ensinava ADMF66 Metodologias Não Convencionais em Gestão. A professora Maria Suzana Moura, juntamente comigo e a estagiária Patricia do mestrado de administração, todas três haviam passado pela formação da metodologia e viver esta experiência nos possibilitou novas aprendizagens de criar com o que aprendemos conjuntamente em diálogos e de contextualizar nossas ações para a realidade que vivenciamos.

Foi uma experiência significativa vivenciar esta aprendizagem na universidade, onde colocamos como prática de aprendizagem o Dragon Dreaming, na criação e gestão colaborativa em projeto. Quatro projetos foram desenvolvidos na aprendizagem desta metodologia com os

estudantes do componente, eles foram o Projeto Praia Limpa com ação externa na Praia de Piatã; o Projeto RENOVA na Escola de Administração da UFBA - EAUFBA com ação de revitalização do espaço Renova e Pintura; o Projeto Keipa - Respeitar, Preservar, (A)Mar com ação externa no Porto da Barra; e a Reativação do Projeto USE, REUSE, CIRCULE da EAUFBA - coleta de livros e apostilas com evento de reinauguração.

Em agosto de 2016 fui tomada por uma forte dor de cabeça que se distanciava de qualquer lembrança do que via ser uma dor de cabeça de tão avassaladora. Família apreensiva sem inicialmente saber do que se tratava e lidando com o que surgia em estado de muita dor que ficava deitada, pois a leve menção de mover em levantamento da cabeça era uma explosão de dor intensa. Na semana deste acontecimento havia uma consulta com a oftalmologista da qual compartilhei a experiência e a continuidade da dor. Feitos os exames sai de seu consultório com a recomendação de procurar no mesmo dia um neurologista posto que nos olhos o adoecer se revelava no exame de retinografia a existência do edema papilal bilateral.

E assim feito e com o resultado de vivenciar uma hipertensão intracraniana idiopática me sacudiu a vida. As retiradas de liquor na cervical, a medicação, o repouso absoluto, e das poucas pesquisas feitas quando menos doía a cabeça, uma das leituras sobre o líquido cefalorraquidiano com a pineal me trouxe a memória a compreensão na prática que adoecer seu acontecimento é em nossa integralidade, me lembrou de cuidar do espírito e da alma.

O adoecer e a doença da hipertensão intracraniana idiopática me trouxeram uma necessidade de reconexão com o que considerei no momento de sua vivência essencial a vida. Inicialmente o espanto e os estranhamentos se apresentaram com a vivência deste novo desconhecido e com a sua perdurancia dolorosa em alguns momentos em sofrimento, me deixe escorregar no medo, preocupações, angustias aflitivas em zona assombrada pela morte. Até o respiro surgir com uma decisão outra de seguir a vida, sem planos, deixando de lado a agenda tarefaira de compromissos e me abrindo diariamente a novas possibilidades de viver com o que surge. Sem abandonar o tratamento médico mas sem me fixar nele, construindo meu itinerário terapêutico, me corresponsabilizando assim pelo compromisso com o meu processo de cura.

5.1.7 Tornar-se Mulher

Eu tomei a minha vida nas minhas mãos no movimento de voltar para casa, do autocuidado da minha morada, segui com a minha escolha e minha autoresponsabilidade para um retiro de 10 dias de meditação Vipassana. Conheci o trabalho da Associação Vipassana da Bahia, que foi fundada em maio de 2016 e numa rede social vi a chamada para 10 dias de um retiro de meditação e silêncio. E entre 7 de setembro a 18 de setembro de 2016, na cidade de Ilhéus aconteceu o primeiro curso de 10 dias do Vipassana na Bahia, onde eu vivi a minha primeira experiência com o Anapana e o Vipassana.

Informando a organização de minha situação, levando a medicação e o edredom para

dar conta dos calafrios eu fui sozinha de ônibus para em Ilhéus. Vislumbrei neste chamado a possibilidade de viver uma outra forma de cuidado, numa vontade que me moveu a sair do repouso de um profundo processo de adoecimento que vivia e buscar forças para viver o enfrentamento que aquele adoecimento me pediu para parar e olhar para algumas questões que estavam sendo ignoradas. A vontade de libertação de um sofrimento revela forças existentes em nós, às vezes até desconhecidas, que nos ajuda mover os nossos processos de mudança.

Mesmo com os tremores, necessidades, busquei seguir a rotina diária de meditações, silêncio, e autocuidado. Sabia da preocupação que habitava em minha família e quis me mover em uma ocupação de autocuidado. Esse retiro me conectei com a paz que precisa reconectar em mim com o turbilhão que estava vivendo. Me deu forças a continuar com esta prática meditativa em casa e buscar outras possibilidades de cuidado e cura.

Não tenho uma fórmula com categorias definidas sobre o que é e como se tornar uma mulher. Assim, sendo uma mulher branca latino americana, brasileira, manaua radicada baiana, abordo com o meu sentimento do que me possibilitou com os meus corpos as experiências com o feminino e masculino que habita em mim e em nós em nossos encontros.

No dia 24 de agosto de 2017, vinte pessoas faleceram na Bahia de Todos os Santos, no naufrágio da lancha que saía de Mar Grande. Também neste dia um ser, nosso anjinho de girassol partiu do meu ventre e ganhou a existência cósmica. A tristeza tomou espaço em muitos lugares. Como eu soube que havia abortado foi através de um sonho, que para mim foi uma revelação muito real. Neste sonho eu estou subindo uma escada rolante e ao fim dela e no espaço entre ela e uma outra escada encontro meu cunhado com duas meninos que aparentavam 6 ou 7 anos e eles tinha um comprimento da cabeça menor e esticada. Olho para eles que me olham, meu cunhado fala comigo e subo outra vão de escada rolante. E depois me deparo em uma casa, já me vendo deitada em uma cama e minha mãe sentada na ponta dela e havia uma outra cama ao lado desta que estavam deitadas minha tia e minha irmã. Estávamos conversando quando de repente eu sinto uma abrupta sucção na barriga de uma energia que se dissipa de mim para fora do meu corpo e assim acordei de imediato em prantos chorando. Naquele momento eu senti e sabia que nosso anjinho havia partido.

Eu abandonei os cursos que estava fazendo naquele momento, o de *mindfulness* e de edição de imagens. Fiquei recolhida na minha casa, quarto, cama entre lençóis. Fui acompanhada em recomendação de minha obstetra ao trabalho da Maternidade Climério de Oliveira da Universidade Federal da Bahia e participei do Programa de Atenção ao Abortamento em Salvador (Atenas). Minha mãe veio ao meu encontro e me acompanhou quando recebi a medicação no local, por aplicação vaginal, para acelerar o processo expulsivo que aconteceu em casa com suas cólicas e estranhamentos. Eles mantiveram contato or um mês para saber como eu estava me sentindo e lidando com este acontecimento e uma consulta de retorno de avaliação.

No dia 02 de setembro deste ano, recebi uma divulgação partilhada por professora Maria Suzana e decidi participar da Oficina de Reconsagração do ventre conduzida por Naia

Oliveira. No espaço aberto de partilha ouvi mulheres que tentaram por muitas vezes engravidar, vivenciaram abortos espontâneos com seus lutos e encontraram caminhos de ressignificação. Em um dos momentos foi feito um trabalho manual uma construção com cerâmica. Me emocionei neste encontro com o que estava vivo e recente em mim lidando com esta fragilidade.

Ao chegar em casa, muito a flor da pele busquei ressignificar isto com meu esposo, pois compreendo que o luto era nosso. O convidei para uma ação que surgiu de fazer naquele momento e com muita amorosidade usamos a argila por todo os nossos corpos, eu espalhava no corpo dele e ele no meu corpo, devagar e com uma delicadeza de quem toca um bebê, tocamos em nossas células que traziam esta memória. A forma como isso aconteceu cuidadosamente foi um mover em nossos acolhimentos, um acalento que nos nutrimos e marca significativamente a memória de um momento em que juntos nos sustentamos com este atravessamento.

Em setembro também nasceu o grupo de transição imbuí, daquele encontro de meditação com Ivone e Daniel, e com a chegada de Elisabete Menezes da Horta do Bosque passamos juntos a sonhar com as nossas ações contributivas para nossos condomínios e para nosso bairro do Imbuí.

Antes de pensar em engravidar novamente eu sonhei que carregava um bebê recém-nascido nos braços. Olhava com ternura para ele e telepaticamente ele me disse neste sonho: Eu sou seu filho e o meu nome é Pedro. E ao acordar e compartilhar com meu esposo já não havia mais dúvida de nome para quando tivéssemos o nosso bebê.

Quando se trata da primeira gestação, o caminhar neste território desconhecido cheios de incertezas, a confiança é uma conquista que se estabelece no relacionar em cada passo que se abre ao aprender. A troca de saberes em uma rede apoio e a autopercepção da gestante contribuem no pertencimento com este universo. No caminho de aprendizagem da gestante, a realização do pré-natal, a construção do plano de parto (tipo de parto, local, acompanhante, música, técnicas não farmacológicas de redução da dor); a participação em cursos e roda de conversas com gestantes e profissionais do cuidado; o acompanhamento com o cartão pré-natal; o observar as mudanças em desenvolvimento acontecendo no seus corpos; o diálogo com amigas e parentes que já vivenciaram a experiência do gestar e parir; todas estas possibilidades em que as gestantes se relacionam vão constituindo a compreensão e o empoderamento materno em construção do ciclo gravídico.

Nos dias 17 a 19 de novembro de 2017 participei do Whorkshop Internacional de dança circular sagrada com Petter Vallance da ecovila Findhorn, promovido por Sirlene Barreto. Quando dançamos a dança Nestinarsko Horo vem à tona para mim, a compreensão do meu percurso no doutorado, percebo o fio de ariadne, a espiral que estou dançando nesta pesquisa que dança, de como eu vivo a pesquisa e de como ela vive em mim. Com esta dança que conta de Teseu e o fio de Ariadne que conduz ele para fora do labirinto após enfrentar o Minotauro. Na imprevisibilidade dos acontecimentos este fio me conduz para que não me perca em minhas travessias, para que eu siga ao adiante, além e que encontre o caminho de volta, que me leva

para casa. E quando dúvidas surgiam na caminhada no desconhecido, o fio me trazia a confiança que estava voltando para casa no caminho da ecologia e do cuidado. Mais uma vez a dança me desperta e me traz a compreensão como revelação.

A minha primeira experiência com a medicina da Ayahuasca foi na Cerimônia Xamânica do Voo da Águia com Léo Artese e Fany Carolina, em 01 de dezembro de 2017 na Fundação Terra Mirim na organização de Brisa Alegre. Grávida de Pedro, teci diálogos com Brisa Alegre e com o seu intermédio passei a dialogar com Fany Carolina sobre a possibilidade de participar da cerimônia estando grávida, e a compreensão desta medicina foi se abrindo para mim, com o seu uso com a vida flui e também é feito pelas mulheres nesta fase do gestar.

A dinâmica do vôo da águia me inspirou confiança em participar, fui com duas amigas. Num cantinho da mata de Terra Mirim nos encontramos à noite atravessando-a até o raiar do dia, em céu aberto de estrelas, os cânticos da mata e o nosso silêncio, os cânticos nossos para a chegada da medicina, nos alternamos em silêncio e cânticos. Assim, seguimos em orientações e com práticas com o divórcio energético, e uso das medicinas da floresta do rapé, tabaco, sananga e da ayahuasca.

A minha experiência com a Ayahuasca foi de sentir uma expansão tão amorosa explodindo em mim e transbordando como se eu não coubesse só mais em mim. Esse transbordamento de meu torpor mais descabido, naquele momento fez nascer em mim, no meu corpo um movimento suave, em que meu corpo dançou sentado em repouso. Uma dança de dentro, emergindo dos chakras uma energia serpentina que fez surgir um movimento sutil num leve e fluido balanço da base do meu cóccix até a coroa da cabeça. Uma energia que se movia e movia todo o meu ser. Suor e arrepio eram sentidos pelo corpo. Como esta dança me tocou por dentro, de maneira mais íntima e prazerosa. O ambiente era vivo com tamanha nitidez em que podia ver e ouvir uma gota de água caindo em uma folha.

Na trajetória gestacional, no final do segundo trimestre já se torna mais perceptível para mãe, o perceber e sentir o movimento do bebê no ventre. Considero este momento como um marco de referência para a mãe de observação do ritmo do movimento da vida que surge sutilmente e que requer a atenção para perceber este acontecimento. Esse movimento e ritmo da vida já conta para a mãe com este acontecimento a escuta e a atenção plena que requer esse relacionar com a vida, a cada momento é uma revelação e se estamos atentas podemos desenvolver a aprendizagem na própria vivência dos acontecimentos com o que surge. Esta consciência do sutil que se revela é um convite para desenvolver o estado presença para viver a maternidade e paternidade.

Uma gestação de risco foi o que se deflagrou a partir do sexto mês gestacional, idas a emergências com sangramentos até o internamento. Nos vinte e dois dias de internação no hospital durante a gestação, a alegria do meu dia era o momento da fisioterapia por que naquele momento havia uma exercício que era feito na janela e aquela janela me reconectava com o mundo vida. Naquele instante eu podia ver a rua, ver a vida em trânsito circulando, muito som

da vida cotidiana circulante no espaço. Com o isolamento em um quarto em ar condicionado, um ar artificialmente gelado ao qual não tenho muito afinidade, ao chegar nesta janela e sentir se o dia fazia sol ou se chovia, senti no meu corpo esta paisagem e como toda percepção estava acentuada com este distanciamento. A notoriedade do som da chuva, do cheiro que ela trazia e do frio que vinha junto arrepiando a pele; e o carinho que recebia da natureza quando o sol chegava e tocava minha pele em uma quentura tão aconchegante que me fazia soltar e relaxar com se tivesse no colo de minha mãe. Tudo que queria naqueles momentos era eternizar o tempo que ficava em contato ao sol, que pudesse me debruçar naquela janela e ficar só sentindo ele alimentando a minha pele e a acarinhando a minha alma.

5.1.8 Um nova primavera se inicia

No dia 29 de junho de 2018 com a visita médica matinal informei que naquele dia havia uma forte dor no estômago que já não conseguia mais comer naquele momento e com o resultado da proteínura elevada em 11, o médico me disse: seu parto será hoje. E tomada pelo susto busco me organizar internamente acolhendo aquela informação em um processo próprio de aceitação e de buscar ficar em relaxamento mediante qualquer preocupação que surgia na mente.

Havia uma organização familiar para aquele acontecimento. Mãe presente ao meu lado me acompanhando, marido se deslocando do trabalho para o hospital, tias indo visitar e fazendo orações. Uma espera da manhã sendo encaimnhada a semi-uti até a noite quando aconteceu o parto em si. A médica Dra. Lídia Aragão que me acompanhava desde antes da primeira gestação no momento do parto não poderia estar presente e o parto foi realizado pelo plantonista do hospital.

Antes da chegada a sala de parto a informação que recebi é que iria tomar anestesia geral e assim não poderia testemunhar o nascimento. Respirei fundo e fui mais uma vez trabalhando internamente a minha aceitação com cada informação que chegava durante todo o preparativo do parto. Com a consulta pré-anestésica, o anestesista informou que seria parcial e um alegria me tomou. Uma visita do médico plantonista que se apresentou foi ver como estava, uma conversa que antecedeu a ida a sala de parto e que foi criando em mim abertura de conexão com o médico.

Com a chegada da sala de parto quantas vezes sonhei em minha vida com o parto - idealizado normal - e naquele momento com todas os meus sonhos iniciei um diálogo com a equipe do parto. Disse: podemos ter um parto humanizado? E escutei uma resposta de uma médica obstetra que disse: todo parto é humanizado, somos todos humanos. Então continuei: podemos ter um parto leboyer? E então ela me perguntou: o que você gostaria que tivesse em seu parto? Aquela pergunta me trouxe uma alegria enorme. E ali eu fiz os meus pedidos.

Quero colocar a minha *playlist* para este momento, quero uma luz baixa se for possível, a temperatura já está agradável, e quando ele nascer o maior tempo que for possível ficar em contato com ele eu quero. E os meus pedidos foram acolhidos, me senti transbordando em

gratidão em ser escutada e acolhida em minhas necessidades naquele momento. E às 20:51 você nasceu no hospital Jorge Valente era uma noite tranquila e sem chuva. Seu parto durou em torno de uma hora.



Figura 13 – Parto de Pedro no Hospital Jorge Valente dia 29.06.2018

Fonte: Arquivo pessoal da autora. Foto de Aristóteles Marçal

A vida andou para frente, uma nova primavera se inicia. Do intenso choro de sua voz ao mundo, ao ser trazido ao meu encontro você silenciou em nosso encontro. Eu era puro silêncio, as lágrimas caíam pela lateral dos olhos, um sentimento sem pranto que se exala com encanto que esse momento carrega e eu te amo. O nosso primeiro contato foi um toque sem pegar, do encontro na aproximação de nossos corpos, de sua pele com a minha, e da tão desejada vontade de sentir seu cheiro. Este momento do nosso encontro nesta existência com o seu nascimento se eternizou em minhas memórias, este é o momento mais marcante de minha vida, da vida do meu esposo, da nossa família. Um presente divino e sagrado nos foi confiado. E esse trecho desta escrita veio e se fez assim, contando para você um pouco deste momento.

Ao ser levado para os cuidados com a pediatra Pedro volta a chorar. O pai segue em acompanhamento com a Pediatra. Os médicos seguem para as suas demandas. E no momento em que depois de tamanho acontecimento fico sozinha na sala de parto eis que chega Dra. Lídia Aragão ao meu encontro, pega minha mão e segura, estou aqui contigo diz, coloca uma música e canta para mim. Esse acontecimento na espera que estava me manteve fortalecida no estado de gratidão em que me encontrava de amor em cuidados.

Os saberes antroposoficos em sua compreensão prática ganharam vida nos cuidados

com meu filho. Como os doze sentidos e os sete processos vitais o ser humano flue nas trocas e interações com o mundo interno e externo, em que pude testemunhar este acontecimento com maior visibilidade na percepção dos cuidados com meu filho em sua rotina cotidiana. A importância destes cuidados e atenção no relacionamento com os sentidos e os processos vitais vivenciados no cuidado com a temperatura da água do banho, no estímulo da luminosidade, do contato e do toque com a massagem um caminho de expressão e anifestação amorosa de afeto que encontro com a maternidade com estas vias de cuidado e refletindo com o pensamento:

Podemos dizer que a criança pequena é, principalmente, o próprio sentido do tato espalhado pelo corpo inteiro e por meio do qual ela vivencia o prazer e o desprazer. Receber cuidados carinhosos com o tato, como ser segurada ao ser amamentada, usar roupinha adequada, ser massageada (ao se passar o óleo) e, mais tarde, quando entrar em contato com água, terra, areia e seus brinquedos, tudo isso lhe proporciona uma vivência positiva de expressão em seu corpo, de entrega, sensações tão necessárias para os contatos, mais tarde, na vida (BURKHARD, 2000, p.45).

Há uma leve música de fundo, estou de olhos fechados, deitada de bruços em uma entrega de todo o corpo. Sinto o peso do meu corpo e o contato da região dos ombros e peitoral até o quadril se evidenciam para mim neste repouso por fora e ebulição por dentro. O nascer de um movimento de dentro fora do meu corpo, uma interação com o espaço ambiente foi de um enorme esforço e profundidade; e a percepção do peso do corpo em nitidez gravitacional. Nesse mover inicial tudo é muito lento, minuciosamente acontece tudo bem devagar e isso tem uma dimensão de toda atenção centrada, pois cada mover ganha uma resolução máxima de nitidez.

O mover surge deste centro, conforme Figura 11, e com um sutil balanço do centro as laterais vai se expandindo desta região no movimento vai e vem segue fluindo para o quadril, um tempo depois ao joelho e pés, que vão juntos ritmados. A noção de duração já se diluiu no movimento, pois cada novo mover parece ter uma duração maior que normalmente se realiza.

Os pés começam a se mover e com um giro de 180° os dedos se apoiam no chão e com ele também um movimento de vai e vem agora debaixo para cima e retomam de cima abaixo dos pés que movem o corpo. Há uma contração da lateralidade que converge ao centro umbilical que dá um impulso para o mover das extremidades conforme Figura 15, neste momento de um pé depois outro. Ainda permanecendo deitada bruços há um movimento intenso dos pés, que se alternam do chão tateando o espaço e retomando ao chão no seu mover contínuo, dinâmico e circular já envolvendo mais o pé perna joelho. Uma perna de depois outra. Do centro irradiando as bordas, com os pés e com as mãos que passam a entrar no fluxo deste mover dentro fora.

Me sinto como uma tartaruga, uma associação que me chega, em que cada mover seu parece tão lento, e, no entanto, há uma ebulição para nascer o movimento, de dentro-fora, de centro-borda uma força e um intenso esforço para surgir um movimento que ultrapassa a dimensão espaço-tempo, em sua perdurância vai se evidenciando os seus alcances, com os

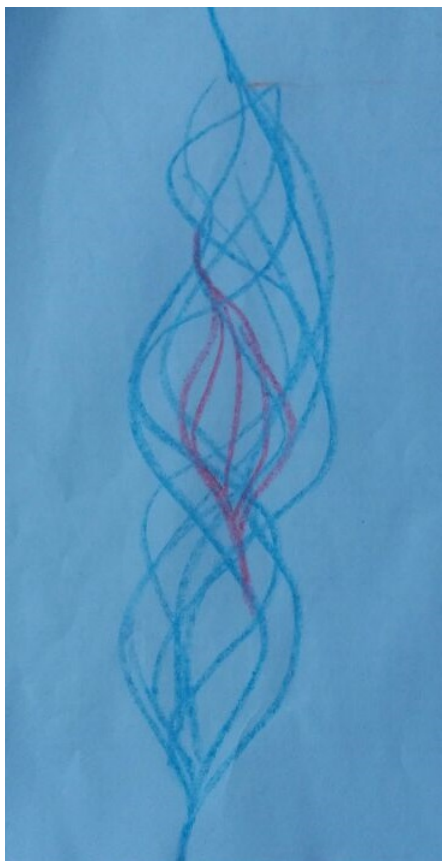


Figura 14 – Aula no Laboratório de Performance dia 01.06.2017

Fonte: Desenho do testemunho de Gabriela Holanda

membros bem como do corpo inteiro que se move do bruço que estava para conseguir descobrir vivenciando um movimento outro de virar de lado.

Essa experiência no laboratório de performance me levou a lugar de atenção e compreensões que abriam em mim da vida do movimento, da dinâmica em que nos deslocamos. A riqueza desta experiência se fortaleceu na minha relação com a maternidade, os testemunhos e interações com os alcances que a criança realiza nas descobertas com o movimento, desde um levantar da cabeça, o girar de lado, engantinhar a seu erguimento vertical.

Como uma criança prematura de 35 semanas tivemos a orientação médica de encaminhamento ao trabalho de estimulação precoce. Inicialmente começamos no e depois com a orientação da prima de meu esposo, que é fisioterapeuta da Rede Sarah de Brasília nos recomendou o trabalho desenvolvido de prematuridade pela Rede Sarah de Salvador. E assim fomos conhecer e a passamos a participar deste projeto feito com uma equipe composta por uma médica pediatra do desenvolvimento, uma psicóloga, uma enfermeira e uma fisioterapeuta.

Com a prática do laboratório de performance me trouxe mais confiança e tranquilidade com meu filho com este processo de desenvolvimento com o movimento. Da exploração de possibilidades que surgem, meu filho e eu, juntos na tapete azul agora o de casa, construindo

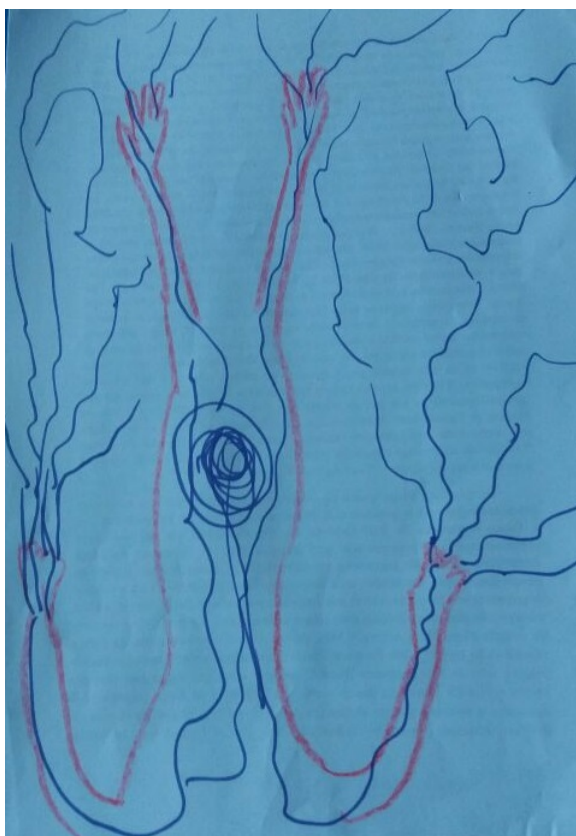


Figura 15 – Movimento Autêntico na Aula do dia 01.06.2017 no Laboratório de Performance

Fonte: Desenho de Gabriela Holanda

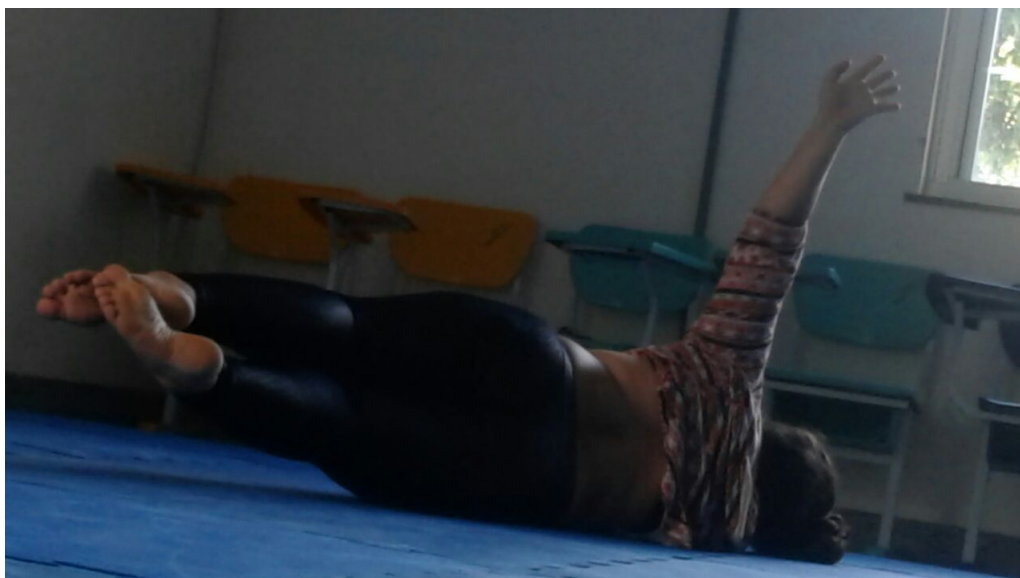


Figura 16 – Movimento imersivo na Aula do dia 01.06.2017 no Laboratório de Performance

Fonte: Foto de Ciane Fernandes, 2017

possibilidades com o mover.

A vivência da maternidade me fez ver minha mãe com profunda admiração, do cuidado manifesto em seus atos presentes em cada detalhe. Como fui bem cuidada por você mãe, por seu amor, por nosso amor. A maternidade e o relacionamento com a horta me abriram para a manifestação de um cantar espontâneo. Com a maternidade o canto nasceu nas ações de cuidado, em que canções nasceram em mim com as situações. Exemplo, a troca a fraldas era um momento de choro e com o mesmo canto trazido para este momento de cuidado fui percebendo como ele foi se harmonizando com a música e o choro cessou. Percebi ao contar a música era como anunciasse para ele se organizar para determinada vivência. E assim fui vivendo a maternidade, essa grande transição interna na minha vida, com as descobertas que nasciam em mim e da escuta das necessidade apresentadas por meu filho em sua comunicação.

E os cantos na hortas são das inspirações que surgem estando ali, como o canto para abençoar o plantio e de agradecer. A horta é um lugar de acontecimentos onde trago meu filho desde os seus seis meses para sentir e viver a vida, sentir o cheiro das hortaliças, fazer a rega, tomar o seu banho de sol. Aprendi a observar os animais e ver a sabedoria que eles nos trazem quanto ao cuidado da terra. Onde vejo os passarinhos, andando bem como voando em bando ou solitário, escuto seus cantos; vejo as borboletas circulando livremente pelo espaço e polinizando aprendo mais sobre relação com aproximações e afastamentos necessários.

Com o contexto da pandemia as práticas de autocuidado foram intensificadas na nossa rotina familiar. Praticando diariamente o Lian Gong em 18 Terapias que aprendi no curso ofertado pelo Instituto de Saúde Coletiva na Universidade Federal da Bahia em novembro de dois mil e dezenove com a Profa. Anamélia Lins.

Na pandemia encontrei uma firme determinação de compromisso diário, fazendo ao acordar a autopercussão e parte posterior. Fazer esta prática em casa inspirou meu filho de dois anos que me via fazer e passou a fazer junto. No mês de abril já estávamos eu, filho e esposo nesta prática diária. Meu filho ao longo do dia já pedia para fazer e fazia novamente alguns movimentos muito espontaneamente. Percebo que a realização desta prática nos deu mais vitalidade, nos energizando notamos isso quando estávamos com muito sono e a disposição que sentimos após a prática e ao longo do dia era vivo em nós.

5.2 Reflexões em percurso

Nessa autoescritura observo as tônicas da solidariedade, da violência, da sexualidade, do sagrado, do propósito de vida das nuances e repetições que vão se configurando daquilo que me coloca na escrita que surge com o ato de escrever. No espelho de nossas histórias podemos ver as relações com os ciclos da vida, os temas que surgem e repetem ao longo da escrita. Algo que nos espanta, que nos atravessa e que vem à tona do que o inconsciente consciente se revela para nossa visada de nossas memórias. O que quer ser revelado e o que não é evidenciado?

A compreensão de como a abordagem somático-performativa vai constituindo a autoescrita, com suas vivências acessamos as histórias que nossos corpos nos contam e em ressonâncias reencontramos com estas em revelações que perfazem a escrita. Do que chega como revelação e se faz escrita compreendida.

Esse exercício de autoescrita é muito significativo em seu acontecimento. Enquanto escrevemos memórias vem à tona com detalhes pareciam guardados em algum baú que nem mais se sabia da existência. Uma alternância entre Chronos e Kairós figurando o tempo da escrita, de uma corrente de pensamento que querem se manter em fluxo cronológico e uma escrita outra que escreve com o que atravessa os sentimentos.

Da infância a puberdade foi a escrita se deu em tempo de um prolongamento de vida que voltamos com seus acessos. Navegar neste processo com o que surge em mim numa escrita, o que difere ser uma escrita privada e pública? A partilha a um outro leitor foi lembrada e esquecida como partilha, de um leitor de dentro e fora também ali presente. A recordação de tornar público o que é caráter privado me faz refletir desta prática de transição da escrita de privada a pública. O que nos cabe e me cabe nesta exposição?

Penso agora enquanto escrevo, do que cabe e o que me recorre é que cabe o que couber de cada pessoa implicada e sobressaltada em suas experiências e aprendizagens singularizantes. A caminhada nos agenciamentos individuais e coletivos – no que cada ser consegue acessar e operacionalizar em coragem, confiança e intimidade no uso de suas capacidades – em um caminho de expressão criativa dos desejos manifestos como ser num refinamento das aprendizagens de uma jornada. Pensando com potência a nossa própria vida, cabe o desconforto e a inquietação de ultrapassar determinados riscos e desafios da vida.

Há muitas histórias de vida que querem ser contadas, e do espaço-tempo de minha organização trouxe algumas vivências e reflexões que se apresentam em suas possibilidades e ficam na abertura de tantas outras histórias que seguimos vida.

6 Inconclusões

Chegamos aqui neste espaço que resolvemos chamá-lo de InConClusões. E conforme fomos escrevendo chamamos de InconClusões este aberto que não se fecha em tempo, que se manter aberto ao aprender, o que não considera final, se mantém na roda a espiralar novamente com o caminhar, dos novos ciclos e sonhos que se renovam e abrem em passos que continuam a sua jornada com as estações da vida.

Estas INconCLUSÕES também navegam presentes no caminho da tese, com as reflexões do percurso. Com o seu trilhar nos apontaram miradas de um chamado as novas aventuras com a ecologia de si. Entre elas o de aprofundar as conexões, algumas já estabelecidas na tese e outras a serem realizadas continuidade de pesquisa, de adentrar mais nos elos da relações com os diálogos entre e além das práticas entre si, com os caminhos, conceitos e vivências.

Essa escrita com suas contribuições com as medicinas integrativas, ecologias, cuidado e autobiografia, na continuidade de continuar navegando com essas relações terapêuticas vislumbramos possibilidades em potencializar trabalhos futuros a chegada em margens de relação com os símbolos, com a mitologia, com os arquétipos. Também um exercício de síntese integrando as compreensões já trazidas com a saúde-doença-cuidado-cura.

Esse caminho de consciência se revela nas vivências em um caminhar de aprendizagem perceptivo que gerou essa ecologia de si, com estas relações terapêutica de cuidado em fluxo com o aprender a ser e viver em harmonia consigo, com outro e com o mundo-vida. Na ecologia de si o aprender a ser e fazer de nossas moradas um lugar de afeto, cuidado, aprendizagem, uma medicina, uma sagrada paisagem, poesia de viver.

Testemunhemos a vida com ares de admiração, que a dança do vento nos traga leveza para os nossos movimentos. Encontremos a chama que ilumina, purifica, transmuta e energiza nossas vidas. Cultivemos o solo que aterra nossas raízes, que a força da terra dê bases de sustentação da vida. Aceitemos em quietude o desacelerar da vida fluir numa entrega ao renascimento. Gratidão por aqui chegarmos neste nosso navegar.

Referências

- AGAMBEN, G. A potência do pensamento. *Revista do Departamento de Psicologia. UFF, SciELO Brasil*, v. 18, n. 1, p. 11–28, 2006. Citado na página 83.
- AGAMBEN, G. Nudez (p. 71-120). *Nudez. Tradução Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D'Água Editores*, 2010. Citado 2 vezes nas páginas 37 e 111.
- AGNIVESA. *Charaka Samhitā*. [S.l.]: Editora Chakpori, 1972. v. 1 - Sutrasthana. Citado 3 vezes nas páginas 75, 77 e 79.
- ARDOINO, J. Multiréferentielle (analyse). *ARDOINO, J. Le directeur et l'intelligence de l'organisation: repères et notes de lecture. Ivry: ANDESI*, p. 7–9, 1995. Citado na página 32.
- ARTESE, L. *Roda de Estudos de Xamanismo Voo da Águia*. 2018. Disponível em: <<https://www.xamanismo.com.br/roda-oito-direcoes-estacoes/>>. Citado 2 vezes nas páginas 85 e 86.
- AZEVEDO, M. N. d. *Ecologia Mental*. [S.l.]: Editora Pensamento, 1995. Citado na página 113.
- BAHIA, G. d. E. da. Política estadual de práticas integrativas e complementares em saúde na bahia. 2019. Citado 3 vezes nas páginas 72, 76 e 82.
- BARBOSA, C. E. G.; PATANJALI. *Os Yogasutras de Patañjali*. [S.l.]: São Paulo: Yoga Natarāja, 1999. Citado na página 80.
- BARRETO, A. F. *Pedagogia da vida: um testemunho da formação humana a partir das contribuições de Reich e Lowen*. Tese (Doutorado) — Tese de Doutorado pela Universidade Federal de Pernambuco. Recife, 2016. Citado na página 39.
- BATESON, G. *Mind and nature, a necessary unity toronto. New York, Sydney, London, Aukland: Bantam Books*, 1979. Citado na página 115.
- BICUDO, M. A. V. *Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica*. [S.l.]: São Paulo: Cortez, 2011. Citado 3 vezes nas páginas 28, 29 e 30.
- BOHR, N. H. D. *Física atômica e conhecimento humano: ensaios 1932-1957*. [S.l.]: Contraponto, 1995. Citado na página 31.
- BOOKCHIN, M. *Ecologia social e outros ensaios. Rio de Janeiro: Achiamé*, 2010. Citado 3 vezes nas páginas 101, 107 e 108.
- BOTELHO, M.; LEE, M. L. *Lian Gong em 18 terapias: forjando um corpo saudável - ginástica chinesa do Dr. Zhuang YUAN Ming*. [S.l.: s.n.], 2017. Citado na página 81.
- BRASIL. *Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas*. [S.l.]: Brasília: Ministério da Saúde, 2002. Citado na página 82.
- BRASIL. Portaria nº 971, de 03 de maio de 2006. aprova a política nacional de práticas integrativas e complementares (pnpic) no sistema Único de saúde. *Ministério da Saúde*, 2006. Citado na página 71.

BRASIL. Decreto nº 7.794, de 20 de agosto de 2012. institui a política nacional de agroecologia e produção orgânica. *Diário Oficial da União*, 2012. Citado na página 68.

BRASIL, M. da S. *Glossário temático: práticas integrativas e complementares em saúde*. [S.l.]: Secretaria de Atenção à Saúde Brasília, 2018. Citado 4 vezes nas páginas 72, 75, 79 e 81.

BURKHARD, G. *Tomar a vida nas próprias mãos: como trabalhar na própria biographia o conhecimento das leis gerais do desenvolvimento humano*. [S.l.]: Antroposófica, 2000. Citado 4 vezes nas páginas 42, 92, 102 e 154.

BURNHAM, T. F. Análise cognitiva e espaços multirreferenciais de aprendizagem: currículo, educação a distância e gestão/difusão do conhecimento. EDUFBA, 2012. Citado 3 vezes nas páginas 32, 33 e 51.

CROFT, J. *Em direção à mandala universal: o mistério do sentido da via. Tradução (texto e figuras): Áureo Gaspar*. [S.l.]: São Paulo: Cortez, 2012. Citado na página 115.

CROFT, J. Introdução: tornando os sonhos realidade. *Tradução de Felipe Simas*, v. 19, 2012. Citado 2 vezes nas páginas 56 e 59.

CROFT, J. Pensamentos sobre ações em curso para transição da era do pico do petróleo e mudanças climáticas para um futuro pós-carbono. a iniciativa totnes. *Tradução de Beatrice Gropp and Áureo Gaspar*, 2012. Citado na página 58.

CUNHA, E. V. *A sustentabilidade em ecovilas: Práticas e definições Segundo o marco da economia solidária*. Tese (Doutorado) — Tese de Doutorado pela Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2012 ..., 2014. Citado 2 vezes nas páginas 53 e 54.

DAB, D. de A. B. *Instrumento de apoio para gestão das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde*. 2018. Citado na página 72.

DASH, B. *Fundamentals of Ayurvedic medicine*. [S.l.]: Bansal, 1978. Citado 3 vezes nas páginas 75, 76 e 77.

DASH, B. *Massage therapy in Ayurveda*. [S.l.]: Concept Publishing Company, 1992. Citado na página 77.

DELORY-MOMBERGER, C. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. *Revista Brasileira de Educação*, SciELO Brasil, v. 17, n. 51, p. 523–536, 2012. Citado 3 vezes nas páginas 41, 42 e 43.

DOWBOR, L. Educação e desenvolvimento local. *Globalização, educação e movimentos sociais*, v. 40, p. 22–36, 2006. Citado na página 110.

DREAMING, D. *Guia Prático Dragon Dreaming: Uma Introdução Sobre como Tornar seus Sonhos em Realidade Através do Amor em Ação*. [S.l.]: Versão, 2014. Citado 3 vezes nas páginas 56, 57 e 59.

DRUCK, G. Algumas considerações teóricas sobre o trabalho na sociedade capitalista. *DSS e Economia Solidária. Recife, Escola de Formação Sindical da CUT no Nordeste*, p. 11–23, 2000. Citado na página 108.

- ECODEBATE. *Entrevista com o permaculturista Rob Hopkins, criador do movimento Transition Towns (Cidades em Transição)*. 2009. [Online; accessed 28-Feveireiro-2019]. Disponível em: <<https://www.ecodebate.com.br/2009/04/22/entrevista-com-o-permaculturista-rob-hopkins-criador-do-movimento-transition-towns-cidades-em-transicao>>. Citado na página 64.
- FERNANDES, C. Paisagens internas: corpo, performance e meio ambiente. *Anais ABRACE*, v. 11, n. 1, 2010. Citado 3 vezes nas páginas 45, 46 e 47.
- FERNANDES, C. Entre rochas, re? pteis e correntes de ar: os princi? pios de? movimento de bartenieff. *ILINX-Revista do LUME*, v. 1, n. 1, 2012. Citado na página 47.
- FERNANDES, C. Em busca da escrita com dança: algumas abordagens metodológicas de pesquisa com prática artística. *Dança: Revista do Programa de Pós-Graduação em Dança*, v. 2, n. 2, p. 18–36, 2013. Citado na página 44.
- FERNANDES, C. Pesquisa somático-performativa: sintonia, sensibilidade, integração. *ARJ–Art Research Journal/Revista de Pesquisa em Artes*, v. 1, n. 2, p. 76–95, 2014. Citado na página 45.
- FERNANDES, C. Princípios em movimento na pesquisa somático-performativa. *SEMINÁRIO DE PESQUISAS EM ANDAMENTO PPGAC/USP*, v. 5, p. 81–95, 2015. Citado 2 vezes nas páginas 44 e 47.
- FERNANDES, C. *Dança Cristal: da arte do movimento à abordagem somático-performativa*. [S.l.]: SciELO-EDUFBA, 2018. Citado 2 vezes nas páginas 45 e 46.
- FERREIRA, C. d. S.; LUZ, M. T. Shen: categoria estruturante da racionalidade médica chinesa. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, SciELO Brasil, v. 14, n. 3, p. 863–875, 2007. Citado na página 80.
- FOUCAULT, M. *História da sexualidade, 3: o cuidado de si. trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque*. [S.l.: s.n.], 2017. Citado 2 vezes nas páginas 40 e 74.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. [S.l.]: São Paulo: Paz e Terra, 1996. Citado na página 109.
- FREIRE, P. *Ação cultural: Para a liberdade e outros escritos*. [S.l.]: Editora Paz e Terra, 2014. Citado 4 vezes nas páginas 109, 111, 112 e 116.
- FRIGOTO, G. o. *Educação e crise do trabalho: perspectivas de final de século*. [S.l.]: Petrópolis: Vozes, 1998. Citado 2 vezes nas páginas 109 e 111.
- FU-KIAU, K. K. B. *A visão bântu kôngo da sacralidade do mundo natural*. [S.l.]: Tradução: Valdina O. Pinto. In: FU-KIAU, KKB Self Healing Power and Therapy . . . , 1991. Citado na página 89.
- GALEFFI, D. *Didática filosófica mínima: ética do fazer-aprender a pensar de modo próprio e apropriado como educar transdisciplinar*. [S.l.]: Salvador: Quarteto, 2017. Citado 2 vezes nas páginas 71 e 98.
- Apontamentos do componente Natureza da Criatividade*. Citado 2 vezes nas páginas 37 e 83.
- GALEFFI, D. A. *O ser-sendo da Filosofia*. [S.l.: s.n.], 2001. Citado na página 36.

- GALEFFI, D. A. A emergência triética planetária. *Global Education Magazine*, Educar para Vivir, n. 8, p. 6–13, 2014. Citado 4 vezes nas páginas 96, 98, 101 e 104.
- GALEFFI, D. A. *O sensível e o cuidado como atualizações pedagógicas*. In: GALEFFI, D.A.; SÁ, M.R.G.B.; TOURINHO, M. A. (Org.). *Educação e Difusão do Conhecimento: caminhos da formação*. [S.l.]: EDUNEB, Salvador, 2016. Citado 2 vezes nas páginas 98 e 99.
- GALEFFI, D. A. A arte como território de resistência. *Iberoamérica Social: Revista-red de estudios sociales-Open Journal System*, n. VIII, p. 22–25, 2017. Citado 2 vezes nas páginas 36 e 37.
- GALEFFI, D. A. *Filosofar Educar: quando filosofar é educar*. [S.l.]: CRV, 2019. Citado 2 vezes nas páginas 36 e 50.
- (GEN), G. E. N. *Global Dimension: Annual Report, 2013*. 2013. Citado na página 53.
- GILMAN, R. The eco-village challenge. *Context*, Context, v. 29, n. 10, p. 10–15, 1991. Citado na página 52.
- GOERGEN, P. Educação e diálogo. *Maringá: Eduem*, 2010. Citado na página 111.
- GOODLAND, R. The tropical origin of ecology: Eugen warming’s jubilee. *Oikos*, JSTOR, p. 240–245, 1975. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3543715?seq=1>>. Acesso em: 24 de janeiro de 2018. Citado na página 95.
- GOSWAMI, A. *Consciência Quântica: uma nova visão sobre o amor, a morte e o sentido da vida*. [S.l.]: Aleph, 2018. Citado 4 vezes nas páginas 31, 32, 37 e 39.
- GOTSCH, E. *Homem e natureza: cultura na agricultura*. [S.l.]: Centro de Desenvolvimento Agroecológico, 1995. Citado na página 69.
- GRIÔS, T. de. *Os Quatro Ciclos do Dikenga*. 2017. Disponível em: <<http://terreirodegriots.blogspot.com/2017/03/os-quatro-ciclos-do-cosmograma-bakongo.html>>. Citado na página 88.
- GUATTARI, F. *As três ecologias. 21ª edição*. [S.l.]: São Paulo: Papirus, 2012. Citado 7 vezes nas páginas 26, 38, 98, 100, 101, 110 e 113.
- GUATTARI, F. *Caosmose. 2ª Edição*. [S.l.]: Editora 34, 2012. Citado na página 117.
- GUIA prático do cuidador. Ministério da Saúde (BR) and Secretaria de Atenção à Saúde and Secretaria de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde. Citado na página 71.
- HAECKEL, E. *Natürliche Schöpfungsgeschichte. Gemeinverständliche wissenschaftliche Vorträge über die Entwicklungslehre im Allgemeinen und diejenige von Darwin, Goethe und Lamarck im Besonderen... Mit Tafeln, Holzschnitten, etc.* [s.n.], 1868. Disponível em: <<https://babel.hathitrust.org/cgi/pt?id=uc1.c021366765;view=1up;seq=3>>. Acesso em: 31 de agosto de 2017. Citado na página 96.
- HANNA, T. The field of somatics. *Somatics*, Journal of the Bodily Arts and Sciences, 1976. Citado na página 45.
- HANNA, T. What is somatics. *Somatics: Magazine-Journal of the bodily arts and sciences*, v. 5, n. 4, p. 4–8, 1986. Citado na página 45.

- HARLAND, M.; KEEPIN, W. *A canção da Terra: uma visão de mundo científica e espiritual*. [S.l.]: Editora Roça Nova, 2016. Citado na página 112.
- HASEMAN, B. A manifesto for performative research. *Media International Australia incorporating Culture and Policy*, SAGE Publications Sage UK: London, England, v. 118, n. 1, p. 98–106, 2006. Citado na página 44.
- HAVERI, A. Strategy of comparative advantage in local communities. *S. Sepúlveda (2008), Biograma: metodología para estimar el nivel de desarrollo sostenible de territorios*. San José, CR, IICA, 1996. Citado na página 110.
- HEIDEGGER, M. *Ser e tempo*. Tradução: Márcia S. Cavalcanti. [S.l.]: Vozes, Petrópolis, 2005. Citado 4 vezes nas páginas 24, 25, 27 e 28.
- HOLMGREN, D. *Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade*. Porto Alegre: Via Sapiens: Tradução: Luzia Araújo, 2013. Citado na página 64.
- HOPKINS, R. The transition town handbook: From oil dependency to local resilience. *White River Junction, VT: Chelsea Green*, 2008. Citado 2 vezes nas páginas 65 e 67.
- HOPKINS, R. *O guia essencial para a transição: seu guia para iniciar a Transição na sua rua, comunidade, cidade ou organização*. 2016. [Transition Network: Grã Bretanha]. Disponível em: <<https://transitionnetwork.org/wp-content/uploads/2018/08/O-Guia-Essencial-para-a-Transi%C3%A7%C3%A3o-v.1.pdf>>. Citado na página 66.
- HUSSERL, E. A idéia da fenomenologia. tradução: Artur morão. *Lisboa: Edições*, v. 70, 2000. Citado 3 vezes nas páginas 24, 25 e 27.
- HUSSERL, E. Os pensadores. *HUSSERL-Vida e Obra*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. Citado na página 24.
- HUSSERL, E. *Edmund Husserl: A Crise da humanidade européia e a filosofia*. trad. Urbano Zilles. [S.l.]: 2ª Edição). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. Citado na página 29.
- HUSSERL, E. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. [S.l.]: Ideias & Letras Aparecida, 2006. Citado 4 vezes nas páginas 24, 25, 29 e 30.
- JANUÁRIO, F. *Diretrizes Para O Desenvolvimento de Ecovilas Urbanas*. Tese (Doutorado) — Tese em Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo, 2014. Citado na página 54.
- JECUPÉ, K. W. *O trovão e o vento: um caminho de evolução pelo xamanismo tupi-guarani*. [S.l.]: São Paulo: Polar, 2016. Citado na página 86.
- JORGE, M. A. P. *Sustentabilidade e desenvolvimento local: estudo de projeto na formação da ecovila Viver Simples em Itamonte-MG*. Tese (Doutorado), 2008. Citado na página 54.
- JR, K. R. d. C. A biomedicina. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, SciELO Brasil, v. 15, p. 177–201, 2005. Citado na página 75.
- JR, S. J. dos S. *Ecovilas e comunidades intencionais: Ética e sustentabilidade no viver contemporâneo*. 2006. Citado na página 51.
- JUNG, C. G. et al. *O homem e seus símbolos*. [S.l.]: HarperCollins Brasil, 2016. Citado 2 vezes nas páginas 39 e 40.

JUSTO, A. A.; BURKHARD, G. K. *Biografia e doença: abordagem biográfica de pacientes com doenças crônicas*. [S.l.]: São Paulo: Antroposófica, 2014. Citado 3 vezes nas páginas 91, 92 e 93.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. [S.l.]: Editora Companhia das Letras, 2019. Citado na página 84.

LANZ, R. *A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano*. [S.l.]: São Paulo: Summus, 1979. Citado na página 91.

LEAL, P. L. *Análise da maturidade da gestão socioambiental praticada pelo Grupo Dutovia RLAM do Pólo Camaçari–Aratu: suas contribuições e desafios*. Dissertação (Mestrado) — Universidade Federal da Bahia. Escola Politécnica, 2013. Citado 2 vezes nas páginas 58 e 99.

LEAL, P. L. *Da Vivência na Natureza da Criatividade*. In: GALEFFI, Dante Augusto; MARQUES, Maria Inês Correia; NETO, Joaquim Viana (Org.). *Natureza da Criatividade: cartografias de processos criativos*. [S.l.]: Quarteto, Salvador, 2018. Citado na página 27.

LEAL, P. L.; FERNANDES, C.; GALEFFI, D. A. Ocupar-se no vazio em novos espaços. In: AN532 Congresso de Difusão do Conhecimento - ANAIS. Salvador, Brasil: [s.n.], 2020. Citado na página 44.

LEAL, P. L.; FRANCO, A. L. e. S.; GALEFFI, D. A. A. *Difusão e Compartilhamento do Conhecimento dos Terapeutas e das Práticas Integrativas e Complementares em Saúde*. In: GALEFFI, Dante Augusto; FARIAS, Ginaldo Gonçalves; LEAL, Priscylla Lins (Org.). *Difusão do conhecimento: crises, conflitos e ciência no mundo contemporâneo*. [S.l.]: CRV, Curitiba, 2018. Citado 2 vezes nas páginas 70 e 75.

LEAL, P. L.; GALEFFI, D. A. A. *A comunicação amorosa e dialógica no desenvolvimento do ser mais*. In: ARAÚJO, Manuela Barreto; SOUSA, Cláudia Pereira de; SILVA, Francisca de Paula (Org.). *Epistemologias: Multirreferencialidade e construção do conhecimento*. [S.l.]: CRV, Curitiba, 2017. Citado na página 62.

LEAL, P. L. et al. A transdisciplinarietà da epistemologia do educar na vivência do grupo de pesquisa epistranscomplex. in: Primer congresolatinoamericano de investigación y educación superior interdisciplinaria. In: MONTEVIDEO: ESPACIO INTERDISCIPLINARIO. *Primer Congreso Latinoamericano de Investigación y Educación Superior Interdisciplinaria*. [S.l.], 2016. Citado 2 vezes nas páginas 32 e 36.

LEBOYER, F. *Shantala*. [S.l.]: Editora Ground, 1976. Citado 2 vezes nas páginas 80 e 121.

LEIS, H. *A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*. [S.l.]: Editora Vozes, 1999. Citado na página 106.

LUZ, M. T. Cultura contemporânea e medicinas alternativas: novos paradigmas em saúde no fim do século xx. *Physis: revista de saúde coletiva*, SciELO Public Health, v. 15, p. 145–176, 2005. Citado 7 vezes nas páginas 73, 74, 82, 83, 84, 87 e 88.

LUZ, M. T. Estudo comparativo das racionalidades médicas: medicina ocidental contemporânea, homeopática, chinesa e ayurvédica. *Saúde em novo paradigma*, v. 1, p. 151–175, 2011. Citado 2 vezes nas páginas 73 e 74.

LUZ, M. T. *As instituições médicas do Brasil. 2ª edição*. [S.l.]: Porto Alegre: Rede UNIDA, 2013. Citado na página 75.

- MACY, J.; BROWN, M. Y. *Nossa vida como Gaia: práticas para reconectar nossas vidas e nosso mundo*. [S.l.]: Gaia, 2004. Citado 4 vezes nas páginas 51, 101, 104 e 105.
- MACY, J.; JOHNSTONE, C. *A grande virada*. In: HARLAND, Maddy; KEEPIN, William (Org.). *A canção da Terra: uma visão de mundo científica e espiritual*. [S.l.]: Roça Nova, Rio de Janeiro, 2016. Citado na página 52.
- MARIA, A. *A voz dos quatro elementos: história de uma xamã nos apus andinos*. [S.l.]: Salvador: Kalango, 2006. v. 4. ed. revista e ampliada. Citado na página 56.
- MATURANA, R.; EMOÇÕES, H. *linguagem na educação e na política*. Tradução: José Fernando Campos Fortes. *Belo Horizonte: Ed. UFMG*, 1998. Citado na página 112.
- MINAYO, M. C. d. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 12ª edição. São Paulo: Hucitec, 2010. Citado 2 vezes nas páginas 24 e 28.
- MORIN, E. *O método 5: a humanidade da humanidade*. trad. Juremir Machado da Silva. 5ª Edição. [S.l.]: Porto Alegre: Sulina, 2012. Citado na página 116.
- MORIN, E. *O método 1: a natureza da natureza*. trad. Ilana Heineberg. [S.l.]: Porto Alegre: Sulina, 2016. Citado na página 116.
- MORIN, E. *A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 23ª Edição. [S.l.]: Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017. Citado 3 vezes nas páginas 112, 113 e 116.
- NAESS, A. Los movimientos de la ecología superficial y la ecología profunda: un resumen. *Rev Ambiente y Desarrollo*, v. 23, n. 1, p. 98–101, 2007. Citado na página 100.
- NASCIMENTO, F. *A empresa psicopata xa empresa cidadã*. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM ADMINISTRAÇÃO, 2006. Citado na página 106.
- NETO, L. F. *Concepções filosóficas ambientalistas: uma análise das diferentes perspectivas*. *ethic@-An international Journal for Moral Philosophy*, v. 5, n. 3, p. 33–56, 2006. Citado na página 112.
- NICOLESCU, B. *O manifesto da transdisciplinaridade*. [S.l.]: TIROM, 1999. Citado 9 vezes nas páginas 30, 32, 33, 34, 35, 36, 42, 116 e 117.
- NUNES, E. *Parte II – Ecobairros, Ecovilas e Complexidade Socioambiental*. [S.l.]: Grupo de Pesquisa Teoria Social e Projeto Político Pedagógico., 2011. Citado na página 53.
- OBRY, J. C. *Brasil meu amor: substituindo o jeitinho pelo talento*. [S.l.]: Bahia: BeOne Network, 2003. Citado na página 63.
- ODUM, E. P. *Fundamentos de ecologia*. Fundacao Calouste Gulbenkian. 6 Edicao, 1990. Citado na página 96.
- OTSU, R. *A Sabedoria da Natureza: Taoismo, I Ching, Zen e os ensinamentos essenciais*. [S.l.]: Editora Agora, 2006. Citado 2 vezes nas páginas 80 e 81.
- O'RIORDAN, T. *Environmental science on the move*. *Environmental science for environmental management*, Prentice-Hall London, v. 2, p. 1–28, 2000. Citado na página 106.

- PLANCK, M. K. E. L. Zur theorie des gesetzes der energieverteilung im normalspectrum. *Verhandl. Dtsch. Phys. Ges.*, v. 2, p. 237, 1900. Citado 2 vezes nas páginas 30 e 31.
- RICARDO, L. H. *A modernidade insustentável: as críticas do ambientalismo à sociedade contemporânea*. [S.l.]: Petrópolis, Ed. Vozes, 1999. Citado na página 97.
- RÍO, J. D. *Guía del movimiento de transición: cómo transformar tu vida en la ciudad*. [S.l.]: Los Libros de la Catarata, 2015. Citado 2 vezes nas páginas 66 e 67.
- ROSENBERG, M. B. *Comunicação não-violenta: técnicas para aprimorar relacionamentos pessoais e profissionais*. [S.l.]: Editora Agora, 2006. Citado 2 vezes nas páginas 62 e 63.
- SACHS, I. *Caminhos para o desenvolvimento sustentável*. [S.l.]: Editora Garamond, 2002. Citado na página 106.
- SANTOS, B. D. S. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista*. [S.l.]: Editora Record, 2002. v. 2. Citado na página 110.
- SANTOS, B. d. S. et al. *Produzir para viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de janeiro: Civilização brasileira*, v. 3, 2002. Citado na página 109.
- SANTOS, T. S. N. *A cosmologia africana dos bantu-kongo por Bunseki Fu-Kiau: tradução negra, reflexões e diálogos a partir do Brasil*. 2019. 233 f. Tese (Doutorado) — Tese (Doutorado em Letras)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas . . . , 2019. Citado 2 vezes nas páginas 89 e 90.
- SAVIANI, D. Trabalho e educação: fundamentos ontológicos e históricos. *Revista brasileira de educação*, SciELO Brasil, v. 12, n. 34, p. 152–165, 2007. Citado na página 109.
- SELIGMANN-SILVA, M. O local do testemunho. *Revista Tempo e Argumento*, Universidade do Estado de Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 3–20, 2010. Citado na página 43.
- SOKOLOWSKI, R. *Introdução à fenomenologia*. [S.l.]: Edições Loyola, 2004. Citado 2 vezes nas páginas 39 e 116.
- SOUZA, E. C. d. O conhecimento de si: narrativas do itinerário escolar e formação de professores. 2004. Citado na página 41.
- STEINER, R. *O conhecimento dos mundos superiores: a iniciação. 3ª edição revista. Tradução: Reimann, Erika*. [S.l.]: Editora Antropofica, 1991. Citado 2 vezes nas páginas 93 e 94.
- STEINER, R. *Os doze sentidos e os sete processos vitais: conferência proferida em Dornach (Suíça) em 12 de agosto de 1916*. [S.l.]: Antroposófica, 1997. Citado 2 vezes nas páginas 91 e 92.
- STEINER, R. *Fundamentos da agricultura biodinâmica: vida nova para a terra*. [S.l.]: Antroposófica, 2010. Citado na página 69.
- STEINER, R.; LANZ, R. *A educação da criança segundo a ciência espiritual*. [S.l.]: Antroposófica São Paulo, 1996. Citado 2 vezes nas páginas 90 e 91.
- SUSTENTABILIDADE, I. e. R. S. Secretaria Municipal de. *Guia para a Implementação e Gestão de Hortas Urbanas e Escolares*. 2019. Disponível em: <http://sustentabilidade.salvador.ba.gov.br/wp-content/uploads/2019/09/Cartilha_Criacao_Gestao_de_Hortas.pdf>. Citado na página 69.

- SWAMI, C. *Bhagavad Gita para iniciantes*. [S.l.]: Coletivo Editorial, 2018. Citado 2 vezes nas páginas 76 e 77.
- TESSER, C. D.; LUZ, M. T. Racionalidades médicas e integralidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, SciELO Public Health, v. 13, p. 195–206, 2008. Citado 2 vezes nas páginas 74 e 75.
- TIRIBA, L. V. Economia popular e produção de uma nova cultura do trabalho: contradições e desafios frente à crise do trabalho assalariado. *Educação e crise do Trabalho: Perspectivas de final de século*, Org. Gaudêncio Frigotto–Petrópolis, RJ: Vozes, 1998. Citado 2 vezes nas páginas 109 e 110.
- VAGBHATA. *Astañga Hridayam. Tradução de Yeda Ribeiro de Farias e Williams Ribeiro de Farias*. [S.l.]: Chakpori, 2002. II. Citado 3 vezes nas páginas 77, 78 e 79.
- WENGER, E. Communities of practice. *Communities*, v. 22, n. 5, p. 57–80, 2009. Citado na página 51.
- WENGER, E. Communities of practice: A brief introduction. National Science Foundation (US), 2011. Citado na página 51.
- WILSON, H. H. *Rig-Veda-Sanhita: A Collection of Ancient Hindu Hymns...* [S.l.: s.n.], 1857. v. 3. Citado na página 45.
- WOSIEN, B. *Dança: um caminho para a totalidade*. [S.l.]: Triom, 2000. Citado na página 55.
- ZUBEN, N. A. V. *Introdução*. In: BUBER, M. *Eu e Tu. Tradução, introdução e notas: Newton Aquiles Von Zuben*. 2004. Citado na página 112.

Apêndices

APÊNDICE A – Quadro de Formações da Pesquisadora

CATEGORIA	Formação	Quando fiz	Quanto tempo	Em que consiste a formação	Quais são os princípios?	Experiência aplicada
TÉCNICAS	Massagem Ayurvédica	Abril a novembro de 2003	168h	Técnica de Kussum Modak e Abhyanga	Energia vital, circulação sanguínea e respiração.	Atuação profissional como massoterapeuta em espaços terapêuticos, spa e atendimento domiciliar de 2003 a 2019.
	Reiki Usui	28.02.2004	8h	Reiki Usui	Só por hoje, não me preocupo. Só por hoje, não me irrita nem critico. Só por hoje, agradeço as minhas bênçãos e sou humilde. Só por hoje, ganho a vida honestamente. Só por hoje, sou gentil e amável com todos os seres vivos.	Autoaplicação e aplicação em familiares.
	Reiki Usui Shiki Ryoho	23.04.2004	8h	Reiki Usui Shiki Ryoho		
	Capacitação em Gerenciamento de Projetos para o Terceiro Setor pelo PMI Bahia.	16.08 à 22.09.2010	48h	Na aprendizagem de um conjunto de práticas de gerenciamento de projetos proposto pelo Project Management Institute (PMI) organizados em dez áreas do conhecimento.	Utilização de melhores práticas de gerenciamento de projetos, flexíveis e escaláveis; gerenciamento orientado a valor – benefícios entregues são a medida de progresso; visibilidade de resultados; planejamento em ondas sucessivas; pró-atividade, entregas programadas em iterações; ciclo de vida adaptativos; proximidade de todo o time; remoção de impedimentos;	Docente em cursos de graduação no componente de gerenciamento de projetos, no partilhar desta metodologia. Docente no Curso de Elaboração de Projetos para a Arte Rede Solidária - ARSOL do edital Fortalecendo a Rede Interterritorial ARSOL com o objetivo de apoiar projeto que visem o apoio a Redes de Economia Solidária e de Comércio Justo e Solidário.

					verificação e validação frequentes; entregas rápidas e incrementais.	
	Introdução ao Dragon Dreaming	27 a 29.06.14	20h	Um sistema integrado de projeto criativo e colaborativo num caminho de colocar o amor em ação.	Crescimento pessoal, fortalecimento de comunidade e serviço à terra.	No próprio curso fizemos o ciclo DD com o projeto da celebração com o time dos sonhos estava. Na aulas da faculdade para os discentes; em oficinas, palestras e minicursos para os docentes, e no curso de projetos que dei para empreendimento social.
	Compostagem e Minhocultura	26.07.2014	8h	Aprendizado de como criar a composteira e do processo de compostagem com a minhoca.	Princípios ecológicos de sistema orgânicos de produção da agricultura familiar e da agroecologia.	Realização de compostagem com minhoca em casa e na horta do condomínio.
	Lançamento Transitions Towns em São Paulo	07 a 08.03.2015	16h	Consiste em curso introdutório na metodologia do movimento internacional cidades em transição com práticas de transição em resposta aos desafios econômicos, sociais, climáticos, em ações de	Visão de um futuro positivo; sensibilização, um convite; inclusão, todos são necessários; resiliência, construindo comunidades locais fortes; a transição faz sentido – a solução é do mesmo tamanho do problema; a transição de que precisamos é tanto interna quanto externa; um modelo viral, algo fácil de replicar.	Palestrante com o temas sociedades em transição em um evento e fiz parte da equipe de organização de um evento com tema Sociedade em Transição, Cultura de Paz e Sustentabilidade ambos em 2015.

				engajamento comunitário.		
	Introdução a Sociocracia 3.0 em São Paulo	8 e 9.03.2016	15h	É um método de governança de organizações que produz maior comprometimento, criatividade, liderança distribuída, harmonia profunda e aumento da produtividade.	Consentimento, equivalência, responsabilidade, melhoramento contínuo, transparência, eficácia, e empirismo.	Realização de roda de conversa
	Hortas Urbanas	19.03.2016	8h	Aprendizagem prática de como fazer um horta orgânica.	Princípios ecológicos de sistema orgânicos de produção da agricultura familiar, da agroecologia e da permacultura.	Na criação da horta vertical em casa e na horta do condomínio que moro participando desde 2014 e assumindo a coordenação em 2019.
	II curso de Aprofundamento em Dragon Dreaming e Captação Empoderada de Recursos	26 à 29.05.2016 , 08 à 10.07.2016 ; 28 à 31.07.2016	70h	É um curso de aprofundamento para aqueles que desejam ampliar seus conhecimentos e práticas na metodologia Dragon Dreaming.	Crescimento pessoal, fortalecimento de comunidade e serviço à terra.	A partir desta formação pude me apropriar mais na prática da co-facilitação do X curso introdutório do Dragon Dreaming na Bahia. Vivência com o Dragon Dreaming na universidade com o Estágio Supervisionado realizado no curso de administração, com a Profª Drª Suzana Moura. em ADMF66 Metodologias

						Não Convencionais em Gestão
	Formação de treinadores Transitions Towns no Chile	25 a 30.11.2016	48h	Formar multiplicadores do movimento de cidades em transição, fortalecendo a aprendizagem deste caminho de mudança real.	Visão de um futuro positivo; sensibilização, um convite; inclusão, todos são necessários; resiliência, construindo comunidades locais fortes; a transição faz sentido – a solução é do mesmo tamanho do problema; a transição de que precisamos é tanto interna quanto externa; um modelo viral, algo fácil de replicar.	Organização e co-facilitação do treinamento oficial de cidades em transição em Salvador em 2019.
	Workshop DGCC – Diálogo e Gestão de Conflitos	27 à 29.04.2017	22h	Um método de dialogar e gerir conflitos com base na complexidade do pensamento e a simplicidade da ação no uso de metodologias integrativas.	Inclusividade, incerteza e interdependência.	Na minha percepção de quando o conflito nasce em mim, no meu corpo, emoções e se expande na relação eu outro. Assim, na prática também nos meus relacionamentos.
	Nono grupo de Desenvolvimento Humano	10.03 a 09.06.2017	24h	Atividade extensionista com abordagem na Intervenção Sistêmica Contextual (Constelação Familiar segundo	Os três princípios ou leis do amor da constelação familiar são o pertencimento, a hierarquia ou ordem, e o equilíbrio entre o dar e o receber.	Participei de alguns encontros de constelação como representante.

				Bert Hellinger)		
	Tetahealing – DNA Básico	30.06, 01 e 02.07.2017	18h	Um curso que ensina como identificar e mudar crenças, emoções e padrões bloqueadores, manifestando o que quer para a vida.		
	Tetahealing – DNA Avançado	7 à 9.07.2017	18h	Aprofundamento do curso básico, gerando cura, conexões e limpezas de memórias.		
	Usui Reiki Ryoho	21 e 22.07.2017	8h	Nível 2 (Okuden) do Sistema tradicional Usui	Só por hoje, não me preocupo. Só por hoje, não me irrita nem critico. Só por hoje, agradeço as minhas bênçãos e sou humilde. Só por hoje, ganho a vida honestamente. Só por hoje, sou gentil e amável com todos os seres vivos.	
	Workshop de Danças Circulares Sagradas com Petter Vallance	17 à 19.11.2017	15h			Ministrei uma sessão de duas horas com a PICS no festival de de Práticas Integrativas da UFBA dia 06 de junho de 2018. E na feira .
	Curso de Filosofia	18 à	20h		Comunicação Não-Verbal	A maior aplicação foi a

	da Comunicação Não Verbal, Informática e Educação	25.11.2017				mudança de usuário proprietário para o uso de software livre. Participei também de atividade de extensão com o tema Dialogando com a transição em comunidades de software livre.
	Comunicação Não-violenta com Marcelo Pelizzoli	09.01.2018	10h			
	Comunicação Não-violenta com Dominic Bater	18 à 19.05.2018	12h	Desenvolver competência relacional e a resiliência emocional para transformar conflito em possibilidades de comunicação eficaz.		
	Reiki Xamânico Sistema de Cura AmaDeus (Nível 1 - Praticante).	03.02.2019	8h	Sistema deixado pelos índios guaranis que por anos utilizaram em suas curas, conectando ao Amor do Deus Tupã e a Mãe Terra, Cunhatã, bem como ao nosso curador interno.		Vivenciei os vinte e um dias de autoaplicação para depois começar a atuar com o reiki. Autoaplicação.

	Introdução à Agricultura Sintrópica	10.02.2019	9h	A formação teórica e prática da ...	Maximizar a fotossíntese; Sucessão natural e estratificação; solo coberto, plantando em alta densidade; capina seletiva e podas; concentrar energia, gerar biomassa de forma eficiente; Ecofisiologia das plantas e função ecofisiológica das plantas; Sincronizar os plantios; o que cada ser está fazendo de bom.	No próprio dia do curso e no plantio da horta no condomínio em que moro a prática destes conhecimentos vivenciados na organização do plantio desde a preparação do solo, organização das leiras, a forma consorciada de plantio.
EVENTOS	Festival Holístico Internacional Imbassai Bahia	24 a 29.11.2009	60h	Atividades de aulas ao ar livre, workshop e vivências, consultas, palestras, manifestações culturais e shows musicais voltados para o desenvolvimento da vida humana de forma sustentável no planeta.	A busca de uma unidade cósmica, procurando transformar os fragmentos de uma visão separatista do mundo em uma visão holística do universo.	Fui para dar uma palestra de consumo consciente e sair com um grande aprendizado. Estava em conjunto no mesmo Whorkshop com Marsha Hanzi, onde ali tive o prazer de conhecer a pessoa e o seu trabalho no epicentro Marizá.
	Brechó Eco-Solidário Diálogos em Humanidade	2013 à 2017	200h		No Brechó são consumo consciente dos alimentos, da força vital e do tempo de cada um/a; gestão sustentável dos materiais utilizados e dos resíduos	No ensino,

					gerados, parceria, co-criação e liderança coletiva, autogestão, ética. Dos diálogos autogestão, abundância, diversidade e a política da amizade.	
	IX Colóquio Internacional de Educação e Contemporaneidade	17 à 19.09.2015	30h			Fui convidada no evento a coordenar a sessão de comunicação oral Educação, Sociedade e Práticas Educativas e apresentei nesta mesma sessão.
	Confestival Dragon Dreaming Internacional em Piracanga	28.10 a 02.11.2015	48h	Um evento com a programação criada no evento com a participação de todos os presentes com o talento que queria ofertar.	Crescimento pessoal, fortalecimento de comunidade e serviço à terra.	
	3º Encontro Brasileiro do Transitions Towns em São Paulo	26 à 28.02.2016	16h	Encontro nacional de pessoas que atuam em ações e rede de transição no compartilhar de saberes das experiências, visibilidade das ações desenvolvidas e proposta de ações em conjunto.	Visão de um futuro positivo; sensibilização, um convite; inclusão, todos são necessários; resiliência, construindo comunidades locais fortes; a transição faz sentido – a solução é do mesmo tamanho do problema; a transição de que precisamos é tanto interna quanto externa; um modelo viral, algo fácil de	Palestra Dialogando com a Transição em Comunidade de Softwares Livres.

					replicar.	
	V Encontro de Turismo e Base Comunitária e Economia Solidária	12 a 16.08.2016	90h	Evento de turismo de base comunitária de um projeto de extensão universitária da Universidade Estadual da Bahia.		Participei na organização do evento, em palestras e publicação relatando a experiência de construção do próprio evento.
	TN HUBLatino – 1º Encuentro Latinoamericano del Movimiento de las Ciudades en Transición	01 à 04.12.2016	20h	Diálogos do cenário latino americano e construção conjunta de ações de transição.	Visão de um futuro positivo; sensibilização, um convite; inclusão, todos são necessários; resiliência, construindo comunidades locais fortes; a transição faz sentido – a solução é do mesmo tamanho do problema; a transição de que precisamos é tanto interna quanto externa; um modelo viral, algo fácil de replicar.	
	Palestra A criatividade fora de controle	14.02.2017	2 horas e meia	Sessões de palestras no evento Diálogos Contemporâneos promovida pelo grupo GEINFO.		Contribui nos diálogos do livro de Criatividade, no capítulo que escrevi.
	III Encontro Norte Nordeste de Abordagens Corporais e	16 a 18.03.2017	22h	Além do inconsciente individual e do coletivo, fala da	O pertencimento, a ordem e o equilíbrio são as três leis básicas que atuam ao mesmo tempo.	Esta não é uma formação que habilita a atuar com a prática, ela traz o entendimento e vivências da

	Psicologia- ENNACP			existência de um “inconsciente familiar”		práxis no nosso processo de autoconhecimento e cura.
	Seminário de Filosofia da Comunicação Não- Verbal: sobre suicídio e valorização da vida.	05.09.2017	8h		Comunicação Não-Verbal	Resultou na minha participação com uma escrita no I Concurso Literário Vita Alere – História de Sobreviventes do Suicídio.
	Congreso Latino Americano de Investigación y Educación Superior Interdisciplinaria	27 a 30.09.2017	30h	Evento internacional de troca de experiencias de pesquisas interdisciplinares em apresentações orais, pôster, conferencias.	Interdisciplinarietà	Produção coletiva e apresentação no evento com o tema A transdisciplinarietà da epistemologia do educar na vivencia do grupo de pesquisa epistranscomplex.
	I Congresso Nacional de PICS e III Encontro Nordestino de PICS em Natal	12 a 14.10.2017	30h	Fortalecer as ações e a inserção das PICS no Sistema Único de Saúde e na rede privada. Espaço de diálogos das PICS na pesquisa e extensão, na articulação entre pesquisadores docentes e discentes.		No próprio evento realizei um minicurso de ecologia espiritual e apresentei um pôster do resumo expandido a ecologia de si. O evento abriu campo para reconhecimento do cenário e da rede PICS e s posteriori o resumo gerou a publicação do artigo em um periódico.
	Congresso da	16 à	30h			A vivência no congresso das

	UFBA	18.10.2017				pics junto a outras experiências conduziram a escrita do resumo apresentado no Intercongrepics.
	II Seminário Internacional de análise cognitiva - SIANCO	23 e 24.11.2017	28h			Relatora na mesa Análise Cognitiva: Transduções e trajetórias
	1º Congresso Internacional de Práticas Integrativas e Complementares em Saúde e do 3º Congresso Internacional de Ayurveda no Rio de Janeiro (Intercongrepics)	12 à 15.03.2018	36h	Compartilhar e integrar experiências, aprofundar os conhecimentos entre os profissionais; e discutir os avanços das incorporações das PICS nos cenários internacional e nacional, na constituição de fóruns de discussão		Apresentação oral no evento do trabalho “A espera do atendimento: experiências nas relações de cuidado no atendimento das PICS. Resultou numa parceria com a profª Anamelia, passei a participar como ouvinte do componente HACA50 da UFBA e escrita conjunta de um capítulo de livro das aprendizagens de como se dá a difusão deste conhecimento.
	Escola Doutoral – Políticas Públicas e Trabalho Docente: conjuntura, processos e resistências	27 a 31.08.2018				Apresentação oral no evento com o tema (Auto)biografias de doença-cuidado-saúde: narrativas e escrita de si das histórias de vida de terapeutas de práticas integrativas e complementares em saúde.

	Encontro de interessados na Educação Waldorf – EIW VIII 2 – O currículo waldorf na educação infantil	12 e 13.01.2019	14h			
VIVÊNCIAS	Ação Artística: IMERSÃO 22		4h	Performance do Coletivo A-FETO no elevador lacerda no evento URBARTE		
	Workshop de Acroyoga	04.06.2017	4h			
	Oficina de criação cênica entre a performatividade e o espaço biográfico	12.12.2017	4h	Atividade formativa ofertada no FESTAC		

Quadro: Percurso formativo da pesquisadora